

Ao poeta
 Soares Feitosa,

essa jornada
 de minha alma,

em o preço e admiração
 do seu



SL
14/2
2013



a poesia sou eu

volume

1

Luís Augusto
Cassas

a poesia sou eu

POESIA REUNIDA

mestre em becos
phd em ladeiras
ofm das águas
do maranhão



IMAGO

Copyright © Luís Augusto Cassas, 2012

Título Original: *A Poesia Sou Eu, Poesia Reunida, Volume 1*

Capa: *Luciana Mello e Monika Mayer*

Imagem da Capa: *Christian Knepper* (o poeta Luís Augusto Cassas lendo poemas na Escadaria do Comércio, em São Luís do Maranhão)

Revisão: *Pe. Lauro Palú*

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C336p
v.1

Cassas, Luís Augusto, 1953-
A Poesia Sou Eu, Poesia Reunida, Volume 1 /
por Luís Augusto Cassas.
— Rio de Janeiro: Imago, 2012. 1v : 23 cm

ISBN 978-85-312-1093-8

1. Poesia brasileira. I. Título.
11-8288.

CDD: 869.91
CDU: 821.134.3(81)-1

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora.

2012

IMAGO EDITORA
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
20250-430 — Rio de Janeiro-RJ
Tel.: (21) 2242-0627 — Fax: (21) 2224-8359
E-mail: imago@imagoeditora.com.br
www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Volume 1

REPÚBLICA DOS BECOS

A PAIXÃO SEGUNDO ALCÂNTARA
E NOVOS POEMAS

ROSEBUD

O RETORNO DA AURA

LITURGIA DA PAIXÃO

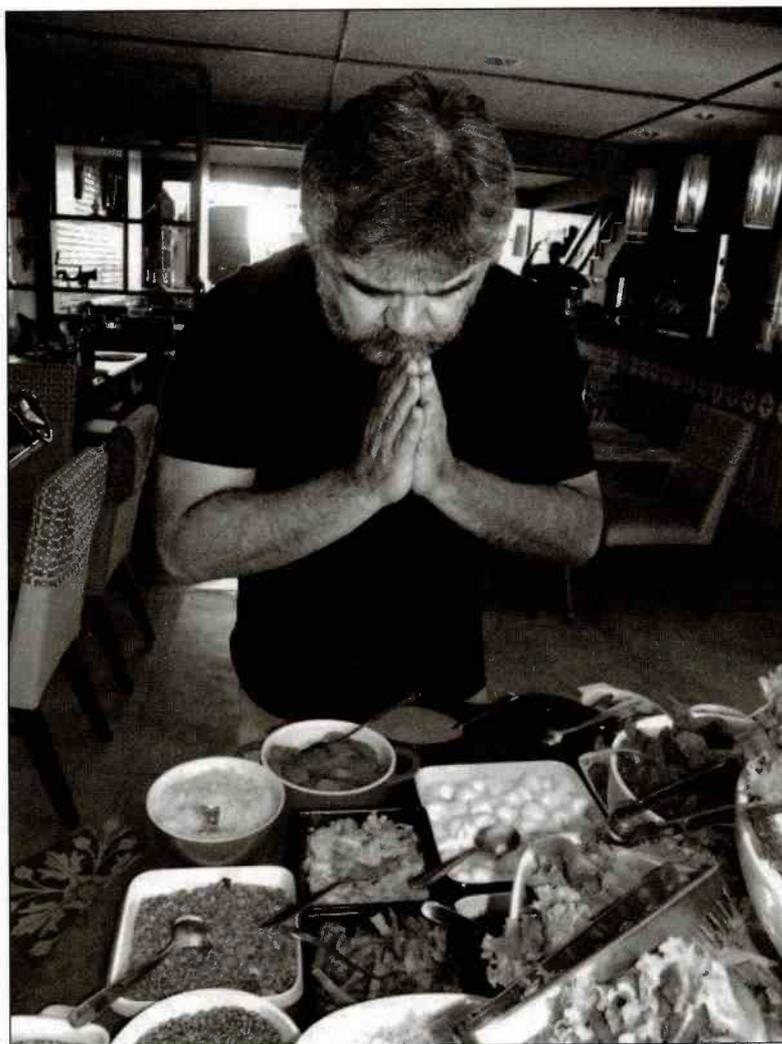
ÓPERA BARROCA

O SHOPPING DE DEUS &
A ALMA DO NEGÓCIO:
POEMOSSAURUS REX

TITANIC — BOULOGNE:
A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO

BHAGAVAD-BRITA:
A CANÇÃO DO BECO

FORTUNA CRÍTICA



**SAUDAÇÃO
AO LEITOR**

*namastê
que bom te ver
o poeta que mora em mim
saúda o poeta que mora em você*

Precisamos de poetas e visionários que decodifiquem para nós a experiência de transcendência do mundo que vivemos.

Joseph Campbell

O que quer escrever o seu sonho deve estar infinitamente acordado (...). O poeta mantém-se vigilante entre o seu sonho originário — a raiz nebulosa — e a claridade que se exige. Claridade exigida pelo seu próprio sonho, que aspira a realizar-se por virtude da palavra poética. É o herói, o mártir que se consome pela poesia. Terá, porventura, necessidade de alguma outra coisa para justificar, e até “santificar”, os seus dias?

Maria Zambrano

Eu tirei o máximo de mim mesmo e essa é a melhor vitória que se pode desejar.

Cervantes

SUMÁRIO

AO CORAÇÃO DO LEITOR.....	21
UM AUGUSTINHO PÓS-MODERNO E SUA ATRAÇÃO PELO TODO.....	25
A SÍNTESE COSMOGÔNICA DE TUDO.....	29
REPÚBLICA DOS BECOS (1981).....	63
PENSÃO.....	65
DIÁRIO DE UMA GUERRILHA (Autobiografia de um Guerrilheiro).....	65
QUADRO COMPLETO DA NOITE.....	74
<i>CONFÍTEOR</i> (para ser repetido 3 vezes).....	75
ACALANTO.....	76
ROLETA-PAULISTA.....	77
COMPROMISSO.....	79
MULHER EM GESTAÇÃO (em memória de uma criança proletária).....	83
ZOOLOGICAMENTE.....	91
IMPROVISO DE OTÁVIO VIEIRA PASSOS (ex-médico, ex-parente e eterno amigo).....	92
POEMA.....	94
UM CORPO QUE CAI.....	97
CONFESSIONÁRIO DA SÉ.....	99
<i>DEO GRATIAS</i>	102
COMPANHIA DE SEGUROS.....	103
HOMEM ROUCO.....	104
CONVERSA INFORMAL DE SEPARAÇÃO.....	105
APELO.....	107
PRECE DE 31 DE DEZEMBRO.....	110
A 3ª GUERRA MUNDIAL.....	111
ELEGIA ANTIGA.....	112
BOLETIM METEOROLÓGICO-SENTIMENTAL DE 25 DE DEZEMBRO.....	113
CÂNCER.....	115
PARÁBOLA.....	115
HOMEM SENTADO NA PRAÇA JOÃO LISBOA.....	115
MIRAGEM TROPICAL.....	117
O IMPERADOR DO LARGO DO CARMO.....	117
DECLARAÇÃO DE (DES)AMOR.....	123
ROMANTICAMENTE.....	124
<i>STRIP-TEASE</i> NOTURNO.....	125
POEMA 3 x 4.....	126
DIABETES.....	126
MISSA-CONVITE.....	127
ASSASSINATO NA RUA 28 DE JULHO (em memória de um sobrado).....	128
<i>REMEMBER ANCHIETA</i>	129
A PAIXÃO SEGUNDO ALCÂNTARA E NOVOS POEMAS (1985-1ª Ed.; 2006-2ª Ed.).....	131
POEMA DOS OLHOS DE ALCÂNTARA.....	133
RUÍNAS DA CASA DO IMPERADOR.....	135
<i>SOUVENIRS</i>	137
VELÓRIO DE ARISTOCRATA.....	138
POEMA LAVADO A SECO.....	139
CORREIOS E TELEGRAPHOS.....	140
PAVAROTTIS A <i>PALO SECO</i>	140
CÓDIGO PENAL.....	142
CHOPIN COM CUPIM (Concerto em RRRR Menor).....	145
COSTELAS DE ADÃO (Mastigação Macrobiótica das Ruínas).....	145
DOCE DE ESPÉCIE.....	146
AUTO DO RETRATO.....	146
CANTO EMPALHADO.....	147
A CEIA DOS APÓSTOLOS (Nova Moldura).....	148

SERMÃO DE DIÓGENES SANTEIRO CONTRA A CASTRAÇÃO DOS ANJOS	
DA IGREJA DA MATRIZ	149
RESPOSTA DOS ANJOS CASTRADOS A DIÓGENES SANTEIRO FABRICANTE DE SANTOS	150
POEMA	151
O DISCURSO DOS VENTOS NAS CUMEEIRAS	151
ALVOROÇOSO ALMOÇO	152
NA MORTE DA NEGRA BENEDITA LOPES	153
ÁREA TOMBADA	153
RUA DA AMARGURA N.º	155
A DANÇA DOS ESQUELETOS NA NEBLINA	156
COLÓQUIO COLONIAL SOBRE UMA POÇA D'ÁGUA	156
ÁREA VERDE	157
UM PEIXE FALA AOS HOMENS (sermão pregado por um peixe-pedra no púlpito da Igreja da Matriz aos militares da Base de Mísseis no ano de 1982)	157
LAMENTO DE UM EX-ESCRAVO DIANTE DA CÉDULA COM A EFÍGIE DO BARÃO DO RIO BRANCO	160
BAR DO LOBATO	163
CAMINHO DO GÓLGOTA	164
VIGÍLIA NO BECO	165
SÃO CAMILO	165
DECLARAÇÃO AO AMOR (manuscrito encontrado pela faxineira num pequeno quarto de pensão)	166
PRAIA DA BARONESA	167
OS BÁRBAROS*	169
MANIFESTO DOS CUPINS	171
DOS FANTASMAS ASSINALADOS	171
BALADA DA MOÇA HIPPIE	172
A NOVA BARREIRA DO INFERNO (a explosão da plataforma de lançamento)	173
BANDA DE ASA	173
POSTER	174
SUPLÍCIO CHINÊS	175
ROSEBUD (1990)	179
CONCERTO INAUGURAL	181
UM POSTER CONTRA A POSTERIDADE	181
POETA COM DOR NO FÍGADO (Poética Subdesenvolvida)	183
SUPERMERCADO	186
A MULHER DOS LÁBIOS DE ATRAÇÃO TURÍSTICA	188
A INDESEJADA	190
DIALÉTICA DO OLHO ROXO	191
(IN)CONFIDÊNCIA À MULHER DO ANÚNCIO	191
COQUETEL MOLOTOV	193
AMNÉSIA ALCOÓLICA	193
A ÚLTIMA CANÇÃO DO QUINTAL	194
O REBANHO DE DEUS	196
TRATAMENTO DE CHOQUE	198
OBITUÁRIO DOS POETAS	198
LENDO A MÃO DE UMA CIGANA	202
MISSA NEGRA	203
CRONOLOGIA	204
CENAS DA RUA GRANDE	204
BURACO DE FECHADURA	210
POEMA EMBALADO P/ JOSÉ ERASMO FONTOURA ESTEVES DIAS	211
mesofácio (menopausa) ou onde o leitor pode trocar o livro de mão acender ou não um outro cigarro (com ou sem fundo musical)	214
CONDOMÍNIO SOPHIA	214
A UM EXECUTIVO	218
CADEIRA ELÉTRICA	218
PLANTÃO	219
EROSPOEMA	219

MENSAGEM AOS POETAS QUE CONSIDERAM O CREPÚSCULO DE SUA TERRA	
O MAIS BELO DO PLANETA.....	220
IMITAÇÃO DE CRISTO.....	220
CHEIRO NO CANGOTE.....	220
LUDOVICEIA DESVAIRADA.....	221
O ÚLTIMO TANGO EM SÃO LUÍS.....	226
TEMA DE HULK & DAVID BUNNER.....	226
ASSIM FALAVA MISHIMA.....	229
CRISTO REDENTOR (um papo com).....	229
SAINTE-LOUIS, 970.....	230
ODE AO PEQUENO PRÍNCIPE.....	231
ÓCULOS DE MADAME IMELDA.....	231
POETA NO BANHEIRO LENDO CÉSAR VALLEJO.....	231
CALAMIDADE PÚBLICA (à maneira de um caudaloso pileque).....	232
A ETERNA REPÚBLICA DE PLATÃO.....	233
BIOGRAFIA DO CAOS.....	234
MANTENHA DISTÂNCIA.....	234
EXERCÍCIO DE COOPER (Respingos Poéticos/Gotas de Suor de um Menino que Acreditava em Poesia).....	234
BARRICADA (entre o chope e a batata frita).....	239
posfácio ou onde o leitor (não) necessariamente expõe o seu desagrado sobre o lido e o revivido com um sonoro elogio à mãe do poeta.....	240
O RETORNO DA AURA (1994).....	241
INTRODUÇÃO À LUZ E SOMBRA.....	245
1ª SUGESTÃO DE BORDO AO LEITOR.....	252
DA ESTRADA DOURADA.....	253
O LOUCO (Breve Manual do Buscador).....	253
O POETA NA ASSEMBLEIA (Aos Pés do Cosmos).....	256
TORRE DE BABEL (Arcano 16).....	261
ARCANO 11 (A Força).....	262
A IMPERATRIZ (Arcano 3).....	262
ARCANO 19 (O Sol).....	264
WORKSHOP DO GIGOLÔ (Meditação Profana sobre o Arcano 15 — O Diabo).....	265
O LOUCO (Os Líderes do Hospício).....	269
CANÇÃO ERMITÁ (Breve Meditação sobre o Arcano 9 do Tarot).....	272
POEMA DA GRANDE TRANSFORMAÇÃO (Arcano 13).....	278
2ª SUGESTÃO DE BORDO AO LEITOR.....	279
BREVIÁRIO DO AZUL.....	280
EPÍGRAFE PARA QUALQUER CONGRESSO DE POESIA.....	280
UM POUCO DO INFERNO DE DANTE NO PARAÍSO DE MILTON.....	280
ARROZ INTEGRAL.....	282
GOLDEN MEDITATION.....	282
NOTAS FILOSÓFICAS E INTRODUÇÃO A UM POEMA DE VERÃO.....	283
A OBRA EM CINZA (O Iluminado).....	284
DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM.....	285
A LÍNGUA DE EINSTEIN.....	285
PONTOS DE ACUPUNTURA.....	286
ESTRADA DE FERRO SÃO LUÍS-TERESINA.....	287
CANÇÃO SANGRENTA.....	288
LAMENTAÇÃO N.º 5 DAS VITRINES DA H. STERN.....	289
SATORI.....	290
CERIMÔNIA DO CHÁ.....	290
PSIQUÊ REVISITADA.....	292
POEMA DOS SETE CHACRAS (A Semana da Criação).....	294
ODE A NETUNO.....	299
FALSO IDEOGRAMA ITALIANO.....	301
CARAMBOLEIRA.....	301
SERMÃO DO OPERADOR DA BOLSA DE VALORES.....	302

DA ILUMINAÇÃO	303
SAFÁRI	303
POEMINHA ZEN PARA TAISEN DESHIMARU	303
SERMÃO DO AGENTE DE VIAGENS.....	304
POEMA QUASE-LÁPIDE.....	305
PISCIS.....	305
SÍNDROME DE REENCARNAÇÃO.....	306
ÚLTIMA SUGESTÃO DE BORDO AO LEITOR	307
O RETORNO DA AURA	307
LITURGIA DA PAIXÃO (1997).....	315
PEQUENA INTRODUÇÃO AOS MISTÉRIOS DA PAIXÃO E DA COMPAIXÃO	317
SUMMA DOMINICAL.....	323
PARÁBOLA DO REINO.....	324
ODE (QUASE) LOUCA	324
EPIGRAMA PARA UMA MANHÃ DE VERÃO.....	327
MEDITAÇÃO DO CORPO.....	328
RECORDAÇÕES DO PARAÍSO	331
CASABLANCA	333
ROSÁRIO DO AZUL.....	334
HAMLET NO DESERTO DA PATAGÔNIA.....	335
A ESTATÍSTICA DO AMOR (Balanço Patético-Sentimental dos 16 Anos).....	337
POEMA MARIA MADALENA	339
O POETA GENIAL (Retrato do Artista Quando Jovem).....	340
O INCÊNDIO DO DOMINGO (Retrato do Artista Quando).....	341
CARTA DO FUMANTE ENQUANTO VIVO	342
CARTA DO INICIADO FENDIDO AO MEIO	345
45° FARENHEIT	348
DAS AFINIDADES ELETIVAS.....	349
DISCURSO DO INTELECTUAL SOBRE O AMOR.....	351
DE AMOR E DE SOMBRAS.....	352
BALADA DO MOFADOR	353
O DIA DA CRIAÇÃO.....	354
NO DIVÃ DO UNIVERSO.....	356
ODE À SOMBRA	357
A MERCADORIA EXTRAVIADA	362
O SEGREDO DE DEUS	362
NOVA POÉTICA	364
RUMPELSTISTIKEN.....	364
A PESTE	366
A PORTA ESTREITA.....	367
CAIXA DE SEGREDOS.....	369
ALTA SOCIEDADE	369
POEMA DO VIAJANTE	370
PERSONAL DHARMA	371
O DIA DA IRA	372
BALADA NEGRA	373
O DESEMPREGADO DA NOITE	376
DANÚBIO CINZA	377
O AMOR DO INIMIGO (CLASSIFICADOS)	378
APOCALIPSE.....	382
APOCALIPSE (2).....	386
APOCALIPSE (3).....	387
APOCALIPSE (4).....	390
FINAL DE TEMPORADA	391
PRECE AZUL	393
ALÉM DO SANGUE.....	394
A MANCHA DE ÓLEO	395
ELOGIO DO MEDO.....	397
CONSIDERAÇÕES AMARGAS SOBRE O HÁBITO DE FUMAR	400

POEMAS AGOSTINIANOS.....	400
1) ODE À HÓSTIA	401
2) CANÇÃO DE AGOSTINHO A N. S. JESUS CRISTO.....	401
3) NÃO ME MANDEM <i>POSTERS</i>	402
4) O ESCÂNDALO	403
5) DETALHES DA CAPELA SISTINA	404
POEMA PARA ACORDAR FILÓSOFOS E POETAS	406
PÉROLAS AOS PORCOS.....	409
O ESTRANHO CAMINHO DA POESIA	409
AMOR: O CUMPRIMENTO DA LEI	410
RECITAÇÃO DO IMPURO (Lamentação Contra os Humildes)	411
BALADA TATUADA.....	412
SALMO 17.....	413
ELOGIO DA LÁGRIMA.....	415
MUSEU DE NADA.....	416
POEMA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.....	418
DIA DE FINADOS.....	419
A LINHA DO HORIZONTE	420
O BOM LADRÃO.....	420
POEMA DA VANGLÓRIA ou DA GLÓRIA VÃ.....	421
A COROA DE ESPINHOS	422
ÓPERA BARROCA (1998)	423
SAUDAÇÃO AO LEITOR	425
A GUESA ERRADA	425
O LEITOR LUDOVICENSE	429
BRASÃO FAMILIAR.....	430
BRECHÓ DO PÓ.....	430
PARALELEPÍPEDO	433
MAR DEPRIMIDO.....	434
SÃO LUÍS AUGUSTO FLECHADO	435
NOITES BOVINAS: Flor do Lácio (Auto do Boi sem Língua ou Auto à Míngua do Boi)	435
O CORAÇÃO DE PEDRA.....	439
SINFONIA DAS PEDRAS	440
MERENGUE PRO DENGUE DA DENGUE	442
A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE (cova larga com molho Tarantino).....	443
BARROCA (A Cidade Aberta).....	444
MAISON BARROCA.....	446
ANEDOTA DAS 1.001 NOITES MARANHENSES	447
BAR ATHENAS.....	447
SÃO LUÍS.....	447
OS ARAUTOS DO DIA	448
O SOBREVIVENTE	449
ÉDIPO EM ATHENAS (diálogo temperado de ódio que o tempo consumiu no sódio e o amor engoliu no pódio)	451
MISSISSIPI-ANIL	460
A RAINHA MARGOT (O Circo dos Horrores).....	461
O ABOMINÁVEL HOMEM DA ILHA	462
BALADA DA ZBM (Sotaque Vitor Gonçalves Neto).....	464
RIMBAUD TROPICAL.....	465
CASAMENTO NA PRAÇA JOÃO LISBOA	466
ECOS DA CIDADE-FANTASMA	466
GUIA DA GULA (Carta dos Restaurantes).....	466
PROFECIA DE FEIRA	468
CANÇÃO DA GAIOLA	468
OS ALQUIMISTAS.....	469
KAFKA-DOSTOIEVSKI.....	470
CONFRARIA DOS <i>GOURMETS</i>	471
TOUR BUBÔNICA.....	472
FEIRA DA PRAIA GRANDE.....	473

BARROCO-SUTRA OU O SUTRA DA CAMA BARROCA	474
<i>HORS CONCOURS</i>	476
BARROCA (2)	477
CANÇÃO DO EXÍLIO	477
FEIRA DO JOÃO PAULO	478
BARROCA (3)	479
APONTAMENTOS PARA UMA TESE DE DOUTORADO SOBRE O JOGO DO BICHO	479
NOSSAS MENINAS	479
CASA DE CÔMODOS (A Alça do Vestido)	481
PASTELARIA DE AQUÉM-MAR	481
O VENDEDOR DE BANANAS (O Besteiro do Arrebol)	483
BARROCA (4)	484
CANÇÃO ACORRENTADA	484
ROMEU E JULIETA (Versão Maranhense)	484
QUITANDA DO AMARAL	485
DEU NO <i>NEW YORK TIMES</i>	485
<i>DIET-LIGHT</i>	486
LINHA DE MONTAGEM (aos poetas que ressuscitaram de suas ruínas)	486
CANÇÃO DE BANHEIRO	489
LAMENTAÇÃO DE GORDO NA BALANÇA DE SUPERMERCADO	491
O GOZO	491
O SORRISO DA ÉGUA	492
RECITAL LÍRICO	494
NOVENA DE HEMORROÍSSO	494
GODIVA	495
BORRACHARIA DO AROUCHE (40 graus)	495
VENDE-SE	496
CANÇÃO DO FRÁGIL	496
GINCANA	497
CANTO SÃO	498
<i>LADIES & GENTLEMEN</i>	498
BANANEIRAS AO SOL	502
<i>AIR BUS</i>	502
DENTES AO SOL	504
JANELAS	505
<i>FAST FOOD</i> CHINÊS	505
A ATRIZ CONVIDADA	506
<i>BLACKPEACE</i>	506
LENDO BALZAC DE CABEÇA PRA BAIXO	506
<i>NEVER-FOREVER</i> (pra Garota da rua da Estrela)	507
CORSO DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS	508
A EDUCAÇÃO DA FARINHA D'ÁGUA	508
PARÁBOLA DOS TALENTOS	509
TESTAMENTO COM FIRMA RECONHECIDA	509
O SHOPPING DE DEUS & A ALMA DO NEGÓCIO (1998)	511
DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS	513
ANÔNIMO HOMÔNIMO	513
MATRIMÔNIO DOS OPOSTOS	513
NO AVIÃO PRA DAMASCO	514
POETA EM ROTAÇÃO	514
LEI DE NÊUTRON	514
ENTRE DOIS AMORES (1)	515
ENTRE DOIS AMORES (2)	515
CREDO	517
LITANIA DOS OPOSTOS	517
O GUESA ERRADO	518
ODE À SÍNTESE	519
CONFISSÕES	521
POÉTICA	521

TORRE DE BABEL	522
EXAME DE FUNDO DE OLHO	527
RÉGUA DE DESENHO.....	527
ESTRELA DE SALOMÃO	528
CONJUGAÇÃO DO MÚLTIPLO	529
LITANIAS DE JESUS, O CRISTO, FILHO DE DEUS E DO MUNDO	529
ONTOLOGIA POÉTICA	530
EVANGELHO ONTOLÓGICO.....	532
A MARCA DO HUMANO	533
MISTÉRIOS GLOSOSOS.....	533
SECOS E MOLHADOS.....	534
EPÍSTOLA AOS TOLOS.....	535
ANIMA MUNDI.....	536
EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (1).....	536
EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (2).....	537
EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (3).....	537
EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (4).....	538
EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (5).....	538
CALDO BEM TEMPERADO	539
ODE À ESTEIRA ELÉTRICA.....	540
DAS INDAGAÇÕES DO SER (O Pseudo-Luís)	541
ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO	542
A ALMA DO NEGÓCIO.....	543
CONFISSÃO DE DÍVIDA (A Semana do Mundo).....	544
PRESTAÇÃO DE CONTAS.....	545
ATEMPORAL	547
A BONECA DAS ESTRELAS.....	547
CORAÇÃO <i>IN CONCERT</i>	548
A ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA NA INFLUÊNCIA DA ANGÚSTIA.....	549
O DIA DO PREJUÍZO FINAL	552
O TURISMO DE DEUS	552
A PERFEITA IMPERFEIÇÃO.....	553
LADAINHA DO CIFRÃO	554
MULTIMÍDIA	555
O DOGMA DO AZUL E BRANCO.....	556
PROCLAMAÇÃO DO FEMININO.....	557
MISTO-QUENTE	557
A TERAPIA DAS BORBOLETAS.....	557
O ONTOPOEMA.....	558
ANTÍTESE INDIANA.....	559
ATOS DE PILATOS (1).....	559
ATOS DE PILATOS (2).....	560
ATOS DE PILATOS (3).....	560
ATOS DE PILATOS (4).....	560
ATOS DE PILATOS (5).....	560
ATOS DE PILATOS (6).....	561
ATOS DE PILATOS (7).....	561
ATOS DE PILATOS (8).....	561
ATOS DE PILATOS (9).....	562
ATOS DE PILATOS (10).....	562
ATOS DE PILATOS (Epílogo sobre o Mundo).....	562
PÓS-BÍBLIA.....	562
DEGUSTAÇÃO DO OUTRO	563
FAST FOOD	563
IL CAPO	564
CÓDIGO DO CONSUMIDOR	564
MAÇÃ.....	564
PARÁBOLA DE PECADOR NA MANICURE EM SUA 99ª HORA	565
CÂNON.....	566

O PÁSSARO MAQUILADO	568
POEMÁRIO	568
INVOCÇÃO DE JACK DANIEL'S NO REINO DO <i>FRANCHISING</i>	570
QUILÓMETRO ZERO	571
CONTROLE DE QUALIDADE	571
BRINDE NO BANQUETE DO MUNDO	571
TITANIC — BOULOGNE: A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO (1998)	573
CARTÃO DE EMBARQUE	577
AINDA UMA VEZ (Ó DEUS): ADEUS	578
AUTOPSIKOBIOGRAFIA	581
CARTÕES-POSTAIS (1)	581
CARTÕES-POSTAIS (2)	582
SPRAY VERMELHO EM MURO BRANCO	582
CANÇÃO DOS LÁBIOS DE ANA AMÉLIA	582
A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO	583
A CANÇÃO DE ANA AMÉLIA	584
LEILÃO DE POETA	585
FECHADO PRA BALANÇO (Exame Cardiorromântico do Coração do Poeta aos 30 Anos)	586
O POETA, O CHOPE & O OLHAR DE NETUNO	586
PRIMEIROS CANTOS DE ANA AMÉLIA	587
SEGUNDOS CANTOS DE ANA AMÉLIA	588
ÚLTIMOS CANTOS DE ANA AMÉLIA	589
O POÇO	589
<i>FUNK</i> DE D. LOURENÇA	590
CANTIGA DE RODA E DOR	591
BILHETE DESESPERADO ÀS MUSAS	591
NEURÓNIOS DA LEMBRANÇA (O Quebra-Cabeça da Memória)	592
UM TRISTE TIGRE	594
BIBLIOTECA DE LISBOA	594
CONVERSA DE FEIRA ENTRE O DESTINO E O LIVRE-ARBÍTRIO SOBRE A SINA	
DO POETA ou UM LANCE DE DEDOS NUM JOGO DE DARDOS	596
OFICINA “LARGO DOS AMORES”	601
PONTE AÉREA AO REDOR DO SUOR	601
CARTA DO POETA A D. LOURENÇA VALE	602
<i>LOVE STORY</i>	602
ANÔNIMO CAXIENSE	603
AO RÉIS DO CONVÉS	604
LIRA EM DELÍRIO (O Poeta Comemora 40 Anos & troca In-Confidências com a	
Sombra no Espelho)	604
RÉQUIEM DO AMÉM	606
SEM TÍTULO	607
SABLÁS AMARELOS	608
TITANIC-BOULOGNE	608
O LAMENTO DO TITANIC-BOULOGNE (A Canção da Harpa e do Arpão)	609
CARTA AO IMPERADOR PEDRO II	610
ANA AMÉLIA & COLEÇÃO DE LENÇOS DE INVERNO	611
O CANTO DA PIABA	612
EXAME MINERALÓGICO DO FIO DE CABELO DA HISTÓRIA	613
O POLÍGLOTA FERIDO & O POETA REDIVIVO	613
NECROLÓGIO DE BARDO (Pranto do Baixio dos Atins)	615
BREVE ANTOLOGIA DAS CARTAS DO POETA	616
BHAGAVAD-BRITA: A CANÇÃO DO BECO (1999)	619
O BECO (Apresentação & Teofania)	621
A FALA DO BECO	623
O DISCÍPULO QUESTIONA O MESTRE SOBRE AS PEDRAS DO CAMINHO	626
SERMÃO DO BECO (1)	627
O TERÇO DAS PEDRAS	628
OS FANTASMAS DO LADO ESQUERDO	629

A LUA NOS TELHADOS	629
BECHIANAS Nº 10.....	629
SERMÃO DO BECO (2)	630
BECANAL (Carnaval dos Demônios do Beco).....	631
O DISCURSO DOS OUTROS MESTRES-BECOS	631
SERMÃO DO BECO (3)	634
CONVERSA COM FORMIGAS.....	634
AGRADECIMENTO FINAL DO DISCÍPULO DEPOIS DA ILUMINAÇÃO COM PEDRADA NO COCURUTO	635
FORTUNA CRÍTICA	639
REPÚBLICA DOS BECOS (1981)	641
JOSUÉ MONTELLO.....	641
FRANKLIN DE OLIVEIRA.....	644
FÁBIO LUCAS.....	645
JOSÉ CHAGAS.....	645
GILBERTO MENDONÇA TELES.....	645
STELLA LEONARDOS.....	646
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	646
CORA RÓNAI	646
NAURO MACHADO.....	646
A PAIXÃO SEGUNDO ALCÂNTARA E NOVOS POEMAS (1985-1ª Ed.; 2006-2ª Ed.).....	647
ANTONIO HOUAISS	647
JOSUÉ MONTELLO.....	648
JOSÉ AMÉRICO COSTA.....	649
FERREIRA GULLAR.....	652
ROSEBUD (1990)	653
MOACYR FÉLIX.....	653
WALMIR AYALA.....	654
JOSÉ LOUZEIRO.....	655
FRANCISCO CARVALHO.....	657
O RETORNO DA AURA (1994)	659
JOSÉ LOUZEIRO.....	659
ASSIS BRASIL.....	662
JOÃO MOHANA	662
GABRIEL NASCENTE.....	662
LITURGIA DA PAIXÃO (1997).....	663
ALBERICO CARNEIRO	663
WILSON ALVARENGA BORGES	664
FERNANDO PY.....	665
OLGA SAVARY	665
ÓPERA BARROCA (1998)	667
IVAN JUNQUEIRA	667
ROSSINI CORRÊA	669
CÉSAR TEIXEIRA	673
FOED CASTRO CHAMA.....	675
CARLOS NEWTON JÚNIOR.....	675
ALBERICO CARNEIRO.....	676
SÉRGIO CASTRO PINTO.....	676
O SHOPPING DE DEUS & A ALMA DO NEGÓCIO (1998).....	677
MARCELO COELHO	677
MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA	679
ANDRÉ SEFFRIN	679

TITANIC-BOULOGNE: A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO (1998)	683
HILDEBERTO BARBOSA FILHO	683
ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ MACHADO	685
BHAGAVAD-BRITA: A CANÇÃO DO BECO (1999)	687
FOED CASTRO CHAMMA	687
CASSIANO NUNES	689
IVAN JUNQUEIRA	691
ANTONIO CARLOS SECCHIN	691
MIGUEL SANCHES NETO	691
GERANA DAMULAKIS	692
ACYR CASTRO	692
FERNANDO ABREU	692
CARLOS NEJAR	693
RAQUEL NAVEIRA	693
HILDEBERTO BARBOSA FILHO	694
BIOGRAFIA DO AUTOR	695

AO CORAÇÃO DO LEITOR

Com a publicação desta **Poesia Reunida**, que cobre pouco mais de trinta anos de atividade poética, iniciada com **República dos Becos**, em 1981, e agora editada e distribuída em dois volumes sob a chancela editorial da Imago, dou concluída, por longa reflexão interior, a meditação — escuta e diálogo com o verbo — do relacionamento, movido a paixão e suor, mantido toda a vida com a poesia.

O espírito da obra é um celebrar do mistério. A pompa de um caminho longo do verso. Registra em definitivo as cores e a integralidade da transfiguração do meu périplo lírico, trilhando a poesia como caminho de totalidade — lúdico, místico, afetivo, alquímico, existencial. Guiado pela existência, posso dizer que a obra reflete a jornada da minha alma, constituindo-se, portanto, em íntima parcela do momento e da eternidade, na triangulação das relações do arbítrio pessoal com as forças do destino e a providência.

Abro o olhar à sementeira e percebo que o grão da poesia urdiu o dom, iluminou a terra, inspirou a messe, multiplicando os frutos. Eis o trabalho de minhas mãos: 16 livros editados e quatro inéditos (em verdade, cinco, pois o último título, nomeado **O Livro**, contém em seu bojo dois — **O Sentido (Revelações da Fumaça do Incenso)** e **O Paraíso Reencontrado**. Configurada a dança dos ciclos, em que criação e destruição revelam permanente movimento, a reinauguração do caos primordial, propício ao grande silêncio, poderá fazer fecundar pela luz da palavra novos universos.

A poesia abriu-me a possibilidade do trabalho com o fogo. A luz. A noite. O trabalho dos dias. A vivência íntima com a profundidade. A relação com o ser. As existências interiores. O processo de individuação. As potências de Eros. O sexo. O amor. A compaixão. As tradições e as rotações. O ponto Zeus. E o zen. O esotérico e o exotérico. Fui buscador e não buscador. A fé mediou o encontro entre o Menino do Abismo e o Ancião dos Dias. Tudo foi motivo do verso. O corpo. A criança interior e exterior. A pedra e o peixe. A mulher. A pólis. O pneu e o pneuma. As núpcias da loucura do divino e da sabedoria do mundo. A água-pesada e a água-viva. Babel e Jerusalém Pedestre. Parábolas parabólicas. O folhetim e o grande circo mítico. A humana

família. O barro e o barroco. Melancolia e alegria. O aprendizado com a sombra. Estrelas e torres. O teatro evolutivo da alma. Desertos e fontes. Mortes e renascimentos. A lagarta e a borboleta. A chaga e a rosa. O sentido e a busca. O reencontro com a cena primordial.

Minha felicidade? Mergulhar nos extremos. Neutralizar os opostos. Buscar o meio. Após degustar todos os sabores, encontrar a receita leve. Suave. E respirar. E transcender: — “Meu nome é síntese”, escrevi.

Aceitei o jugo da poesia e por ela fui transformado. Novo nascimento entre duas palavras. Celebrei o mais como elemento fermentador, fonte de enriquecimento, alargamento de horizontes. E agradei a abundância. Depois, consciente de que a experiência me conduzira à inflação, elegi o menos, dieta da teologia negativa, tônico depurador, para realizar, mais diminuído, o meu solitário comício no mundo. O exercício da restrição permitiu-me continuar a travessia da memória kármica da cauda para a cabeça do dragão do meu *tikkun* em Aquário. Em tudo, a poesia testemunhou. Foi guia, iniciadora e consoladora.

Batizei a obra — **A Poesia Sou Eu** — porque, buscando a inteireza, no sentido de desnudar a verdadeira face, como no poema de Rumi, o amado vestiu o rosto da amada. E acendeu todas as cores no arco-íris de sua alma. Sonhei com ela todos os sonhos de liberdade. A poesia foi minha vida. E minha vida tornou-se poesia. É hora, portanto, de eu diminuir, para que ela, a poesia, possa crescer.

Reconheço-me devedor à palavra e à luz da criação. Estrelas. Antepassados. Pais. Peixes. Pedras. Ventos. Amigos. Amores. Como não reconhecer nos poetas, de quem carrego pedaços, autênticos fragmentos de mim? E não reverenciar, no coletivo, o cordão umbilical do sentido? A todos, acolho-os num grande abraço cósmico. Lucchesi e José Mário da Silva. Mensageiros da beleza, navegadores da palavra, cujas presenças luminosas abriram os umbrais da obra aos viajantes. Ao Editor Eduardo Salomão, renovo o meu apreço pelo diálogo frequente e pela capacidade de vestir a obra para as núpcias com o tempo. Expresso a minha gratidão ao Pe. Lauro Palú, incansável amigo e mestre da língua, pela benignidade e competência da revisão e dicas, sugestões e supressões, todas acatadas. Curvo-me em homenagem aos meus filhos Ana Carolina, Pablo e Thiago, e ao meu neto Gabriel, todos melhores que eu, com quem desenvolvo o aprendizado do amor e a partilha do trigo, sem o que teria fracassado.

Celebro o espírito, que me guiou nesta jornada, e o corpo, irmão-asno que suportou o peso de todas as caminhadas.

Monja Coen, cuidadora dos filhos da terra, obrigado.

Paulo Urban, amigo da alma e companheiro de jornada alquímica, obrigado.

Lino Moreira, pelo apoio nas horas cinzentas tornadas luminosas, obrigado.

Jane Dune, pelo perfume do afeto e insustentável leveza do ser, obrigado.

José Pereira, irmão em sobriedade e amigos-companheiros dos 12 passos, pela enriquecedora troca de experiências, forças e esperanças, obrigado.

Fernando Abreu, que me dá a certeza da poesia continuada, obrigado.

Pergentino Holanda, que se tornou cronista da poesia, em tempos áridos de luz em minha terra, obrigado.

São Luís do Maranhão, fênix natal, renascida em ninho de líoz, que me nutriu com seu leite mercurial, o sal nas palavras e o sol na moleira, obrigado.

Vida, minha vida, muito obrigado.

Fui muitos, fui pouco? Quantos eus vivi no espaço-tempo de um dia-noite de existência? Existirá o fim do caminho? Continuará a viagem em outro lugar? Sinto-me agora mais próximo ao mistério da vida. E, agradecido, ouço o canto alegre do rouxinol da infância.

Tudo agora se encaixa na moldura projetada. E oferta-se integrado na paisagem concluída. Porque, no fundo, escrevemos para ser amados. Só assim ressoará a nossa voz nos jardins da humanidade. A poesia é uma forma de amor. De curarmos as nossas e as dores do mundo. Assim me apresento na consciência da unidade.

Leitor, parceiro e amigo desconhecido, destinatário de todas as horas, eis aqui a aventura de um homem que, em nome da beleza e da verdade, aceitou a sua loucura, pagou o preço do voo solitário, para cumprir o chamamento à jornada.

Possa esta loucura, acesa no calor e na fidelidade à causa da palavra, alimentar a fome de transformação de alguns e oferecer vislumbres de sanidade.

Luís Augusto Cassas

UM AUGUSTINHO PÓS-MODERNO E SUA ATRAÇÃO PELO TODO

Caminho com Luís Augusto Cassas pela praia do Calhau.

O sol de São Luís não admite concessões. É como a poesia. Ou tudo ou nada. E uma conversa que cresce em espiral. Como a concha de um *nautilus*. Ou a de Afrodite. A de Botticelli. E as que vemos nesta praia.

Um domingo de junho. E uma catedral submersa, onde o padre Vieira prega no fundo do mar a conversão dos peixes no Paraíso secreto das águas.

Cassas decide recolher o sermão aos peixes, a espiral do *nautilus* e o rosto de Afrodite nesta manhã de domingo, que parece não ter fim.

O Cristo-peixe é infinito. E o mar é um domingo de esperas.

Vejo a obra reunida de Luís Augusto Cassas. E me espanto com a população que habita seus livros. Uma demografia incomum. Toda ecumênica. Cheia de beleza. E frescor. Mais de uma praia. E mais de uma cidade. O mundo e a redescoberta de sua grande poesia. Uma das mais belas que se escreve hoje no Brasil. E das que mais me comove. Algo de Apollinaire. Algo de Blaise Cendrars. Mas tocado pelo tempo atual. E com uma síntese toda sua, uma linguagem toda sua e um acento inconfundível.

A poesia de Cassas nasceu como Minerva da cabeça de Júpiter. Grego equinocial. Cidadão do mundo. Amante do corpo e do intelecto.

Saúdo a impureza de Luís Augusto Cassas. Tal como as águas cheias de sedimento fluvial que deságuam nessa mesma praia do Calhau.

Luís Augusto Cassas jamais poderia ser o poeta da razão pura, asséptica, de tampa hermética, fechada a vácuo, ou simplesmente uma república de aduanas impermeáveis e intransitivas.

Posso definir sua poesia como sendo a crítica da razão impura, dentro da porosidade do sim, ligada a todo um processo de mixagem, de quem saúda e acolhe a coincidência dos opostos na corrente sanguínea da poesia.

Estamos na dimensão impura, ao mesmo tempo líquida e sólida, nítida e incerta, escura e luminosa, sacra e profana. Não como campos excludentes, mas como formas de conceber a transição.

E sobe as ladeiras do tempo e as de São Luís com a mesma desenvoltura com que desce a rua da Paz — íntimo da *Tábua Esmeraldina*, que afirma a semelhança das *coisas de baixo com as de cima*. E abraça a totalidade no fragmento — que o redime da atração, do desespero e da saudade que sente pelo Todo.

Para Cassas o universo é uma teia de correspondências, em que as pedras e as estrelas se comunicam sob os céus do Maranhão ou de qualquer parte do Globo. Como se buscasse a espiral de Deus. O *nautilus* invisível.

A razão impura é como o Livro de Dante, que concentra em suas páginas tudo o que no universo vai desgarrado e perdido. Cassas sonha com este livro e sua obra reunida não deixa de apontar para a unitotalidade das coisas que o cercam no sonho e na vigília.

Conversam as pedras e as estrelas de São Luís. E a chuva secreta dos astros. E as cartas do tarô. O universo é ecumênico. E a soma de tantas abordagens reflete a nostalgia de uma unidade perdida, as ruínas de Babel e de Alcântara que a sua poesia — a de um naufrago de Deus — tem como princípio restaurar. Todos os casarões que se perderam. E as sacadas. E os amores. Assim como a beleza solitária de uma Torre que marcou o fim de uma idade de ouro.

E Cassas é este sobrevivente pós-moderno de Babel, o DJ de Deus, o trapezista luminoso de um circo de palavras, perdido entre alturas e adesões. O universo é como um *iPod*. E Cassas busca o modo de fazer o *download* de alguns resíduos de Deus que vagam no ciberespaço. Além da pedra. Do sonho. E da estrela. E o livro do mundo precisa ser lido. Tudo aquilo que diz sem dizer. O espaço entre as palavras. O branco da página. O desenho do abismo na vasta superfície.

Temos o poeta da cabala do visível, que sai do papel e vai para a vida — nunca saiu da vida este poeta nietzschiano, atrevido, apaixonado às últimas consequências. O corpo é o seu meio. A sua leitura. O seu risco. Os seios de Afrodite. Os olhos de Leda. E toda uma arte combinatória em que a virgem e a prostituta cumprem uma latência de beleza e mistério. E soma e divide as letras. Descobre o céu que as gerou, com setas, arqueiros, aquários, abismos e ceias luminosas.

Eis por que sua razão é impura. Elege o ser em sua equivocidade. Nas tantas manifestações em que revela seus segredos. O *e-mail* de Deus

para Cassas não tem *antispam*. E sua obra reunida é um *e-mail* inteiro, um só arquivo anexado, que serve no plano da imanência e da transcendência.

O céu não sabe de aduanas.

Donde essa poesia cheia de força. De mística. E de razões políticas. Mas da política da poesia.

Um permanente *j'accuse* como um profeta do antigo testamento no seio da modernidade. O drama da figura do Pai e da piedade do Filho. Uma telemaquia de Cassas à procura de Ulisses. A espera do Pai. E do futuro. E do filho pródigo. E a volta. A transfiguração materna em ampliados afrescos. Dvořák e o banquete de cordeiros físicos e metafóricos. O Alfa e o Ômega de uma dor íntima. Ao cabo, o encontro com Hölderlin, atingindo o ápex de uma vida dedicada de todo à poesia. Alta voltagem de mistérios e revelações.

Ele preferiu a escola do abismo. Mais que a de Telêmaco. De quem aprende com as impurezas do Hades. E ao voltar, como Orfeu, buscou Eurídice por todos os quadrantes. Mas seus olhos tinham fogo. Sua boca havia sido marcada pela sarça ardente da poesia. Era demasiado tarde para uma crítica da forma pura. E toda uma língua forte — cheia de frescor — com uma férrea vontade de levar a termo uma nova razão de estado da língua de seu país, em que tudo aparece deslocado e des-tramado. Sua poesia não tem compromissos. E é livre e compartilha um ecumenismo raro na literatura brasileira. E aqui não falo apenas de uma compreensão mística, mas de uma variedade poética e vocabular cheias de eletricidade. Poeta que canta as belezas do mundo. E suas partes trágicas. Mas com um sorriso de fundo permanente. Sorriso que os trágicos adivinham. Tão nobre se mostra, mesmo quando não tem a intenção de o ser. Tão afetuoso no seio de uma fria injunção. Leve quando combate moinhos rudes e metafísicos.

A **Obra Reunida** aqui está. Cassas tem agora a imagem do próprio rosto. O *itinerarium mentis*. As confissões deste *Augustinho* pós-moderno, maranhense e brasileiro.

Marco Lucchesi

A SÍNTESE COSMOGÔNICA DE TUDO

Poderíamos dar início a este ensaio afirmando que o Maranhão é uma ilha cercada de poetas por todos os lados. Se é exercício ocioso enumerar todos os que competentemente têm feito da fascinante e áspera luta com as palavras o seu pão estético de cada dia e a ração diária de uma sobrevivência que se espraia para além da ritualizada rotinização comportamental cotidiana, poderíamos, assim mesmo, lembrar a densidade ontológico-metafísico-existencial que imanentiza o luminoso e corrosivo imaginário poético de Nauro Machado; a fecundidade rítmico-imagística de Arlete Nogueira da Cruz, notadamente a que se delinea na sua belíssima *Litania da Velha*; o telurismo impregnado de elevado *pathos* humano de certo viés apolineamente celebratório da poética de José Chagas; o cotidiano magistralmente transfigurado por Ferreira Gullar em *Muitas Vozes*, dentre outros que integram o qualificado código onomástico que compõe a cartografia lírica da iluminada ilha.

Agora, prosseguindo essa rica tradição de brilhantes artesãos da palavra poética em suas múltiplas direções, já tendo obtido crescente e consagrada recepção da crítica literária especializada brasileira, surge Luís Augusto Cassas, cuja poética caleidoscópica, estranha e delirantemente visionária se tem constituído como um dos mais bem realizados projetos literários de nossa lírica contemporânea.

Considero caleidoscópica a cartografia poética engendrada por Luís Augusto Cassas porque, recusando-se, criativamente, a se enquadrar de forma passiva nesta ou naquela vertente estético-filosófica, sua poesia, portando exacerbada sede de eternidade e ânsia de infinito, transcende, pelo alto poder transfigurador de que se reveste, as gramáticas mais rígidas e convencionais das elaborações epistemológicas mais previsíveis e, guiada por uma peculiaríssima e transgressora lógica que rompe os interditos, venham eles de onde vierem, propõe, universal e transdialeticamente, uma espécie de holística compreensão da realidade; atravessada por uma visceralmente dramática compreensão do universo, através de um vertical incursionamento pelas camadas mais

abismais da sua significativa e errante personagem histórica, e protagonista maior: o homem, com os seus desafiadores enigmas e encantatórios sortilégios.

Significativa, porque é a partir do horizonte de expectativas gestado pelo ser humano que tudo, a materialidade objetiva do mundo circundante e os abismos da interioridade subjetiva, ganha o desafiador estatuto e emblemático contorno de uma enigmática esfinge que gera e produz significações (in)decifráveis; errante, porque a travessia humana, em suas mais variadas peripécias, se tem nuclearizado pelo indeclinável sentimento de uma permanente busca; uma incansável procura pela utopia plenificadora; por fim, histórica, por ser no palco impuro da história que as intersubjetivas relações humanas se constroem, ora eufórica, ora disforicamente.

Dir-se-ia que o pensamento complexo, hoje tornado *leitmotiv* privilegiado em quase todas as reflexões engendradas pela ciência e pelas diversas formas de manifestação do conhecimento, encontra na poesia de Luís Augusto Cassas uma ostensivamente visível ressonância.

A universalidade do projeto poético gestado pela febricitante imaginação poética de Luís Augusto Cassas provém do fato de que, se por um lado, é das motivações produzidas pela territorialidade geográfica de São Luís que emerge o seu fabulário multiestratificado, por outro, o recorte telúrico, reordenado por níveis crescentes de acendrada fantasia, é apenas ponto de partida, nunca de chegada, de um transmanente voo poético na busca constante da totalidade das coisas, dos seres, dos fenômenos, da linguagem, da poesia; enfim, de tudo o que compõe o vasto e heteróclito repertório da plural e cósmica existencialidade humana.

Já a transdialeticidade, de que o imaginário poético de Luís Augusto Cassas se nutre, na compacta corporeidade de cada verso inventado, com a cumplicidade vigilante da tessitura afetiva dos seus ritmos e imagens, e da tonalidade situada nas estésicas fronteiras entre o lúdico-epifânico e o profético-apocalíptico, sinaliza para uma espécie de núcleo ideativo de base ostensivamente holística, que, escavando o universo através de uma mítica memória ancestral do ser, recusa as dicotomias empobrecedoras e o binarismo previsível das leituras reducionistas e setorizadas da realidade.

Aventura irreprimível da liberdade criadora, a poesia mobilizada e posta em cena por Luís Augusto Cassas, ancorando-se no porto mágico de uma espiral infinita de sentidos, é uma movediça arquitetura semântica que a si mesma se (des)classifica do ponto de vista de um enquadramento genológico unidimensional, rebelando-se contra os rótulos e etiquetas por vezes postos por uma crítica sistêmica, incapaz, diria Eduardo Portella, de ouvir a voz do silêncio ou perceber, mesmo minimamente, os sentidos que ultrapassam as enganosas estruturas imanentes à superfície textual, e se vão agasalhar nos subterrâneos simbólicos potencializados pela energia entretextual da poesia.

Com **República dos Becos**, livro inaugural do seu já diversificado espólio poético, Luís Augusto Cassas, atentíssimo às lições da modernidade literária, nos põe em contato com uma poesia que se vai desentranhando nos bastidores mais miúdos de um cotidiano aparentemente desimportante, mas que, iluminado pelas poderosas lentes de ziguezagueante lírica, revela-se denso e prenhe de ricas significações humanas.

Livro marcado por uma dicção ostensivamente mesclada, acumpliciando o solene e o prosaico, o profano e o sagrado, o físico e o metafísico, tudo atravessado por um vigoroso e cortante sopro irônico, visionário e social, **República dos Becos** já se vai constituir numa espécie de súpula daquilo que o inquieto autor maranhense iria criar no território mágico da poesia.

De acordo com o teórico francês Alan Viala, o livro inaugural de um determinado escritor se reveste, no conjunto totalizador da sua criação, de grande importância, visto que, nele, se presentificam aquelas matrizes temático-estilístico-conceituais responsáveis e garantidoras da mundividência desse mesmo escritor.

E, se é fato que os escritores se repetem, não em decorrência de monotonia criadora ou fragilidade imaginativa, mas sim em obediência aos impulsos e obsessões fantasmáticos que lhes habitam o interior, aqui, nessa república inventada por Luís Augusto Cassas, de cada beco rastreado evola-se, prometicamente, o humano-sagrado fogo da poesia, revolucionária poesia, “*revelação e expansão do ser sensível*”, no lúcido dizer do mestre Josué Montello.

A realidade cultural que imanta toda a produção poética de Luís Augusto Cassas é a que se cartografa e se circunscreve aos limites ilimitados da sua mítica cidade natal: a Ilha de São Luís. O paradoxo tem a sua íntima razão de ser. Toda cidade é, ao mesmo tempo, o mundo, com a sua ostensiva universalidade, e a província, com os seus fantasmas e as suas inevitáveis formas de opressão. Cosmopolitismo e localismo se dialetizam numa tessitura que fascina e repele; encanta e fere; celebra e denuncia, numa serpentinática tecelagem dos contrários.

Romeira da esperança e peregrina do mundo, a poesia de Cassas é mítica e mística, terna e debochada, anárquica e solar; profundamente solar, capaz de, utopicamente, sonhar com outra realidade, mas sem perder o bonde da história, matizar-se, também, de um viés profético mais que competente em cifrar e decifrar os enigmas do tempo: os amáveis fantasmas do passado, os impasses do presente e as incertezas do futuro. Poeta e poesia, em tempos de alucinação e espera, como diria Carlos Drummond de Andrade, fundem-se nas aporias de um mundo que, exacerbada a degradação nos mais diversos níveis, nem mesmo se pode mais dizer “*meu Deus*”, porque a vida transmuta-se em “*pura ordem e impura mistificação*”.

Depois de **República dos Becos**, Cassas, dando forma, cor, luz e sombra ao seu acendrado recorte telúrico, espalhado em toda a sua obra poética, mergulha no imaginário da cidade, cantando, em **A Paixão Segundo Alcântara e Novos Poemas**, as faces, disfarces e contrafaces de um projeto de progresso predatório e reificador do humano.

A Paixão Segundo Alcântara e Novos Poemas (Imago-RJ-2006) trilha esta travessia que, ancorada em tonalidade ostensivamente profética, debruça-se sobre a cidade de Alcântara e dela retira a seiva de que se alimenta o seu visionarismo densamente contestador de uma ordem que se lhe afigura injusta e contrária a um projeto de plenificação humana e cidadania integral.

Mais que uma geografia exterior, a cidade é um lugar em que, conforme escreveu Jorge Luís Borges em *O Fervor de Buenos Aires*, arde e se consome, consumando-se, o espírito dos homens. Projeção lírica e canto épico, a cidade é, também, palco de tragédias e comédias que dão fisionomia ao multívoco espetáculo humano.

Sobremaneira elucidativas são as palavras de José Américo Costa, que, ao prefaciar o livro de Cassas, assim se pronunciou: *“De fato, quem conhece de perto o drama de Alcântara e do seu povo tem consciência do choque cultural, geográfico e econômico que a ciência do círculo fechado e a tecnologia sem transcendência provocaram na cidade e nos seus habitantes. Por ocasião da instalação da base de lançamentos, cerca de 312 famílias de 32 povoados foram deslocadas de suas comunidades para agrovilas, por determinação do Ministério da Aeronáutica. Longe das suas terras férteis e sem acesso aos recursos naturais, foram obrigadas, a partir de então, a usar identificação liberada pelo Centro de Lançamento de Alcântara para ter acesso à pesca e, portanto, à sobrevivência”*.

De acordo com a ensaísta paraibana Elizabeth Marinheiro, *“Para a escrita da modernidade, a cidade é um motivo relevante. Com ela, enquanto espaço geográfico e textual, surge a supervalorização do cotidiano”*. Cotidiano que, sob os auspícios dos irreversíveis impactos do progresso predatório, facilmente resvala no território corrosivo da desumanização.

Se o poeta, conforme as lúcidas lições do mestre Alfredo Bosi, *“é um doador de sentidos”*, Cassas encarna, brilhantemente, este perfil, nesta bela e sofrida paixão alcantareense, ao percorrer a alma da cidade, sondar-lhe o angustiado estado de espírito e, sobretudo, captar-lhe a voz transida e matizada pelo áspero e necessário sentimento da resistência. Resistência impotente, é verdade, diante da *“força da grana que ergue e destrói coisas belas”*, como diria Caetano Veloso, mas que ainda é capaz de deixar, pelos caminhos regados com o dilúvio das lágrimas, os indeléveis vestígios de uma humanidade possível (*Poema dos Olhos de Alcântara*).

Humanidade que não troque o canto romântico dos sabiás pelo ranger mortífero dos mísseis. Não troque a contemplação desinteressada das estrelas pela cupidez insaciável das especulações mercadológicas. Nem presuma, como autêntica vocação suicida, que a construção do imprevisível futuro somente pode se efetivar com a argamassa dos escombros do passado.

Intimismo lírico e celebração pública, a prosa poética que percorre o solar livro de Luís Augusto Cassas, na parte intitulada *Um Peixe Fala*

aos *Homens*, segue o mesmo diapasão denunciatório anteriormente exposto. Aqui, a voz lírica enunciada promove a defesa da natureza arruinada e enfrenta, com desassombro, o pragmatismo triunfante de uma modernidade trituradora dos mais mezinhos valores humanos.

De **A Paixão Segundo Alcântara**, a poesia de Luís Augusto Cassas desemboca na tonalidade ostensivamente niilista e contracultural de **Rosebud**. Impregnada das sombras de uma ácida revolta contra o mundo, não raro facilmente metamorfoseada em ódio, a alma do poeta se ensombrece, e a sua poesia transforma-se em um verdadeiro grito contra os descabros do mundo. Grito matizado pelo mais visceral sentimento de angústia, dado que, aqui, vê-se, claramente, ser a poesia impotente para promover a sempre perseguida, e adiada, utopia da transformação planetária.

Rosebud é um livro forte, que não se lê impunemente. Nele, promovendo uma espécie de impiedosa catarse da alma, o poeta põe em cena, também, questões que dizem respeito ao próprio papel da arte e do artista no enfermo mundo contemporâneo.

Discorrendo sobre a poesia do paulistano Roberto Piva, o ensaísta Carlos Felipe Moisés, a certa altura do seu arrazoado, afirmou que *“O texto que ali está, no papel, pode ser encarado como uma espécie de partitura, representação provisória das potencialidades de uma voz, ou vozes, que esperam ganhar existência efetiva, sopradas no ar de fora, em vez de serem moduladas pelo ouvido interior, intelecto adentro. Para isso, é preciso que o leitor se faça ouvinte. Mediada pela leitura silenciosa, a oralidade básica da poesia de Piva, com seu intenso poder de canto, passará despercebida. Ou continuará sendo só promessa, latência”*.

A despeito das diferenças substanciais que separam as poéticas de Luís Augusto Cassas e Roberto Piva, creio que a asserção de Carlos Felipe Moisés, no tocante ao estrato melopeico que essencializa o verbo estético do autor paulistano, é perfeitamente cabível, se aplicada ao livro **Rosebud**, de autoria do maranhense Luís Augusto Cassas.

É como se, no lugar da palavra impressa, impregnada de silêncios e feita para ser apreciada no recolhimento da alcova ou de confortáveis gabinetes, Cassas tivesse optado pelo discurso pronto para ser rugido na praça pública, cuja voz tonitruante fosse minimamente capaz de acor-

dar os homens da letargia em que se acham mergulhados. Daí, a meu ver, impregnar-se o livro de uma configuração dramática, como se os poemas que o enfeixam devessem ser recitados, encenados, vivenciados com todas as dimensões constitutivas da corporalidade humana, e não apenas consumidos, individual e solitariamente.

Rosebud é um livro marcado, em toda a sua estilhaçada estruturação interna, pelo doloroso sentimento da crise por que passou o poeta, não somente em relação à funcionalidade do fazer estético, como também ao próprio sentido da existência. Nesse livro corrosivo e dramaticamente confessional, Luís Augusto Cassas, paradoxalmente, declara seu amor e seu ódio por tudo quanto o cerca, inclusive pela poesia, sua amante mais dissimulada e companheira mais perseverante e resistente.

Fundamental na poesia de Luís Augusto Cassas, **Rosebud** se constituiu no livro do impasse e da transição para outros itinerários poéticos e existenciais; e, de igual modo, da fenda que se abriu para a ultrapassagem do poeta em direção a uma abertura espiritual que o reconciliou com o mundo, com a poesia, com a existência e consigo mesmo.

Rosebud, penso, pode ser definido como um mergulho no abismo e um voo à procura do infinito. Dessa batalha do poeta com as suas inquietações mais devastadoras, surgiu um novo canto e uma nova melodia, que não ignora os descompassos e as dissonâncias da realidade, mas não desiste, nunca, de tentar encontrar o tom mais adequado para a celebração da bela sinfonia da existência. E foi exatamente isso o que fez Luís Augusto Cassas em sua produção posterior, que, iniciada com **O Retorno da Aura**, foi seguida por **Liturgia da Paixão**, **Ópera Barroca**, **O Shopping de Deus**, **Bhagavad Brita — A Canção do Beco**, dentre outros que, juntos, compõem uma das mais originais vozes da lírica brasileira da atualidade.

Secreta via de um originalíssimo itinerário mental, como o que aflora do fremente diálogo travado entre discípulo e mestre no estuário semântico do inquietante **Bhagavad-Brita — A Canção do Beco**, a ascese por que passa o discípulo em busca da iluminação de sua consciência segue a estranheza dos roteiros incomuns que, ao fim e ao cabo, podem levar ao bem supremo, exatamente a que tem na escorregadia unidade de todas coisas o seu estuário primordial. Mas, sem a frieza

glacial da tirania racionalista; antes, com a orquestração consorciada e harmônica de todas as dimensões que essencializam o complexo plural a que, na falta de melhor rótulo, chamamos de ser humano, cuja maior dificuldade, diria o sinuoso narrador de Clarice Lispector nas asas do seu selvagem coração, é ser humano.

No *Sermão do Beco*, pregado em três sincronizados tempos, a pedagogia existencial emanada, em cujo interior consorciavam-se tece-lagem barroca e acendrado panteísmo cósmico, conflui, uma vez mais, para a única conversão em que acredita o poeta, e que se depreende da sua fusionista cosmovisão: o correlacionamento Sujeito *versus* Objeto; a indissolubilidade entre Deus e o homem; entre a materialidade concreta das raízes da terra e a diafaneidade azul do cromatismo celestial; entre a treva, contraface do bem, e a luminosidade, por vezes disfarce do mal.

Nesse sermão, cuja profissão de fé e credo mais acalentado tem na percepção totalizadora da existência o seu paradigma comportamental predileto e parâmetro axiológico inafastável, a bênção maior é a reconciliação do homem com a ordem cósmica de que ele emergiu e para onde voltará, de acordo com a opção transdialética do multifacetado eu lírico que Luís Augusto Cassas construiu e fez circular na sedutora die-gese lírica que inventou com tanto rigor estilístico e tão arraigado cen-tramento na vitalíssima escola da experiência; verdadeiro ponto final do seu obsessivo evangelho integratório, no qual “*Deus e a matéria são uma coisa só*”.

Repelindo enfaticamente qualquer ranço dogmático, seja ele de inspiração física ou metafísica, a poética transmanente de Luís Augusto Cassas, consoante o belíssimo “*Agradecimento Final do Discípulo Depois da Iluminação com Pedrada no Cocuruto*”, propõe o desvendamento do ontológico mistério do ser, como algo a ser obtido como resultado não de uma epifania episódica e circunstancial, tragada pela desoladora fini-tude de um tempo fragmentário porque aprisionado pelo mero trans-correr inflexível das horas, mas sim pela recorrente e obstinada travessia do caminhar de todos os instantes, “*esvaziando-se o cheio e enchendo-se o vazio*”, até o atingimento totalizador da sábia lição do beco: tornar o poeta, e a tantos quantos lhe espream o labiríntico roteiro, a imagem

e a semelhança do coração, território confluyente dos mais díspares e às vezes aparentemente inconciliáveis sentimentos.

Sinfonia de uma procura existencial imanentizada por uma, contém reiterar, irrefreável sede de eternidade e ânsia de infinito, flagradas ambas pelo poeta em cada espetáculo do cotidiano, mesmo nos aparentemente prosaicos e intranscendentes, a música final do concerto polifônico do **Bhagavad-Brita — A Canção do Beco**, com a sua intencionalíssima exortação conclusiva, quer atingir o cerne do ser e, enfim, cumprir a sua alta missão de poesia que, conjugando admiravelmente a inalterabilidade do verso com a inesgotabilidade da imagem e a vertical profundidade de um pensamento radicalmente transgressor porque corajosamente contraideológico, como diria o semiólogo português Salvato Trigo, “perfurando o hímen da palavra, produz o gozo estético da expressão”.

Migramos do cais da polimórfica canção do beco e desembarcamos, uma vez mais, no porto do sagrado, em cujo espaço destituído da indiferenciação homogeneizadora de valores e percepções, de acordo com as postulações conceituais de Mircea Eliade, emerge, triunfalmente, **O Retorno da Aura**. Este protagonizado por Luís Augusto Cassas, não na busca modista e ridiculamente burguesa das paisagens exteriores e macrocósmicas, precário roteiro que às vezes nem consegue disfarçar, como diria Caetano Veloso, a condição de avesso, de avesso, de avesso do velho consumismo estéril, em cujas águas turvas a cidadania e o cultivo da subjetividade são tragados pelas demoníacas engrenagens da ilusão.

A aura, recuperada por Luís Augusto Cassas na encantatória magia verbal do seu febril e incontrollável imaginário poético, não está situada em Jerusalém, Meca, ou qualquer outra mítico-mística geografia planetária, mas sim na difícil odisseia de volta do ser humano para dentro de si mesmo; no exigente pacto ético de polimento do próprio coração, para que ele, enfim, translúcido como um espelho, converta-se num palco sereno em que a vida possa desabrochar com a força soberana de sua celebratória plenitude.

Promovendo a interpenetração dos contrários e, mais que isso, desconstruindo falsos dualismos, a poética de Luís Augusto Cassas, “aos

pés do cosmos”, faz contracenar, na mesma tessitura sgnica, o sagrado e o profano, face e contraface de um mesmo espetáculo humano, ancestral e jovem, srdido e sublime, vulgar e solene, em cujo âmago nada há de novo sobre o solo, senão o ingente percurso da busca e a alucinante procura da aura, entre outras coisas, “*ora escurecida na perda do amor pelo prazer, ora vilipendiada pelo elogio do ressentimento em lugar do perdão, ora obscurecida pela cobiça em vez do desapego e fragmentada pelas ideologias de falsos profetas e poetas*”.

Na poética de Luís Augusto Cassas, penalizado qualquer ludismo gratuito e inconsequente; repellido qualquer retoricismo vazio e esteticamente inconsistente, porque desprovido da verdade humana essencial, atributo inafastável de qualquer obra de arte que se preza, há uma alta e assumida consciência de missão tica, para além de qualquer filigrana de ordem estilística ou propriamente genolgica.

 que, radicalizando as relações entre a vida e a arte, como fizeram os arautos da desreprimida poética romântica com a excentricidade contracultural dos seus profetas, loucos, visionários e dndis, Luís Augusto Cassas, trazendo no peito o fogo que Prometeu roubou dos deuses e doou aos homens, num visceral gesto de comprometimento com a liberdade, compreende a poesia como a mais revolucionária de todas as artes, daí, “*entre um corpo e outro corpo, entre um espírito e outro espírito, o poeta, que cultiva a humildade não com devoção, mas com drummondiano constrangimento, e que nasceu em São Luís do Maranhão onde, segundo ele, o vento faz a curva e a ilha é a parada final de urubus e aviões*”, bradar, com a força inexpugnável das suas convicções tico-estético-existenciais, as jupiterianas verdades do seu credo e apostolado transdialtico e transpotico. No limite, mais que divino, porque humano, demasiadamente humano.

Do **Retorno da Aura**, e das suas fecundas transmutações e alquimias densamente transfiguradoras, rumamos, com os olhos embriagados de imagens e a alma encharcada de poesia por todos os lados, para o mais que envolvente território da paixão e sua indisciplinada liturgia, em cujo epicentro, o amor a Deus,  vida, a si mesmo,  mulher amada; enfim, a tudo o que integra o vasto da existência, para, soberano, como a mola propulsora da vida em suas plurifacetadas dimensões.

Precedida paratextualmente de um luminoso prefácio, a liturgia passional a que Luís Augusto Cassas se entrega com a ostensivamente visível volúpia dos santos e dos místicos nada tem de idealista nem de ingênua; antes, tem a consciência nítida dos interditos que tentam obstaculizar a transmanência do voo humano em busca da plenitude, mas, mesmo assim, se nutre do desejo maior, único pastor de sua humano-divina ascese, que é, nas asas e nas garras do amor, “*descobrir o paradoxo de todos os mistérios e desnudar o paradoxo de todos os fracassos*”.

A **Liturgia da Paixão**, cartografada multidirecionalmente por Luís Augusto Cassas, para além das sombras que a espreitam e contra ela conspiram, renova a profissão de fé no homem e, mais que isso, faz do espírito o esconderijo mais privilegiado da esperança; e, da esperança, o antídoto mais seguro contra os volumosos caudais de desespero que ameaçam subjugar não somente a arte, mas a todo e qualquer projeto civilizatório gestado nos incertos tempos do aqui e do agora, nos arraiais da pós-modernidade relativizadora de tudo e de todos.

O amor, orficamente celebrado por Luís Augusto Cassas, recusa as bem arquitetadas algarvias de inúteis e desnecessariamente complexas elucubrações mentais, para ser flagrado, com a conspiração de todos os sentidos, no “*centro da folha branca*”, onde o mistério luminoso da poesia, com a sua insaciável fome e sede de infinito, paradoxalmente se desentranha das mais prosaicas e aparentemente desimportantes cenas do cotidiano.

Temos, como exemplo, a matemática caseira do lavar os pratos, o diálogo com as formigas, o brincar com as crianças, a alface que se prepara para a salada e, por fim, o bom-dia dado à mangueira, gestos que, lembrando um pouco a objetivista poética caeiriana, conferem ao caleidoscópico olhar do poeta maranhense a nitidez e primitividade de quem, litúrgica e permanentemente posto em estésico estado de paixão e êxtase, quer recuperar o mundo em sua (im)possível e virginal intocabilidade e, mais que isso, com ele, nas asas de acendrada paixão litúrgica, assinar, racional e intuitivamente, um pacto de perene e poética comunhão.

Na apaixonada liturgia amorosa protagonizada por Luís Augusto Cassas, há também espaço para a corrosiva e afiada “*faca só lâmina*” de uma lírica que não suporta a teatralidade inautêntica de uma *Alta Sociedade* que tem nas atitudes postizas e no culto espúrio à cartografia dos simulacros o seu paradigma comportamental predileto.

A amorosa e passional liturgia inventada por Luís Augusto Cassas, ao mesmo tempo que propõe a comunhão universal de tudo com todos, reconhece, com pungente consciência, que o roteiro traçado para a convivência do eu com o outro é espaço do atrito que fere, do conflito que esmaga e da fratura que mata.

Sabe também, com Eduardo Portella, que, se, por um lado, “*somos um ser para o outro e fora do diálogo o que existe é o precipício*”; por outro, não ignora que a verdadeira “*coroa de espinhos é amar o próximo ainda que distante*”, daí a cortante e paródica sentença final da pungente oração do *Poema da Vã Glória ou Da Glória Vã*: “*Crucifica o próximo / Senhor / Crucifica-me junto com o outro / pra ver se o suporte no paraíso*”.

Promovendo magistralmente o acumplicimento dos contrários e a fusão dos mais aparentemente inconciliáveis paradoxos, a liturgia passional de Luís Augusto Cassas celebra ardentemente o amor e, mais que isso, busca, através dele, restaurar a primitiva unidade de todas as coisas.

Da **Liturgia da Paixão** transportamo-nos para uma **Ópera Barroca**, na qual, transitando do escárnio para o maldizer, numa espécie de revivescência moderna da jocosa, não raro escrachada, poética contestatória dos trovadores medievais, Luís Augusto Cassas, ancorando-se no hegemônico motivo da cidade, centralíssimo nas poéticas da contemporaneidade, canta, às avessas, a Ilha de São Luís, pondo em evidência, numa mesma cena lírica, ora as suas grandezas, ora o caráter predatório de uma traumáticamente asfixiante modernidade, em cujo estuário, para usar a expressão adotada por Marshall Berman em seu fecundo ensaísmo, “*tudo o que é sólido desmancha no ar*”, nada ficando de pé diante da voragem impiedosa do progresso, seja o “*ciclo do algodão, ciclo do barão, ciclo da jaca, ciclo da mulata, ciclo dos coronéis, ciclo dos cartéis, ciclo do boi, ciclo do já foi*”.

Aqui, nas asas da vigorosa denúncia social que esses versos encerraram, a lacerada e impotentemente cultivada memória do passado é esmagada pelo fraturado e intranscendente tempo presente, tornando-se incertos todos os horizontes de expectativas de um futuro, mais que desconhecido, ameaçador, já que, cindida ao meio, a cidade, dolorosamente cantada pelo poeta, é uma clivada partitura, cujas notas musicais mais significativas jamais se harmonizarão.

Uma é a nostalgia impotente do que se foi; a outra, a inalcançável utopia do que nunca vai ser, a “*ruína barbárie / de uma acareação em série / redundará às duas / uma procissão de cáries / uma está entrevada até os ossos / a outra tem penhoradas as veias do pescoço / uma quer exílio / a outra, auxílio / mas na embaixada do meu peito / meu coração em beleza / põe mesa e lhes dá asilo*”.

Exilados ambos, o poeta e a sua cidade, natural extensão das suas vivências íntimas, só lhes resta, ao desolado poeta e à arruinada cidade, o asilo da poesia, coreografado pela força escarminha do seu debochado ritmo e aquecido pelo fogo purificador da sua virulenta e cortante tessitura imagística.

Da **Ópera Barroca** e o seu dramático jogo de contrastes, seguimos para ***O Shopping de Deus***. Lá encontramos não somente a alma do negócio como também a imagem mais irretocável do multifário e tumultuado espírito da modernidade, dividido entre a hóstia e o cartão de crédito; entre a fé avulsa e a razão convulsa; entre o céu e o inferno de cada eternidade feita sobre os escombros fugazes de cada epifânico instante.

Discordo da afirmação do ensaísta Marcelo Coelho quando ressalta que na obra poética de Luís Augusto Cassas tenha havido uma fase marcadamente religiosa, da qual o **Retorno da Aura** e **Liturgia da Paixão** pontificam como momentos culminantes, a que se seguiria um mergulho mais vertical na materialidade do mundo, acerca do qual esse inquietante ***O Shopping de Deus*** se corporificaria como a onda mais efetiva.

Não. O conceito de fase, pelo que implica de estanque e estacionário, me parece absolutamente incompatível com a poliédrica cartografia de um imaginário poético deslizante que parece estar, desde o

primeiro verso produzido, celebrando ou querendo celebrar, contra todas as interdições inerentes à nossa congênita falibilidade, uma, reiteremos, epistemologia abarcadora de todas as dimensões da realidade, “*matrimônio e litania dos opostos*”, somente para usar duas belas imagens mobilizadas pelo poeta maranhense.

Pluridimensional e portadora, isto sim, de múltiplas faces que coexistem simultaneamente na tessitura plural de uma vasta e complexa identidade poética que, no limite, chega a lembrar o heteronímico projeto estético idealizado por Fernando Pessoa, Luís Augusto Cassas, tanto quanto o genial poeta português, parece querer “*deixar ao cego e ao surdo a alma com fronteiras, para sentir tudo de todas as maneiras*”.

Por essa razão, também discordo frontalmente das leituras setorizadas que insistem em reduzir **O Shopping de Deus**, inventado pelo mercador das palavras, Luís Augusto Cassas, ao unidimensionalismo redutor da mera denúncia social das narcotizantes engrenagens do consumismo, do qual o *shopping*, imantado por sedutora aura, funcionaria como clausura predileta, templo primordial e porta-voz oficial da sua irresistível propaganda.

Aliás, contra o equivocado lugar-comum em que normalmente claudica a crítica das obsessivas sondagens do conteúdo, desatenta aos negaceios e malandrags da forma e dos subterrâneos simbólicos do texto, ainda que tal separação obedeça apenas às travessias do recorte didático, o próprio eu lírico multifacetado do abrangente sistema poético engendrado por Luís Augusto Cassas afirma, em acendrada postura metalinguística, “*Se alguém disser / que é a favor do espírito / mas contra a matéria / não me compreendeu: / quem não está comigo / não está nem consigo*”.

A angústia na poesia de Luís Augusto Cassas, nem sei bem se esse é o termo adequado, nada tem do desolado niilismo imanente a significativas parcelas da lírica presentificada nos decantados tempos pós-modernos, nem muito menos se organiza em torno do surrado mote segundo o qual a nossa era prioriza a matéria em detrimento do espírito.

Nada disso. O desconforto estético-ético-religioso-metafísico-lógico-ontológico, que recobre todas as camadas afetivas da expressão poética do notável poeta maranhense e lhe empresta um tom e dicção

originalíssimos em nossa plurifacetada lírica contemporânea, em cujo estuário não falta nunca a celebradíssima esperança, provém exatamente do fato de que a poesia e o homem, a arte e a ciência ainda não foram capazes de perceber que são faces indissociáveis de um mesmo projeto divino-humano que clama por total plenificação.

Prosseguindo nesse itinerário desbordante das revoltas águas da poesia, desembarcamos no híbrido e desconcertante santuário do *Deus Mix*, de cujo código bíblico, recriado paródica e palimpsestuosamente, emerge uma procissão de preces que, caleidoscopicamente, uma vez mais, consorcia o alto e o baixo, o solene e o trivial, a suma transcendência e a mais desaturizada percepção da fenomenologia humana. Tudo urdido e curtido por um refinado *pathos* humorístico e por uma extremamente risível alquimia verbal, mas que nada tem, que fique bem claro, do raquítico ludismo trocadilhesco em que se convertem certas escrituras poéticas da contemporaneidade, indigentes de imaginação, criatividade e, mais que isso, de um mínimo de verticalidade no processo, nem sempre fácil, de junção de fecundidade imagística e profundidade do pensamento.

No divertido humor presente na poética de Luís Augusto Cassas não falta a gravidade alegre da tonalidade de meditação existencial polimorficamente lançada sobre todos os desvãos e abismos que existem e compõem a multifacetada realidade humana.

Em **O Vampiro da Praia Grande**, revisitando e atualizando o mito do ser trevoso, que faz do sangue das suas vítimas a sua fonte basilar de sobrevivência, Luís Augusto Cassas, fiel ao seu caleidoscópico construto poético, transforma o cotidiano da Ilha de São Luís na matéria-prima do seu errante e debochado roteiro. Do texto da cidade à cidade vista como texto, a lírica do poeta, poética e transgressivamente, vai fiando e desfiando todos os tecidos de uma pólis prene de múltiplas significações.

Nesse patamar, a cidade é o cenário privilegiado de quem, ocultado diplomaticamente em algum sobrado colonial da Praia Grande, espregueira corpos e almas, corações e mentes, de preferência, claro, uma descuidada e bem nutrida jugular. Indiferente às celebrações orgiásticas de uma modernidade triunfante, porque triunfalista, o vampiro

inventado por Luís Augusto Cassas, cômico-lírico-apocalíptico e sensual, posa para colunas sociais, toca sax para *sex shops*, estaciona nos semáforos, monta barraca na Praia Grande, numa atlética e trepidante peripécia pela sedutora pólis.

Instituindo o recorte parodístico, que desconstrói as culturas oficializadas e dessacraliza os vetores que lhe dão suporte, **O Vampiro da Praia Grande** é uma dentada certa no convencionalismo e conformismo das literaturas puramente livrescas, destituídas do sangue vital de palavras que, quando bem combinadas, transfiguram e reinventam a vida. Quem duvidar, que exponha o seu pescoço ao vampiro da Praia Grande, e... boa leitura.

Em Nome do Filho sinaliza para mais uma aparição poética do originalíssimo construto textual do maranhense Luís Augusto Cassas, para quem a arte não pode ser diletantismo, nem a literatura mera pirotecnia verbal, cultura da inautenticidade para um mundo visceralmente enfermo.

Em Nome do Filho, décimo segundo livro de uma família poético-espiritual desconcertantemente diversificada, ancora num projeto mais amplo de há muito perseguido pelo poeta: a reconciliação de todos os opostos, a superação de todos os atritos, a comunhão de todas as almas, a irmanação de todos os espíritos; a cura, enfim, do bicho homem, e a promoção da fraternidade universal, utopia ainda irrealizada e, pior que isso, distante.

Aqui, nesse viés, marcado por inocultável ânsia de participação comunitária, a poética de Luís Augusto Cassas se matiza de indisfarçável feição social. Mas de um social que, pejado de vigorosa ancestralidade romântica, nasce antes no coração que na mente, fruto agônico da unidade que a tudo preside; e que o poeta, obsessivamente, persegue.

Em Nome do Filho, transido entre a força dos interditos e a fúria das transgressões, parece ratificar a crença de que o homem é, acima de tudo, possibilidade de superação e capacidade de transcendência. Essa tensão entre o ser e o devir, entre o já e o ainda não, cristaliza-se a partir da própria capa do livro, em cuja tessitura iconográfica flagramos um nítido jogo de intencionalidades poéticas. À imponência arcaica do

templo, contrapõe-se a perplexidade de um olhar carente de um horizonte de expectativas mais promissoras.

O livro nasce sob a égide da profecia que o anjo das ruínas faz, em tonalidade densamente solene, recair sobre a cidade de São Luís, que preserva a arquitetura de monumentos históricos e, de acordo com a cosmovisão do autor, condena às trevas da fome e desassistência completa a infância, essa espécie de passado rasurado, presente incerto e futuro eternamente adiado.

Mas, advirta-se logo, o novo paideuma poético trabalhado e retrabalhado por Luís Augusto Cassas, com a pressa do jornalista, a paciência do filósofo e o inarredável fervor dos místicos, nada tem de inflexibilidade doutrinária ou sectarização ideológica; antes, nutre-se da mais acendrada liberdade, sempre pródiga em descartar-se do já atingido e voar à procura de novas e incertas utopias. Eis o seu credo, evangelho, testamento e saga; saga de um pássaro feito do azul do infinito e da chama ardente da poesia.

“*Ser da distância, do ainda-não e do futuro*”, consoante a lúcida percepção de Marco Lucchesi, Luís Augusto Cassas ratifica a profissão de fé na literatura e, desse modo, nos convida a dizer: “*Bendito o que vem em nome da poesia*”.

Chegamos, pois, ao território mítico-sacral do **Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário**. Mesmo numa leitura despretenhosa e desprovida de maior verticalidade hermenêutica, constatamos que este livro se ancora, diria mesmo obsessivamente, no recorrente motivo da água, com todas as implicações decorrentes do seu ostensivamente fecundo simbolismo. Simbolismo que, em meio a outras inúmeras possibilidades conceituais, se nucleariza, fundamentalmente, em torno de três temários básicos: a água como fonte originária de toda vida; instrumento primacial de ascese e purificação do ser; e, por fim, centro regenerador de tudo.

Na poética postulada por Luís Augusto Cassas, a água, tematizada e, mais que isso, transformada em valor primevo da existência, vai, à luz das transfigurações estéticas que lhe impõe o poeta, transitando por todos esses domínios, mesclando-se a outros que o imaginário do poeta urde e convoca para a reinvenção lírica da sua multiforme experiência humana e estética.

Dessas três instâncias por onde a água agencia o seu itinerário de viscerais transformações, fixamo-nos naquela que, em nosso modo de entender, emblematiza, mais efetivamente, a libertária mundividência do poeta maranhense: a que propõe a ascese e a purificação do ser humano no palco rasurado da sua sempre problemática peripécia histórica.

A poética de Luís Augusto Cassas, desde a sua arqueologia originária até as súmulas filosóficas presentes em suas profissões de fé mais recentes, sempre perseguiu, holisticamente, uma utópica unidade da condição humana, bem para além das duvidosas e contraproducentes fragmentações, sempre reducionistas e, pior que isso, incapazes de pensar e apreender o homem em sua fascinante e profunda complexidade.

As águas que inundam o credo deste evangelho e dão o molho a esta profética ceia de um amanhã em que o poeta acredita e que certamente há de brotar, apesar das interdições de um hoje resistente, falam de Deus e da poesia, face e contraface de uma percepção totalizadora dos fenômenos; do cósmico silêncio e dos gritos que ecoam pelas praças e pelas consciências; do profano e do sagrado; do corpóreo e do etéreo; da morte e da vida; da quietude e da celebração; enfim, da vasta e tenebrosa unidade de tudo o que temos e somos.

Eis-nos nas bordas de um mistério insistentemente inquirido pelas revoltas águas da transdialética poesia que o poeta constrói, consumando-se e consumindo-se. Mesmo sem querermos revalidar a surrada tese de que a literatura é vida, e a arte é documento mimético do real, postulados em tudo conflitantes com a autonomização do texto artístico defendida por Lotman, não há negar que a travessia poética empreendida por Luís Augusto Cassas parece querer instaurar, nos (des)limites da palavra trabalhada, uma espécie de intransigente compromisso ético com um projeto mais amplo de transformação social; aquele que propiciaria ao homem um reencontro consigo mesmo, com a natureza e com o outro, resgatando-se, desta forma, a essencialidade de um genuíno diálogo, fora do qual o que existe é o precipício, consoante a lúcida assertiva do mestre da crítica literária de base ontológico-hermenêutica, Eduardo Portella.

Poderíamos ainda enveredar pelo código amoroso, pelas sendas da compaixão, ou, quem sabe, pelo apego telúrico que ratifica as indelévels vinculações do poeta ao seu povo e à sua terra: o homem e as suas inescapáveis circunstâncias, no eterno dizer de Ortega Y Gasset. Basta-nos, entretanto, constatar que, no evangelho pregado por Cassas, e na ceia por ele servida com a paixão da linguagem e o molho das palavras, como diria Adélia Prado: “*A poesia, a mais íntima, é serva da esperança*”.

Eis-nos, pois, no mítico território de **O Filho Pródigo: Um Poema de Luz e Sombra**, em cujo estuário, dialetizando o voo da luz e o abismo das sombras, Luís Augusto Cassas, a partir da fundante figura do seu pai, já falecido, realiza uma dolorida e verdadeiramente poética arqueológica da sua alma, tecida e destecida nos porões mais indevassáveis da saga familiar, lá onde, desde a nossa fecundação no útero materno, passando pelas tessituras lúdicas da infância, até o desembocar no crepúsculo da existência, a velhice, a flertar com a morte, todos os fios da nossa existência se vão compondo definitivamente, para o bem e para o mal.

Livro maduro, ancorado em tonalidade ostensivamente solene, ora celebratória, ora elegíaca, **O Filho Pródigo**, precedido por vasta rede de bem construídos diálogos intertextuais, promove, com visceral e angustiante sinceridade, uma espécie de acerto de contas que Cassas faz consigo mesmo, com sua origem, história e destino; nuclearizada, toda essa densa épica do ser, pela dominante figura do seu pai, erguida, agora, à condição arquetípica de um símbolo existencial a acompanhar o poeta pela vida afora, com a luz e a sombra de que é feita a sórdida e sublime matéria de todos nós.

A paradigmática imagem do pai, transfigurada de forma multidirecional na lírica brasileira contemporânea, reencontra na originalíssima dicção de Luís Augusto Cassas um singular e pungente tratamento. Antes dele, outras vozes do imaginário poético nacional, a exemplo de José Paulo Paes, Ledo Ivo, Carlos Drummond de Andrade, realizaram escavações existenciais portadoras de raro viés verticalizador.

Luís Augusto Cassas, assim, prolonga, radicalizando, esse verdadeiro *leitmotiv* de nossas cogitações líricas mais recorrentes. E o faz com rara competência, sabendo, como poucos, consorciar destreza no musi-

calíssimo manusear das palavras, a elas servindo e não delas se servindo, como teoriza Jean-Paul Sartre, a uma mundividência rica de místicas e catárticas ressonâncias. Como se da tragédia da vida obnubilada pela morte emergisse, com as imorredouras tintas da esperança, a utopia da transcendência, a crença na vida que ultrapassa a laje fria da sepultura, a certeza do cósmico e ansiado retorno à *Casa do Pai*.

Recorrendo à originária saga bíblica, damos-nos conta de que é bifronte o itinerário de sombra e luz traçado pelo **Filho Pródigo**. Ele, inicialmente, se autoexila do casulo paterno para, depois de traumática peregrinação espiritual e dramático desfrute da liberdade, retornar, reconciliado, à pátria das suas origens. Aqui, o distanciamento do sujeito funciona como senha que lhe propicia uma compreensão mais holística, tanto de si mesmo quanto da realidade que o cerca.

Parece rumar na mesma direção o movimento empreendido por Luís Augusto Cassas na cartografia poética por ele engendrada. Com Otto Maria Carpeaux, aprendemos que “*a distância falsifica inteiramente a perspectiva*”. O poema de Luís Augusto Cassas vinca esse distanciamento, subjacente ao qual residem as possibilidades hermenêuticas mais efetivas de compreensão do seu passado, presente e futuro, como se, mirando-se no espelho da sua progênie, pudesse o poeta, *junguianamente*, desvendar as faces e contrafaces do inconsciente coletivo mais profundo.

Organizando-se, tridimensionalmente, em torno de vigorosos núcleos ideativos, fascinantes incursionamentos pela seara das imagens e acendrados mergulhos nos oceanos da musicalidade, para nos reportarmos às reflexões empreendidas por Ezra Pound em seu *ABC da Literatura*, **O Filho Pródigo**, promovendo o reencontro de *Ulisses e Telêmaco*, de acordo com a acertada assertiva de Marco Lucchesi, se impõe como um dos pontos mais altos da poética de Luís Augusto Cassas.

Embora seja o oitavo livro de poemas de Luís Augusto Cassas, deixamos para discorrer sobre **Titanic-Boulogne — A Canção de Ana e Antônio** — na parte final do nosso ensaio, em virtude do fato estar centrado na temática amorosa, a mesma que nucleariza **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, penúltimo livro da saga poética que, compe-

tentemente, Cassas vem construindo ao longo de quase três ininterruptas décadas de criação literária.

Titanic-Boulogne – A Canção de Ana e Antônio é um delicioso livro, no qual, pretextando recontar a desencantada história amorosa vivida pelo poeta Gonçalves Dias e Ana Amélia Vale, história essa interdita por preconceitos de motivação racial, Luís Augusto Cassas, na verdade, promove uma espécie de “*biografia afetiva de todos os amores inconclusos*”.

Alargando o compasso do drama amoroso vivenciado por Gonçalves Dias, e esculpido em alguns dos seus mais comoventes poemas, Cassas como que se oculta nas malhas da diegese lírico-dramática que inventou e, ato contínuo, cede espaços para que outras vozes, igualmente às voltas com os fascínios e abismos do amor, se ergam em sua poemática eivada de inescandível recorte intertextual.

Com Julia Kristeva aprendemos que “*o texto literário é um mosaico de citações*”, por onde múltiplos textos se cruzam e recruzam numa espiral semiótica infinita. **Titanic-Boulogne – A Canção de Ana e Antônio** promove este intercâmbio textual de forma explícita, numa dialogicidade fecunda que ilumina e se ilumina com o onipresente temário amoroso.

O poema já se inicia sob a égide da retomada de um verso de Castro Alves, mais precisamente o que abre o grandioso *Navio Negreiro – Trágédia no Mar*. No cartão de embarque da longa viagem empreendida pelos poetas Gonçalves Dias, Cassas, e por todos os que são tocados pelo trágico milagre do amor, “*estamos em pleno mar*”. No mar das paixões, no mar das palavras, no mar da história, no mar das idealizações sonhadas, no mar dos sonhos vividos, no mar dos desejos negados, no mar dos prazeres proibidos, no mar da poesia. Poesia essa que tem o dom de eternizar o instante e, ao fazê-lo, garantir um fiapo de esperança, aquilo que Goethe chamava de “*promessa de felicidade*”.

Talvez seja essa a razão que levou o poeta maranhense a colocar um tom de esperança em meio ao caos gerado pelos naufrágios amorosos. É assim que leio a estrofe final do poema com que se inicia a bela travessia marítimo-amorosa empreendida por Luís Augusto Cassas:

*“mas não esqueçam a água
do inconsciente coletivo:
viver não é morrer de mágoa
favor: não afoguem o livro”*

Assim fazendo, Cassas transcende o que poderia à primeira vista parecer uma poética elegíaca e flagra no amor, pesar dos seus desconcertos, a única fonte capaz de conferir ao homem a tão sonhada plenitude existencial. Outros intertextos comparecem ao livro. De um verso de uma canção da Bossa Nova a poemas de Carlos Drummond de Andrade. Do perdido paraíso de Milton a alusões a Dante. E tudo, vale salientar, temperado com os finos ingredientes de um humor que ancora o livro no território da mais acendrada modernidade.

Titanic-Boulogne conta não apenas a desafortunada história de amor de Gonçalves Dias e Ana Amélia. Dir-se-ia que ele narra a história do próprio amor, esse mistério da alma que paralisa e impulsiona, que *“alenta e consome / que é vida e que a vida destrói”*, no dizer romântico de Almeida Garrett. Narrativa poética atemporal, a de Cassas faz passado e presente contracenarem nas asas da beleza da poesia e da força do amor.

Em **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, depois dos arrazoados de Paulo Urban, Amnéris Ângela Maroni e Marco Lucchesi, verticalíssimos todos, só me resta dizer que, aqui, nessa saga narrativa mítico-agônica, o poeta maranhense revive, nos abismos da odisséia amorosa, o mistério da aventura humana, com as suas luzes e sombras, paixão e vertigem. E o faz de forma desassombrada, sem temer os avessos da empreitada, descendo ao chão da mais humílima dor, a fim de subir ao céu do mais transcendente deleite.

Nesse poema-romance, vida/morte dialetizam-se, face e contraface da ancestral peripécia humana nos degradados palcos da história. Já Roman Jakobson, no alvorecer do século vinte recém-transato, quando a crítica formalista travava suas primeiras lutas contra as leituras extratextualistas então vigentes, afirmou que a literatura não vale pelo que diz, mas sim pela forma como o diz.

Cassas parece reatualizar, admiravelmente, esse clássico postulado jakobsiano, ao enfrentar, matizando com novas e alquímicas colo-

rações, o velhíssimo e sempre jovial temário amoroso. O amor, sabe-se bem, tem se constituído em verdadeiro *leitmotiv* das cogitações literárias de poetas, ficcionistas, dramaturgos, de tantos quantos fazem da palavra o seu privilegiado instrumento de transfiguração do cotidiano.

Na poética empreendida por Cassas, em **A Mulher que Matou Ana Paula Usher**, o amor é encarado em perspectiva totalizadora e matizado pela presença de todos os contrários possíveis. Amor que atormenta e pacifica, enclausura e liberta; sinal de carência e indício de plenitude. Amor que transcende o fogo primevo da carnadura erótica ou mesmo o milagre do afeto que circunda as abismais regiões da alma, para atingir um plano espiritual mais alto e indevassável. É o instante em que, em acendrada postura confessional, o eu lírico confessa: “*Tenho a nostalgia do todo / e a melancolia da parte*”.

Eis, aqui, o *etymon* da perquiridora poesia de Luís Augusto Cassas. A direção da sua obsessiva busca. O indisfarçável sentido da sua transdialética utopia. Noite escura da alma, lâmpada acesa do espírito, o amor, cantado por Cassas, é exorcismo de fantasmas e voo em direção ao infinito desejo de plenitude, que conduzimos dentro de nós, pesar dos negrumes da existência e das múltiplas formas de interdição sedimentadas pelo rasurado tecido da história. Para além da inevitável finitude que perpassa todas as experiências amorosas, Cassas parece querer celebrar, também, a delícia infinita do amor, seus momentos de realização e sua força de abertura que ele enseja para uma compreensão totalizadora da trajetória humana.

Bacuri Sushi — A Estética do Calor dá sequência ao itinerário multiforme que a poesia de Luís Augusto Cassas vem desenhando no mapa poliédrico da lírica brasileira da contemporaneidade. Barroquista e solar, apaixonado e irônico, transgressor e solene, aqui, Cassas, mais uma vez, percorre, tal qual requintado *flanêur*, todas as geografias da Ilha de São Luís, delas recolhendo cheiros, tons, gestos, palavras e silêncios, ingredientes com os quais, com o molho da linguagem e o tempero da poesia, assina, definitivamente, o seu nome no desbordante território da poesia brasileira.

Hino de amor à poesia e ao povo do Maranhão, **Bacuri Sushi — A Estética do Calor** reinsere o poeta na tessitura íntima da cidade, seus

becos, praças, feiras, mercados, templos, gritos, silêncios, sua alma profunda, seu espírito mítico e indevassável. Credo, evangelho, profissão de fé, **Bacuri Sushi — A Estética do Calor** é um poema-cidade, é a cidade vista como poema. E, nela, eis a alma do poeta consumindo-se, ensolarada.

Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer, produção mais recente do poeta Luís Augusto Cassas, não deve ter sido um livro fácil de ser redigido. Como, de igual modo, não é um livro fácil de ser lido. Como toda obra de arte digna dessa categorização, guarda, em suas entranhas, o mágico sopro da vida; e aquilo que, com invulgar lucidez, Camões, em sua pluridimensional lírica, chamou de um conhecimento que nasce no solo concreto das vivências reais.

Repelidas a mera engenhosidade laboratorial e as literaturas descarnadas e livrescas, sobre as quais tão bem se pronunciou o Lima Barreto de “*O Destino da Literatura*”, o que avulta, nesse pungente livro, é uma autenticidade confessional raras vezes vista no campo da expressão literária.

Desnudado diante dos imponderáveis da vida, dos quais ninguém se pode eximir, o poeta transfigura, sem pieguismo ou sentimentalidade menor, um drama existencial que se abateu sobre ele; e o transforma em matéria poética dotada de profunda beleza estética e vasto interesse humano.

Flagro, de pronto, no estuário desses **Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer**, dentre outras, duas dicções, que me parecem nucleares para a configuração da mundividência ostentada pelo livro. A primeira delas marca-se, a meu ver, por uma ostensiva tonalidade de resistência ao infortúnio e, ato contínuo, por uma recusa a demitir-se da vida, capitulando diante das tragédias que elas abrigam em sua estranha essência.

Sabendo, decerto, que “*grande diferença faz/ entre lutar com as mãos/ e abandoná-las pra trás*”, fala do mestre carpina ao Severino retirante, no belo e comovente *Morte e Vida Severina — Auto de Natal Pernambucano*, de João Cabral de Melo Neto, Cassas, nesse corajoso e denso livro, entoa, por um lado, um canto de resistência aos descaminhos da existência, e, por outro, assina um digno protocolo de intenções com a esperança.

Ratificando os vetores da solaridade poética que lhe imanta toda a obra, Cassas instaura sua travessia sob a égide bifronte dos signos da luz (eternidade) e do sopro (efemeridade), isotopias semióticas que regem a oferta com a qual, liturgicamente, ele oferta, oferecendo, uma vida o tempo todo transfigurada pelo fogo poético.

É aqui, neste instante paroxístico da existência em que o tempo e a eternidade parecem compor um indistinguível jogo especular, que a poesia de Cassas, sempre tão densamente matizada pelo voluptuoso halo da transcendência, em tudo flagrada, mais se refina e espiritualiza, como podemos constatar, exemplarmente, nas epígrafes de que ele se vale em seus funcionalíssimos diálogos intertextuais.

Se o texto literário, retomando o lúcido dizer de Julia Kristeva, “*é um mosaico de citações, um modo como o texto lê a história e é por ela atravessado*”, a poética de Cassas, presente em seus **Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer**, ratifica esse dialogismo semiótico, ancorando no privilegiado porto dos incursionamentos transcendentais.

É quando o poeta, guiado solenemente por aqueles a quem classifica como Mestres do Jardim, é conduzido “*à prece e meditação/ abrindo-me os pesados trincos/ dos jardins da compaixão*”. A compaixão, tão recorrentemente perseguida pelo poeta, não é conquista fácil do espírito, mas sim o ponto final de uma travessia do ser, que tem na porta estreita do evangelho cristológico, a sua meta de chegada e o seu alvo de partida para mais novos e arrebatadores voos da alma em direção ao infinito de todas as suas possibilidades.

Rumi, Hegel, Davi são outros personagens que Cassas convoca em seu espólio poético, e com os quais ele interage em sua fascinante e dramática viagem, cujo espaço percorrido é menos o das geografias físicas do que o seu próprio universo interior, céu e abismo do seu ir e vir ao coração misterioso da existência.

Nesse itinerário, o poeta se depara como “*o abismo no corpo/ o vento no rosto/ o inverno nos ossos/ ao fundo do poço/ do grande vazio/ onde rompem-se os véus/ o fundo do nada/ nos braços de Deus*”.

É, enfim, nos braços de Deus que o poeta anela atravessar o que os místicos chamam de “a noite escura da alma”. Livro forte, denso, confessional, autobiográfico e, ao mesmo tempo, universal pelo que

ostenta de comovente humanidade, os **Poemas para Iluminar o Trópico de Câncer** descem, fundo, ao cerne essencial da bifronte condição humana: vocacionada para a eternidade e, diria Ledo Ivo, “*sujeita à injúria de tornar-se pó*”.

Desse livro, eivado de impressionante sinceridade, sai o poeta “*com olhos de epifania*”, certo de que “*só se realiza o ser/ quando o amor vence o poder/ em todas as hierarquias*”. Reitere-se, pois, à guisa de conclusão, que, aqui, Cassas não ergue um muro de lamentações, nem muito menos compõe, com a música da melancolia, um canto-chão elegíaco diante do que se lhe afigura, e a todos nós, o inesperado, o surpreendente, o antialumbramento.

Não. O poeta, como o Nicodemos que espreita o Cristo nas sombras agudas de uma vívida noite palestina, admite que pode nascer de novo, com a semente da fé, a água da purificação, o tesouro da ciência e a vulcânica força da poesia. No limite, a arte poética é encarada como fonte suprema de consolação; morada definitiva de todas as utopias possíveis; habitação do ser; e, por fim, inviolável reduto do último ideal a ser perseguido pelo homem no interior de uma civilização irresistivelmente matizada pelo sentimento da crise.

Em síntese, dir-se-ia que este livro de Cassas, imantado pela ostensiva presença da função catártica da literatura, revive, reafirmando, os esperançosos vetores de quem, conforme o emblemático título de um livro do poeta Tiago de Melo, sabe que “*faz escuro, mas eu canto, porque a manhã vai chegar*”. Cassas, como nos famosos versos de Cecília Meireles, canta “*porque o momento existe/ e minha vida está completa/ não sou alegre nem sou triste/ sou poeta*”.

Poeta que, em **Tao à Milanese**, antenado com a melhor cosmovisão da pós-modernidade, mescla várias dicções, ratificando, desse modo, assumidos processos de hibridização estilística. Ancorada, hegemonicamente, no motivo do caminho, enquanto vetor semântico densamente significativo na configuração da diegese lírica, **Tao à Milanese** reúne, na diversificada coleção de poemas que exhibe, as mais diferentes temáticas, como se o eu lírico que percorre o mundo em sua desconcertante totalidade, portasse uma câmara capaz de flagrar todas as cenas de um cotidiano prenhe de transcendência e cercado de epifanias por todos os lados.

A viagem, a meditação, a música, a palavra, o silêncio, a plenitude, o vazio, a experiência, a regressão ontogenética do eu até as regiões assêmicas da completa inconsciência, a leitura, a ecologia, a beleza, a ciência, a fé, a história, o cotidiano, o amor, e temários outros que se vão agenciando num texto marcado por acendrada ludicidade, tudo vai compondo a imagem de quem se confessa portador de “*uma sede de viver que sangra/ e o trespassa com ígnea espada*”.

Há também, nesse **Tao à Milanese**, gastronomia poética servida, amorosamente, pelo poeta maranhense, a vertente metalinguística, que aciona, na esteira das postulações de Paul Valéry, a alta consciência artesanal de que se reveste o seu ato/processo de criação literária.

Mas, de pronto, advirta-se que a metapoesia a que aludimos nada tem a ver com o ramerrão repetitivo, não raro indigente, de certas aventuras literárias da contemporaneidade. Pensamos, aqui, o auto-centramento da linguagem, naquele sentido mais cultural e ideológico proposto por Alfredo Bosi em seu clássico livro **O Ser e o Tempo da Poesia**. Metalinguagem como canto de resistência do poético, tornado autista e condenado à solidão e à incomunicabilidade em nossos desventurados tempos.

Assim sendo, “*a branca folha quieta/ é meu oráculo predileto*”, confere o poeta, convicto de que “*deus fala através das penas/ as penas através dos temas/ os temas através dos poemas*”. E, de igual modo, de que “*a poesia / a poesia é a melhor psicoterapia*”. Poesia que, conquanto seja, bandeirianamente, alumbramento, oferenda gratuita e achado súbito e quase inconsciente, é, também, luta com as palavras, negaceio, recusa, silêncio indomável e traumática indizibilidade.

No cardápio estético de Cassas, de que **Tao à Milanese** é prato saboroso, a alegria é razão diária contra o tédio, pílula de sanidade e privilegiado antídoto contra as dores do mundo. Com afiado humor, não raro descambando para a tonalidade da sátira, Cassas investe também na crítica social; e no sinal de menos que põe em certos cacoetes intelectuais que não cessam de rondar as paisagens mais charmosas, e certas também, de nossa contemporaneidade.

O culto filosófico ao niilismo, por exemplo, é mostrado por Cassas como um lugar-comum, que, embora sempre alardeado com a força

imperiosa das seduções sensacionalistas, já não comove ninguém. Discorrendo sobre o filósofo dinamarquês Soeren Kierkegaard, France Sarago afirma que em sua obra *“a reflexão intelectual é indissociável de uma atitude espiritual que se inscreve, ela mesma, em uma história privada, não comparável a nenhuma outra, como acontece com todas as existências humanas. Esta vida alimenta sua obra, e isto não nos permite fazer cortes em sua imensa mola, para dela isolar o aspecto propriamente filosófico negligenciando o resto. Seria não somente uma infidelidade imperdoável à pessoa que fala através da obra, a pessoa que se descobre no Diário Íntimo, tesouro inesgotável de reflexões e meditações, de facetas do espírito e orações, onde a sátira e o anedótico vivem lado a lado com a elevação mística ou a meditação filosófica”*.

Tal aguda assertiva, cremos, pode ser aplicada ao universo poético de Luís Augusto Cassas, guardadas, evidentemente, as distinções existentes entre os gêneros discursivos em tela: a filosofia e a poesia. Contudo, o cerne conceitual é o mesmo. Na poesia de Cassas, não há espaço para formas meramente intelectualizadas; para um retoricismo muitas vezes vazio e carente do sabor da vida.

Não queremos, com isso, revalidar a vetusta tese de que literatura é espelho translúcido da vida. Ainda entendemos serem válidas as considerações levadas a cabo pelos formalistas russos no início do século recém-transato. Mas não nos agradam os meros jogos de linguagem sem nenhuma conexão com o rio vital da existência e da realidade efetiva dos homens no palco concreto e impuro da história. Em Cassas, vida e obra dialetizam-se. **Tao à Milanese** é mais um testemunho desse inseparável conúbio entre o humano e o estético.

Ezra Pound conceituou o fenômeno poético como o consórcio dialético entre a música, a imagem e a ideia, as quais, emulando no território concreto das palavras em estado de transfiguração, reinventam o mundo, com especialidade aquele que o poeta carrega dentro de si, desde as suas mais míticas origens. Origens que, de pronto, remetem ao sagrado casulo da família, em cujo cenário a figura da mãe emerge como protagonista maior, energia primal que se irradia sobre tudo e todos, caudalosa e incontornável fonte de todos os afetos, ceia sagrada e pão transcendental que nos alimenta e constitui cada tecido do nosso ser.

Eis o fulcro temático indisfarçável da bela e comovente oferenda lírica que Luís Augusto Cassas constrói para, com ela, imortalizar, com a incendiada e passional força do seu verbo, a imagem da sua mãe, “o sol estrelado/ nas bandejas de café/ sobre as manhãs de linho branco/do ofertório do mundo”. Examinado detidamente, o poema de Luís Augusto Cassas se ergue, inicialmente, como um hino celebrado por uma memória que quer salvar das lajes frias do esquecimento um tempo mais fraterno, no qual os almoços do domingo em família se convertiam em raros banquetes de comunhão entre os que, assentados em torno de uma mesa, mais que a gastronomia farta, fartavam-se de alegria e de um amor visceralmente compartilhado, signo e motivo recorrente em todo o livro, única película de sanidade encontrada pelo poeta para um mundo em franco processo de estilhaçamento de todos os seus valores.

Ceia farta e sem nenhuma restrição aos muitos que dela se acercavam, Míriam, a mãe-mítica-matriarca-múltipla em seu incansável ser/realizar no seio familiar, não hesitava em fazer “das tripas coração” para saciar os anelos dos que, saciados do pão material abundante, lhe reclamavam “ágape”. Ágape esse que se converte na senha primeva e seminal da configuração metafísica do sentido da vida e do ser, sem o qual a existência debilita-se e queda-se, impotente, nas assemias do nada.

Mesclando múltiplas dicções, do coloquialismo mais acendrado à solenidade tonal dotada de fecundo simbolismo, o poema de Cassas é uma espécie de banquete afetivo celebrado com rara pungência, própria de quem, ancorado nos signos e códigos da alimentação, intertexto e discurso estranho da ficção, anseia, com desespero e esperança, estabelecer as pontes existenciais de reencontro com o paraíso perdido da infância, memória mítico-ancestral de todas as vivências do ser.

Aqui, do mesmo modo como já o fizera com o tocante **O Filho Pródigo: um Poema de Luz e Sombra**, Cassas nos dá uma arte poética emergida das nervuras essenciais do seu viver intenso, do seu “saber de experiências feito”, conforme a lapidar sentença do imortal verso camoniano, em tudo avesso à literatura livresca, muitas vezes tão engenhosa e laboratorial quanto desprovida do indispensável sabor de vida, que todos buscamos na coreografia das palavras estabelecidas no polissêmico e simbólico território textual.

Se “a poesia é o coração desfeito em tiras”, de acordo com o comovido dizer do grande poeta português Antonio Nobre, em **A Ceia Sagrada de Míriam — Oferenda Lírica**, Cassas revela-nos, sem disfarces, o coração impregnado de um desmedido afeto por aquela que antevê como a “*presença do eterno feminino em nós*”. Música de reencontro, imagem de amor pluralmente revelado e confessional conceito de utopia mais perseguida, a da mãe com os seus incontornáveis mistérios, a oferenda lírica construída por Cassas, e protagonizada pela Ceia Sagrada de Míriam, é nostalgia profunda do espírito, presentificação perene do passado e memória definitiva daquilo que todos nós gostaríamos que fosse eterno: a mãe, sobretudo porque, com Carlos Drummond de Andrade aprendemos que “*Mãe não tem limite/é tempo sem hora/luz que não apaga/quando sopra o vento/e chuva desaba/veludo escondido/na pele enrugada/água pura/ar puro/puro pensamento*”.

Comedor de adversidades e cultivador incansável do signo da esperança, Cassas, conforme já dito, é o poeta da luz e da sombra; e, certamente, foi dessa clivagem dolorosa que ele se nutriu para compor a Oferenda Lírica dedicada à sua mãe, subitamente visitada pelo mal de alzheimer, que, como o próprio poeta sinalizou, a fez submergir “*no escuro silêncio do implícito e do inconcluso*”.

Mas, na contramão dessa história matizada pelo sentimento do susto, da surpresa e do sofrimento, **A Ceia Sagrada de Míriam** se impõe pela luminosidade, pela força da palavra e pela dimensão afetiva de uma confissão amorosa com a qual o poeta intentou, e conseguiu imortalizar a emérita figura de sua mãe, protagonista principal da sua Lírica Oferenda.

Sem romantismos ingênuos, mas sabendo captar, sem acidez, e com acendrado realismo, os aspectos mais dramáticos da existência, Cassas, com invulgar lucidez, indaga: “*Que é a vida senão morder/os lábios o amor as frutas/conjugar ser e haver/até verter a cicuta?*”

Flagro no realismo de Cassas a ausência da acidez niilista diante da dor, porque do acre veneno de que a vida está impregnada em todas suas instâncias, ele soube extrair, prodigamente, o mel da poesia, o sonho da arte e a utopia da literatura, sem os quais a existência não passaria de uma vil caricatura e uma grotesca negação de si mesma.

Da **Ceia Sagrada de Miriam** rumamos, na travessia final dessa hermenêutica que, ambiciosamente, pretendeu acercar-se de todo o espólio poético do notável poeta maranhense, para sua obra final **O Livro** (composto de duas unidade líricas: **O Sentido (Relatos da Fumaça do Incenso)** e **O Paraíso Reencontrado**, espécie de testamento derradeiro de quem, tendo passado a vida inteira num ininterrupto e apaixonado corpo a corpo com a poesia, logra o fechamento de um ciclo pleno em si mesmo, marcado, em todo o seu ir e vir, pelo assumidamente escorregadio signo da dialética.

Poeta da luz e da sombra, do charco e da estrela, da ilha e do cosmo, do grito e do sussurro, da transgressão e da contrição, da transcendência e da imanência, Cassas, ao longo de todo o seu ato/processo de criação literária, perseguiu, sempre, a construção de um projeto estético de natureza epistemologicamente holística, capaz de demolir barreiras e erigir pontes entre os mais variados campos do conhecimento, no encaço obstinado de perceber o sentido de tudo, daquilo que livra a história dos homens de ser a acabada metáfora do mais ontológico vazio, e a existência de cada personagem que a habita, de se converter em um mero lance de dados, completamente despido de *teleologia*.

Cassas reafirma, no seu livro final, a verdade, a sua verdade mais íntima e inarrancável, segundo a qual, o sentido último de tudo radica no reencontro do homem com a sua visceral materialidade, com o seu indesejável terrenalismo, com a sua profunda e intransferível vocação para a humanidade, na qual se oculta e se revela a semente divina adormecida em suas entranhas.

Adormecida e acordável para quem, voltando-se para a interioridade, logra abrir-se para a alteridade, atingindo, desse modo, o tão anelado e adiado gesto de comunhão universal. Nesse itinerário luminoso, há, diria Drummond, pedras espalhadas pelo caminho, e o espreitar da sombra que eclipsa a estrada parece eternizar a noite e transportar para um distante e quase inatingível amanhã, a aurora de plenitude pela qual anelam todos os homens.

Contudo, a despeito das interdições históricas que pairam sobre a acidentada peripécia humana, o poeta resiste; e o faz com a chama da poesia e o fogo do amor, senha única para a reconquista do paraíso per-

dido, chave indisputável para o alcance da verdadeira sabedoria, fora da qual o que existe é acúmulo egótico de conhecimentos vazios que para nada mais servem, senão para ratificar o homem na predatória e caricatural condição de lobo de si mesmo.

Em acendrada postura confessional, o poeta maranhense sentenciou: “*entre silêncio e ruído/desço à morada do fogo interior/onde arde/a chama do amor/no mistério de tudo*”. Vê-se aqui, claramente, que é o amor a semente sacral a arder nas profundezas do ser interior do poeta, fazendo explodir, em seguida, o mistério de todas as coisas e, ao mesmo tempo, a revelação definitiva da essência de tudo.

Noutro momento, tocado pela mesma compreensão da realidade mais vertical do ser, o poeta afirma: “*por enquanto da vida/só captamos os ruídos/mas o verdadeiro sentido/será definitivo/quando o que clama/desde Jerusalém/irromper-nos à alma/com o seu amém*”.

Em suma: o motivo do amor, sobremaneira recorrente em **O Livro (O Sentido: Relatos da Fumaça do Incenso)** e **O Paraíso Reencontrado**, é o que confere à cosmovisão do poeta as dimensões mais ostensivamente visíveis da sua seminal substancialidade. Basta ver o poema *A Chegada da Luz*, para se perceber, com nitidez, o ontológico mergulho que o poeta dá no difícil e necessário temário amoroso, equivalente, no âmago da sua criação, ao que ele julga ser a verdade última e definitiva do ser.

Eis aqui, diriam os críticos afeitos às leituras de cariz estilístico, o centro espiritual dos aludidos livros de Luís Augusto Cassas. Fruto de uma longa e visceralmente atávica convivência com a poesia, o inquieto e criativo poeta da Ilha de São Luís e do cósmico continente de todas as geografias e universos humanos, bem poderia gritar, tal qual um apocalíptico profeta do tempo novo pelo qual todos anelamos: “*A poesia sou eu*”, sem que isso traduzisse qualquer ranço egocêntrico ou similar, mas apenas a confissão de um relacionamento pelo qual toda a sua vida foi pautada.

A **Poesia Reunida** de Luís Augusto Cassas, em boa hora colocada no mercado editorial brasileiro, para alegria dos que amam a boa literatura, é um merecido reconhecimento a quem, diria Machado de Assis, tem feito da arte da palavra a sua segunda alma. É, também, um gesto

de consagração a quem, drummondianamente, portando apenas duas mãos, carrega consigo o sentimento do mundo e busca, com loucura, paixão e beleza, atingir “*a síntese cosmogônica de tudo*”.

José Mário da Silva

**REPÚBLICA DOS BECOS
(1981)**

PENSÃO

Habitam comigo há anos
no quarto escuro de mim
dividindo o aluguel
destas trinta e três vértebras
(usando o mesmo banheiro
prato talher e cadeira
palitando os seus molares
logo após a sobremesa)
um estudante de Letras;
um boêmio que recita
Lorca; um funcionário público
que sofre dores nos rins;
um cozinheiro que frita
ovos às três da manhã;
um advogado que no fórum
advoga o imundo do mundo;
um conquistador barato
sem lábia e brilhantina;
e um poeta de esquina
que por vergonha do ofício
não quer se ver declamado
em reuniões sociais

DIÁRIO DE UMA GUERRILHA (Autobiografia de um Guerrilheiro)

I

O sol despenca (violento
como uma bota) nos paralelepípedos

Acordo Passo em revista
a cama
a mobília
o guarda-roupa
(objetos inanimados
agora
redimidos
pelo toque da manhã)

Os olhos no espelho
(dois prisioneiros)
interrogam-me:
Estarei pronto?

(A zoadada da água do chuveiro:
rajada de metralhadora
no corpo A xícara
de café preto
desabrochando no verão da mesa
A Santa Ceia: o trigo solitário
que colho com as mãos)

O relógio: 08h45m

Estou pronto

Apanho a maleta de couro
Verifico as ferramentas de trabalho:
minhas armas

(aceno
para os filhos
no retrato)

Desço
a
escada
e chego
à
rua

II

Um pelotão de transeuntes
marcha desritmado
na cadência da manhã Espiões?
Buganvílias apontam-me fuzis
entrincheiradas nas cercas Binóculos
observam-me através das vidraças
Olhos delatores giram
(como chaves) nas fechaduras
Estarei sendo seguido?
Bem que o meu horóscopo
previu dificuldades:
Mercúrio conjunção Saturno

Estou no inferno zodiacal

09h15m

III

Com esta barba e bigodes negros
cabelos repartidos ao meio
gravata francesa no pescoço
óculos *ray-ban* nos olhos
quilos a mais no abdômen
creio não me reconheceriam

Ainda mais a maleta de couro
processos da repartição
esse ar pequeno-burguês
(disfarces de burocrata)

Providência 1:

Afundo o rosto na gola

Providência 2:

Apresso o passo no sapato

Providência 3:

Altero o itinerário

tomo um coletivo

E zás

com a velocidade

de uma bala

atravessando

um corpo

disparo

— projétil humano —

rumo

à

cidade

IV

Para evitar dúvidas

e más interpretações

permitam-me que me apresente:

pertenço ao MPL*

movimento de extrema-esquerda

treinado em combate de selvas

mais em guerrilha urbana

* Movimento Poesia e Liberdade.

28 anos de idade
Signo de Peixes
Sinais particulares:
cicatrizes no corpo
arranhões na alma
No meu *curriculum vitae*
consta:
adestrado em armas
perito em explosivos
resistente a torturas
Além disso
sei escalar edifícios
(e até corações)
enxergo no escuro
— também em dúbia claridade —
e passo dias sem comer
alimentando-me de relva

Minha causa?
a da humanidade

Minha ideologia?
liberdade
fraternidade
igualdade

Por discricção
não digo mais nada

que todo cuidado é pouco
em dias de crise:
e quem me garante
não haver microfones instalados
em seu abajur lilás?

V

No ônibus
ouço a conversa do pessoal:
hamletianos urbanos
(palavras palavras palavras)
Uns vendem sabonete
Outros letras de câmbio
Uns são ascensoristas/marxistas
Outros gigolôs públicos
Mas os mercadores de consciência
não viajam em coletivos
estão lá fora
sei onde

Quando penso neles
o maxilar se contrai
as pupilas se dilatam
a pulsação aumenta
dispara o coração
— então me transformo —
viro justiceiro
a espada do Anjo Vingador
Batman Robin Tex Willer
Flash Gordon Cavaleiro Negro
d'Artagnan Lampião Dom
Hélder Câmara Hemingway
Maiakovski Lorca Neruda
Cardenal Ernesto Che
Guevara
Zorro
Aiôô Silver
Avante!
e armado até os dentes
(com nitroglicerina
ou amor)

destruo a injustiça
a fome e a prepotência
na rua
assim como São Jorge
destruiu o dragão da maldade
na lua

Essas as credenciais
que entrego ao povo
(que por sinal
ainda não as vê)
Acalmo-me

VI

Adiante é a cidade:
arranha-céus e *subways*
Deixo o corpo saltar
numa parada Sigo com ele
Gotas de suor
brotando das têmporas
Medo? Não Calor
Um banco de praça
convida-me a sentar:
“— *oh thank you my friend!*”
(Raiva dos senhores do mundo
que fazem da ONU
seu escritório comercial
para vender a crediário
o seu estoque de bombas)

12h

Tenho sede muita sede
desde menino adolescente

estudante desportista
muita sede

Água mineral mate
soda suco chope
água de coco
água de bilha
sorvete da Kibon
muita sede

Tenho sede muita sede
muita sede de justiça
a saciar
a garganta está seca:
não posso falhar

VII

De noite
os grilos do peitoral
saúdam-me
quando chego
à pensão
onde (secretamente)
passo por humilde funcionário público
Estou cansado:
barba por fazer
ideias e corpo a descansar
Inquilinos sugerem-me férias
Explico da impossibilidade:
mais processos a despachar
Tranco-me no quarto
Tiro os sapatos
Apanho uma lata de cerveja

na geladeira (Lembro Balzac:
ah ah A Comédia Humana)
e afundo-me na poltrona
No televisor

o locutor do telejornal comenta:

“... que toda a polícia do país *tom de locutor
da Globo*

está à procura de um louco
que no período de uma semana

1) Incendiou uma agência
do Banco do Brasil
depois distribuiu o dinheiro aos mendigos

2) Sequestrou o Embaixador
de um país capitalista
e exigiu resgate: a retirada
de suas tropas e tanques
de um país subdesenvolvido

3) Saqueou um supermercado
e repartiu as mercadorias
com os favelados”

Desligo a TV Tomo um gole
A consciência do dever cumprido
(igual à de um governante
em final de mandato)
percorre-me o corpo: gosto
de cerveja e vitória nos lábios
Mas súbito
policiais invadem-me o quarto
agarram-me pela goela
trancafiam-me num xadrez imundo

onde sou processado
por crime contra a segurança nacional
E condenado solenemente
à prisão perpétua
sou levado a ferros
a Fernando de Noronha
de onde escapo
ferido e constringido
mas vivo

VIII
Amanhã
anti-herói
reiniciarei à margem
da sociedade e da ordem
a minha obra
inacabada

QUADRO COMPLETO DA NOITE

os postes
de cimento armado
arqueados
sobre a rua (lua)
parecem
costelas de concreto
asfixiando
o pulmão canceroso
da madrugada

(um cachorro ladra)

procissão de sombras
socos no escuro
gatos homossexuais
automóveis descansando
choros de crianças
azulejos
vaga-lumes
ladeiras
apitos

(um galo canta)

no chão:
lágrimas hidráulicas
saltam
das órbitas dos esgotos
e levam
estrelas e ratos
pela sarjeta
(amanhece)

CONFITEOR
(para ser repetido 3 vezes)

por Tua culpa:
existem cegos
aleijados
órfãos
e bombas

por Tua culpa:
existem barreiras
fronteiras
trincheiras
e vietnãs

por Tua culpa:
perdemos a renúncia
a fala
a vergonha
a fé
(mas ganhamos cidadania)

por Tua culpa:
crianças são fuziladas em My Lai

o ser apodrece em Biafra
presidentes são assassinados nos EUA
ônibus explodem nos viadutos

por Tua culpa:
a flor se oxida
o carbono se corrói
a paz é mutilada
o silêncio é atomizado

por Tua culpa:
bombas explodem nos meridianos
ditadores se suicidam
diplomatas são sequestrados
uma estrela se apaga

por Tua culpa:
a terra tem novo dono
os trustes têm nossa fé
e Hiroshima e Nagasaki
foram apagadas do mapa

por Tua culpa
por Tua culpa
por Tua máxima culpa!

ACALANTO

Mãe quando a senhora me embalar
(como fazia quando criança)
peço por favor imploro de joelhos
não seja indiscreta como toda mãe é

Pergunte pelo meu lirismo meu alcoolismo
minhas rugas e rugas
indague por tudo:
menos pelo hábito de roer unhas
(Isso não posso lhe responder)
Pode ser apenas o sentimento antropofágico
a solidão onicofágica
de ver tantas crianças pobres
roerem como bichos detritos de latas de lixo
e minha mãe eu não poder fazer nada
absolutamente nada
(Por essa razão minha mãe
não pergunte pelo meu hábito de roer unhas)
Esqueça tudo isso
Fale de brinquedos da cartucheira de *cowboy*
balanço gangorras e sorvete de chocolate
até de Flash Gordon e de pudim de macaxeira
Agora peço somente à senhora
que me embale
Que eu quero dormir... dormir...
E esqueça por favor o resto
Principalmente as minhas unhas
Deixe-as como estão

ROLETA-PAULISTA

I

A estrada que interliga
a Terra ao Céu
já foi inaugurada
(confidenciou-me esta semana
um anjo de guarda)

Destina-se a acelerar a circulação das almas
almas penadas arrependidas desgarradas
todas penitenciadas
que querem voar pra Deus
e por descuido do Eterno
quase iam parar no Inferno

II

É via preferencial
construída com cuidado
pra bloquear o pecado
(risco de contaminar o céu)
Por isso caros amigos
para prevenir todo mal
em todo o percurso da estrada
anjos arcanjos
serafins e querubins
montam guarda

III

Quando eu morrer
também quero que a minha alma
— assim como todas as outras almas —
siga por essa estrada
Mas como não sei pedir perdão
esqueci o ato de contrição
e não quero jogar palitos
com um exército de aflitos
arrisco uma louca penitência:
acelero o carro a toda velocidade
e vou desrespeitando os silvos
cortando os sinais vermelhos
todas as placas de advertência

IV

É a única probabilidade
de chegar à Eternidade

COMPROMISSO

a Bandeira Tribuzi

1

Tenho um encontro marcado
às seis horas da tarde
na avenida Beira-Mar

E não posso faltar

Não é para salvar o mundo
combater a solidão
que fui convocado

nem para esperar algum barco
salvar um amigo em naufrágio
que fui convidado

O motivo do compromisso
não digo a vocês — é secreto —
garanto não é político
juro não é romântico
aposto seja econômico

Sei apenas que às seis horas da tarde
tenho um encontro marcado
na avenida Beira-Mar

E não posso faltar

2

Fosse convidado a presidir
uma reunião da ONU
sobre direitos humanos
não compareceria

Fosse passear no bosque
com a Branca de Neve
me atrasaria

Fosse o que fosse
decolar pra Bangkok
fugir pra Bahia
casar com Teresa
transar com a Maria
passar férias em Marte
depor a favor da arte
tocar fogo na Academia

Hoje eu não iria

Porque não posso faltar
a um encontro marcado
às seis horas da tarde
na avenida Beira-Mar

3

Que eu não posso faltar
diz minha moral burguesa:

eu não posso faltar
diz o código de honra
eu não posso faltar
diz o relógio de pulso

eu não posso faltar
dizem o protocolo e o livro de ponto
eu não posso faltar
grita bem alto a minha consciência:

Não posso faltar
Não posso faltar
Não posso faltar

Não posso faltar

Desejo de saber o porquê
dos horizontes imperscrutáveis
dos vínculos indissolúveis
das filas intermináveis
dos alcoólatras irrecuperáveis
dos rostos indecifráveis
das mulheres insaciáveis
dos amores incontrolláveis
dos conflitos irreversíveis
dos cumes inatingíveis
das ideias irreconciliáveis
dos poderes irrevogáveis
dos padrões inconspicíveis
e depois de tudo
perguntar:
por que não posso faltar?

Vontade de tomar o trem da Refesa
o primeiro que sair da estação ferroviária
e partir rumo ao ar puro de Perizes
saber como vão as garças as marrecas as seriemas
(— bom dia, senhoritas!)
e depois seguir até o final da linha
só para poder faltar
a esse compromisso

Vontade de seguir no barco
que segue para Alcântara.....

Vontade de caçar jaçanãs
em São Bento...
Só retornar...

Vontade de seguir
o primeiro impulso:
cortar os pulsos
deixar o sangue jorrar
só pra conhecer o fator rh

E por imposição do morto
imposição testamentária do morto
meu corpo cheirando a perfume francês
a rosas vermelhas e lágrimas de saudade
seguiria triunfalmente
(os olhos abertos)
pelas ruas da cidade

Na programação
uma modificação:
o trajeto do enterro vai se desviar
E pontualmente
às seis horas da tarde
britanicamente
às seis horas da tarde
o morto passaria na avenida Beira-Mar

Não para desmarcar o encontro
não para se justificar

Apenas senhores
para ver o mar

MULHER EM GESTAÇÃO

(em memória de uma criança proletária)

1

A mulher está crescendo
para os lados como um rio
como uma fonte
Talvez como o próprio silêncio
que a enche com seu oxigênio
suas células de miséria
A mulher está ficando
diferente os seios estéreis
vão crescendo
crescendo
na expectativa da
espera
Sua saliva tornou-se
pastosa grudenta e seu amor
é igual a sua própria saliva
(Nos tornozelos inchados
ela mede os quilômetros
da dor que esmaga nos pés
feridos)

2

Já a vejo descer
do seu subúrbio
pobre todas as
manhãs
em seu vestido
roto e simples
de mulher proletária

(de mulher operária)
o ventre multiplicado
pela oitava vez
o olhar pesado
veias deformadas
o passo medido/cuidadoso
como se levasse
à cabeça algum
pote de barro
E seu corpo cansado
se prepara para iniciar
a travessia do dia
a longa travessia da vida
que ela compra à prestação
descontando do ordenado:
as migalhas do
seu sorriso
o pedaço da
sua fome
o câncer do
seu pão

3

São oito horas na fábrica
quando ela retorna ao
trabalho para reassumir
o ofício
As máquinas
vão acelerando o som
explodindo
ritmos
na sua cadência mecânica
E no seu compasso histérico

de válvulas compressoras
devolve ao seu olhar vazio
a imagem vermelha quebrada
(o sangue cheirando a óleo
o óleo cheirando a dor)
do braço do seu marido
de nome João da Silva
funcionário aposentado
de uma fábrica falida
pai de sete filhos
menores
e de muitas dívidas
morador na avenida Kennedy
em uma rua sem nome
em uma casa sem nº
A mulher sente
uma dor imensa no
vazio do estômago
(Parece que as suas
células se reproduziram)
Quer chorar? não consegue
(há muito as torneiras
da sua tristeza secaram)
Quer gritar? (o grito
fica esmagado na saliva)
— E assim continua (a) manhã
com o seu pulmão de aço
aspirando com os brônquios
somente o que necessita
expelindo para o mundo
o nitrogênio que a habita
pra manter a respiração
da engrenagem da Vida

Ao meio-dia a cidade
explode em centenas
de bocas
É a hora do almoço:
homens de todas as cores
se comprimem
nos bares / restaurantes
Alguns vão dependurados
nos coletivos no aconchego
dos corpos suados
(a camisa aberta a gravata
na mão pensando
na galinha assada
no arroz com feijão)
Outros tomam o carro
moderno e vão para a
confortável casa onde
recebem antes do banquete
o educado amor da esposa
elegantemente embrulhado
com batom
Mas para a mulher
não existe a alegria da chegada:
o riso a carícia o beijo
dos sujos lábios
do marido em sua ternura
anti-higiênica
Nem a certeza da espera
dos filhos doentes
e tristes
com a fome crescendo-lhes
o ventre o olhar
Alunos do verme e analfabetismo
futuros portadores de delinquência

Em sua infinita ignorância
também desconhece: modas
ideologias anticoncepcionais
palavras que ouviu conversadas
numa conversa de esquina
e que se as conhecesse
talvez lhe mudasse o destino
Crê apenas em um Cristo
sujo e enferrujado
que encontrou numa calçada
e que conserva guardado
entre os seios suados

5

E assim:

depois de esperar o ônibus
que não vem todos os dias

depois de esperar o aumento
que não vem durante a vida

depois de atravessar uma ponte
sobre a lama construída

(com o esperma fecundando
as forças de sua barriga)

ela chega em sua casa
com goteira sem mobília

onde em silêncio dividem
com as mãos e os olhares
sempre a mesma comida

(Já o calendário dos dias
se desfolha dos seus santos:
tadeus joões são josés
vão caindo das paredes
escorrendo pelo tempo)

E a cada sol que se põe
na lama com os caranguejos
a miséria e os mosquitos
— fica um crepúsculo
na lembrança da mulher

E a cada casa incendiada
e a cada casa construída
e a cada casa destruída
— fica um espaço edificado
no olhar da mulher

E a cada hora que passa
nos catálogos nos relógios
ou na janela de seu trabalho
— ficam centímetros do tempo
no vestido da mulher

E a mulher vai se tornando
mais pálida da cor do silêncio
e os embrionários minutos
dos relógios se vão comprimindo
na barriga da mulher e
lhe vão fabricando outras
células

E seu corpo já está
no sexto mês de gestação
(a multidão quando a vê
lhe abre passagem)

E sua tristeza já está
no sétimo mês de produção
(todas as noites
reza três ave-marias)

E suas células já estão
no oitavo mês de multiplicação
(na fábrica recebe do patrão
meio-salário adiantado)

6

São sete horas da noite
são sete horas na ilha
São sete lâmpadas acesas
na escuridão da avenida
(e a mulher continua...)
São vários dias perdidos:
— na ficha dos consultórios
— nos bancos do hospital
— nos arquivos da previdência
(... a andar; a andar...)
São sete bocas famintas
mastigando sua lembrança
de volta impresentida
(... dentro da ilha)
São milhares de perigos
e apenas uma esperança
(que por si própria
já se fez cansaço)
A mulher está ficando
triste
(redescobriu a tristeza)
Olha para os automóveis
que passam

(sede de novos caminhos)
Para os namorados que passam
(fome de novos beijos)
indiferentes e iluminados
em sua rotina mecânica
de saliva e gasolina

Para os operários que
voltam cansados do seu
trabalho:
com o seu salário de fome
tão pequeno que cabe
dentro da mão fechada
e sente
(sente)
que foi inútil
toda a sua dor particular
toda a sua vontade coletiva
de querer povoar o Mundo

E enquanto a noite cresce
na fome dos ponteiros dos relógios
E enquanto sua barriga
cresce
cresce
cresce
cresce
também seu desejo de morrer

E no entanto
debaixo do seu vestido
do seu ventre seco
e inchado há uma
criança que quer
nascer

ZOOLOGICAMENTE

Se um dia (por velhice metálica do trinco
ou descuido manual do faxineiro)
o portão de ferro da minha jaula se abrir
verás a fera que eu sou
e tenho guardada há séculos dentro de mim
Saltarei felinamente em cima de ti
como o mais selvagem dos animais
(Animal louco ferido encurralado)
Meus dentes afiados em tua jugular
Minhas garras em teu coração
Tentarás fugir Te alcançarei
Gritarás por socorro Não te ouvirão
Rasgarei inicialmente teu vestido vermelho
o sutiã e tua calcinha branca
até ficares completamente despida
(e entendas por que faço isto)
Depois lamberei todo o teu corpo
seios pernas coxas ventre boca
e te estraçalharei pedaço por pedaço
até não ouvir mais a batida do teu coração
e sentir gosto de sangue e vitória em minha boca
De tarde esperarei pacientemente os urubus
que virão buscar as tuas vísceras
E tudo isso (quero que saibas)
apenas porque jogaste amendoim
na jaula de outros animais

IMPROVISO DE OTÁVIO VIEIRA PASSOS

(ex-médico, ex-parente e eterno amigo)

Na noite de 12 de janeiro de 1971 a Morte entrou na sala disfarçada na voz do radioamador Ainda quis ensaiar uma risadinha tétrica mas resolveu logo transmitir a notícia:

— “Otávio não virá mais!”

De repente o Medo desabou sobre os nossos rostos percorrendo as nossas faces com seus dedos frios; o gás lacrimogêneo da tristeza infiltrou-se em nossos olhos fazendo-nos chover todos os sentimentos

Já não o veríamos mais Já não o tocaríamos nem ouviríamos a sua gargalhada

Por um instante refizemos o rosto do Morto o nariz do Morto o sorriso do Morto

e nos lembramos que:

Ainda ontem
ele existia
na ladeira de Santa Teresa
no bairro da mesma santa

Ainda ontem
tomou o Fátima — Mauá
e foi passear na Cinelândia:
parou numa feira de livros
numa loja de roupas
e comprou um terno novo

Ainda ontem
em seu passo firme e forte
foi ao supermercado da esquina
e comprou um frango
para o almoço

Ainda ontem
foi visto na sessão das quatro
de um cinema qualquer
sentou-se na primeira fila
e como o filme era monótono
retirou-se antes de terminar

Ainda ontem
receitou o paciente cardíaco
a menina com poliomielite
e entrou numa farmácia
para conferir o peso:
“80 quilos exatos”

Ainda ontem
(atrás dos seus óculos grossos)
leu o novo livro de Sartre
e remeteu-me por um parente
Os poetas portugueses modernos

Ainda ontem
pagou a prestação
do apartamento em Botafogo
ouviu um jogo de futebol
bebeu torceu brigou
tirou a pressão arterial
e concluiu “que ainda viveria
alguns anos”

(Ainda me lembro das suas conversas dos cigarros LM quei-
mando-lhes os dedos; do vinho aos sábados do cuxá de que tanto gos-
tava; do seu olhar notívago desvirginando as madrugadas; sua literatura
sua solidão)

— Ainda ontem
tu existias na ladeira
de Santa Teresa

E hoje que teu corpo não pesa em carne e ideia apenas na memória retornas através da imaginação deixando na sala da lembrança de todos os que te conheceram um bafo de incompreensão e arrependimento e um cheiro enorme de tristeza e de saudade

POEMA

1

Precisamos fabricar
uma nova fórmula para a poesia:
venham os cientistas do Mundo inteiro!
uma nova fórmula (abaixo a alquimia)
que seja imune à radioatividade
e tenha aceitação no mercado astroeconômico
durante os próximos 300 anos-luz

Não queremos a $E = mc^2$ de Einstein
nem a química palavra de Cristo
que multiplicou pães e liberdade
mas não foi suficientemente profeta
para saber que em certa época
o trigo e a fé acabariam
Queremos algo que perdure
como o som e as estrelas
o racismo e a guerra
o preceito e o não

Basta de teorias epidérmicas
soluções antitérmicas
equações cibernéticas
operações estéticas
bases poéticas
e inovações inéditas
sem ineditismo algum

(Os poetas andam cada vez mais
enfasiados de sua profissão:
leem durante anos e anos
fazem os versos cinco horas por noite
matam o avô a religião a namorada
gastam 20 canetas oito tinteiros
estragam 100 blocos de papel
e no final
são lidos em um minuto
porque o Mundo aprendeu leitura dinâmica)

2

Já cantamos Terra Lua argonautas astronautas
sofrimento signos eras planícies
Já cantamos futuro (futuro do presente)
mitologias bombas pílulas câncer
Todos os mistérios se dissolveram na evolução
Todos os mistérios — hoje numeráveis —
Há dias em que olhamos da vidraça para a rua
e vemos o funcionário público
(o funcionário já cantado)
o padre e o demônio
(a religião já cantada)
a gula e a luxúria
(o pecado já cantado)
o homossexual e a pílula
(a bomba também já cantada)

a palavra e a pintura
(a arte já cantada)
a praça e a flor
(e o canteiro já plantado)
a onicofagia e a sífilis
(a doença já cantada)
o lisol e o formol
(a ciência já cantada)
o físsil e o fóssil
(a pré-história decantada)
o edifício ultrapanorâmico
(a tecnologia já cantada)
e temos vontade que aconteça algo novo:
algo que nos arranque definitivamente
do tédio

Já existem pastilhas para
apatias sentimentais
e corações novos
para os sem-amor
Trocam-se olhos
(mesmo que não haja visão)
e detetizam-se os dentes
contra a cárie

As cifras arrebentaram os cofres
e a vida virou um cafre
sem que nenhum computador a decifre
Cérebro eletrônico você
que coleciona em sua mente
segredos do passado e do presente
acaso poderia responder:
— quando acabará a guerra no Vietnã?
— quanta será nossa produção de bananas?
— quantos poetas existirão em 3004?
— o que é encicogolamia?
— que causa servirá de causa à 3ª Guerra?

Precisamos fabricar
 uma nova fórmula para a poesia:
 depressa cientistas! depressa poetas!
 descubram a fórmula! queremos a fórmula!
 aproxima-se um meteoro contra a Terra!
 Baterias antiaéreas — atenção!
 Crianças sidéreas — cuidado!
 Aproxima-se o fim da Idades
 Aproxima-se o fim do Mundo!
 Fugam depressa para a 4ª dimensão:
 e se não tiverem muita bagagem
 para levar
 salvem a Poesia
 a branca menina de olhos pintados
 ainda em sopro e combustão!

UM CORPO QUE CAI

Se um dia resolver me atirar
 do restaurante do 9º andar do Edifício BEM
 não culpem os amigos
 a demora do garçom
 (Afinal de contas o garçom
 nunca chegou atrasado para a minha sede)
 Nem reclamem os parentes
 o excesso de gergelim no cuxá
 a colherada de *ketchup* no estrogonofe
 que o cozinheiro
 por excesso de zelo exagerasse
 na conta do tempero

Se um dia resolver me atirar
do restaurante do 9º andar do Edifício BEM
não digam nunca por favor
que caí com medo das alturas
(Com desejo tão vão
o que eu ia dizer no céu?)
Tampouco creditem o desejo de atirar
o corpo (e talvez a alma)
do 9º andar do Edifício BEM
apenas porque o elevador estava repleto:
e eu possesso e inquieto
de não saber esperar as coisas
tivesse subitamente descoberto lá embaixo
os automóveis mais fascinantes
e faiscantes que a própria vida
Não digam isso por favor:
ficará horrível para os meus antepassados?!
Se um dia resolver me atirar
do terraço do 9º andar do Edifício BEM
peço encarecidamente a todos os conhecidos:
pai mãe avô e namorada
amigo de infância e amigo da onça
que não culpem a Cidade:
a Cidade de São Luís Rei de França
de La Touches e La Ravardières
que (às vezes) por constrangimento geográfico
ilha as pessoas em seu desejo de (a)mar
Também não quero zoada de lágrima
batendo em lenço branco
se um dia resolver me atirar
do 9º andar do Edifício BEM
Nem a presença especulatória de detetives
na minha missa de sétimo dia

metendo os narizes nas promissórias do meu passado
ante a perspectiva — até fascinante —
de que me suicidei por causa dos credores
(minha dívida
sempre foi para comigo mesmo
morto eu: morta a dívida)
Se um dia resolver me atirar
do restaurante do 9º andar do Edifício BEM
peço não digam nada a ninguém
Mas se em não contendo a língua resolverem
falar digam apenas:
ele desejava colher na noite a estrela mais bonita
e seu corpo se despedaçou sobre os sobradões

CONFESSIONÁRIO DA SÉ

I

Confessionário da Sé!
Consultório de madeira
sem tapete e ar-condicionado
onde um homem de batina
clínica e diagnóstica com calma
(com lei delegada por Deus
e referendada por Cristo)
— não o eletroencefalograma —
mas a doença da alma;
e receita com bondade
o antídoto do pecado:
o remédio do perdão

II

Confessionário da Sé!
Hospital religioso
laboratório da fé!
Genuflexório do corpo
onde a alma se ajoelha
pra reaprender a lição
de que pecado se desconta
até setenta sete vezes
no banco da compreensão
(Recebendo o pecador no troco
a moeda do perdão)

III

Confessionário da Sé!
Ambulatório da alma
sempre em estado de graça
e onde a palavra de Cristo
é medicada ao aflito:
(ao homem descrente —
receita a fé de Abraão
ao rebelde —
a obediência de Isaac
ao mentiroso —
a inocência de Jacó
ao impaciente —
a paciência de Jó
ao injusto —
a justiça de Salomão
ao fraco —
a coragem de Sansão
e aos eternamente sujos
banhar-se no Rio Jordão)

IV

Confessionário da Sé!
Ouvido atento de Deus
discreto ouvido da fé!
Onde se ajoelham contritos
na qualidade de réu
o Tribunal de Aflitos
o temeroso e o menino
o juiz e o assassino
o deputado e o senador
a prostituta e a mulher de véu
pra absolver-se ao Senhor!

E

quantos pecados ouvidos
quantos segredos guardados
quantas blasfêmias e gritos
quantos lamentos sepultados
Confessionário da Sé!

E

quantos maridos traídos
quantas queixas gemidas
quantos excomungados
quantas almas perdidas
Confessionário da Sé!

V

Confessionário da Sé!
Consultório da Igreja
rústico e maltratado
hoje quase abandonado
pela clientela do perdão

E apesar do peso
de todos os pecados
ainda te conservas de pé
firme e forte em tua fé!

DEO GRATIAS

I

Os aleijados da Igreja do Carmo
estão pedindo audiência a Deus:
queixam-se da falta de braços pés da idade
da escadaria da concorrência de outros mendigos
da incompreensão pecuniária dos fiéis
da falta de promessas a São Benedito
do descrédito da imagem dos humildes
Já encaminharam carta ao padre
ao frade ao bispo ao arcebispo
solicitando providências urgentes:
maior participação na renda dos óbolos
tratamento paritário ao dos santos
e outras reivindicações básicas
de interesse da classe

II

Ontem Dom João José da Mota e Albuquerque
proferiu belo sermão na missa das oito
no altar-mor da Igreja da Sé
Ele recebeu mensagem do Pai Celestial
que manda dizer
que encaminhou o assunto a São Lázaro
que o seu Reino não é deste Mundo

e aguardarem mais um pouco
na escadaria do Carmo
Mas prometeu tão logo cheguem ao céu
trocar suas muletas por asas

COMPANHIA DE SEGUROS

Quando os sóis poentes desaparecerem dos meus olhos
Maria Rita
deixarei para ti bens valiosos que sustentarão
a tua velhice e o teu excessivo apego
por tudo que seja ouro:
colares brincos pulseiras anéis
Não ficarás desamparada
como a Fonte do Ribeirão e Alcântara
ou as viúvas de respeitadas vates provincianas
sem pensão

Deixarei para ti os crepúsculos de São Luís
Os crepúsculos do Portinho Remédios
Vinhais
Praça João Lisboa Beira-Mar Monte Castelo
Rua da Paz Rua do Sol Beco Escuro
Praia Grande
Todos eles
Até o que se escondeu sorrateiro num mirante
da Rua da Estrela

Rica
poderás organizar
desfiles de modas

e chás beneficentes
com renda revertida em prol da infância desamparada
e da velhice desassistida

Serás uma grande dama
e feliz

HOMEM ROUCO

— “Essa doença de garganta
é mal
de família” Disse-me o avô
há longos anos
(a voz travada
no gargarejo matinal)
Aflige o pai o tio o filho
(a angústia vocal)
Abluções ao ar livre
colutórios nebulizações
pastilhas anti-inflamatórias
cauterismo nas amígdalas
até garganta de cera
pra São José de Ribamar
(tudo em vão)
Desde menino
todos os tratamentos tentados
todos os remédios tomados
Ar do monte
água de fonte
Dia virá
(saberá a corda vocal? a garganta?)

em que a palavra rouca
será substituída
e límpida de cuspo
nascerá crescerá e explodirá

fora
do
céu
da
boca

CONVERSA INFORMAL DE SEPARAÇÃO

Entre nós
a diferença de
temperamento temperatura
altitude atitudes
estatura estrutura
(entanto ainda ontem
comungávamos
de idades & verdades
semelhantes
e discorriamos
sobre a eternidade do amor)

Em nós o antagonismo dos gostos
gestos atos hábitos
Estátua da Liberdade Wilde Beatles
arquitetura colonial Portinari camarões secos
gatos siameses púcaros infortúnio-plenilúnio
becos

Eu

coração tropical ardendo a 36 graus
discípulo de Maiakovski Lorca Neruda
desorganizado desastrado utópico
cliente de biblioteca bar supermercado
funcionário do estado de mim mesmo do poema
inquilino da palmeira da palavra do ideal

Tu

corpo horizontal no frio do ar-condicionado
discípula da casa de Dior Givenchi Cardin
empertigada emplumada educada
frequentadora de boutique sauna salão de beleza
acionista do prático do plástico do útil
locatária do batom poder gás neon

Houve épocas

(lembras?)

passeávamos mãos entrelaçadas
corações flechados nas árvores *jeans*
coleccionando luas abraços madrugadas
consumindo cigarros Carlton bacuris beijos
(ar puro no oxigênio dos campos da alma)

Em que ouvíamos Caetano e Chico
com beijos temperados a Coca-Cola
e entendíamos a linguagem dos lábios
com o dicionário dos olhos

(esqueceste?)

Naquele tempo

(a diferença era apenas de segundos
nos ponteiros dos relógios)

não havia essa distância A distância que nos separou
em países diferentes
ideologias contrárias
capitalistas e socialistas
do mesmo amor
Estados Unidos *versus* Rússia
voo de condor/concorde
ruas contrárias
bairros distantes
línguas diferentes

Entanto estamos aqui
no mesmo quarteirão tombado pelo patrimônio
aqui no mesmo prédio em ruínas
entre ratos morcegos vitrais sonhos partidos
separados por escadas mofo escuridão
rios anis bacangas
sabiás bem-te-vis
lembranças de Ana Amélia
Antônio Gonçalves Dias

APELO

1

Falta matéria-prima no mundo:
petróleo para as refinarias
(amor para os corações?)

Xeques da Arábia Saudita Iraque Líbano
Emirados do Golfo Pérsico Qatar Gabão
membros do Conselho da OPEP

vocês
que vivem em palacetes de ouro e marfim
rodeados por 200 belas mulheres
150 cavalos puros-sangues
100 súditos
aumentem a cólera com os industrializados
elevem o colesterol com faisão e champanha francês
subam o elevador privativo do Chase
subam
subam
subam
o seu estoque de armas amantes turbantes
aviões a jato *rolls-royces* iates
engordem a conta bancária e os camelos
mas não elevem um dólar
a mais
o preço do barril de óleo cru
que o Brasil está ficando nu
sem divisas

2

Como compreender
que somos um país de 8.540.000 km²
e um trem solitário não percorre toda a nossa mão?

Sem os barris de petróleo
como saciaremos a sede dos nossos automóveis?
das nossas indústrias? das multinacionais?
E levaremos nossos filhos à escola?
Namorar? Passear com a secretária?
Levar a mãe ao supermercado à farmácia?
Ir ao futebol à praia à casa da tia em Itapecuru?

Nossa preocupação não é somente
com os carros e as indústrias

(este país precisa andar mais a pé
olhar para a sua agricultura)
É com o gás de cozinha das famílias pobres
com os ônibus que trafegam os trabalhadores
com o asfalto que prometeram jogar nas ruas dos
subúrbios
e que se subir o preço do barril
ah senhores xeques
senhores emires
senhores membros da OPEP
— *never more* —

3

Em troca do óleo
remeteremos frango congelado
e carros blindados urutus e cascavéis
para as vossas frentes de combates
Sereis vitoriosos — a História dirá —

Por precaução
na última encomenda a ser transportada
remetei também
odaliscas sinuosas envoltas em sedas e véus
para dançarem conosco a dança do ventre
e nos ensinarem o mistério das 1.001 noites
Que a nossa crise é industrial
sentimental

Por aqui
o amor
como o petróleo
e a gasolina azul
está ficando
escasso

PRECE DE 31 DE DEZEMBRO

Iemanjá
Nossa Senhora do Mar
que estás em Ipanema Iracema
Samanguaiá Olho d'Água São José de Ribamar
e no fundo daqueles que têm o oceano
escondido nos olhos
Santificada sejas
em terra e ar
Hoje é 31 de dezembro
À noite o povo vai se embriagar
e descer para as tuas praias
(até aí tudo bem
que um traguinho de pinga
não faz mal a ninguém)
Vão se banhar todos os pecadores:
os invejosos os egoístas os deslumbrados
os fraticidas os de cara lavada
num grande banho coletivo
(lavar as impurezas do corpo
e da alma
acumuladas em 365 dias de sujeira)
E esse sujo radioativo
que polui e contamina
pra onde vai?
Teu reino
nas profundezas do mar

Aproveita o período de festas de fim de ano
tira umas férias
Vai para uma ilha distante
uma praia deserta
onde não haja banhistas e surfistas

e esquece a humanidade inteira
(é preferível um lugar
que não conste no mapa-múndi
nem na geografia celeste)
Dia 1º de janeiro
depois que o mar normalizar
e as ondas expulsarem para a praia
o breu dos pecados
A Senhora retorna
com um vestido novo
decorado de estrelas
conchas e búzios
e fica conosco
até o fim do ano
até o fim da vida
aqui no Araçagi
(exceção feita
em 31 de dezembro)

Amém

A 3ª GUERRA MUNDIAL

A 1ª Guerra Mundial
perdi-a num alvo campo de batalha:
a cama de Greta
As luzes se apagaram
com o reinício dos bombardeios
Refugiei-me num *bunker*
dentro daquela carne
(seios nádegas coxas
louca artilharia)

Às três da tarde
assinei a rendição condicional
em sua camisola de dormir

A 2ª Guerra Mundial
conquistei-a com medalhas e patentes
(mas os inimigos
estavam mais bem preparados
com equipamentos eletrônicos)
Numa manobra de campo
apareceu o alvo: Sílvia
Um facho de 5.000 kwa de potência
disparou o seu olhar
trepamos
entre cachos de pitombeiras
e folhas de bananeiras
(por sorte
não houve vencedores)

Agora
aguardo

ELEGIA ANTIGA

Dai-me uma janela:
que seja alta e branca
como os sonhosas nuvens e as garças
e que despontem gerânios nos beirais
mesmo quando a primavera não vier
Dai-me uma janela:
— de preferência de sobrado —
de onde se observe o mar o crepúsculo e os barcos

e uma atmosfera colonial de paz e quietude
embale — como os ventos —
os nossos corpos e sentimentos
Que seja bem alta
assim como a nossa vontade de subir ladeiras:
acima de todas as incoerências terrestres
acima de todas as maldades humanas
num lugar onde a tristeza o egoísmo
o desamor e a inveja
não a possam alcançar
Não é obrigatório
que tenha sacada:
mas é necessário
que caiba a amada
Senhores guardiães dos horizontes do Mundo
que controlais vistas paradisíacas
e paisagens alucinantes
dos seus escritórios acarpetados do 101º andar:
fikai com a visão dos lagos artificiais
aurora boreal planetas inacessíveis
arco-íris pré-fabricados
nada disso me afeta ou seduz
Eu quero
apenas uma janela
uma janela aberta para o Mundo:
e nada mais

**BOLETIM METEOROLÓGICO-
SENTIMENTAL DE 25 DE DEZEMBRO**

Tempo bom
temperatura estável
em quase todos os corações

Visibilidade ampla:
nas vitrines das lojas
nos vitrais das casas
nos para-brisas dos carros
nas lentes dos óculos

Temperatura em franca elevação
no São Francisco e em outros bairros da cidade
O champanha francês servido a 12 graus
o uísque escocês sorvido a 43 graus
o peru assado a 150 graus
Foguetes e risos explodindo/nozes
e abraços repartidos/
(Euforia subindo no termômetro
em níveis não registrados)

Temperatura agora em declínio
com lufadas de ventos frios
vindos das bandas da baía de São Marcos

O menor abandonado que dormiu
na manjedoura do banco da Praça Pedro II
passeia miséria e tristeza pela Rua Grande

Vê manequins vestidos/brinquedos eletrônicos/
e sente que seu Cristo não nascerá jamais
(Ele está crucificado na Igreja do Carmo)

Temperatura baixando
Nuvens espessas se formando
nos olhos do menino

Temperatura caindo ainda mais

Em São Luís do Maranhão
está chovendo

CÂNCER

(A tua imagem
penetrou fundo em minha retina
espalhou-se pelo coração
alastrou-se
pulmões intestinos
sangue
até contaminar
a minha
sombra)

PARÁBOLA

Domingo de Ramos
eles vestem a fatiota engomada nas dobras
e voltam contritos e triunfais com um ramo nas mãos
Um ramo colhido na melhor palmeira da paróquia
e bento na igreja santificada do bairro
Seguem puros para casa? Não
Planejam nova invasão no Coroadinho

HOMEM SENTADO NA PRAÇA JOÃO LISBOA

Homem sentado na praça
na solidão do domingo
na solidão desta tarde

newyorquina londrina
ipanemense ludovicense
Homem sentado na praça
entre rosas estátua namorados
— o olhar sociológico
perscrutando a multidão —
homem universalmente sozinho
como se estivesse sentado na tarde
de Londres New York Paris
São Paulo Buenos Aires Rio
no Central ou no Hide Park
na Praça de La Concorde
da Sé ou 9 de Julho
(o sol reclinase nos bancos)
O olhar baço — sol se apagando —
fitando perto nenhum lugar
O pensamento solto — como pássaro —
cria projetos de paz e igualdade
que as nuvens desfazem Ah entardecer!
Já pensou em soluções coletivas
para a cidade e a humanidade
(agora idealiza pombos na mão
como se estivesse em Veneza)
Homem sentado na tarde
absorto triste indiferente
ruminando a solidão do domingo:
e nem percebe quando as andorinhas
— como uma rajada de metralhadora —
batem asas contra a Igreja do Carmo
avisando que a missa das seis já encerrou
e a voz do padre e a tarde
se extinguiram

MIRAGEM TROPICAL

Nesse deserto tropical
do Calhau
42 graus
à sombra da nuvem

não se avista
um vendedor de coca
mate
limonada
chope
para saciar a sede

Apenas na paisagem
a tua boca
ávida se abre
(oásis?)

O IMPERADOR DO LARGO DO CARMO

a Odylo Costa, filho

I

— Tudo que estais vendo aqui
até onde a humana visão alcança
é meu: esse conjunto de sobrados
de arquitetura colonial portuguesa
que vale ouro; o sol
que já foi de Vieira; as mercearias
e as suas mercadorias
de além-mar; as farmácias

e todo o seu estoque de vitamina C
para curar a gripe do povo; o dinheiro
avaro que se deposita nos bancos
e que se oferta (em moedas)
aos esmoleres; os escritórios
de advocacia e contabilidade
com suas promissórias duplicatas
código de 1850; e também
o odor de formol
que se desprende
dos gabinetes odontológicos
atravessa o ar da sala
dos escritórios de representações
comerciais; e irrompe
no nariz da tarde com cheiro
de dinheiro emprestado *Jornal do Brasil*
xícaras de porcelana francesa asa
de andorinha aluguéis juros
manzanas argentinas

II

— A agência dos Correios e Telégrafos
(os seus telegramas e congratulações)
e a Câmara Municipal
(com os seus móveis burocracia títulos
de cidadania inviolabilidade
dos mandatos dos vereadores)
estão circunscritos em meus domínios
encerrados nos meus limites territoriais
Também integram
o patrimônio do meu Reino:
as agências de viagem; a praça
e o oitizeiro da esquina; o subsolo

e as riquezas que nele se encontram
(incluídos os trilhos dos bondes); as
calçadas — com as bancas de revistas
e os vendedores de queijo de São Bento;
a Igreja do Carmo
(onde padres capuchinhos
rezam em intenção de minha saúde);
e a Fonte Maravilhosa
c/ o seu precioso elixir
que dá longa vida aos camelôs;
as lojas de discos; e o Edifício
Cidade de São Luís
(que os cearenses incendiaram
para fazer um edifício de 30 andares)
Procurando com calma
talvez encontreis por aqui: os pastéis
do Moto Bar; a avareza
de Serafim; a visão tridimensional
de Zuzu Nahuz; a nota estridente
(na alma) do pistom
do cego João; as grossas sobancelhas
de Ruben Almeida; a ressaca
de Erasmo no abrigo:
bens hereditários
que incorporo
ao ouro do meu império

III

Monarca moderno
a legislação do meu Reino
inova matéria jurídica formal:
direito tributário administrativo
constitucional

Com excesso de arrecadação
do jogo do bicho
financio
as minhas obras sociais

Por decreto de utilidade pública
desaproprio
a conversa dos corretores
a lábia dos gigolôs
o papo pífiô dos jogadores de pif
(as suas línguas
se converterão
em matéria-prima
para os meus sapatos)

Através de ato institucional
artigo primeiro e único:
declaro suspensos infinitamente
os direitos políticos
dos membros do Senado da Praça
(doravante
só terão direito a reunir-se
com as mulheres e sogras
e ainda assim
na cozinha)

IV

Sentado em meu trono de verão
(onde abdicô do cetro e da coroa
mas não do privilégio de usar *jeans*)
vejo os meus súditos que passam
para mais uma jornada de trabalho:
e se curvam (cerimoniosamente)

em cumprimentos protocolares
louvaminhas beija-mãos
elogios com o bronzeador
recomendações às minhas tias
e se desdobram
nas audiências públicas
(com mais cerimônia ainda)
em pedidos de emprego passagens
aéreas para o Rio de Janeiro
queixas conjugais esgoto entupido
cadeiras de rodas lentas
de contato reclamações da sogra
isenções do IPTU gravadores
de Manaus óculos Pierre Cardin
milheiro de telha palha licença
pra funcionamento de motel
enxoval do Ceará pro bebê
solicitações de asfaltamento
ajuda financeira pra Nossa
Senhora dos Remédios
fardas escolares (e ufa!)
lamúrias dente de ouro
terno novo
bandeiras pra 7 de Setembro
Leite Ninho filha que se perdeu
na Rua 28 de Julho

A todos
escuto indistintamente
(sorriso amarelo
nos lábios)
e retribuo
com uma palavra amiga
ou uma dentadura nova

V

Assim meu povo
vai vivendo feliz sem nenhum desdouro
nesse país dos azulejos:
tomando café *la touche*
em xícaras rachadas
e ofertando rosas de plástico
às namoradas
Enquanto eu
sem arautos áulicos
bobo da corte
vou ficando
solitário cabisbaixo e sério
com medo de perder o império
E sabem a razão?
Não ter um filho varão

Mas exportado o problema
e importada a donzela
(do Reinado das moradas-inteiras
ou do Emirado das portas e janelas)
está resolvida a história
Como sou nobre
aceito até mulher pobre
Mas como tenho que aumentar o tesouro
que pelo menos (ela) tenha alma de ouro

VI

(No Largo do Carmo
na cadeira do engraxate
de 20 em 20 minutos
derruba-se a República
restaura-se a Monarquia)

DECLARAÇÃO DE (DES)AMOR

Não sou Orfeu
Ésquilo Adônis
Tibério Romeu
nem o teu fidalgo
par noivo criado
amásio amado
Nas lides do amor
sou o que sou
excesso avesso
torto esquerdo
gigolô vilão
ladrão sedutor
conquistador
O que te seduziu
o que te conquistou
o que te violentou
e depois saciado
— carícias lascívias —
em seios sobrados
tuas coxas sacadas
em sexo e becos
te abandonou grávida
e nua numa rua
sem nada

E acabou

ROMANTICAMENTE

Colocaram uma bomba-relógio
no lado esquerdo do meu peito
e a qualquer momento
pode detonar:
portanto querida
não chegue perto de mim
que eu posso explodir
lançar você pelos ares
e deixar o seu amor
em frangalhos
Evito subir ladeiras
escalar dunas no Olho d'Água
acompanhar Procissão do Encontro
trepar depois do almoço
(medo de apressar
por um descuido fatal
o ponteiro do meu destino
até o horário final)
Não chegue perto de mim
não aperte com força
o seu coração no meu
não esfregue com desejo
a sua língua em minha boca
não me excite não me ame
que a qualquer instante
posso explodir
e mandar você
e o seu rostinho lindo
pra eternidade

STRIP-TEASE NOTURNO

A minha alma
tem cabeça tronco
e membros

No espelho do quarto
— palco em gambiarras —
dispo-me

Tiro as axilas
o bíceps dorso
as mãos

Matéria compacta
a alma assume
o meu espaço

Onde o cigarro aceso?
o perfume? o umbigo?
o sexo?

Tessitura alva
contemplo o universo
de mim

Agora inverso
anverso reverso;
vácuo

Égua incorpórea:
aura *karma*
viestes?

A minha alma
tem cabeça tronco membros
e calma

POEMA 3 x 4

Meus olhos estão brincando
de esconde-esconde
dentro do prato de sopa quente
No entanto estão frios e lúcidos
e não parecem conversar
Estão quietos resignados
investigando meus sonhos
policiando meus sentimentos
Às vezes me vem uma visão triste
(sinto que dentro do prato
um menino com fome me espreita)
e eu sinto raiva de todas as ideologias
Então fico pausado lento vagaroso
e com vergonha de mim mesmo
dissolvo a sopa quente com a colher
para que meus olhos não me vejam

DIABETES

Os imortais da Academia
estão tomando chá:
gestos polidos unhas aparadas
bigodes tosados pernas cruzadas
no melhor estilo gótico
excedem-se no dietético
para adocicar a conversa

Não sabem que lá fora
a vida é amarga e má;

que a arte está é nas ruas
mercados feiras e prisões
— eles os imortais —
imobilizados em seus fardões
imortalizados imorredouros

mortos

MISSA-CONVITE

OS SINOS DE BRONZE
DAS
IGREJAS
DA
SÉ (BLÉIN!) SANTO ANTÔNIO (BLÉIN!) DESTERRO
(BLÉIN!) SÃO PANTALEÃO (BLÉIN!) CARMO
(BLÉIN!) SANTANA (BLÉIN!) REMÉDIOS (BLÉIN!)
SÃO JOÃO (BLÉIN!)
COMUNICAM O FALECIMENTO
DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO COLONIAL
DA CIDADE DE SÃO LUÍS
(BLÉIN!)
OCORRIDO HOJE
VÍTIMA
DE UM TERREMOTO
QUE
DESTRUIU
OS SOBRADOS
OS MONUMENTOS ARTÍSTICOS
OS FORTES E CASARÕES
E CONVIDAM

AS TRADIÇÕES CULTURAIS
OS BUROCRATAS DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E O POVO EM GERAL
PARA
A MISSA DE SÉTIMO DIA
QUE
SERÁ REALIZADA
NOS
ESCOMBROS DA FREGUESIA
DA
PRAIA GRANDE
ÀS
17 HORAS DO PRÓXIMO DIA 8
DESDE JÁ
AGRADECEM PENHORADOS A TODOS
OS QUE COMPARECEREM

A MAIS ESTE ATO DE FÉ
E PIEDADE
CRISTÃ

(B
L
É
I
N
!)

ASSASSINATO NA RUA 28 DE JULHO
(em memória de um sobrado)

Caiu de pé
como um herói

Todos vieram vê-lo:
assisti-lo no final
Tragédia simples
antiburguesa
nem choro
nem vela

Caiu de pé
como desabam os homens
dos mirantes do tempo
Nenhum gemido
Sem imprecações

Morto agora ali
exposto ao olhar público e às moscas
— corpo em decomposição
engarrafando o trânsito
avivando o nosso remorso —
o que fazer?

Dar-lhe honras fúnebres?
Condecorá-lo?

Às cinco da tarde
saiu seu enterro:
sem necrológio
os homens da prefeitura
recolheram os seus destroços

REMEMBER ANCHIETA

Passeando descalço — pulmões inflados —
por estas praias solitárias do litoral

em companhia de gente muito importante:
o sol as ondas dunas brisas coqueiros e gaivotas
(a mais de 3.000 km da Praia de Iperoig;
a 418 anos da 1ª edição do poema
Da Virgem Santa Maria Mãe de Deus)
às vezes detenho-me na alva areia
e com o indicador escrevo teu nome: Maria
Como quem procura as tuas mãos
O mar — exército de lavadeiras — vem e apaga
Escrevo de novo: Maria
As ondas vêm carregam a palavra
arremessam-na contra os arrecifes:
teu nome vira sal e espuma
4.172 vezes escrevo: Maria
4.172 vezes o mar vem e lava a areia
Ó Editores do tempo! Pelas barbas de Gutenberg!
Ó Anchieta! Apóstolo da Palavra!
Merecias ser canonizado — Santo Santo Santo —
por realizares o teu milagre maior: o da Poesia
Enquanto eu — sem a proteção
de Deus e da História
mercê do mar da chuva e maus ventos
não deixarei vestígio:
pedra arremessada
alimento de peixes
ou fósforo apagado
na memória

**A PAIXÃO SEGUNDO
ALCÂNTARA E NOVOS
POEMAS
(1985-1ª Ed.; 2006-2ª Ed.)**

POEMA DOS OLHOS DE ALCÂNTARA

1

Gostava de chorar a Sinhá
Dizia: redimia a humanidade
2/3 do ser eram água Idade? Só as pedras do oceano
De tarde postava-se à janela na rua das Mercês
e chorava Dilúvio existencial
Pluviometricamente chorava
As lágrimas batiam nas calçadas
escorriam pelo calçamento
até atingir o cais

2

Chorou quando soube por um anjo da crucificação
de São José na rua da Amargura

3

Chorou quando o Patrimônio Histórico
fechou as portas da Igreja do Carmo para restaurá-la
abandonando os querubins à própria sorte
Todos os dias derrama lágrimas de cera em
penitência das beatas

4

Chorou quando uma artrite reumatoide fechou-lhe
a mão direita e perdeu o cargo de caixeira
do Divino Espírito Santo
Mas se conteve: só uma lágrima escapou-lhe aos olhos

5

Chorou quando os donos de engenhos mandavam
açoitar com trinta chicotadas os escravos africanos no
Pelourinho Pérolas negras

6

Chorou ao presenciar o afogamento de São Pedro
Presentiu a chegada dos tubarões e nada pôde fazer

7

Chorou quando anunciaram que Dom Pedro II
Imperador do Brasil não viria mais a Alcântara
E o palácio construído para abrigá-lo se tornara ruína
Emocionada plantou duas palmeiras imperiais no porto que
vai regando com orvalho e lágrimas matinais

8

Chorou na República de 1889 quando o Governo Federal
confiscou a prataria das igrejas que as famílias doaram
aos santos de sua devoção Foi comedida: derramou duas
lágrimas de prata

9

Chorou copiosamente quando confirmaram a notícia
de que a sua cidade abrigaria uma base de mísseis
E as estrelas que brilhavam nos céus resplandeceriam nos ombros
E os sabiás românticos seriam substituídos por foguetes atômicos

10

Chorou
Chorou
Chorou

Por causa de suas lágrimas elevou-se a safra de abacaxi
e as fontes e os poços abasteceram a garganta
de toda a população
por mais 8 lustros
E morreu
só e arruinada
num hospital público cercada de ampolas injeções seringas
soros glicosados

Desidratada

RUÍNAS DA CASA DO IMPERADOR

1

O velho casarão
ainda espera Pedro
Pedro não vem? Pedro vai chegar?
Quando Pedro vai chegar?

As ondas se interrogam
Os peixes se perguntam
Não viram Pedro passar

Quem sabe aguarda na Corte
o instante de embarcar?
Acaso extraviou-o o canto
das sereias de alto mar?

Pescador lançou a rede
Boqueirão mostrou o fundo
Pedro não está

Será que mudou a rota
e foi a Portugal veranejar?
Ver a tumba do pai?
Ouvir os sabiás de lá?

Expedições são enviadas
Marinheiros despachados
Pedro não está

Perguntem ao mar da Mancha
se viaja rumo ao Pará:
De que barco é passageiro?
A bordo está de que mar?

Atlântico é consultado
Pacífico é revirado
Pedro não está

2

Pedro onde está?

Paço Imperial?
Província do Paraná?
Sessão do Instituto?
Guerra do Paraguai?
Confeccionando mais um soneto?
Tomando sol no Guarujá?

No Viaduto do Chá
— Pedro não está
Nadando no rio Amazonas
— Pedro não está
Pescando na baía de São Marcos
— Pedro não está

Na serra em Petrópolis

— Pedro não está

Nos saraus literários

— Pedro não está

Na Ilha do Medo

— Pedro não está

Europa França e Bahia

— Pedro não está

Pedro:

onde está?

3

O velho casarão

ainda espera Pedro

Pedro não vem... Pedro vai chegar?

Quando Pedro vai chegar?

As janelas se interrogam

As portas se perguntam:

— Em que estranha latitude

anda Pedro a navegar?

SOUVENIRS

Dorme em toda alma alcantarense

um beco antigo / um anjo barroco

e uma saudade portuguesa

Uma taça de mar

que sirva de oráculo e rota

aos descobrimentos do sublime

Um dia serei ruína
minha memória despencará
das janelas do tempo

Viajante que passa
eterniza o teu momento:
leva do azulejo um pensamento

Cidade de prateleiras vazias
de vidraças vazias
de lembranças vazias

O sol avisa o racionamento
das 6 às 18 h
para manutenção das caldeiras

Diamante cortando a vidraça
o olho de Deus
a atravessa verticalmente

VELÓRIO DE ARISTOCRATA

Entre flores perfumadas
repousa o morto no caixão

(Café e biscoito de araruta
fazem a delícia dos vivos)

— “Morreu na flor da idade!”
afirma a vizinha patética

— “Somente os bons é que se vão!”
sussurra o primo diabético

— “Deixou imóveis e títulos!”
fazem coro os compadres nobres

Uma mosca passeia
na mão do morto

Lágrimas salgadas
regam a rosa da lapela

Um amigo de infância descobre-lhe o rosto:
ajeita o colarinho e a gravata

O morto se levanta do caixão
Vai a pé para o cemitério

POEMA LAVADO A SECO

As lavadeiras da Fonte das Pedras
são damas de alta fidúcia
Boas maneiras e fervor religioso
são matérias que ensinam a todos

Exemplo?

Quando as lavadeiras da Fonte das Pedras
cumprem o fidalgo ofício de lavar
e o sol é encoberto por plúmbeas nuvens
— não imprecam nem incomodam Santa Clara —
com promessas de xícaras de café

Armam roupas no varal:
branco armistício

Então as nuvens cinzentas
entendem a trégua proposta:
retiram-se envergonhadas
E um imenso sol tropical
apressa o trabalho das lavadeiras
com sua máquina de secar

CORREIOS E TELEGRAPHOS

Certa tarde o carteiro
recebeu correspondência datada de 1882
destinada ao poeta Sousândrade
que passava férias no Largo da Matriz
Caligrafia bordada de mulher
Como não encontrou o destinatário
foi à agência da Caixa Econômica Federal
e penhorou a carta:
comprou terno novo
e vestido de renda para a noiva
Agora passeando na festa de São Mathias
os pombinhos dão notícias de amor

PAVAROTTIS A PALO SECO

Nesta manhã
galos
não farão a façanha
de cantar

Nesta manhã

galos

farão

manha

Entoarão congelados

árias-frigoríficas

notas dissonantes

genocídios distantes

Evocarão antepassados

imprecação soldados

love — engov

armour — amour

Frios oráculos

coral de plumas

invisíveis penas

sangue sem espumas

Nesta manhã

galos

não farão a façanha

de encantar

Nesta manhã

galos

serão

banha

CÓDIGO PENAL

I

Humilhado
desprezado
esconjurado

o Pelourinho
está sendo julgado

II

As estrelas do céu:
— culpado

As beatas do Desterro:
— culpado

Os catraieiros:
— culpado

O sineiro desempregado:
— culpado

A imagem de S. Benedito:
— culpado

As pedras de cabeça-de-negro:
— culpado

O funcionário do Museu:
— culpado

III

Ato sumário
após o veredito
cumpre-se o rito

5 chicotadas
pela pele dos escravos açoitados

10 chicotadas
pelo riso dos fidalgos nas sacadas

15 chicotadas
por saudade das amadas

20 chicotadas
pelas mucamas violentadas

Com força e precisão
aumenta-se a gradação:

30 chicotadas
pelos argentários

40 chicotadas
pelos mercenários

50 chicotadas
pelos sexagenários

IV

Por um momento
suspende-se a execução da sentença:
passa a procissão do Divino

A zoadas das caixas
abafa a ira da multidão

C
C R E D O
U
Z

No corpo de pedra
o remorso herda?

Prossegue o suplício
Banhado em dor
— sangue e suor —
o Pelourinho
arrependido
faz um pedido

— Ser confessado
— Negado
— Ser indultado
— Negado
— Ser trasladado
para Portugal
com as armas da Colônia
onde será enterrado

— Recusado

V
Por mais um século
cumprir-se-á a apenação
Enterrado em pé
— fragmentos da fé —
será exposto
à visitaçãõ pública
(Ironia da República)

Única companhia:
a tela dos artistas
ou a fotografia dos turistas

CHOPIN COM CUPIM
(Concerto em RRRR Menor)

Escuto soturno
o velho Chopin
enquanto diurno
canta-me o cupim

Serra serra serra
o caibro e a beira
Serra serra serra
a sonata e a eira

Orquestra a madeira
com os dentes em calma
A música inteira
rói-me o chão da alma

COSTELAS DE ADÃO
(Mastigação Macrobiótica das Ruínas)

Em Alcântara às vezes
bufê dos revezes
mastiga-se insone
a própria fome

Cardápio dos deuses:
digerir a nuvem?
devora o homem
nome e sobrenome

DOCE DE ESPÉCIE

Há a quem o amor chega cedo
há a quem o amor chega tarde
há a quem o amor deixa azedo
e a outros o doce-amargo

Segredo de quem rala o coco
está na alma o bom-bocado
coração salpica ao fogo
no mesmo açúcar queimado

AUTO DO RETRATO

Este corpo não é meu
Visto-o como emprestado
a algum nobre antepassado
que dentro em mim se escondeu

Esta alma não é a minha
Habita apenas o eterno
inútil espaço de um terno
que com o corpo caminha

Não é minha a cicatriz
que desenharam nos ombros
nem esses olhos de escombros
Tampouco o queixo e o nariz

De mim apenas o gesto
o olhar o passo a ironia
a fútil genealogia
de tudo que sobra e é resto

CANTO EMPALHADO

Canário cantando
gaiola de lata
teu bico é de ouro
trinado de prata?

Canário cantando
cantando pra quem?
garganta rebenta
saudades de alguém

Seu canto ecoa
taças de cristais
alcança os mirantes
explode os vitrais

Canário cantando
para a Inês já morta
Sepultas as lendas
vive a Moura Torta!

A CEIA DOS APÓSTOLOS (Nova Moldura)

XIX séculos
apodrecem qualquer pão
XIX séculos
cansam qualquer eternidade
Cupins penetram a madeira da mesa
Perdem-se os gestos Jejuo o coração
Thiago vira Mathias
Lucas torna Pedro
E ninguém pesca mais nada
XIX séculos
repete-se a antropofágica liturgia:
um homem faminto
serve-se farto à mesa
Rasga a túnica mostra as costelas:
— este é o meu corpo
tomai e comei
Corta a veia vinho no cálice:
— este é o meu sangue
tomai e bebei

Seu nome era José Carlos
Os amigos apelidavam-no J.C.
Hoje está no Paraíso
Há XIX séculos
sonha com *bacons* e torradas
para a Humanidade
Amanhã é recepcionado por pescadores
com um jantar para 50 talheres

**SERMÃO DE DIÓGENES SANTEIRO
CONTRA A CASTRAÇÃO DOS ANJOS
DA IGREJA DA MATRIZ**

Os que se castram
na carne e na madeira
não saberão do reino de Deus

Ficarão à porta do paraíso
as corolas decepadas
nos testículos da aurora

— Covardes: o que fizestes
da vossa flor?
dirão os jardins do éden!

(Pássaros sem asas
na incerta gravidade
de um céu sem eternidade)

— O que trouxestes:
os quebrados pêndulos
de uma hora incerta?

— Sem as chaves barrocas
como abrirão as fechaduras
das moradas do sol?

Sentirão o agulhão da carne
nunca penetrarão o espírito
e jamais serão penetrados

**RESPOSTA DOS ANJOS CASTRADOS
A DIÓGENES SANTEIRO
FABRICANTE DE SANTOS**

Misericórdia: não retireis
todo o amor do coração
ou o corpo se derreterá

Não resgateis por empréstimo
a mágoa e o desespero
senão a alma implodirá

Sede lento em vossa sabedoria
amistoso em vossa glória
pacífico em vossa cólera

Ó sudário tornado cupim:
relicário das oito chagas do mundo
esculpidas no sofrimento coletivo

Na refinaria das emoções
elevai a temperatura das paixões
até que o ouro se realize

O sexo desabrochará lilás
entre gozo e extrema-unção:
troféu ofertado aos urubus

Então a estátua de sal
a flor furando a pureza
explodirá no coração do sol

E oito estrelas de ouro acesas
luzirão: condecorações da carne
como espantalhos num corpo de luz

Até lá acendei velas e trouxei fronhas
para que se dispam as trevas
e cubram a nossa vergonha

POEMA

Todos os poetas alcantarenses
são ricos colecionadores de arte sacra
(pasmem as autoridades da Igreja
e os fiscais da Receita)
Possuem um acervo superior
ao do museu oficial
mas não toleram museólogos
e visita de turistas
Trancados a sete chaves
só veem o sol nascer
por detrás de obras raras
Virgem — são tão pálidos
Mas feito o poema
devolvem as peças
na memória expostas

O DISCURSO DOS VENTOS NAS CUMEEIRAS

Ó cidades grandes:
carência de tempo pra viver!
ó cidades pequenas:
excesso de tempo pra morrer!
livrai-vos do tempo:
essa praga da eternidade!

ALVOROÇOSO ALMOÇO

Os cachorros da rua Grande
são bons amigos dos gatos
Parecem antigos compadres
de prato e mesmo gargalo

Para o banquete da gula
a que foram convidados
preferem sim os cavalos
que vão voltando do pasto

Com a pata o dente afiado
vão comendo o seu churrasco
Os para-lamas dos carros
são o seu melhor pedaço

Na sobremesa os pneus
empinados como cascos
relincham na relva cinza
onde antes estacionavam

Os cachorros da rua Grande
são bons amigos dos gatos
Na sesta que agora engordam
vão mordendo tenros baios

NA MORTE DA NEGRA BENEDITA LOPES*

Quando o enterro passou
o peso do morto afundou o calçamento
os bêbados pediram água
os sóbrios ficaram de porre
as garrafas saltaram dos rótulos
os copos evaporaram as bebidas
e um garçom sem gravata e bigode
contendo o suspiro a toalha a lágrima
sentou-se na calçada
e serviu uma cerveja preta
para todos

ÁREA TOMBADA

1

Quando o amor acaba
desmorona-se a casa

Inútil tentar restaurá-la:
convocar-se arquitetos amigos
ferrar de ouro o teto
reerguer as paredes caiá-las
fazer renascer da mão
beirais carinhos escadas
sacadas caibros afetos

Simple restauração

* Caixeira do Divino Espírito Santo.

2

Quando o amor acaba
desmorona-se a casa

Por que então decorá-la:
trocar mobília do quarto
cadeiras austríacas na sala
comprar lençóis de cetim
plantar flor nos cabelos
boca pintar de vermelho
usar estrelas nos olhos?

Simples decoração

3

Ruído o teto
soterrado o afeto
inglório juntar cacos pelo chão

Apartados os cílios
separemos os utensílios:
como dividi-los?

Resolvida a questão:
LPs livros lembranças
faqueiro cartas rede de fio
posters licoreiras oratório
selos condecoração apelos beijos

Melhor esquecê-los
Quem sabe doá-los?
Há tantos necessitados
É só fretar caminhão

A mim — bens imóveis —
basta intacto o coração

4

Inútil o amor e a casa
quando um dos dois desaba

Melhor bancar o moderno:
vestir o melhor terno

Mentir nos classificados:
'Casal jovem e feliz transfere sobrado colonial
frente para o mar Trinta compartimentos arejados
Motivo: transferência para outra cidade Tratar
urgente Ideal para viver um grande amor Chave
no vizinho'

RUA DA AMARGURA Nº

sobrado
só

sobra
do

so
bra
do

sobrado?

só
brado

A DANÇA DOS ESQUELETOS NA NEBLINA

Retornando a Alcântara e passeando
por ruas de espectros de sobrados arruinados
— a lua cheia nascia nas órbitas
das janelas assassinadas —
dois demônios com os olhos espanicaram-me
— “És só e retornarás ao só”
E eu lhes disse:
— “O homem jamais será ruína!”

COLÓQUIO COLONIAL SOBRE UMA POÇA D'ÁGUA

— Espelho espelho meu
dize-me espelho:
há cidade mais bela
do que eu?

— Olinda

— Espelho espelho meu
dize-me espelho:
há cidade mais rica
do que eu?

— Salvador

— Espelho espelho meu
dize-me espelho:
há cidade mais conservada
do que eu?

— Ouro Preto

— Espelho espelho meu
dize-me espelho:
há cidade mais arruinada
do que eu?

— (Chove Cala-se o cenário)

ÁREA VERDE

(gr) amávamos

UM PEIXE FALA AOS HOMENS
(sermão pregado por um peixe-pedra
no púlpito da Igreja da Matriz
aos militares da Base de Mísseis
no ano de 1982)

*“Poderia cuidar que os peixes irracionais
se tenham convertidos em homens e os homens,
não em peixes, mas em feras.”*
(sermão pregado pelo Pe. Antonio Vieira
na Igreja de Santo Antonio
no ano de 1654)

I

Em nome do Pai Filho e Espírito Santo
Mãe Filha e Alma Santa também

“Permiti que hoje por ocasião do Quarto Domingo do Advento assome à condição de pregador para dizer-vos breves palavras ditadas pela imperiosa necessidade de tocar-vos a razão

Não sendo o santo peixe de Tobias nem o mais sábio nem o mais belo ousado mercê de vossa bondade admoestar-vos esperando com palavras iluminar as vossas consciências sem a pretensão todavia das estrelas que brilham na escuridão das noites revelando-nos os caminhos

Impossível falar-vos outros homens já que vossos ouvidos se tornaram moucos Invoco portanto a vossa paciência sugerindo-vos que o tempo perdido nessa Igreja seja em seguida recompensado por mais nobres tarefas do que ouvir este inculto peixe

É mister advertir-vos no entanto de que não advogo em causa própria a favor dos meus semelhantes e constituintes os peixes raça à qual pertencço

Mas digo a que vim desde que me escuteis atentamente e não interrompais a minha oração”

II

“Conversando com os pássaros que voam adejadamente pelos ares e às vezes pousam as suas asas a pretexto de descanso num pequeno tronco nas proximidades das marés reclamaram-nos eles os plumosos vertebrados do perigo iminente do desaparecimento de sua espécie face á implantação de uma Base Aero-Espacial em Alcântara

À reclamação dos pássaros se ajuntaram os lamentos das estrelas e a estas os do Sol e da Lua e ainda os bois as árvores os lagartos e a estes os insetos menores formigas e gafanhotos

Finalmente ao coro dos condenados reuniu-se também a voz dos homens gente humilde que lavra a terra e também outras pessoas gente de grande sabedoria

Em discurso unânime e desolador demonstraram angústia e expectativa ansiedade e temor com o inditoso destino a que terão de se submeter e ao qual não escapam à órfica sina sequer as pedras e a poeira das estradas”

III

“Consultando a consciência e auscultando o coração de todos vejo com apreensão que não é injustificada a origem da preocupação nem infundada a procedência do temor

Nessa cidade pacata e de índole serena desde ancestrais anos o que pretendeis com insensato e ambicioso projeto?

Salgar ainda mais a arenosa terra em que habitam tornando-a estéril à colheita para em safra ignara colher do chão mísseis teleguiados para conquistar o espaço com vossa fome de céu?

Acaso desejais afugentar da amplidão as estrelas para depois submissas ostentá-las em vossos ombros?

Por que pássaros e homens animais e pedras rebaixados à condição de cobaias terão que sucumbir à autoridade de vossos argumentos à paixão cósmica de vossos instintos prisioneiros à contemplação de ver domesticado o último território para aprisionar o homem?

Não vos basta o chão que habitais os mares desbravados o espaço a conquistar entre os homens?”

IV

“Ora bem sabeis que o verdadeiro infinito a desvendar não reside nas dimensões incomensuráveis dos mundos celestes Está em vós mesmos na recôndita amplidão em que estais mergulhados

Viajai para dentro do ser percorrei os vossos caminhos interiores e perceberéis a quilométrica distância a ser percorrida Desconhecida estrela pulsa escura como um diamante bruto aguardando o instante de ser descoberta

Quando a encontrardes como um astrônomo em seu laboratório examinai-a com carinho conservando-a perto de vós e encontrareis refletida em outros homens a constelação da qual fazia parte e estava desgarrada

Será o ditoso instante em que o caminho percorrido por longo e ígneo recompensará a vossa busca encerrando definitivamente a distância que vos mantinha apartado dos outros homens

Esse o verdadeiro espaço a ser conquistado”

V

“Oh! homens do planeta a quem a razão é cônjuge e a quem vos acompanham os conhecimentos estabelecidos nos tratados dos filósofos Abandonai a missão que vos foi confiada e antes de partir tomai lição com os mais sábios para serdes informados dos graves problemas que afligem a humanidade

Transmudai em cobertas alimentos casas e hospitais creches empregos e colégios a poupança que alimenta o vosso projeto de glória dando por encerrada a náutica viagem que empreenderíeis a espaços onde não é prioritária a razão de conquistar

Tornai-vos protetores dos pássaros animais pedras e homens e em retribuição a felicidade alada personagem virá ter convosco à vossa mesa

Não vos ofereço a hóstia restauradora por escassez de trigo não de fé mas atesto pelo que transmite os pensamentos o vosso arrependimento e se não vos concedo o perdão é que não estou investido de poderes para redimir-vos de erro

Ide pois em paz e que o Senhor vos acompanhe já que me falta fôlego para prosseguir e retorno à profundidade das águas

Amém
também”

**LAMENTO DE UM EX-ESCRAVO
DIANTE DA CÉDULA COM A EFÍGIE
DO BARÃO DO RIO BRANCO**

*Senhor esta cédula
mete-me medo
Michel Quoist*

*A pequena cédula
cotação de vida...
Bandeira Tribuzi*

1

Rico Barão do Rio Branco
que estranha diplomacia
faz correr tranco e barranco
semeando a carestia?

Como vieste até aqui?
De barco iate avião?
Pelo porto do Itaqui?
Ou pela palma da mão?

Esquece por mudo instante
o teu papel creditício
Empresto-te um cotonete
convém limpar o orifício

Quem sabe aseado o canal
expulsa a cera do ouvido
possas compreender o mal
que nos está afligindo?

Convertido em papel-moeda
— pura contabilidade —
como desvendar a senda
que reservou-te a cidade?

(Teu nome em cédula impressa
viajando bolso & balcão
restaurava 8 travessas
e a imagem de São Damião!

Além disso diplomata
paciente moderador
retornarias a prata
dos tempos do Imperador!)

E rebaixado a feitor
homem forte da F(f)azenda
carimbas a pele e o suor
chicoteias nossa renda

Reeditas com precisão
o manual da escravatura
em que o dinheiro é grilhão
mas a liberdade é usura

És acaso saqueador?
Irmão das plantas daninhas?
Ou então procurador
do avaro Tio Patinhas?

Ora se vê caro nobre
bem deves à decadência
iludindo a gente pobre
com ar de benemerência

Melhor partires daqui
Seguir teu rico caminho
Toma o Porto do Itaqui
Quem não reparte é sozinho

Mil vezes a decadência
do Barão de Pindaré
que da vetusta opulência
aguarda confiante em pé

a anistia da falência
no cartório da História
do que chorar insolvência
perante nossa memória!

Pobre Barão do Rio Branco
falso arauto do Graal
reliquia do velho banco
caixa do Banco Central!

BAR DO LOBATO

Ao redor da mesa
os mortos se encontram

Vêm como quem chega
de uma longa excursão ao Saara:
garganta seca Bronzeados

Faltando alguém?
As canecas cumprimentam-se:
instaura-se a conversação

— E Gomes de Castro?
Desembarcou há pouco Sotaque luso

Mas traz novidades: vinho do Porto
e anedotas do Império

Jerônimo José de Viveiros
reclama ao garçom Salame
na calça de casimira francesa
Almeida e Seixas socorre:
a ponta do lenço molhada

O jesuíta Manoel Borba
continua abstermão Mas participa

Azeitonas pretas O Barão de São Bento
critica o escudo do Barão do Mearim Cora
Alguém deixa escapar um riso

Vasculham a vida alheia
procurando retratos:
— Pedro é republicano?
— Franco de Sá está na Corte?
— João perdeu a mulher?
Pêsames!

(Ah
Bach)

Mais uma rodada de vinho
Eufóricos alteiam a voz
gargalham levantam a caneca:

brindam à saúde dos vivos

CAMINHO DO GÓLGOTA

As sacadas
são escadas
que levam os nobres
para o céu

As escadas
são sacadas
que levam os pobres
para o céu

VIGÍLIA NO BECO

Esse terço que ora teço
entre os dedos dessa mão
reza por Jesus Cristo:
nosso irmão

São uns cinco padre-nossos
e umas cinquenta ave-marias
que com ódio agora rezo
todos os dias

Morreu de quê? Acidente?
— Tocaia na madrugada
De manhã cedo o encontraram
sem vida

Enterrado indigente
ressuscita em uma sacada
mas com medo de outra bala
bate asas

SÃO CAMILO

Por duas vezes o vi
distribuindo milagres

Recuperava enfermos
Sarava ruínas

A terceira vez foi no barco
braço direito na tipoia

A mão amputada
ia ser restaurada

Dizem as más línguas
hoje está aposentado

É santo de madame
vive em alta sociedade

DECLARAÇÃO AO AMOR
(manuscrito encontrado pela faxineira
num pequeno quarto de pensão)

Difícil é penetrar-te Amor
quando o porteiro avisa: não há vagas
Ainda assim conheci teu aroma
escalando furtivo altos muros
penetrando como um ladrão em teu jardim
Mas o que fazer se o convite
atrasou-se para o esperado encontro
ou apressei-me no itinerário da busca?

(.....
.....
.....
.....)

ilegível)

Perdoa-me Amor
Amei-te errado
com a paixão dos cinco sentidos:
tato olfato paladar audição visão
Permitires — um dia —
te amarei com o coração

PRAIA DA BARONESA

Há 2 séculos a.C.
admiramos o voo das gaivotas
na praia

Enganamos os tubarões
disfarçamos as olheiras e o tédio
na praia

Conspiramos política
enterramos ditadores
bronzeamos o corpo e ideias
na praia

Na praia
esquecemos o suicídio

Há 2 séculos a.C.
escrevemos as memórias
na praia
fazemos ginástica
na praia
edificamos castelos de areia
na praia

Na praia
procuramos nossas pegadas
há 2 séculos a.C.

Despimos as sereias
tocamos flauta para a brisa
jogamos futebol com as conchas
na praia

Fazemos pipi
na praia

Lemos Hemingway
na praia

Na praia
amamos

Há 2 séculos a.C.
(e antes de todos os deuses)
o sol é venerado
na praia
o mar é adorado
na praia

Enquanto isso:
— nas ruas de Beirute
— nos campos de Chatila
— nas esquinas da Nicarágua
— nas areias do Afeganistão

um sol de sangue
bronzeia os corpos exangues
o mar morto
banha os rostos
(e sequer percebemos
pela interferência do rádio
ou sinfonia do sódio
o grito de socorro
do último afogado:
esquálido
e pálido)

E assim continuamos:
Há 2 séculos a.C.

vamos à praia
alegres e bronzeados
à praia
o ano inteiro
à praia
a vida inteira
à praia
verão e inverno
à praia
calção moderno
ou elegante terno
vamos à praia
impunemente
à praia
sobreviventemente
à praia
a praia

ah praia!

OS BÁRBAROS*

São os bárbaros que vêm
com suas legiões de planetas
suas roupas de acrílico
botas de sete léguas
e o estandarte de ouro líquido

Navegam os cavalos do azul
esporeiam a esperança

* Inspirado no poema “À Espera dos Bárbaros”, do poeta grego Konstantin Kavafis, que trata da histórica invasão dos turcos em Constantinopla.

penduram a pureza nas ruínas
têm o firmamento nos olhos
mas o olhar é de rapina

São os bárbaros que vêm
iluminar nossas auras
Faremos corte às coortes?
Somos de pasto ou corte?
Seus troféus: nossa estima

— A mangueira está florida?
— é porque os bárbaros vêm!
— e já chegaram os convivas?
— é porque os bárbaros vêm!

Ouvi as patas dos seus cavalos
escoiceando o espaço
Ei-los os barões das galáxias
querem o céu e os seus halos
querem a terra não os sete palmos

Doces de espécie servi-lhes
ladainhas entoai-lhes
cidadania ofertai-lhes
Doarão carta de alforria
à nossa frágil soberania?

Triste e desolada Alcântara
calai as vossas carrancas
findo está o desespero:
são os bárbaros que vêm
salvar-nos de nós mesmos!

MANIFESTO DOS CUPINS

Já roemos vossa esperança
livros tradições museus
memória lembranças retratos
pés de cama caibros ratos

amanhã roeremos
vossos ossos

DOS FANTASMAS ASSINALADOS

invoco os fantasmas
da rua grande
(absoluta calma)

invoco os fantasmas
da rua das amarguras
(coqueiro algum farfalha)

acendo tripodes
convoco náíades
nenhum dá a cara

sedento em novidades
partiram todos no barco
dançar na cidade

BALADA DA MOÇA HIPPIE

De que família descendes
esquiva e nobre donzela?
Cerveira Sá Castro Mendes
Bourbon Bragança Castela?
Notícias de amor pretendes
em teu périplo de estrela?
E na bagagem o que escondes?
Sapatos de Cinderela?

Como te chamas? Esther?
Que modelo ostentas Dior?
Proprietária da H. Stern
como tornas ouro em flor?
Só te alimentas de vento?
Teu passaporte é de fada?
Teus sonhos dormem ao relento?
Tua maquilagem é alada?

Fidalga dama do Tejo
Rapunzel rica e franzina
quanto queres por um beijo
que o meu desejo ilumina?
Ai cobra do alegre fado
de que ora a mim se persigna
em ser o Príncipe Encantado
a dividir tua sina!

ENVIO:

Se amor meu hás recusado
por plebeu ousado e estoico
deixo teu corpo tombado
pelo património histórico!

A NOVA BARREIRA DO INFERNO
(a explosão da plataforma de lançamento)

Muitos queriam deter o sol
e ser amados e respeitados:
beijar as línguas de fogo
soprar o ouro do logos
Queriam uns a trajetória
da sarça ardente e brilhar
Outros vestiam a púrpura
banhada em rios de ametista
Quanto descalçaram as sandálias
e penetraram a terra proibida?
Quanto a noite arrebatou
pra serem alimento às orquídeas?
Enigmas perfuram o caminho
de quem trilha espadas ígneas
Ó atadura de rosas lívidas:
tecida está a mortalha coletiva
Vinte e três restaram
nascidos pra não ser
purificados em chama líquida
No chão perduram asas derretidas
Mas é tarde pro sol retroceder
e cedo demais pra eternidade

BANDA DE ASA

pomba do divino
asas do eterno
confessai aos sinos
barreira do inferno

dai coração novo
a todas as criaturas
livrai-as do fogo
noite mais escura

pousai sobre os mísseis
absolvei-lhe os destroços
tornai-os úteis fósseis
museu paleontológico

POSTER

Oh Verônica
enxágua o alvo sudário
em tuas lágrimas cristalinas
para que desapareçam
os espinhos os cravos estampados
a última gota de sangue
o semblante ferido crucificado
desta cidade

Oh Verônica
rasga o alvo sudário
que nem as lágrimas copiosas
ou as águas do Atlântico
conseguirão enxaguar
o sangue a dor estampada
o semblante ferido o calvário
desta cidade

SUPLÍCIO CHINÊS

pingo
sobre
pingo
a chuva caindo
pingo
sobre
pingo
nos parapeitos das janelas
pingo
sobre
pingo
nos beirais dos sobrados
pingo
sobre
pingo
nos telhados das casas
pingo
sobre
pingo
nas abóbadas das igrejas
pingo
sobre
pingo
nas pedras das ladeiras
pingo
sobre
pingo
na testa dos santos
pingo
sobre
pingo
a chuva
caindo

centenariamente

secularmente

pingo

sobre

pingo

primeiro:

com peso

de pluma

segundo:

com carícia

de espuma

terceiro:

com força

de puma

pingo

sobre

pingo

secularmente

centenariamente

pingo

sobre

pingo

nos parapeitos das janelas

nos beirais dos sobrados

nos telhados das casas

nas abóbadas das igrejas

nas pedras das ladeiras

na testa dos santos

pingo

sobre

pingo

a chuva caindo

pingo

sobre

pingo

oh bíblica tortura
torneiras do céu
comportas da fé
pingo
sobre
pingo
nafraga a nossa alma

II
— “Meu Deus
por que nos abandonaste?”

**ROSEBUD
(1990)**

- *O que é Rosebud?*
- *O que disse ao morrer.*
- *descobriu o que é?*
 - *não.*
 - *o que descobriu?*
 - *não muito.*
 - *brinquei de enigma...*
 - *Rosebud explicaria tudo?*
- *Nenhuma palavra explicaria a vida de um homem.*
 - *Mr. Kane teve tudo o que quis e perdeu tudo.*
 - *Rosebud pode ser algo que se perdeu...*
 - *Rosebud pode ser uma peça do quebra-cabeça.*
 - *...uma peça que falta.*

(do filme *Cidadão Kane*,
de Orson Welles)

se tua mãe visse
o teu sorriso amarelo
menino da etiópia
diria (entredentes):
menino jesus de praga
cinco chagas de cristo

se marx visse
o teu sorriso amarelo
menino da etiópia
diria (extradentes):
sol do ouro roubado
pelos irmãos metralha
para a dentadura de reagan

menino da etiópia
que superpoderes do mal
há em teu sorriso amarelo
pra mandarem (tira-dentes)
até a sexta frota naval?

tão fraco fraco fraco
como o cordão do sapato
de flash gordon
tão fraco fraco fraco
que até o *flash*
da máquina fotográfica
que filmou teu último ato
ato ato ato
te faz explodir

POETA COM DOR NO FÍGADO
(Poética Subdesenvolvida)

1

Difícil escrever um poema
sobre os condenados à câmara de gás
com esse calor de 40 graus (à sombra)
que derrete a tinta e faz o verso chorar a cântaros
Com a água pingando na torneira
evocando cenas explícitas de suplício chinês
Quando as contas de luz e telefone
desembarcam na mesa com a galinha e o verso
e a alva folha de linho decola
como foguete doméstico
Poesia em suaves prestações!
— Ei você aí me dá um poema aí?!
Difícil difícil difícil difícil
difícil escrever um poema
Diria até impossível
hein Mr. Itabira?
Como compor com calma
— incrível que fosse —
uma elegia com alegria
uma ode com ódio
ou porventura um soneto
um poema concreto
neoconcreto
com a campainha o remorso o telefone
tocando tocando tocando?
Como conciliar na mente
moinhos de Dom Quixote
com xarope pra bronquite?
Como refugiar-se na madrugada
se a luz foi cortada?

Oh caros amigos bardos
 poetas exclusivos
 reservas temporais da poesia
 como vos admiro
 Mil vezes benditos
 os bebedores de Montmartre e do Portinho
 — tempo integral para o poema —
 enquanto eu — dividido
 melhor dizer — tripartido
 tripartido? — decuplicado
 em afazeres burocráticos
 reuniões sociais
 pileques literários
 pensões domiciliares
 & pensões alimentícias
 com tanto pretexto
 esqueci o texto
 Oh bolsos — redutos da imaginação —
 papel e caneta ou simples canivete
 que esse modelo de calça
 e essa absurda falta de tempo (e de talento)
 impedem-me de alcançar a glória
 e usufruir a mordomia da história
 Oh Poesia
 socorro socorro socorro
 que eu morro
 (com o almoço na mesa
 o amor na sobremesa
 o horário do dentista
 e essa vida de artista
 que hora reservarei para ti?)
 Rimbaud pô
 Há dez mil anos te mandei meu grito
 Tô aflito

3

Resisto e escrevo
Com lápis de sobancelha
 escrevo
Com carvão e suor
 escrevo
Corto-me com vidro
 e escrevo
Com cuspo ou à bala
 escrevo
Com ketchup escrevo
Entre o café e o coito
 escrevo
Após o jantar e a novela das oito
 escrevo
Na parede do banheiro
 escrevo escrevo
 escrevo
(direitos autorais perdidos)

4

O poeta tenta escrever em um lugar impróprio
 É multado
O poeta escreve um palavrão
 É deportado
O poeta desespera-se Estrangula a musa
 É condenado

Lá vêm os inimigos nº 1 do Poema
educados e plúmbeos como um pífaro
— O poeta é um fingidor?
 — Não senhor
— Escreve ouvindo o mar?
 — Trepado na árvore

— Cabeleira de Castro Alves?
— Da mãe da mãe da mãe
O poeta é o filho da mãe
mais perseguido pela sociedade
É o louco furioso o estripador
com a cabeça a prêmio

5

Por justa razão
não escrevo com carinho amor
ternura sedução —
emblemas do coração
Escrevo com a tinta do ódio
com a emoção do ódio
com a razão do ódio

com ódio

SUPERMERCADO

1

A Dor
é produto supérfluo
ou gênero de primeira necessidade?

2

Está na secção de laticínios?
rotisseries? conservas? artigos importados?

Pesa-se em quilos?
Corta-se em fatias?

É perecível?

É enlatada?

3

A Dor

falta nas prateleiras:

é racionada?

A Dor

apodrece:

é confiscada?

Paga ICMS? IPI?

taxas alfandegárias?

Despejam-na aos cachorros?

Doam-na aos orfanatos?

4

A Dor:

sua imensa safra

Agricultores & máquinas

para aumentar a área plantada

Cor e sabor para todos os gostos

Impossível lixo

que a limpeza urbana

não recolherá

5

Imaginemos ao acaso

(como num passe de mágica)

a Dor

desaparecesse das prateleiras?

Haveria desempregados?
Greves? Revolução no Pacífico?
O índice de suicídios aumentaria?
Clientes morreriam à míngua
privados de seu desjejum?

ou néscios consumidores
acostumar-nos-íamos com outro cardápio?

6

A Dor

sua marca registrada
Papel pra presente
ou embalagem de embrulho

agora é passar na máquina registradora
e conferir a mercadoria

7

Da Dor

guardamos o troco

A MULHER DOS LÁBIOS DE ATRAÇÃO TURÍSTICA

Todo ano desembarcam clandestinamente em São Luís
milhares de calças & camisas importadas
para vestir os órfãos & desempregados
Razão pela qual a Alfândega nada declara

São banqueiros de Wall Street mascates de Hong Kong
comerciantes de aço fazendeiros da Austrália
acionistas da GM gigolôs italianos
industriais do alumínio
os proprietários das roupas
Razão pela qual a Alfândega nada declara
WELCOME BIENVENUE BIENVENIDO BIENVINDO
Ocupam os colchões dos hotéis 5 estrelas
distribuem esmolas de 100 dólares
sujam a areia da praia com seu hálito de cerveja
saqueiam o comércio de filmes fotográficos
diminuem o estoque de peixe-pedra camarão artesanato
inflacionam o câmbio das prostitutas
depois arrependidos expulsam Vênus e Baco dos corpos
ajoelham-se franciscanamente como qualquer padre de Calcutá
e aguardam — com hora marcada — a graça prometida
WELCOME BIENVENUE BIENVENIDO BIENVINDO
A lua e o domador de estrelas anunciam o espetáculo
Os turistas fazem tapete humano com os corpos
pra Mulher dos Lábios de Atração Turística não sujar os pés
Ao primeiro extasiado
deposita-lhe na boca um prolongado beijo
Ao segundo roça-lhe as faces trêmulas de emoção
O beijo é proporcional à graça pretendida
WELCOME BIENVENUE BIENVENIDO BIENVINDO
Ao terceiro que lhe oferece os lábios
A Mulher fulmina-o com um beijo-laser
Os turistas entregam a face esquerda e a direita
A Mulher vai distribuindo beijos vermelhos
A Mulher vai distribuindo a graça
O beijo é proporcional à graça pretendida
WELCOME BIENVENUE BIENVENIDO BIENVINDO
Os turistas vão se despojando dos anéis relógios
camisas cordões de ouro broches diamantes

Entoam hinos salmos oferendas
Fazem jejum preces abluções
Estão em estado de êxtase & agradecimento
Sujos de batom & despidos de bens materiais
retornam para casa com a graça alcançada
O beijo é proporcional à graça pretendida
BIENVINDO BIENVENIDO BIENVENUE WELCOME
Todo ano desembarcam clandestinamente em São Luís
milhares de calças & camisas importadas
para vestir os órfãos & desempregados
Razão pela qual a Alfândega nada declara

A INDESEJADA

3 da manhã: pound! pound! pound!
a poesia baixa em mim
como um santo em seu cavalo
mas eu não sou baudelaire
que o mundo ama e ninguém quer
nem sou coronel
pra sustentar bordel
te sai dessa menina
poesia e vaselina
só em festa de grã-fina
escrita fina
estou meio deprê
depois a gente se vê
Edgar Allan pô que tralha
vê se enxota essa gralha!

DIALÉTICA DO OLHO ROXO

todo poema é um soco no queixo da história
um cruzado de esquerda na face da arte
um pontapé no traseiro da memória e da vida

frágil ou potente lento ou ligeiro todo poema
é o ato guerreiro de estremecer maxilares
ainda que leve à lona quem o pratica

a quem não jogou a toalha

(IN)CONFIDÊNCIA À MULHER DO ANÚNCIO

&

mulher do anúncio de coca-cola
boca tecnicolor safra de eterno desejo
quero que saibas mulher do anúncio
(mesmo que não oiças
e sequer desconfies)
da minha paixão regional
nacional
multinacional
por você

&

sei que trabalhas diuturnamente
mulher do anúncio
sessões de pó facial

horas extras com esteticistas
um cachorro pequinês e um romance executivo
impedem-te que vás ao meu encontro
portanto serei
paciente
nos intervalos dos segundos
em que os letreiros luminosos

acendem	acendem
e	e
apagam	apagam
e o meu desejo	
acende	acende
e	e
acende	acende
aguardarei por você	

&

primeiro anúncio da paixão:
devoro 100 rosas vermelhas

segundo anúncio da paixão:
faço transfusão com sangue de carneiro

terceiro anúncio da paixão:
compro um castelo mal-assombrado

quarto anúncio da paixão:
deixo crescer os caninos

&

mulher do anúncio
perdoe os maus modos dos comerciais

mas o que queria mesmo dizer
é que no instante de folga
quero dormir
com você

&

tudo vai melhor com o seu sabor

COQUETEL MOLOTOV

Mortífero dardo:
luzente o petardo
explode o blindado

A poesia deve queimar as mãos

AMNÉSIA ALCOÓLICA

A garrafa de vodca russa
ano XX da revolução
não sabe como veio parar
nas mãos de um poeta brasileiro
anarquista e trivial

A ÚLTIMA CANÇÃO DO QUINTAL

*“No entanto (ouvi) cada um mata o que adora:
o seu amor o seu ideal
Alguns com uma palavra de lisonja
outros com duro olhar brutal
O covarde assassina dando um beijo
o bravo mata com um punhal”*

Balada do Cárcere de Reading
Oscar Wilde

1

glu glu glu glu glu glu
glu glu glu glu glu glu
glu glu glu glu glu glu

&

(— Aqui me tens peru
companheiro de negras penas
pra homenagear-te
com essa garrafa de cachaça
que os canaviais amadureceram especialmente
pra ti
Recipiendário de tua negra sorte
não te faço de boca seca o necrológio
mas antes o elogio da Corte)

2

glu glu glu glu glu glu
glu glu glu glu glu glu
glu glu glu glu glu glu

&

(— Onde meteste o bico
os 364 dias do ano?

Engordavas para os festins de dezembro?

Protestavas em passeata no Harlem?

Procurei-te no jogo do bicho

Não estavas

Procurei-te no Maracanã na torcida do Fla

Não estavas

Vestido em teu negro fardão

treinavas o discurso

para as exéquias do teu cobiçado corpo)

3

glu glu glu glu glu glu

glu glu glu glu glu glu

glu glu glu glu glu glu

&

(— Quando J. Cristo veio ao mundo

o teu canto iluminou o caminho

para que os milagres não se extraviassem

Apóstolo do ecumenismo universal

pregas o sacrifício e te imolas

mesmo quando te confundem com galinha de despacho

Canta peru — canta tenor *underground* —

Canta como Leônidas ante a derrota aos persas

Canta como os cristãos atirados às feras

que nenhuma voz mais alto se levanta

Canta na área cimentada do quintal

a última ária do natal)

4

glu glu glu glu glu glu
glu glu glu glu glu glu

&

(— Oh tenro comparsa mártir dos glutões
por aqui se encerra a nossa conversa:
a História se repete como tragédia & farsa
Antes Júlio César e Brutus no público terreiro
Agora só nós dois frente ao galinheiro
O tempo urge A faca está a postos
Preparado está o fogão e a vinha-d'elho
Baixa a crista e desnuda o pescoço
que vais penetrar na Eternidade)

5

glu glu glu glu glu glu
(— Obrigado peru)

*minuto de silêncio
em intenção do poema*

a john cage

O REBANHO DE DEUS

Os negros de alma branca
e os brancos de alma negra
comungam domingo do trigo de Deus
Vestidos em ternos de linho branco
— santificados e angelicais —
parecem ovelhas pastando na paz do Senhor
O Senhor é o seu pastor

Nada lhes faltará
Na liturgia dos dias úteis
pregam o sermão da discórdia
furtam o pão ao próximo
marcam com o seu ferro a carne dos humildes
misturam sangue ao vinho
celebram o culto do ódio
No domingo tudo lhes é perdoado
O Senhor é o seu pastor
Nada lhes faltará
Uma vez por semana
os negros de alma branca
e os brancos de alma negra
quedam-se contritos na paz do Senhor
E tudo lhes é perdoado
Pela leitura que fazem do texto bíblico
serão eternamente perdoados
O Senhor é o seu pastor
Nada lhes faltará
Na liturgia dos dias úteis
pregam o sermão da discórdia
furtam o pão ao próximo
(e ao mais distante)
marcam com o seu ferro a carne dos humildes
misturam sangue ao vinho
pregam o culto do ódio
Uma vez por semana
os negros de alma branca
e os brancos de alma negra
exercitam o seu sonho de céu
E tudo lhes é perdoado
Agora limpos como a inocência
vestidos em ternos de linho branco
— santificados e angelicais —
rumam para as suas casas

Eles — os negros de alma branca
Eles — os brancos de alma negra

TRATAMENTO DE CHOQUE

Os verdadeiros loucos vestem uniformes brancos
e dirigem os hospitais psiquiátricos
amarrados em camisas de força
À noite uivam como coiotes desterrados
e tentam o suicídio com seringas hipodérmicas
conversando com Stálin Hitler e Mata Hari
Mas eu advogo que estão lúcidos
pelo olhar furioso que destilam
Segundo um relatório assinado
pelos poetas Artaud Ginsberg e Salomon
nunca terão alta

OBITUÁRIO DOS POETAS

§

Antônio Shelley do Rio Branco dos Guimarães Athenas
De traumatismo encefálico-craniano
Espanando os livros de sua biblioteca as obras completas
de Mario de Andrade caíram-lhe na cabeça

§

A. Y. J. J. Z. Poeta espiritualista O maior de sua geração
Psicografava os poemas com canetas bic e os vendia

nas feiras livres acompanhado de 1 kg de tomates
Atropelado por um caminhão carregado de batatas

§

Fábio Lux Declamador apoplético e autor extremado
Num recital em que declamava O Guesa de Sousândrade
a jugular estourou

§

José Antônio Azeviche pseudônimo de Adélia Bombril
Especialista em sonetos à moda escocesa e vida literária
de William Shakespeare Poeta inédito os seus escritos não foram
localizados De desgosto ante a recusa de todas
as editoras em publicá-lo

§

Violeta Vilma Poetisa revolucionária Iniciava seus
poemas de maneira originalíssima pelos últimos versos
Assassinada pelo amante a quem dedicou toda a sua extensa obra
Seis tiros de escopeta

§

Maurício Sampaio Poeta maldito O Rimbaud do Século XX
Embriagado confundiu absinto
com formicida tatu De overdose

§

Celso Jorge De picada de serpente Na sessão solene em que
tomava posse na Academia a áspide escondeu-se no fardão
e picou-lhe o pescoço no instante em que recebia o colar
Velório na Academia

§

Bóris Horroroso Cultor da poesia satânica e cantor
das profundezas do oculto Escrevia com penas de urubu
Encontrado rindo com a boca cheia de formigas
Causa desconhecida

§

Luciano Marx Poeta engajado Colocou a sua arte a favor
dos oprimidos e da estética do proletariado Viciado em
charutos cubanos e vodca russa De estrangulamento pelo
varredor da limpeza pública Após o ato cuspiu-lhe no rosto

§

Felismino Homero Acalentava o sonho de escrever o maior
poema de fôlego da Humanidade usando
técnicas de intertextualidade
e superando Dante Camões e Kazantzakis
“Um mergulhador da alma”
De afogamento no poço do vizinho

§

Eugênio de Andrade “O último poeta brasileiro” na expressão
no *New York Times* Poeta concreto neoconcreto e introdutor
do cálculo atuarial na poesia Seus poemas caracterizavam-se
pela concretude de formas e contabilidade das normas
De desabamento de um viaduto Ontem

§

Lulu Diamante Grafiteiro de banheiro De suicídio à moda Iessienin
após ser esbofeteado pela namorada dark Deixa em seu
testamento 100 tubos de spray vermelho pra Susy
musa dos esgotos de São Gonçalo

§

Luca Lírío Da geração marginal De descarga elétrica de
um orelhão quando ligava de madrugada
pra Rainha da Inglaterra a cobrar

§

Ernestino Calcutá Papa do pós-surrealismo Emocionado
ao ser reconhecido por um motorista de táxi que lhe pediu autógrafo
na Ladeira do Pelourinho Parada cardíaca

§

Simão o Sujo Poeta pornô Colecionava pelos femininos
dedicando às suas ex-proprietárias eróticos poemas
De navalhada por uma prostituta que lhe cortou o membro
com o próprio instrumento de trabalho

NOTA DA ETERNIDADE

Nada de pressa *brothers*
Todos terão o seu devido lugar:
praças públicas enciclopédias
monografias *posters* e coração do povo
Por três séculos
a crítica oficial
a vida literária
e a conversa de comadres
os manterão vivos na memória popular
Biógrafos
favor encaminhar currículos
Admiradores
encaminhar coroas de flores

Todos jazerão
— sorridentes e maquilados —
ah ah ah ah ah ah ah ah ah
ah ah ah ah ah ah ah ah ah ah
nas covas rasas da História

LENDO A MÃO DE UMA CIGANA

Longa é a linha de tua vida

Sol nos pés e lua nos cabelos conhecerás
mas bronzeados homens te percorrerão o ventre
Amores? Dois Longe um coração palpita
Nenhuma cirurgia Uma vingança feminina
O segredo da eterna juventude já o tens
evita o sabonete das estrelas
Protege-te da cárie dos executivos
e dos vendedores de bijuterias Abusam da confiança
Cigarros debes diminuí-los Vejo dias negros
Crediário é trato que não debes assumir
(desculpa te dizer) Compensa-te com colares
Mas poupa alguns cobres para horas de fartura
(pratos comerciais têm ótimo paladar)
Visita as liquidações de tecidos
e escolhe peças resistentes e belas
Convém te enfeitar para as cores do ofício
Cartões de crédito? Cheques de viagem?
Favor devolver Serás gratificada
Perigo de acidentes Evita elevadores
viadutos sobrados e paixões sucedâneas
Jamais usarás óculos Decepcionada?
Alergia contra ouro Dias azuis como teus olhos

No inverno ruma ao norte; no verão ruma ao sul;
estarás livre de tragédias meteorológicas
Não invejes a rica dama Ela tem pedicure Tens caminhos
Felicidade à frente Alguns cortes Melhor calar
Muita luz à tua volta Brilho de estrela ou punhal?
Pequenos roubos Furta o ódio aos homens
A consulta é grátis Cuida bem das unhas
Não laves excessivamente as mãos:
pode apagar a linha de teu destino
Vive a eternidade como as borboletas

(Breve é a linha de tua vida)

MISSA NEGRA

Visto o poema de negro
in offertorium de Jorge Luís Borges:
o espírito que não dorme o olho da treva
as lentes de contato de Sansão &
a bengala dourada de Homero
o *number one* em queda

Vinte litánias de madame satã
em (des)intenção de sua calma

Escrevo em seu túmulo
na biblioteca de Babel:
“a poesia é a salvação”
capítulo IX
versículo 16
(reprodução autenticada
página 857
do *Livro da Infâmia Universal*)

Declaro luto à treva:
durante três dias
versos
queimarão velas vermelhas

CRONOLOGIA

- I. Nasce o poema em papel de cigarros carlton
- II. O poema frequenta bibliotecas universidades e bares e trava conhecimento com outros poemas
- III. O poema prega a revolução permanente e arma os versos com o fuzil do amor
- IV. É editado elogiado nos suplementos culturais e vira embrulho de tomate
- V. Internado com esgotamento nervoso e crise de identidade
- VI. Morre o poema

CENAS DA RUA GRANDE

1
a mulher
dos sapatos de salto alto
iniciou

viagem/com escalas/
pelas boutiques

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

(detém-se em uma vitrina:
o manequim a contempla)

2

um sol de ruge
na face pálida
nariz mais alto
que o empire state
os seios? fuzis
sorriso: kolynos

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

(a língua percorre
o trajeto do batom)

3

quantos anos terá?

— nasceu com a rua grande
tem segredo da água da fonte?

— só se conhece os vestidos
é dona de morada-inteira?

— mosca ousa incomodá-la

troc troc

troc troc

troc troc

troc troc

troc troc

troc troc

(azulejos portugueses
roçam-lhe a pele do braço)

4

época de exames escolares
e a mulher na rua grande
a primeira namorada
e a mulher na rua grande
a segunda namorada
e a mulher na rua grande
atração por romy schneider
e a mulher na rua grande
o primeiro emprego
e a mulher na rua grande
o segundo emprego
e a mulher na rua grande

terceira namorada
e a mulher na rua grande
quarto ano de bigode e barba
e a mulher na rua grande
descoberta da poesia
e a mulher na rua grande
centésimo poema rasgado
e a mulher na rua grande
morte de romy schneider
e a mulher na rua grande

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

(a tarde desfalece
em seus quadris)

5

desejo-a:

sorvete de chocolate peru de natal
cuxá feijoada mineira quindim de coco
bacalhau à portuguesa *poulet à la touche*
caldeirada de camarão doce de pitanga
steak diana strogonoff de filé
mulher à caçadora

NHAM!

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

(os bicos dos seios acendem
os letreiros das lojas)

6

uma obsessão:
como serão os pés?
uma indagação:
qual o perfume?
uma insinuação:
terá vaga no coração?

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

a mulher dos sapatos
de salto alto
reflete seus olhos
na vitrina
os olhos

da mulher de sapatos
de salto alto
refletem nos meus
a vitrina
reflete os meus olhos
e os olhos da mulher
de sapatos de salto alto
a vitrina
meus olhos
e os olhos
da mulher de sapatos
de salto alto
são sócios
cia. ltda.

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

troc troc
troc troc

7

a mulher dos sapatos
de salto alto
(agora) veste as meias transparentes
e retoca a maquilagem

sapatos
&

sapatos

BURACO DE FECHADURA

1

te conheço sol
gambiarras da noite
girassóis de van gogh
do brilho da lama &
do podre das frutas &
do vil metal;
de ontem & de hoje:
pelos de ninfetas
do ouro das facas
do reflexo dos cálices
&
do esplendor da loucura
por isso é lamentável
quando comemoro o fim
de toda escuridão
incendiando os sinos das igrejas
(como um bárbaro sobre as ruínas
da grécia)
não estejas aqui
pra me saudar

2

mercúrio é contigo?
urano também?
maldita angústia de peixes
que afoga num aquário de trevas
todo chumbo da nuvem
(que de antemão célan sabia
a respeito de saturno)

aceitas um brinde?
na areia da praia
sirvo-te uma taça
de vinho branco
beija meu corpo
com a tua língua de fogo
& crepita em mim
o fogo da poesia e da vida
mais intensa

oh conde drácula
herói futuro
do dia mais profundo
aqui tens a libertação
entrega a face esquerda e a direita
para que os raios iluminem a tua glória

o sol é convosco
comigo também

POEMA EMBALADO
P/ JOSÉ ERASMO FONTOURA ESTEVES DIAS

(1º Movimento da Rede)

descansa
nessa rede de linho branco de são bento que mãos santificadas
pela pobreza trançaram com amor & suor enquanto o último bando
de guarás incendeia o céu & sangra o voo das garças

descansa

ouvindo a 2ª sinfonia dos gatos vira-latas nos telhados
a ópera bufa dos grilos nos quintais os conselhos do companheiro
vladimir ilitch que sussurra algumas palavras em teu ouvido esquerdo

descansa

os reis magos da noite já depositaram em oferenda cachaça
de santo antônio dos lopes mandubés do mearim & incenso pra expulsar os
espíritos inferiores que rondam a tua casa e aporrinham o teu sono

descansa

fernando já chamou o barbeiro do pompeu a manicure dos apicuns
& mandamos confeccionar no mário um terno de tropical inglês
para assistires condignamente às exéquias dos azulejos

descansa

não vai faltar papel no mundo & apesar da crise de celulose
os escritores só morrerão quando o último cupim roer a
última letra dos livros & ainda assim a memória roerá o derradeiro cupim

(2º Movimento da Rede)

repousa

teus familiares passam bem: teresa estuda letras modernas com o
prof. fred williams na universidade da califórnia
mariarcângela desmanchou o
casamento com um engº da alumar e se amigou
com o cantador do boi da Madre-de-deus

repousa

os teus irmãos judeus serão vingados pelos *maitres* dos restaurantes franceses que servirão aos algozes um cardápio à base de carne de porco à moda *yom kippur* com vinho tinto extraído dos campos de concentração

repousa

a humanidade continua a morrer pela boca o amor morre pela boca a boca (planta carnívora) continua a mastigar chineses russos e americanos com mau hálito dispensa a tua pasta de dentes

repousa

os direitos autorais de tua solidão serão depositados no banco de pasárgada pagaremos a conta de água e luz & converteremos os vales do quitandeiro em convite pro *réveillon* de todos os mendigos da cidade (até a tua lua burguesa servirá de sobremesa)

repousa

a última gaveta do móvel de jacarandá se fechou dispenso as lamparinas? já estão aí o oficial de registro civil a passista do quinto e o garçom do hotel central com a última taça de xerez mando-os entrar?

(3º e Último Movimento da Rede)

descansa

(repousa)

— oh tutankamon
sem maldição —

em

PAZ

**mesofácio
(menopausa)
ou onde o leitor pode trocar o livro de mão
acender ou não um outro cigarro
(com ou sem fundo musical)**

CONDOMÍNIO SOPHIA

Subsolo:

automóveis pernósticos de narizes arrebitados
espelham-se narcisicamente no vidro da garagem

Térreo:

o porteiro de *smoking* olha com desdém os banhistas
que passam para a praia e pinga gotas de colírio
nos olhos

1º Andar:

casal de canários belgas e a governanta aguardam
impacientes *monsieur et madame* y que retornam de
viagem à indochina onde foram distribuir caramelos
às crianças carentes

2º Andar:

a biblioteca com 20.000 volumes arqueja
3 assistentes e o bibliotecário-chefe
fazem resenha do pensamento proustiano

o mordomo adora literatura policial
e sequestra conan doyle
(na mesa de cabeceira
exupéry com insônia
toma 1 comprimido
de diempax)

3º Andar:

três universitárias de letras discutem a poesia
de maiakovski karl marx? uma gracinha mas devia
aparar a barba
vão escrever uma carta à globo pedindo que seja
incluído na próxima novela

4º Andar:

personagens de modigliani fitam-se entre si
uma chávena de chá circula entre os circunspectos
clô (o gato siamês) rejeita o salmão dinamarquês
comoção total delírios telefonista? clínico geral
ur-gen-te

5º Andar:

resquícios do existencialismo pós-guerra
xícaras de porcelana francesa
não resistem à solidão e atiram-se
prateleira abaixo

6º Andar:

cavalheiro bem-penteado passa geleia de morango
na torrada folheia *o globo* e depara-se com caso
de calamidade pública: doa 1 milhão de dólares
para as vítimas da enchente do rio tocantins
(terça-feira deduz o dinheiro
do imposto de renda)

7º Andar:

o morador perscruta de binóculos o panorama marítimo:
biquínis seios nádegas navios
enxerga indignado a classe operária que se bronzeia
entre farofa de ovo xixi de criança
e sandálias japonesas
amanhã inicia campanha para evitar
a poluição da água e da areia

8º Andar:

o banqueiro passeia em trajes sumários pelo ap.
olha o movimento das ondas analisa a queda
da taxa de juros e sente um profundo enjoo
da vida

9º Andar:

ratos tratados com queijo suíço realizam
a 1ª assembleia geral e resolvem adotar
o controle da natalidade:
malthus o chefe do clã triunfa com a tese
“menos ratos mais queijo”

10º Andar:

srª elegante abre o guarda-roupa e não encontra
entre 1.000 vestidos o modelo ideal pra noite:
– diabo de vida miserável!

11º Andar:

três solteironas fazem tricô suspiram com a
lembrança do amado que conheceram entre as filmagens
de **por quem os sinos dobram** (o apaixonado é
gary cooper que ainda não respondeu às cartas)

12° Andar:

o elevador faz greve de duas horas
reclama do peso das joias e dos casacos
ameaça aposentadoria e entra na justiça
por perdas e danos

13° Andar:

solteirão beirando os sessenta desce pro *cooper*
como não quer ser incomodado por mendigos e vendedores
de bilhetes de loteria leva a tiracolo kissinger
o pastor alemão

14° Andar:

frank sinatra entoa *let me try again*
a doméstica entoa *bye bye brasil*
toca o interfone: alguém quer subir?
exigem-se credenciais: conta bancária
ou título de nobreza

15° Andar:

família triste almoçando ao redor da mesa
silêncio tumular nos lábios e taças
falecimento de tia? falência?
mosca no filé com alcaparras

Cobertura:

os anjos dizem amém

A UM EXECUTIVO

Invejo você amigo
Ar de galã de cinema
mulher bonita
carrão do ano
mesa cativa no restaurante
amigos na praça
foto na coluna social
Só uma coisa não entendo
Você viver enforcado
com essa gravata no pescoço
preso à vida por um laço
como um embrulho pra presente
E quando o mundo desabar
nem o seu cabelo vai despentear

CADEIRA ELÉTRICA

Todo poeta tem direito ao último pedido
Canção de Dylan cachimbo inglês
ou o indefectível bife com fritas
Ninguém poderá recusar o batismo de fogo
de quem foi o herói de todas as paixões
(Assim falava Caryl Chessman cela 455
enquanto engraxava os sapatos vermelhos
pra assassinar pombos no Central Park)
Se o cabelo foi penteado não mais importa
Essa foi a derradeira apresentação
(O leitor pode assassinar o verso de cima)
— Inferno de kryptônia que sabes de Dante Alighieri?

O povo viu a cena na tevê & lavou as mãos nos bares
Ninguém percebeu que a alta voltagem da descarga elétrica
incendiou-lhe o fio condutor da memória
antes do curto-circuito afinal
No trono onde posa como um decadente deus grego
desenhou com as unhas o derradeiro poema
Mas quem quer saber de um poeta sem *smoking*
& reclamando do *ketchup* (na calça) no dia do prejuízo final?
Na foto estampada na primeira página dos jornais
o poeta ri Ri da América e dos homens de boa vontade

PLANTÃO

diempax	preludin
psicopax	perventin
energisan	melhoral
gluconergan	sonrisal

o poeta só dorme
quando cessar a dor do mundo

EROSPOEMA

com a pica do mestre de obras
picasso pintava o sete
mas esbanjava tinta

contido era dali
de pincel duro ruborizava as telas
gala na cabeça

**MENSAGEM AOS POETAS QUE CONSIDERAM
O CREPÚSCULO DE SUA TERRA O MAIS BELO DO PLANETA**

Não existe o sol
O que existe são girassóis decapitados
chorando no túmulo da orelha cortada de Van Gogh
Girassóis também são utopia
Contenta-te com a estrela
que trazes escondida no bolso da calça
e vai brilhar

IMITAÇÃO DE CRISTO

Eu também tenho 33 anos completos
barba por fazer paixão por prostitutas ódio da humanidade
e me crucifico diariamente no bares da cidade velha

CHEIRO NO CANGOTE

a thiago, 4 years

Esse cheiro gostoso
que se desprende do teu pescoço
e aspiro aéreo e dengoso
não é de perfume francês
Cheira a sabonete lux
a essências de ninfas
e néctar de lírios
mas não é

Penetra pelo nariz
e transporta ao país das maravilhas
mas cocaína não é
Como conhecer-lhe a secreta fórmula?
Cheira a Cinderela?
Fragrância de musa desnuda
c/ certeza não é

Deixa aspirar mais um pouco
Cheiroso é
Carinhoso é
Malicioso é
Delicioso é

Cheira a bebê johnson
Mas não é

Parece cravo e canela
Mas não é

Tem odor de açucenas
mas não é
Recende a âmbar
Será que é?
Esse cheiro gostoso
que se desprende do teu pescoço
o que é o que é?

LUDOVICELA DESVAIRADA

Preso ao mundo
pela certidão do registro civil
pelo sino da Igreja dos Remédios

pela água benta/barrenta do Rio Anil
pelo autorretrato vangoghianoalmeidiano
da Rua das Hortas

oh cores

odores

estilhaços do crepúsculo em poça d'água
bumba-boi sangrando no matadouro da COPEMA

sol nascendo salpicado de coco

no cuscuz do mercado central

mar do olho d'água engarrafando o trânsito

das motocicletas da rua da paz

por *omnia saeculum saeculorum*

do barroco barro barraca

barcos

recolhendo os naufragos do Maria Celeste

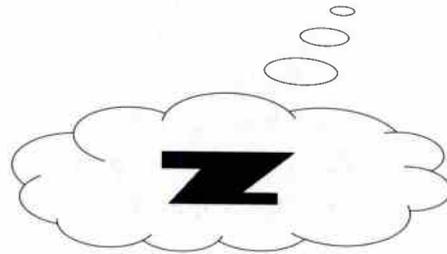
que há 28 anos nadam pra Alcântara

enquanto a neve (como bofetada)

cai na Praça no Pantheon

e acorda os bustos dos imortais que roncam

depois da feijoada & caipirinha do sábado



Oh escáfulas da memória! estalactites do cérebro!

poço da infância límpida tiquira

santos de madeira de D. Justina Nava

fabricando milagres na sala de estar

cabeça cortada da ecologia

em bandeja de alumínio

jaçanãs salpresas voando acima

dos papagaios de Zezé Caveira
— meu reino por um bacuri!
cigarretes please Ana Jansen?
ar bar mar verbo amar
bonde bonde bonde bonde
onde?
silêncio sábios sábias palmeiras
que o poeta Sousândrade
depõe neste instante
no museu da imagem & do som
sobre as pedras da Quinta
que Vicente Yanez Pinzon
achou tenras e saborosas
como batatas portuguesas
(enquanto isso
o mulato A. G. Dias
filho de Vicência
bebe cerveja no bar do hotel central
em cia. de turistas portugueses
franceses
holandeses
& americanos
que pagam a conta
com um índio tupi)
Oh sirenes da fábrica Santa Amélia
parem de buzinar
que os leprosos do Bonfim
voam de asa-delta para o céu
& está se rompendo o tímpano
das moradas-inteiras & Aurora
deu ontem parto a uma flor
Cidadania pra Daniel de La Touche!
Cadeira elétrica nas musas de sacadas!
todas desnudas ou o poema não continua

pedras de cantaria

— rogai por nós

garotas do ribeirão

— rogai por nós

bar athenas

— rogai por nós

Dominus vobiscum

et cum spiritu tuo

oremos

por São Luís rei de França

que perdeu a vocação de santo

ao avistar a estátua do Cristo Redentor

e ficou com complexo de inferioridade

pelo casamenteiro Santo Antônio

que requereu aposentadoria

de tanto conversar com mulher feia

pelo Pe. Vieira

que entrou numa entrada secreta

da Igreja do Desterro

e encontrou-se com o diabo

pelo poeta Nauro Machado

que tropeçou no crepúsculo do Portinho

e quebrou o dedão do pé

por Napoleão Bonaparte

que ontem fugiu da colônia

pela nossa *latinidad*

nordestinidad

maranhensidad

pelos trovadores do século XX

pelos cadáveres do IML e AML

pela nudez castigada da 28 de Julho

pelo sangue azul de nossas praças

& também por Ana Teresa

Ana Cristina

& Ana Carolina

(nossos comerciais de cuxá
por favor)
Oh cidade mal-amada amaldiçoada
duas pontes de safena no coração
carótida de pedra poluída circum-navegação
sístole-diástole de sobrado cansado
alma de barro oco
filial de Portugal
&
multinacional
xarope para os teus fantasmas!
pavões reais para os teus pobres!
ressuscita Jerônimo de Albuquerque
que o diabo e o invasor
estão soltos
e nem a fórceps
ou à força
querem decolar daqui
Oh taba de índios amestrados
curare na língua oca colonial
sotaque de matraca diáfana Hidra
— ave!
inda assim me perco
em teus lençóis de dunas
danço um bolero contigo
na rua da alegria
incendeio teu vestido
com óleo diesel
e fabrico em tua noite
estrelas
&
meteoros

Tende piedade de nós
por nume nossos avós

O ÚLTIMO TANGO EM SÃO LUÍS

A Poesia já tirou de mim tudo o que queria
Projeto de vida calma destino de dândi
respeito familiar ações na bolsa
um olhar limpo sem olheiras
Quinze anos depois ela continua
— tragicamente linda —
me seduzindo com seu *striptease* noturno
e o seu olhar de terremoto
me expondo à sua boca de nicotina
e ao seu perfume de mulher fatal
· Ei moça basta por hoje
Que tal publicar nos jornais
o edital da missa de sétimo dia
e dançar um antepenúltimo tango
comemorando a minha subida dos infernos?

P.S.: A Poesia mostra a bunda de fora

TEMA DE HULK & DAVID BANNER

1
só
em cia. de maioneses hellmans e marmeladas colombo

só
em cia. de johann sebastian bach & johnny walker (rótulo preto)

só

em cia. de bife com fritas cabelos azuis de silvana
estudo 11 de villa lobos fichas de orelhão mala de couro
cru

só

em cia. de aleksiei ivanovitch espelho quebrado do
guarda-roupa anúncio de calvin klein ponteiros do velocímetro
telegramas das putas de missouri

só

em cia. da estrada pra chicago tua foto descolorida na
carteira sinos da igreja chamando pro motel sol forte
incendiando os cabelos

só

em cia. dos cílios de halley motocicletas de modigliani
preces a n.s. da multidão pôr do só em ipanema

só

em cia. do sol

só

em cia. dos bancos de praça notas de 10 dólares poemas
de *pound* devorados com molho inglês penca de bananas
podres

só

em cia. de notas fiscais dos restaurantes metrô de buenos aires
relógio quebrado de graciliano ramos urubus sangrando
minha sombra no asfalto

só

em cia. das nuvens imbecis de gauguin versos protestados
no cartório das letras rh negativo soco inglês
no queixo da história

4

coiote solitário incendeio a dor em gás neon
e toco saxofone para as estrelas

dó
ré
mi
fá
SÓ

S.O.S.

ASSIM FALAVA MISHIMA

O que têm em comum
um escritor japonês
candidato ao Nobel de Literatura
e um poeta de São Luís
passado na casca do alho da província
são saudades de Paris

CRISTO REDENTOR

(um papo com)

Eu sei que tu estás numa solidão pré-histórica
e há séculos ninguém te faz companhia
Pudera — com essas olheiras de Drácula —

espantas até as beatas da Penha
Fedes como um velho gambá Te apressa
Abramos urgentemente um crediário na Fiorucci
Te empresto identidade e talão de cheques
Toma um fósforo Acende o teu cigarro
O beijo amigo é a véspera do escarro
A mão que afaga é a mesma que apedreja
Melhor te acostumares a andar de asa-delta
e largar de fiscalizar a mulher do próximo
que o próximo anda distante Em Cingapura
Quanto tempo não vais a um cinema? Curtir um fumo?
Quanto tempo ninguém te convida pra uma onda?
Nessa cidade existem 6.000.000 de seios femininos
apontando em direção ao nosso peito
Bota fé amigo que o teu reino é deste mundo:
hamburguers topless e cocaína
Tu também és filho da Virgem Tens direito
Pela noitinha te arranjo companhia

SAINT-LOUIS, 970

O gesto mais revolucionário
que minha geração conheceu
foi o da companheira Natasha
Numa tarde de muito calor e miséria
quando os ricos tomavam suco
com o sangue dos pobres

Lady Godiva aliás Natasha
— róseos bicos dos seios e pentelhos de ouro —
despiu-se do disfarce pequeno-burguês
e dirigindo nua o seu puma branco conversível

em alta velocidade pelos bairros operários
por amor à causa revolucionária
unicamente por amor à causa revolucionária
trepou com todos os mendigos da cidade

Estava iniciada a luta de extinção de classes

ODE AO PEQUENO PRÍNCIPE

Tua literatura é demais
As crianças acham-te adulto demais
Os adultos acham-te infantil demais

ÓCULOS DE MADAME IMELDA

Há liquidação em todas as óticas do país
mas quem ensina a enxergar a realidade?

POETA NO BANHEIRO LENDO CÉSAR VALLEJO

Estou em obras

CALAMIDADE PÚBLICA
(à maneira de um caudaloso pileque)

O poeta Nauro Machado é o precursor da Arca de Noé:
nem a saliva de todas as mulheres
consegue saciar-lhe a sede
Em 1928/29 acordou com ressaca moral
e tomou de um trago a água dos mananciais
que abasteciam a cidade de Jerusalém
(todos os nascituros
tiveram as gargantas decepadas)
Para aplacar sua ira Deus inventou a Lei Seca
e deportou-o para o Saara por 3.950 noites
Mas por vingança adotou a cidadania paraguaia
e escreveu homéricos versos em homenagem a Stroessner
Retornando ao país de origem
(as barbas crescidas como a do profeta Dostoievski)
esqueceu a pena imposta/desenterrou a taça do rei de Tule
e (hidroemocionado) ergueu um brinde à multidão
As águas das cachoeiras desceram-lhe garganta abaixo
e ninguém mais ouviu falar de Sete Quedas
Sedento o poeta vai deixando um rastro de destruição
Em Paris o Rio Sena escapou milagrosamente
de sua fúria (O leito do rio estava no nível da boca
do poeta/mas o corpo de bombeiros debelou o incêndio)
No Haiti um decreto-lei proibiu o mar e as ondas
de comparecerem às praias durante o verão
(Mas todo o conteúdo dos cocos das palmeiras foi
sacrificado em sua intenção)
Em Londres a Scotland Yard proibiu a sua entrada
alegando que o Tâmis estava com febre amarela

Pra sobreviver os comerciantes de bebidas
adicionaram água mineral nos estoques de rum e conhaque
e ofertaram hinos e presentes a São João da Barra
O Oceano Pacífico a Unicef e o mar da China
consideram o poeta (depois das lavadeiras em greve
de Detroit) o maior inimigo da humanidade
— 5.000 garrafas do melhor Bourbon pela sua cabeça!
Moradores das margens do Nilo
e restos mortais de sarcófagos cuidado!
O poeta Nauro Machado vai pescar no centenário rio
e tem no olhar seco imagens de naufrágio

A ETERNA REPÚBLICA DE PLATÃO

Poesia sempre foi presente de grego
Cisco no olho de Zeus Banquete pra ninfas
Dedo pra Musa Platão estava certo Seféris que o diga
Mas só ela dá tesão e esperança aos poetas
pra levantarem o rosto altivo em praça pública
e salvarem o pescoço do laço da História
Embeirikos — todos cantam afogados no banheiro
e cortam os pulsos heroicos na pia batismal
pra que tu poesia gotejes e circules nas veias
Tocar harpas já foi arte de deuses
Hoje é profissão pra delicados Evoé Clio
Quanto a mim ossos do ofício me rebelo e sangro
Guardo-lhe o segredo como a urna de Kaváfis
Utopia em carne viva decifro-te e me devoro
Homero vermes saem de tuas órbitas
e parecem lágrimas de crocodilo

BIOGRAFIA DO CAOS

adoro ficar a ver navios
principalmente quando afundam

MANTENHA DISTÂNCIA

A Poesia é uma droga alucinatória
mais forte que o lsd e o poder
Só deve ser usada contra o real
Causa ao viciado — *delirium tremens*
desprezo da sociedade & a pena capital
Perigo Perigo Perigo
Mantenha distância do poema
Evite o primeiro verso

EXERCÍCIO DE COOPER

(Respingos Poéticos/Gotas de Suor
de um Menino que Acreditava em Poesia)

0 m

O poeta vai correr 5.000 m
Meta: aumentar o fôlego do poema
Lamenta que Luiza Brunet
faltasse ao compromisso
Mas há o sol

200 m

O poeta mede a distância da paisagem
Quer vender 1 milhão de exemplares
e morar numa comunidade alternativa
no Minnesota ou em Hong Kong
Mais isso cansa a beleza
Consagra o ideal da palmeira:
sombra e água fresca

400 m

A adrenalina dispara Sístole-diástole
Inspiração transpiração Gotas de suor
A poesia começa a perturbá-lo
Tem uma estranha visão de que a Mona Lisa
é a reencarnação do profeta Isaías
Trans-pira

600 m

O poeta é um atleta?
O poeta é um asceta?
O poeta é um esteta?
Respondam pássaros e palmeiras

800 m

O poeta rompe a secular timidez
e quer dividir a conta de luz
Como não tem coragem pra se declarar à amada
apela às nuvens que reproduzam no céu
o poema de sua grife
“Mamãe te queria pra nora”:
Sônia?
Vânia?

Flávia?
Sílvia?
Carolina?
Helena?
Ora
Cora!

1.000 m

Placa de coca-cola é cultura
Mar azul é cultura
Areia branca é cultura
Urubu voando é cultura
O poeta tem uma ideia genial:
abandonar a poesia
e se dedicar à agricultura
Batatas &
batatas

1.200 m

Moça entrando na praia
Escala richter: 8:6
no coração

1.400 m

O poeta sente a vista escura
e perde de vista o poema
Invoca a proteção dos poetas
Homero e Jorge Luís Borges
pra não perder o caminho

Escreve torto em linha reta

1.600 m

O poeta pensa em preparar o futuro
Para ter uma velhice sossegada
investirá em papéis e letras de câmbio:

poemas y poemas

1.800 m

— Poesia ààà vista!

Rebate falso

Apenas uma gaivota bicando
a linha do horizonte

2.000 m

Pisar na grama é um ato louvável
A felicidade é uma coisa descartável
O poema só deve dizer o indispensável

2.200 m

O poeta tem nova crise existencial
e pensa em abandonar a poesia
Mas e o leite das crianças?

2.400 m

O poeta revisa trechos de Drummond
que incorporou à sua obra
Eu não queria dizer
mas esse sol e esse conhaque
deixam a gente comovido
como o diabo

2.600 m

Relembra a sua adolescência
transcorrida em Manhattan
em cia. do poeta Sousândrade
Dry Martini Púbis Inferno de Wall Street
Pena que tenha nascido em 1953
não conheça a América
e Sousândrade tenha falecido
há quase um século

2.800 m

(Pausa pra repensar
em Rosebud
o enigma do Cidadão Ka/ynes)

3.000 m

O poeta destila vodca e suor
Se a memória não o trair mais uma vez
escreverá um poema chamado
“Amnésia Alcoólica”

3.200 m

Marca encontro com uma loura
Às 9 Na esquina do poema

3.400 m

O poeta não quer mais a mulher do poema
Quer a mulher Sem o poema
Abandona a poesia
e junta as trouxas
com uma loura bárbara/bávara
herdeira de uma cadeia de lanchonetes

A SEGUIR:
cenas
do próximo
poema

BARRICADA

(entre o chope e a batata frita)

resistiremos à solidão e às suas latas de cerveja
resistiremos à estátua da liberdade e às sagradas escrituras da moeda
resistiremos ao asco e à orelha cortada de van gogh
resistiremos às profecias de nostradamus ao estilo luís xv
ao paralelo 17 e aos cabelos da boneca de silvana
resistiremos à labirintite de borges
resistiremos a são jorge e ao seu dragão de estimação
resistiremos à maldição de tutankamon ao sorriso colgate
aos mísseis pershings e aos sabiás embalsamados nas palmeiras
resistiremos à fúria do teu olhar de 5.000 watts
resistiremos ao medo e ao senhor dos seus exércitos
resistiremos aos cardeais que só sabem dizer amém
resistiremos aos gafanhotos e às primaveras de praga
resistiremos ao inventor da distância
resistiremos contra todas as distâncias
resistiremos às reduzidas edições do amor e aos seus livros
mal-encadernados
resistiremos aos galos que acordam a manhã sem nenhuma esperança
resistiremos a quem dinamitou a esperança
resistiremos (principalmente) contra tudo e todos:
armados de metralhadoras olivettis burroughs e remingtons

resistiremos até a última gota de sangue dos poetas
até a última gota de sangue dos poemas
até a última gota de sangue do último poema
até a última gota de sangue do último verso

posfácio
ou onde o leitor (não) necessariamente
expõe o seu desagrado
sobre o lido e o revivido
com um sonoro elogio
à mãe do poeta

**O RETORNO
DA AURA
(1994)**

1. Verdadeiro, sem mentira, certo e veríssimo.
 2. O que é inferior é como o que é superior e o que é superior é como o que é inferior para penetrar os milagres de uma coisa única.
 3. E como todas as coisas vieram de um, pela meditação do um, assim todas as coisas vieram dessa coisa una, por adaptação.
- Seu pai é o sol; sua mãe, a lua: trouxe-a o vento em seu ventre; a sua nutriz é a terra.

Tábua de Esmeralda
Hermes Trismegisto

Duas coisas, quanto mais se ocupa delas a reflexão, quanto maior é a frequência e a observação com que a reflexão se ocupa delas, chegam ao ânimo com renovada e progressiva admiração e respeito: o céu estrelado e a lei moral dentro de mim. A nenhuma delas devo buscar, nem meramente suspeitar delas como ocultas na obscuridade ou numa imensidão exterior ao meu campo visual: ali estão as estrelas, eu as vejo e as conecto imediatamente com a consciência de minha existência.

Crítica da Razão Prática
Immanuel Kant

Quando olho os céus, obra de vossos dedos,
a lua e as estrelas que lá fixastes:
que é o homem, digo-me então, para pensardes nele?

Salmo 8

E quando em nossa interna cela
a luz de novo volta a arder,
o coração está de volta
e nos voltamos a entender.

O Fausto
Goethe

É necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração se torne uma causa formal para que a obra tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz.

Imaginação e Matéria

Gaston Bachelard

Quem está ao sol fecha os olhos
começa a não saber o que é o sol
e a pensar muitas coisas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
de todos os filósofos, de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
e por isso erra e é comum e boa.

O Guardador de Rebanhos

Alberto Caeiro

INTRODUÇÃO À LUZ E SOMBRA

Batizamos a expressão “retorno da aura” em contraposição à ideia formulada por Karl Marx de “perda da aura”, no século retrasado.

A visão de Marx se apoiava na convicção de que o capitalismo tenderia a destruir a ideia do sagrado, do numinoso em nós. — “Tudo o que é sagrado é profanado.” Contudo, conforme observa Marshall Berman, Marx divisaria as virtudes da perda do halo em nossas cabeças, com o despertar da igualdade espiritual em todos os homens. Todos teriam igualdade. Os humildes herdariam a Terra.

Paradoxal e frágil em sua visão ontológica, a formulação da tese da “perda da aura”, acabaria, na prática, fazendo tábua rasa do próprio socialismo, ao se aliar na sua essência com o capitalismo, na perseguição do objetivo comum, porquanto faces da mesma moeda materialista: a construção do homem econômico, dissociado da antiga herança espiritual e, portanto, desprovido de cosmovisão solar.

Sobre esse protótipo, filho do racionalismo, Freud, ao tentar salvá-lo, despejaria o seu batismo de fogo, criando, da sua própria costela, o barro plasmador do “homem sexual” (Jung depois resgataria Freud, rumo a uma compreensão holística do homem, em que o elemento espiritual lhe seria devolvido).

Estava criado o modelo do “homem científico”, príncipe herdeiro da época fáustica em que vivemos, em que o pensamento se opôs ao sentimento, a razão distanciou-se cada vez mais da fé e o intelecto, desprovido da aura interior (o luminoso calor do coração), lançou a consciência em trevas, afastando-nos da luz.

A exploração do homem pelo homem (capitalismo) e a luta de classes (socialismo), em conjunção, essas sim, foram os terríveis instrumentos demolidores que, em sua ótica materialista, criaram o verdadeiro ódio de classes e um grande fosso na vida da humanidade. Em definitivo, acabariam por excluir o halo de nossas cabeças, lançando-nos no abismo da angústia espiritual.

Empregamos aqui o conceito de “retorno da aura”, no sentido heliocêntrico de nos reconectarmos com a nossa luz interior: o sol espi-

ritual, de que a aventura racionalista empanou o brilho; sofridos, pretendemos resgatá-lo numa caminhada rumo à claridade.

Na definição deste conceito, tomamos emprestada aos hebreus a sua concepção de aura (“*aur*” para eles), citada por Oscar Adler em seu luminoso estudo sobre os quatro elementos e o homem, por assemelhar-se aos objetivos que pretendemos atingir.

“Para os hebreus, a palavra ‘*aur*’ assinala uma tríade em que se revela o brilho da luz que pode ser comparada ao todo, com a triplicidade do ato da revelação de si mesma, mas revestida de um significado especial”.

“A primeira letra do abecedário, ‘A’, o ‘*Aleph*’, designa o ponto de partida da revelação — ‘ser arquétipo’. ‘R’, o último fonema, assinala a palavra *resch*, cabeça. Quer dizer: ‘o ser captado em sua consciência’. ‘U’ (que antigamente era o mesmo V), designa a palavra *vaf*, agulha. Ou seja, aura (‘*aur*’) é a reunião da consciência e do ser no ato de autocaptação do ser.”

Segundo Adler, esse tríplice ato de autorrevelação é que separa a luz das trevas em sua essência e está contido o ato de revelação do mundo. Captado em seu significado mais profundo, indica a reunião da luz interior com a exterior, por uma raiz comum.

“Faça-se a luz! e a luz foi feita.

Viu que a luz era boa

e separou a luz das trevas.

Chamou à luz de dia,

e às trevas, noite.”

(Gênesis)

Para Titus Burckhard, a tese da correspondência mútua entre o universo (macrocosmo) e o ser humano (microcosmo) se fundamenta no conhecimento de um único espírito que a tudo abarca, mantendo a mesma relação que um foco de luz mantém com o seu reflexo. Podemos dizer — segundo Burckhard — que a alma (psiquê) está no corpo tal como o espírito (*nous*) está na alma. Inversamente, podemos afirmar que o corpo está na alma tal como a alma está no espírito, como o princípio da unidade que se revela subjacente.

Na concepção bramanista da criação cósmica, a ideia solar se repete como um facho revelador:

“E essa luz que brilha sobre este céu, mais alta do que tudo, mais alta do que qualquer coisa no mais alto mundo, além do qual outros mundos não há, essa é a mesma luz que está no interior do homem. E para isso temos este exemplo visível: quando percebemos pelo tato o calor aqui do corpo.”

(Chandogya-Upanishad)

E:

“O que este brama é, é exatamente aquilo que arde como disco solar.”

(Çatapatha-Samhitā)

Prossigamos.

Nos tratados de alquimia, o sol do homem é representado pelo coração. A lua designa a mente. O sol representa o dia. A lua, as trevas, a noite. Entendido cosmicamente, o sol é doador de vida. A lua não tem luz própria. Reflete a luz solar. O sufismo afirma que na verdadeira música da vida a nota-chave é dada pelo coração. De acordo está a visão taoísta em que o coração é designado pelo elemento fogo, e a mente, pelo elemento água. “A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam” (Evangelho de São João).

O processo de iluminação indica que a verdadeira luz (*satori*) é obtida através da união entre os opostos: o sol e a lua. Coração e mente. Fé e razão. Sentimento e pensamento. Yang e yin. Coração e mente unidos é que fazem plena a consciência. Sem o coração, a mente é escuridão. Sem a mente, o coração é luz que não reflete. A fé é esclarecida pela razão. A razão é humanizada pela fé.

De acordo está a psicologia junguiana, na abordagem da antinomia luz-sombra, ao esclarecer que o processo de individuação é o da harmonização da consciência do eu com o inconsciente da psiquê. Para Jung, esse processo de colaboração entre o consciente e o inconsciente “dá origem ao deslocamento do centro da personalidade, que passa do ego para o si mesmo”.

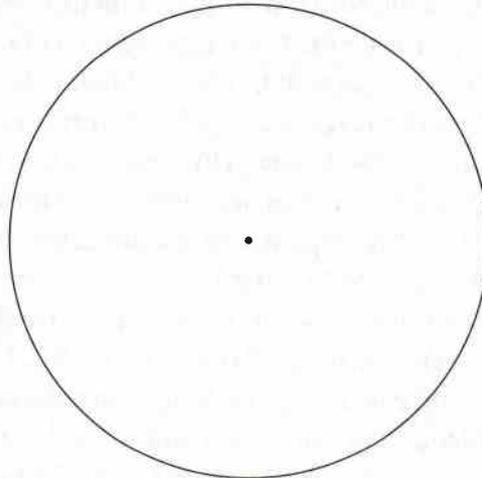
O homem tem um componente solar (luz) e outro componente lunar (trevas). Espírito e matéria. Iluminar essa escuridão e integrá-la na sua plenitude é a fonte de toda a sabedoria. Pela dualidade chega-se à unidade. É digno de nota que Apolo, deus da luz, nasceu de Leto, a deusa da noite. Para o cabalista Isaac Lúria, é responsabilidade primordial do homem colaborar para o resgate da unidade da luz, que foi aprisionada pela queda.

O homem solar é o homem espiritual integrado à verdade cósmica. O homem lunar é o homem materialista ainda perdido nas trevas da ilusão material (Maimônides dizia que a matéria é um véu). Na conversa com Nicodemus, Jesus disse que quem não nascer da água (lua) e do fogo (sol) não entrará no reino dos céus.

Retornar à aura significa retornar à luz.

Retornar à luz significa banhar-se na luz do sol. Conectar o sol interior com o sol exterior.

Retornar à aura significa retornar a Deus.



Esta é a história de um homem que, afastado da casa paterna, trilhou os caminhos do Mundo. Buscou o prazer e encontrou sofrimento. Arrependido, deseja retornar à casa do Pai. Mas terá que renunciar às coisas mundanas. Milhões de homens já viveram essa história. Outros milhões irão vivê-la. Na Bíblia, é conhecida como a “parábola do Filho pródigo”. Hermógenes, o nosso grande iogue, prefere batizá-la como a “parábola do Pai misericordioso”. No Zen, esse retorno significa voltar

ao centro, depois de viver na periferia do si mesmo. No drama cósmico, é conhecido como queda e reintegração, descida e subida.

Somente após perceber a ampla desilusão e ser atingido por um grande sofrimento é que o Filho inicia o retorno. Percebe que na casa do Pai é que está a verdadeira luz que tanto buscou. O Pai representa a aura. As luzes coloridas do Mundo, a escuridão que o fez perder o halo. Como reconquistar a luz interior, se é carne e espírito, lua e sol, trevas e luz?

O hinduísmo ensina que a alma em estado de reencarnação percorre centenas de existências até atingir o discernimento. Nesse caminho milenar, a alma reencarnada tem três motivações básicas: *Kama*, *artha* e *dharma*. Significam o desejo de desfrutar, de poder e de ajustar-se à realidade cósmica. A fase em que a alma se afasta da casa do Pai é chamada *pravritti-marga*. O caminho do retorno é denominado *vaira-ghya*. *Moksha* é o estágio em que encontra a luz e encontra a liberação.

“Estar no mundo sem ser do mundo” é um dos pilares da doutrina sufi. Significa ser espiritual, vivendo dentro do Mundo, sem que isso implique ser um eremita no Himalaia.

Esta mesma essência é captada pelo autêntico Zen. Para o Zen, o espírito e o corpo são uma coisa só, como as duas faces de uma folha de papel. O caminho do meio, como foi designado por Buda, assim é explicado pelo mestre Taisen Deshimaru, de uma maneira dialética: “O nosso corpo material é a tese; o espírito, a antítese; o Zen, a síntese”. O espiritual se torna material e o material se converte em espiritual.

São Paulo fala em duas sabedorias e duas loucuras. Uma é antagônica à outra. “A sabedoria do Mundo que é loucura diante dos olhos de Deus.” E a “sabedoria de Deus que é loucura diante dos olhos do Mundo”. Quando o Filho se afasta da casa do Pai, ele encarna a sabedoria do Mundo e se torna um louco aos olhos de Deus. Quando inicia o retorno à luz, é interpretado como sábio aos olhos de Deus e louco para as pessoas do Mundo. O caminho do meio resolverá a equação filosófico-existencial, tendo como norteador o parâmetro mais elevado, o espírito.

O autor no caminho de volta, encontra Rumi, que prega em um de seus poemas a profunda unidade espiritual: “Eu não sou cristão, judeu,

muçulmano; eu não sou do norte nem do sul, nem do fogo e do ar [...]”. Compreende em seu despertar que todas as religiões são no fundo a mesma religião eterna: *Sanathana Dharma* (“A Casa do Pai tem muitas moradas”). Para afugentar as trevas da ignorância, inicia o estudo da doutrina de Salomão sobre a sabedoria. Escreve, na primeira página do livro, a mensagem do mestre, como roteiro preferencial do verdadeiro conhecimento que deverá buscar em sua vida:

*“Foi ele quem me deu a verdadeira ciência de todas as
[coisas,
quem me fez conhecer a constituição do mundo
e as virtudes dos elementos,
o começo, o fim e o meio dos tempos,
a sucessão dos solstícios e as mutações das estações,
os ciclos dos anos e a posição dos astros,
a natureza dos animais e o instinto dos brutos,
os poderes dos espíritos e os pensamentos dos homens,
a variedade das plantas e a propriedade das raízes.
Tudo que está escondido e tudo que está aparente
[eu conheço:
porque é a sabedoria, criadora de todas as coisas que
[me ensinou.”*

Em sua caminhada místico-gnóstica-alquímico-mágica descobre o hermetismo cristão, a harmonia sufi, a serenidade zen, grupos Gurdjieffs, a postura do zazen, renascimentos, 12 passos, a cabala judaica, os signos em rotação dos 12 estados do ser e o Livro de Thot.

Este último, em sua linguagem simbólica e síntese filosófico-hermética de todo o conhecimento, com o decorrer dos anos, se tornaria em um companheiro e mestre inseparável, como fonte de sabedoria e de inspiração estética, moral, poética e existencial.

Mas o que sabe aquele que não experimentou? Segue a advertência do Eclesiástico: “O homem de grande experiência tem grandes ideias.” [...] “Aquele que não tem experiência, pouca coisa sabe.” Resolve iniciar a prática do conhecimento.

Ao refletir em seus arcanos, a verdadeira viagem do Louco, o andarilho interior, pelos 22 níveis de consciência, o Tarô ressuscitaria, no diálogo com o inconsciente, a vontade ancestral de viajar rumo ao absoluto, numa caminhada que, de início, mostraria larga a porta, mas, a cada dia, faria ver cada vez mais estreito o caminho para a reintegração cósmica.

Mas a jornada é árdua e difícil para quem busca o aprimoramento da alma através da indiferença para com a sedução do Mundo e há centenas de existências está aprisionado ao apego mundano. Portanto, tenta não olhar para trás, com o risco de tornar-se estátua de sal. Por prudência, escreve, no livro de viagens, a segunda mensagem, extraída do Tao The King: “Toda caminhada começa com um passo”.

Ele quer recuperar o halo perdido e teme que sua vontade não seja forte. As pernas podem falhar. A alma pode falhar. Há distrações no caminho. Mas anda. Por quantas existências ainda? Por experiência pessoal, sabe que o dia começa na noite, mas raia, em definitivo, somente na manhã. Mas confia na misericórdia e compaixão do Pai, para que lhe restabeleça a luz interior.

LUÍS AUGUSTO CASSAS

1ª SUGESTÃO DE BORDO AO LEITOR

conecte-se consigo mesmo e sinta a sua respiração. observe o movimento de inspiração e expiração tornando-a calma e prolongada. agora feche os olhos e continue a respirar. visualize um grande sol amarelo nascendo à sua frente. ele enche todo o ambiente de luz e calor. visualize o sol por mais alguns segundos e sinta que o seu coração é um pequeno sol que recebe o grande sol central. ele encontra o sol do seu coração e passa a residir em seu peito até tornar-se apenas um. continue a respirar por mais alguns minutos. sinta a sua claridade. abra os olhos em silêncio.

DA ESTRADA DOURADA

O LOUCO

(Breve Manual do Buscador)

Sou um executivo da alma:
a pasta de couro carrega
as 78 Lâminas do Livro de Thot
fitas de meditação confissões de iluminados
edições da Bíblia & Alcorão
tratados de astrologia poemas de Rumi
roteiro de locais energéticos
o tapete de orações
(por isso pendo
para o lado)

Os projetos que desenvolvo:
Amor Verdade Misericórdia
Difícil executá-los
sem mão de obra adequada
(à direita e à esquerda
à altura do coração)

Expandir a consciência
e atravessar os sete vales
é o meu maior negócio:
e a cada dia aumento o patrimônio
desfazendo-me do peso deste mundo
e quanto menos bagagem levo
mais rico me torno

Especialista em aeroportos & rodoviárias
sigo onde a intuição me leva

em busca do Amigo
Sinagogas mesquitas templos
conferências atlântidas comunidades esotéricas
círculo de iniciados da Era de Aquário
translúcidos da Era de Peixes
magos essênios da última sessão das 10
renascedores cabalistas quirólogos clarividentes
leitores de *chakras* e do Apocalipse
lamas tibetanos monges zen *sheiks* e *mullahs*
adoradores do fogo iogues extasiados
— O viste? — Faz tempo!
— Algum recado? — Nenhuma chave!

(Em tempos remotos
devo ter percorrido idênticas trilhas
em lombos de camelos mulas e *boeings*
pois esses rostos e lugares são familiares)

Procurei-O no vinho
Não estava
Procurei-O no chá
Não estava
Procurei-O nas mulheres
Em vão
Fui ao Tibete a Jerusalém e a Meca
Tinha partido
Segui a trilha dos babilônios
Rastreei o deserto invadi o céu
Jejeui e fiquei nu exposto aos ventos
Ele não estava

Nas longas sessões de meditação
sinto que quando estou Ele não está
pois como poderia penetrar a água
o recipiente não estando vazio?

Então abandonei as paisagens exteriores
e viajei para dentro
(Jerusalém Meca nunca mais!)
Faxineiro que limpa a janela
embaciada pelo tempo
comecei a polir a estrada mais secreta:
o coração

Torná-lo limpo tal um espelho
para que o Amigo pudesse refletir-se
assim como um lago de águas cristalinas
em que o sol enamorado vem mirar-se
para conversar com peixes e algas
(Sempre dizendo seu nome
acionando as contas do *tásbi**
como uma bússola magnética
indica a direção a seguir)

Agora viajo em terra natal
Visito diferentes países
como o orgulho e o egoísmo
Converso com os demônios interiores
até torná-los amigos
e transmutá-los em amor

Como o beduíno no deserto farejando água
eis que minha alma pressente a chegada do Amigo
Está nem mais velho nem mais moço
Não sabe de barbas nem de rosto
E na tarde verde-pistache
meu coração (em êxtase) se enche de flores
ao descobrir
que a quem busco é quem me busca
e ao som de uma floresta de flautas
dou-lhe as boas-vindas
dançando uma dança dervixe

* Rosário árabe.

O POETA NA ASSEMBLEIA
(Aos Pés do Cosmos)

*vaidade das vaidades
tudo é vaidade
e correr do vento
(Eclesiastes)*

1
paráfrase das paráfrases
tudo é paráfrase:
combinações
recombinações
dos quatro elementos
da ideia

tudo
se autocria
transcria
recria
p/ o fiel cumprimento
do texto

2
o que era concreto
e surreal
já foi real
o clássico
será popular
o popular
será erudito
(assim

como o vermelho
se torna
laranja
e o laranja
se torna
amarelo
este
se transmuta
em azul)
o cheio será vazio
o duro será macio
o masculino será feminino
o poema
que foi será
e o que se escreveu
tornará
a ser escrito!

toda tese
será a antítese
de sua síntese
todo verso
será reverso
do próprio verso

3

observai a roda do texto:
salomão nietzsche blake campos
todos encarnam reencarnam
o pre(texto) da história
no contexto da vida
girando virando
no fechado círculo

do umbigo do mundo
leituras
releituras
transleituras:
torres de babel
em anéis de nibelungos

nada de novo
sobre o solo

4

existo:
logo penso

esse o verdadeiro método
p/ penetrar os mistérios
da equação da vida

faça-se o poema
e ele será feito

há algo de podre
no reino do poema?

enquanto o real não for o ideal
a mesma narrativa
será escrita reescrita transcrita
todos os poemas serão
palavras palavras palavras

nada de novo
sobre o solo

5

como a criança
concentrada em seu brinquedo
meditai
como o equilibrista atravessando
a corda bamba
meditai
como o padeiro
no ofício diário do pão
meditai
sobre a
unidade/verdade
velada/revelada
nos diversos planos
da criação
voai
até a águia
o leão o touro e o anjo
e a esfinge vos decifrará

acaso
a lei de causa e efeito
não é a lei do *karma*
aplicada à matéria?
e as frondosas mangueiras
recriações/ transcrições
da árvore da vida?

procurai (como
goethe) a luz:
ela será feita

mas para a empresa
sede tripulantes
e não passageiros
do poema

a poesia
(então) vos recompensará:
fará suave o seu jugo
e leve o seu fardo

6

deitado na relva
o poeta observa
o movimento dos planetas
na via láctea
(da qual seu corpo
é a mais perfeita tradução)

sabe que nada é antagônico
tudo é complementar
como a terra e a água
o fogo e o ar

e sonha com o milagre
da vida e da poesia:
a fundação do reino
do belo bem
verdade e justiça

quando o ideal for o real
e o real tornar-se o ideal

o que está em baixo
será como o que está em cima

(então)
tudo será novo
sobre o solo

TORRE DE BABEL

(Arcano 16)

Quando os cupins invadiram a biblioteca
e devoraram as letras e o papel dos livros
senti que algo desmoronava em mim
como a torre ceifada pelo raio
(Outrora tinha acontecido assim
quando encontrei uma cobra no jardim
e descobri que o egoísmo
era o meu inimigo oculto)
Repetia-se a representação externa
de um drama íntimo da alma
em que os cupins anunciavam a terrível revelação
de que o antigo eu estava sendo destruído
e o espírito (com fome e sede de verdade)
quisesse libertar a alma oprimida
Percebi (então) que era absolutamente essencial
jogar fora o conhecimento dos livros
o orgulho intelectual e a redoma de cristal
e limpar todos os compartimentos do ser
pra que a alma pudesse buscar o céu
Dentre os escombros — liberto da opressão da matéria —
um pequeno espaço brotava em mim Aberto à claridade
Mas nele cabia as estrelas a lua e o sol
e a dimensão profunda de que algo novo
— algo terrível e absolutamente belo —
a Vida
estava pronta a ser decifrada

ARCANO 11

(A Força)

ah minhas feras
dilaceradas panteras
meu leão de Madagascar
acaricio-te a juba de ouro
troféu invicto das selvas
e ao abrir tuas mandíbulas
com o toque firme das mãos
a força que te ilumina
reflui pelos rios das veias
inunda os centros nervosos
e me doma a sanha assassina

A IMPERATRIZ

(Arcano 3)

A mulher oriental que meus olhos viram
no aeroporto de Buenos Aires em 1978
deveria ser a Imperatriz
de um longínquo país do sol nascente
— envolto em contos de fadas
dragões que viram príncipes
e raptos de princesas —
pois sua beleza reinava solitária
dentre todas as mortais

Independente como a Lua
e bela como os templos do Nepal
Combinava a pele de porcelana
com os gestos de cristal

Poderia estar regressando do exílio
(na frasqueira: selos da família imperial)
ou viajando clandestina
sem protocolo e damas de companhia
para disfarçar protestos do povo
em tempos de revoluções sociais
Incógnita em trajes ocidentais
corria o mundo pra descansar
da prisão dourada do palácio
e quisesse evitar fotografias
e assédio de revistas de moda
& colunas sociais

Quando chamaram seu voo
os olhos me emitiram secreto sinal
Súbito o verão fugiu de Buenos Aires
pra algum longínquo país oriental
("Independente como a Lua
e bela como os templos do Nepal")

Nada é casual
ensina-me a vida
nas lições do Tao
Mas então o que queria dizer
o olhar da mulher oriental
numa tarde de dezembro de 1978
no aeroporto de Buenos Aires?
Que significado claro ou oculto
devo tentar desvendar?

Por que quando abro o Tarô
o arcano 3 vem se revelar?
Na Terra há muitas estrelas
que só Deus em seus mistérios
sabe interpretar

ARCANO 19
(O Sol)

Não serei um Fausto moderno
nem venderei a minha alma ao fogo eterno:
farei um pacto de amor com a verdade
e o emblema da fé e da razão
será o escudo do meu tempo

Não perderei a vida e a juventude
correndo como miragem atrás da felicidade
Mas se encontrar a verdade
de trás dos seus sete véus vislumbrarei a felicidade

Não correrei atrás de nenhuma revolução
nem seguirei o credo de falsos profetas e poetas
A vida me ensinou que toda sabedoria é tradicional
e flui incessante e natural para o rio da existência
Por que então alterar o curso do rio?

Não seguirei ideologias de esquerda e direita
que distanciam o homem do seu verdadeiro caminho
Estar no centro — da consciência e do coração —
é a única maneira de ser junto com o universo
e pulsar no ritmo cósmico da luz
e da sabedoria da vida

Não mais serei analisado psicanalisado
dividido fotografado laboratoriado autopsiado
sobretudo não serei mais legião
Na busca da Unidade
a parte é igual ao todo
e nada deve ser excluído
da obra da salvação

(Por que não jogar pérolas aos porcos
e doar esmeraldas aos loucos?)

Não criarei cabelos brancos
acumulando bens que deixarei na estação
Mas harmonizarei os quatros elementos
para que possa transmutar todo chumbo em ouro
retornar à nobreza original da condição humana
e legar fortuna aos descendentes

Não desejarei ardentemente o céu
nem temerei prudentemente o inferno
O cenário da vida é obra teatral cósmica
em que somos personagens aprendendo seus papéis
na reapresentação diária da arte de ser
Todo sofrimento é belo pois nos conduz ao reino
Todo sofrimento é antecâmara do amor universal
Estar no meio é compreender o verdadeiro vazio

Sobretudo nos instantes de dúvida e incerteza
quando a lua chegar à noite escura da alma
não imprecarei nem clamarei o seu nome em vão
Quedar-me-ei com a pureza fria dos resignados
e pedirei humildemente que me intua
a verdadeira ciência
de estar nesse mundo sem ser necessariamente dele

WORKSHOP DO GIGOLÔ (Meditação Profana sobre o Arcano 15 — O Diabo)

1

Durmo com palavras
necessitadas langorosas diáfanas ninfômanas

utópicas de Joyce putifárias de Rimbaud
perdulárias chilenas constrangidas chinesas
desavisadas polacas histéricas do Central Park
que a mim
todo prazer é (p) louco

Conquistá-las
despi-las de todas as condições abissais
Kamasutrá-las
como um ardente deus grego
p/ depois as ver ruborizadas
sob o alvo lençol branco
essenciais e submissas
abertas a todas as traduções
essa é a meta
do poeta

2

Himens e hifens deixo-as aos eleitos de Sião
que da aventura me basta a relva do mundo
Sou Dante rompendo a selva escura
Sou Goya brandindo o anel dos nibelungos
Nenhum século me basta

3

Dar-lhes uma
Dar-lhes duas
Dar-lhes três
até torná-las freguesas

Dar-lhes quatro
fazê-las ficar de quatro

Dar-lhes cinco
até perder o vinco

4

Às espevitadas
entoo os cantos gregorianos do prazer
e rezo o latim dos delírios e das delícias

As lunáticas
faço-as viajarem até o centro da Terra
como se ouvissem o concerto nº 2 de Rachmaninov

As sinuosas
posso-as com violência no chão dos museus
sob o olhar das obras de arte e seguranças

As caridosas
amarro-as nuas em decúbito ventral
enquanto me excito e confecciono nova peça

As profissionais
torno-as beatas do incêndio dos sentidos

Às amadoras
concedo-lhes a delicada honra
de tornarem-se profissionais da luxúria

Das levianas
sugo-lhes o secreto segredo dos lábios
como um zangado zangão

As translúcidas
faço-as lamberem as solas dos sapatos

As performáticas
torturo-as o ventre em brasa
e concedo-lhes o privilégio
de retornarem à virgindade

5

A todas
liberto-as da perversão da matéria
e as purifico em ritual horizontal
e vertical
para as odes dos dias

Então sopro-lhes aos ouvidos
ternuras sucateadas e eternas:
puta vagalume ônix verde áspide
Madagascar coral aquário lilás
Elas saltam do mármore dos dicionários
Estão maquiladas para o mundo e a vida

6

A Poesia imita a Vida?
A Vida imita a Poesia?
Enquanto os castos discutem a questão
exercito o meu Vênus em Escorpião
retorno à alva cama da Poesia
e escrevo com a tinta dos desesperados
no dorso nu de todas as palavras:
todo dia
é dia de utopia!

O LOUCO
(Os Líderes do Hospício)

Jesus Cristo 33 anos
alcunhado Rei dos Judeus

estranhos poderes paranormais
faz cegos verem paralíticos andarem
transforma água em vinho
caminha sobre as águas
ressuscita mortos

está em camisa de força
proibido de receber visitas

Sidarta Gautama
vulgo Buda
autor da tese da morte da personalidade
consta que é príncipe mas não tem
nem vara pra se coçar
prega o caminho do meio
de tanto meditar secou como talo de bambu

está sendo alimentado
com glicose na veia

Krisna

inventor da doutrina do fogo sagrado
quando não dança fala sobre as verdades eternas
guru dos infelizes buscadores e vendedores de incenso
veste-se espalhafatosamente e tem no guarda-roupa
mais peças que Elton John

tem vigilância redobrada
pra evitar tentativa de fuga

Maomé
também chamado Profeta

encontrado andando em direção anti-horária
ao redor de uma pedra preta
tem visões alucinógenas e conversa de igual
com o arcanjo Gabriel
fanático pode ir às vias de fato

está recolhido no pavilhão
de alta periculosidade

Lao Tsé O Sábio
ou O Velho

naturalista excêntrico apesar da longevidade
faz fogo com madeira pra não poluir o ar
manda abandonar o carro e andar a pé
cultiva o vazio e é inimigo do progresso
aparenta serenidade mas não é confiável
podendo provocar desemprego nas fábricas

por instrução médica
toma sol no jardim

Mahavir

ri permanentemente até em enterro
embora viva em comunidade
medita nu e não é chegado a roupa social
internado por atentado violento ao pudor
confessa ter atingido a leveza total

tomou um sossega-leão
pra melhorar os modos

Moisés
o Judeu

dupla personalidade de príncipe e escravo
praticante de magia abriu o Mar Vermelho
e passou a pé sem molhar as sandálias
detesta ouro pois implodiu o bezerro
pródigo trocou as delícias deste mundo
por outro desconhecido

está em observação
no pavilhão de isolamento

Rajneesh
vulgo Osho

desprogramador espiritual
especialista em arte de morrer
oráculo ambulante polivalente e poliecumênico
expulso de onde pregou seus contraensinamentos
só conseguiu passaporte pra eternidade

está em camisa de força
com vigilância redobrada

DIAGNÓSTICO CONFIDENCIAL:
são todos treinados em longas caminhadas
vivem de doações
de terceiros e sofrem da mesma megalomania:
julgam-se filhos de Deus
Embora os considerem iluminados parece
que falta (ou sobra) a eles um fusível

Estão todos proibidos
de receber visitas

CANÇÃO ERMITÃ
(Breve Meditação sobre o Arcano 9 do Tarot)

a Octavio Paz

1

O homem só
não está só

Tem a lua as estrelas as árvores
e os pássaros por companhia

O sol aceso no peito
aquece-o nas noites de inverno e incompreensão

Marte o guarda dos salteadores
Saturno o protege da conspiração celular

A pedra das estradas é o seu travesseiro
A natureza o seu livro de cabeceira

O arco-íris o alimenta
o azul o extasia

Sua solidão é maior do que o Himalaia
e o Himalaia cabe em seu coração

2

Na posição de lótus
ou no metrô de New York

o homem só
não está só

Na biblioteca do Vaticano
ou no caminho de Santiago

o homem só
não está só

Nas mãos vazias o que carrega:
a liberdade?

Tem um sorriso de triunfo nos lábios
o que venceu? a natureza humana?

3

De todos os seres da Criação
o homem só
(parece)
é o único
a não estar só

pois ao renunciar a tudo o que era seu
o universo deu-lhe em dobro a compreensão do eu

Nessa estranha operação matemática
o paradoxo venceu a aritmética
a subtração deu-lhe a adição
a divisão forjou-lhe a multiplicação

Nada lhe pesa nos ombros:
nem a dor do Homem
nem o amor do Homem

Na 5ª Avenida
ouve a conferência das buzinas
como a 9ª de Beethoven

Tem passos de sete léguas
mas sua maior viagem é para dentro

A contemplação de qualquer mar
acende-lhe a alegria interior

4

O homem só
não está só

como um pássaro só
em seu ninho
como um ascensorista só
no elevador
como o egoísta só
e sua neurose
como o banqueiro só
e suas apólices

O homem só
está só

como o sol
na amplidão
está só
como o cacto
no deserto

está só
como a Estátua da Liberdade
está só
na paz
como o Cristo
está só
na última Ceia

5

O silêncio e a observação das estrelas
têm ensinado
mais ao homem só
do que a tese dos estruturalistas
a conferência dos Sábios de Sião
a Revolução Russa
os programas espaciais da NASA
o surrealismo
a psicanálise
as latas de sopa Campbell
a poesia do Decamerão
as lentes de contacto

Ao buscar o segredo
da unidade na diversidade
e da diversidade na unidade
dissolveu em si as polaridades
tornou-se ímpar a dois
e par da humanidade

6

(PEQUENO GUIA DE CONSUMIDOR DO EREMITA)

Definição do Eremita:
tem um sorriso de triunfo nos lábios
porque venceu a solidão humana

Perfil de Consumidor:
o Eremita não frequentou a Torre de Babel
Coleciona sabonetes e pastas de dentes
encontrados em hotéis

Prato especial:
embalagens p/ viagens

Esportes do Eremita:
caminhar por praias desertas
perder-se (em cidades desconhecidas)
para ter o prazer de encontrar-se
(Walter Benjamin — um melancólico saturniano
seguiu-o certa vez à distância)

Versos de sua predileção:
“A vida inteira que poderia ter sido
e que não foi”
(Manuel Bandeira)
“Queriam-me fútil doméstico
cotidiano e tributável?”
(Fernando Pessoa)

Utopia de Verão:
não morar numa ilha deserta

Mapa Astral:
não fornecido pelo Zodíaco
Sonho de Maturidade:
encontrar outros eremitas
p/ compartilhar experiências
e aprofundar conhecimentos
(Disseminar o eremês
língua oficial da classe)

7

O homem só
não pertence à Confraria dos Gastrônomos
Ordem do Cruzeiro do Sul
DINERS
Assoc. dos Amigos das Cidades Históricas
brasão de Castela
PÁGINAS AMARELAS
premiados da Loteria Esportiva

lista dos 10 mais elegantes
Sind. dos Exp. de Juta
CHASE MANHATTAN BANK cartão de crédito
Paloma Picasso
e outras instituições beneficentes
beneméritas
filantrópicas
que tais

Narciso sem vaidade
espelhado no lago vê o outro
Abandonou tudo e segue adiante
e o ponto de chegada é o seu coração

8

O homem só
é apenas um rio
correndo para o mar da vida

Como a água
penetra a tudo e a todos
e serve a toda a humanidade

(e há muitas
coisas +)

Com a estrela de David
tatuada na alma
e o sol e a lua
por companhia
está em constante êxodo
e todo lugar é a Terra Prometida

9

caminha

POEMA DA GRANDE TRANSFORMAÇÃO
(Arcano 13)

A primeira vez
que a Morte passou pela minha vida
caíram-me por terra
a coroa do império o cetro do orgulho
o castelo da vaidade
E fui ficando mais leve
do enorme peso da vida

A segunda vez
que a lâmina da Morte passou pela minha vida
cortou-me os braços
e todo o apego fugiu-me por entre os dedos
E fui ficando mais livre
do enorme peso de existir

A terceira vez
que a lâmina da Morte passou pela minha vida
cortou-me as pernas
e aprendi a caminhar com os próprios passos
E fui ficando mais livre
do eterno peso de existir

A quarta vez
que a lâmina da Morte passou pela minha vida
rasgou-me o horizonte do coração
e todas as estrelas do futuro
caíram-me aos pés
E fui ficando mais solto
do pesado fardo de ser

A enésima vez
que a Morte passou pela minha vida
já estava podado
de quase todos os excessos do ego
Separado o espesso do sutil
reduzido à essência do ser
E fui ficando mais leve
do aéreo peso da vida

A última vez
que a Morte passou pela minha vida
decepcionou-me o pescoço e a esperança
Minha cabeça rolou pelos campos de toda memória
Estava livre de todo o excesso da matéria
e comecei a viver

2ª SUGESTÃO DE BORDO AO LEITOR

volte a conectar-se com a sua respiração. perceba o movimento de inspiração e expiração por alguns minutos. feche os olhos continuando a observá-la longa e serena. imagine que o seu coração é um grande sol que vai alargando a sua claridade enchendo o ambiente de luz. essa luz está se expandindo por toda a sua rua a cidade o globo terrestre e todo o universo. sinta que você e todo o universo são apenas um banhado pela claridade do sol. retorne lentamente o sol ao seu coração. respire por mais alguns minutos e abra lentamente os olhos

BREVIÁRIO DO AZUL

EPÍGRAFE PARA QUALQUER CONGRESSO DE POESIA

moderno não é o avião
o míssil o laser o perfume de madonna
os cabelos de cobalto de andy warhol
a crítica da razão impura de rené
 descartes clement
a aspirina a dialética o corte de
 cabelos de elisabeth taylor
a gravata do príncipe de gales
 o externo existir

moderno é o coração
companheiro de viagem
 de todas as idades
que escreve os Vedas
 e apazigua a Força
 e apesar de ferido
 pelo pensamento
 permanece terno
 e eterno
dentro do centro

UM POUCO DO INFERNO DE DANTE NO PARAÍSO DE MILTON

ah! sejamos incendiários
docemente incendiários

como o bofete de maiakovski
na face esquerda do czar

óleo diesel álcool 40 crepúsculo argelino
bomba h fissão nuclear fósforo pinheiro
ou coquetel *molotov* com *chantilly*
tudo é pavio para altear a chama

incendiemos a esquerda e a direita
incendiemos o centro o alto e o dentro
queime o fogo o Capitólio e as nuvens
e a face de Deus ganhe um belo bronzeadado

mas queimemos tudo com charme
para que não haja alarde:
e a piolhenta barba do velho marx
crepitem como vestido de joana d'arc

queimemos os democratas e os socialistas
queimemos os surrealistas e os porcos chauvinistas
queimemos os Vedas a Bíblia e o Alcorão
a página da História vire tocha olímpica

seja um espetáculo pirotécnico
de causar inveja a Nero:
certo de que o último a sucumbir
não apagará o fogo em seu xixi

ah! sejamos incendiários
docemente incendiários
como o bofete de maiakovski
na face esquerda do czar

que o fogo queime o todo o tudo e o antigo
e faça brotar da casca do (n)ovo
e quem sabe então nasçamos rubros
mais rubros que a revolução de outubro

ARROZ INTEGRAL

Ela tinha um ar de pureza
e lembrava os arrozais da China
no almoço diário do restaurante natural
Quando mastigava sentia-me todo amarelo
triturado pelas colheitadeiras a superpopulação
o Partido Comunista e os deveres de samurai
E eu que vivia a cem
acabei virando monge zen

GOLDEN MEDITATION

Sou denso e sutil moderno e eterno
Sou livre de toda impureza
sagrado imortal refulgente
Servir a todos é a minha verdade cósmica
Sou inércia atividade e equilíbrio
Pra refrear a cobiça e a ignorância
escondo-me no subsolo da terra
Sou raio solar materializado
e não poeira radioativa do universo
Servir-me é fazer-se escravo
Circular-me é fazer-se senhor
Se a nobreza é atributo da alma
por que empresto brilho a quem me detém?
Se não ascendo a nenhum valor moral
por que a muitos concedo credibilidade?

Se sou energia condensada solar
por que de muitos obscureço a consciência?
Quem confunde essência e aparência
é que me atribui valor irreal
Paradoxo da sabedoria oculta
quem muito guarda menos me possui
Quando se dissipar a ilusão dos homens
conceder-me-ão merecido valor
Pobre será aquele que avaro me retém
Rico será o que me tem pra ofertar

NOTAS FILOSÓFICAS E INTRODUÇÃO A UM POEMA DE VERÃO

Esta manhã
ao sentar para escrever um poema
senti que algo doía e não era o mundo
Zás Lembrei-me (então) do velho Marx
com furúnculos no traseiro
escrevendo suas teses para um mundo melhor
E retornei ao poema
como quem faz da caneta um bisturi
para extirpar velhos tumores
Mas com a sensação íntima e atemporal
de que cada um na sua cadeira e a seu modo
estava sentado e escrevia ferido
— embora algo doesse e incomodasse —
coisas materialistas e espiritualistas inconclusas
por sua causa por causa da humanidade
por um mundo melhor

A OBRA EM CINZA

(O Iluminado)

És o maior iluminado que conheço
na iniciação dos segredos mais ocultos
Aspirar tua presença é inventar a chave
que penetra os mistérios do êxtase mais profundo
Todos os dias um bilhão de fiéis presta-Te culto
Te invocam em Bombaim na Lituânia e no Chipre
nos cafés de Buenos Aires ou no horário nobre da CNN
És céu e inferno prisão e libertação
vida e morte consciência e inconsciência
e estás em Ti mesmo como o arcano da liberdade
na dimensão recôndita de nossa revelação
És a chama plúmbea da sabedoria
que penetras o corpo físico mental e emocional
protegido pela magia dos elementos fogo e ar
No espaço entre os dedos e os lábios
exercitas tua sublime alquimia
que converte ímpios em puros e tolos em sábios
Tuas espirais de fumaça evocam os anéis de Saturno
onde sentamos na escadaria para meditar
Buda vegetal lança-nos a um incensado nirvana
com tua fragrância de alcatrão e nicotina
Sou o teu discípulo mais incandescente
derramando luz e muco pelo sistema solar
Reverencio-Te como a um deus pagão:
sou o raio cinza do teu ensinamento
No juízo final os críticos divinos dirão:
toda a sua obra recebeu-lhe o gentil alento

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM

Você tem o direito de permanecer armado
Você tem o direito de permanecer irado
Você tem o direito de chamar o traficante de pó
Você tem o direito de tocar as campainhas durante a noite
Você tem o direito de calar a língua dos anjos
Você tem o direito de tapar o sol com sua poeira
Você tem o direito de destruir vales e jardins
Você tem o direito à propriedade da vida:
incluindo a vida dos oceanos rios lagos e o espaço
aéreo entre o voo de um pássaro e outro pássaro

A Emenda nº 5
concede-lhe (em nome do equilíbrio ecológico)
o direito de jogar uma bomba no planeta
e mandar a conta pra humanidade

2

Você tem o direito de permanecer amado

A LÍNGUA DE EINSTEIN

a fernando pessoa

Nunca consegui fazer uma revolução
na poesia e na vida
Todos os meus amigos têm sido campeões em tudo

Mas ultimamente tenho estado alegre
e transfiro a alegria pra versos e gestos
Minha alegria contagia até flores de plástico
Todos estão circunspectos como a basílica de São Pedro
Todos estão sérios demais como o bigode de Mona Lisa
Todos estão iluminados e distantes como a cara de Buda
Mas eu não Eu tenho estado sempre alegre
e essa é a melhor revolução que conheço
Nenhuma universidade me ensinou a alegria
Nenhum poeta me ensinou a alegria Só o riso irônico
A alegria é a minha contribuição ao que sobrou
da estética da infelicidade e culpa cristã Por isso sou radical
Minha alegria é o intervalo da Teoria da Relatividade
entre a gargalhada artificial e a infinita tristeza
elevado ao expoente máximo em ser natural
Outros sejam malditos e plebeus
Eu sou apenas alegre sem a culpa de estar alegre
com o direito de estar eterna ou momentaneamente alegre
no pleno exercício da minha alegria
e mostrar (ou não) a língua pro mundo

PONTOS DE ACUPUNTURA

aqui onde passa o meridiano do coração
outrora foi o Mar da China
5.000 arqueiros de armaduras reluzentes como o sol
lançavam incendiárias flechas atonais de suas flautas
para saudar o equinócio de pérolas da Dinastia T'ang
mas o crisântemo desarmonizou-se com a nota *kung*
e os lótus se afogaram na décima primeira lua

descíamos a vau para as montanhas tibetanas de Kung Lu
onde o céu e a terra engendram as dez mil coisas
rompendo o Portão do Inferno e o Portão da Nuvem
para a conferência anual das quatro estações
em que os ancestrais se reúnem próximo
à cortina do bambu de seda
e o verão descansa a cabeça no travesseiro de jade
para ouvir a sutra da palavra tranquila

transcorria o Ano da Serpente e era o Hexagrama 58
movimento e repouso em algum lugar do vazio
o Grande Yang e o Pequeno Yin convocaram
para o sacrifício imperial
as artemísias em fogo e os espinhos de metal
para restabelecer o fluxo das águas na energia da vida
e o Rio Amarelo tornou a fluir nas correntezas das veias
como um peixe que nadasse livre entre musgos e líquenes

ESTRADA DE FERRO SÃO LUÍS-TERESINA

Eu os convido a morrer:
desfazerem-se do peso da ilusão
Esquecer a bagagem na estação
e tomar assento em outro trem

Eu os convido a morrer:
vestir um traje novo para a morte
Despir as velhas crenças e preconceitos
rasgar o álbum de recordações

Eu os convido a morrer:
abandonar o pai a mulher o emprego burocrático
Sacudir a poeira do coração
inaugurar novos horizontes na alma

Nada reter: sequer a ânsia de viver

Pois assim como o sol para nascer
há de a lua findar-se no firmamento
e a árvore pra brotar os frutos
há de morrer a semente
é necessário que morramos para a vida
para que possamos inaugurá-la
Só então poderemos ser

CANÇÃO SANGRENTA

São dráculas pós-modernos
ou vampiros pós-eternos?
Sangue é a sua melhor diversão
De preferência sangue rubro e espesso
acompanhado de vinho tinto especial
que não são bárbaros e sanguinários
e cumprem a etiqueta dos mortais
Naturalistas exigem teor frescor
qualidade juventude padrão
Sangue é a sua melhor diversão
Gostam do gosto de sangue: picanhas
maminhas jugulares poder e glória

(Sangrando como convém)

Um naco de carne antes Um filme de guerra depois
Cadáveres são sua melhor digestão

Como saciar-lhes a sede de poder
excluindo-se o sangue às refeições?

— Olhai os lírios do campo! dizem — Tão pálidos!

Ódio e *money* são seus ideais de nobreza

Fadas menstruadas povoam-lhes a imaginação

Nas veias corre o fogo roubado a Prometeu

Filósofo do corpo o sangue nutre-lhes a razão

Com sangue dos operários constroem seus bustos

Gota a gota — eis o cimento da civilização

Bronzeados escovam a alma com o sangue do cordeiro

Marte inflamado vibra e rugem em seus corações

São dráculas pós-modernos

ou vampiros pós-eternos?

Caninos são sua maior sedução

LAMENTAÇÃO

N.º 5 DAS VITRINES DA H. STERN

A vida não é ouro prata

esmeralda rubi

É também ferro e cobre

chumbo e lágrimas

SATORI

(poema não — mente
leitura: movimento da inspiração)

ZEN

SEM

CEM

CERIMÔNIA DO CHÁ

Nesse instante em que sorvo
o primeiro gole da xícara de chá
sinto que o seu aroma e gosto
inundam todo o meu ser
e preenchem minha vida
Distante muitas tragédias ocorrem
no intervalo entre a aurora e o poente
nas latitudes do Ocidente e Oriente
Próximo o Mundo repete o seu drama cósmico
Mas não sinto culpa ou remorso
de estar aqui tomando chá
nesse instante sagrado e único
em que cada gole é um momento de eternidade

Sei que aqui e agora
enquanto serenamente tomo chá

— a xícara e a mente
esvaziando-se lentamente —
milhares de vidas são destruídas
pela insensatez dos homens
E um gesto de amor
é absolutamente necessário:
somos gotas do mesmo oceano
Mas não me incomoda o egoísmo
de solitariamente estar tomando chá
de todo o meu universo
estar centrado nessa xícara de chá
e a única coisa que me interessa agora
é o momento presente de cada gole de chá
na consciência única do tempo e do espaço

Sei ainda que lá fora existem homens puros
que das assembleias balcões hospitais
jornais prisões igrejas lares
exercem solidariedade fraterna aos que sofrem
e fazem da vida um ato de oração
pela salvação da raça humana
Eles salvam homens de outros homens
que carregam muitos pensamentos na mente
(Essa é a experiência deles não a minha
Mas sei que o inferno
é feito de pensamentos
e o paraíso é construído em silêncio
idêntico a um único gole de chá)

Tomar chá
nesse instante
gole a gole
secretamente serenamente
— esvaziando a mente e a xícara

não desperdiçando uma só gota —
é o melhor ato que posso fazer
por mim e por todos
É a minha maior contribuição ao mundo
É a minha compaixão pela humanidade
É tudo que me resta fazer

Cada gole uma vida
cada gole uma vida

PSIQUÊ REVISITADA

A mulher ideal
caminha entre nuvens
passeia entre pombos
e não se chama aurora

Antenas parabólicas do desejo
captam-na no *shopping* da alma
disfarçada nos reflexos das vitrines
escadas rolantes do céu

Meia metade divina
separada de antes da queda
fada netuniana escondida na bruma
da 5ª constelação astral

Mulher Maravilha
brilhando em todas as latitudes
tem corpo de Cinderela
voz de Barbra Streisand

Quando emite o sinal felino
todos os meus pelos se eriçam
e como um cão vagabundo
lambo os reflexos da lua

Quando a vejo cintilante
vestida em Dior
meu coração em dor
ai! se despe!

Por ela guerreei
contra cristãs e mouras
o monstro da caverna
as mulheres terrenas

Deméter Ceres Helena
ninfa náíade sereia
que estranho simbolismo de si mesmo
esconde-lhe a face morena?

Busquei-a na China
no álcool na 5ª de Beethoven
na visão dos anjos da cabala
nos tratados de alquimia

Mais que felina
felliniana
Mais que musa
medusa

Mais que mundo
tudo
Mais que tudo
nada

Belo é vê-la
bailarina do vácuo
dançando nua no horizonte
como um comercial de ilusão

Mais belo ainda
é vê-la desmanchar-se sem lágrima
no divã da analista
como bolha de sabão

POEMA DOS SETE CHACRAS (A Semana da Criação)

1

No 1º Dia criou-se o Alimento
Os raios de sol precipitaram-se na árvore da vida
y nasceram a coca-cola y o *hamburguer* da Mcdonald's



a banana-da-terra os rest. franceses
o tahine a soc. por ações
o *spaghetti* à bolonhesa o boi no pasto
a fábula da raposa y as uvas

os institutos de beleza o suco de maçã
as academias de ginástica
o óleo de fígado de bacalhau o caviar c/ torradas
y o chá de boldo
(o chocolate suíço o *marshmellow* y o *ketchup*
foram saudados em rituais iniciáticos
y estocados como alimentos da nova era)

E ele sentiu-se satisfeito
com o que havia colhido

2

No 2º Dia criaram-se as ideologias
Os raios de sol voltaram a precipitar-se na árvore da vida
y nasceram os profetas da ordem econômica y social:

a Organização das Nações Unidas o arame farpado
a Fiesp a prop. priv.
as tábuas de Moisés a escada de Jacó
os mísseis scud o dólar paralelo
Jacques Derrida a bolsa de valores
a pomba da paz y o tigre da Esso
as escadas rolantes y o Banco de Tokio
nasceram de outra costela

(Foi no 2º Dia da Criação
que o homem em sua Epístola aos Surdos e
Apoquentados
tentou criar Deus à sua imagem y semelhança)

E ele concluiu que estava satisfeito
com o que havia recebido

3

No 3º Dia criou-se o sexo
Y foi feita a revelação de que teria o primeiro *samadhi*
usando a vestimenta do corpo físico

O prana y o kamasutra o triângulo de Keops
y as lentes de contato
a minissaia y o retrato partido de Freud o prazer y a culpa



O calor de 40 graus y os pés descalços de Santa Maria Egipcíaca
a escalada do Himalaia y a descarga de consciência

as ilhas de nudismo y as virgindades das ninfas
o cetro do papa o surrealismo de Breton y as usinas nucleares

foram conquistas
do 3º dia

E concluiu que estava satisfeito
E disse: *Good!*

4

No 4º Dia criou-se o coração
Os raios de sol voltaram a precipitar-se
na árvore da vida y esculpíram o sentimento
A sabedoria do coração
abençoou o alimento o poder y o sexo
y começou a nascer um grande amor pela humanidade



O arroz integral o poema lírico
e os condomínios à beira-mar
os distúrbios vasculares a espada da deusa Themis
a utopia de Morus

o arco-íris o 4º Reino as frondosas árvores
da Amazônia
as sessões do cine Éden a batata frita a dois
y a ponte Rio-Niterói

incluindo as queixas nas delegacias da mulher
y outras escoriações
são faces da mesma escritura: o amor
(mas os laboratórios de análises clínicas
investigaram amostras de sangue de judeus árabes

palestinos americanos y caldeus
y localizaram a nascente no mar vermelho)

E ele sentiu-se satisfeito
com o que havia recolhido

5

No 5º Dia criou-se o Amor
Os raios de sol tornaram a precipitar-se
na árvore da vida y nasceu o Amor
puro como um cristal de rocha



a era de aquário a árvore *bodhi* o raio violeta
a música de Wagner
a lâmina 21 do Livro de Thot os mosteiros zen o sitar
y o *yoga*

a cerimônia do chá os ensinamentos de Gandhi
a paz entre o lobo e o cordeiro
o *zazen* a firmeza de Paulo y o *bhagavad-gita*

(Em meditação na Av. Paulista
concluiu que Buda é Jesus e Jesus é Buda
Maomé é Mahavir y Mahavir é Jesus y Jesus é Maomé
y todos são a mesma face
do rosto Eterno
y portanto
judeus árabes caldeus palestinos y americanos
professam a religião da Unidade
y as lendas os costumes as tradições
são apenas manifestações
da Individualidade)

E viu que estava satisfeito
com o que havia produzido

6

No 6º Dia criou-se a Mulher
Os raios de sol precipitaram-se na árvore da vida
y nasceu o lado feminino
a fé tornando sábia a razão a paz em oposição à guerra
a conciliação em lugar da revolução
y o dia completando a noite



Jakim equilibrando Bohas no templo de Salomão
o vácuo procurando o cheio o *yin* em fusão ao *yang*
Dissolveram-se todas as últimas contradições nesse dia
y um grande Silêncio se formou

(Y ele cunhou um grande Selo de Amor
nos Correios e Telegraphos em homenagem à data
y expediu a boa-nova a todos os habitantes das galáxias
na vibração azul y rosa
invocando o poder do 3 x 3)

E ele concluiu
que estava satisfeito

7

No 7º Dia o Homem
contemplou a sua obra

Viu que estava satisfeito
com o que havia criado
y decolou num pacote turístico rumo a Vênus
p/ conhecer as 7 Maravilhas



Então Deus
enxugou o suor nas têmporas
armou uma rede de linho branco

na constelação de Aquário
sorriu um sorriso johnson
y finalmente
descansou em paz

ODE A NETUNO

Nirvana dos drogados
Estrela-guia dos *hippies* e lunáticos
Patrono dos bêbados e desesperados
Porteiro do Sanatório Cósmico
ora pro nobis
Trago nos olhos a tua assinatura cósmica
de tanto mergulhar em oceanos de álcool
um jeito displicente de lágrima em supermercado
como a visão crucificada dos primeiros cristãos

Pelo fruto se conhece a árvore
Pelo peixe se conhece o mar
A 3 bilhões de km da Terra
tua vibração diluviana e sutil
faz girar a minha constelação interna
e enlouquecer a órbita de todos os planetas
qual depósito de lixo cósmico despejado na alma

OAN

NOA

HOA

MANU

POSSEIDON

Grão-mestre da ilusão
por que abriste o céu como paraíso da volúpia
e regaste o desregramento de todos os sentidos?

(Não sabias
— assim como o *flash* da fotografia
descolore a tinta nos quadros a óleo —
o desejo exacerbado
afoga a alegria no homem?)
E assim naveguei e naufraguei
por mares de álcool e dor nunca navegados
disfarçado no vapor do êxtase divino
Eros infantil buscando o amor idealizado
nas paisagens femininas do sexo dos anjos
na cama da eternidade
como um guesa errante entoando a melodia do desejo

Grande Iniciador
fizeste-me cansar das coisas deste mundo
ao dissolver-me o inconsciente
na turbulenta fronteira entre a fantasia e a realidade
onde a verdade e o erro — como diz o poeta Rumi —
são separados apenas por um fio de cabelo
(Pela educação do sofrimento fui transportado
para o roteiro sacrificial a que me indicavas)
Em tudo te revelaste um Mestre
Se me deste a paixão dos suicidas
mostraste-me em seguida o amor universal
Primeiro a paixão
Depois a compaixão
Primeiro a diluição dos sentidos no mar da ilusão
Depois o inconsciente resolvido no oceano da
compreensão
Pelo excesso abriste-me o caminho da renúncia
antes cobra
depois corda de salvação

Mas compreendi depois
que por trás de tudo estava o Amigo

O Amigo que escreve com as letras das estrelas
o convite
para até o mais extraviado dos seres
vir à sua mesa
sorver o vinho cósmico da alegria e união
sem a embriaguez das alturas

O Amigo cuja misericórdia e rigor
são sempre maiores que a nossa ira
e espera até o final dos tempos
pela oportunidade do reencontro

FALSO IDEOGRAMA ITALIANO

Está na cara — a verdade avisa:
o riso triste de Yoko Ohno
é a reencarnação da Mona Lisa

CARAMBOLEIRA

Exemplar
de um novo Éden tropical:
miniatura do paraíso reintegrado

Bendito o fruto
que colhes no ventre da semente
e ofertas múltiplo aos lábios

Síntese solar
da operação dos quatros elementos:
restaura-nos a porta do santuário

Meditadora doméstica
nenhuma formiga sonega teu silêncio:
pássaros celebram-te o nirvana

Aspiras (como nós)
ao oxigênio à paz e à expansão universal
e cresces sem medo rumo ao sal e ao sol

Crucifixo vegetal
diariamente renovas o milagre
e dás ao mundo uma nova flor

Sejamos irmãos em tua lição:
fincarmos raízes e criarmos asas
e não guardarmos na seiva nenhum rancor

SERMÃO DO OPERADOR DA BOLSA DE VALORES

saibam que usando as regras de mercado
Elohim separará as ações boas das más
e julgará os homens
pela lei da oferta & procura:

ter
terá cotação baixa

ser
fechará sempre em alta

DA ILUMINAÇÃO

o último pensamento a sair
acenda a luz

SAFÁRI

Caçar leões é o mais forte exercício do ser
Mas o egoísmo escapa rápido à mira
A bala sangra e singra a sombra da caça
Só raposas e lebres são o meu troféu mais íntimo

POEMINHA ZEN PARA TAISEN DESHIMARU

A mente
mente
Somente mente
Mente nos jornais
Mente nos tribunais
Mente nos tratados
solenemente

A mente
mente
não porque quem cala
consente
Inútil ente

eterna serpente
que nada sente

A mente
só não mente
quando lunarmente
submete-se ao sol do coração
& humildemente
torna-se luz da razão
conscientemente

SERMÃO DO AGENTE DE VIAGENS

Não é o Everest
nem está no Nepal
não está no Extremo Oriente
nem no alto Ocidente
o ponto mais alto do Mundo
Refulge na região central do universo
e o cartão-postal é um lótus de doze pétalas
Para chegar
não é necessário enfrentar o atraso dos voos
extravio de bagagem
embora haja riscos de tempestade de neve
e perigo de soterramento
Estar nele é que nos leva para o alto
a contemplar a paisagem da vida
Sua gravitação nos dá o êxtase de existir
Não é o Everest
nem está no Nepal
não está no Extremo Oriente
nem no alto Ocidente

Pra essa viagem individual
não há descontos promocionais

POEMA QUASE-LÁPIDE

um dia ficarei tão leve
que os pássaros cruzarão o meu coração
e nem o seu canto poderá ferir-me

PISCIS

Sou do partido da água:
rios regatos e córregos
são fontes de celebração interior
Um rio parte do coração
e banha as profundezas da alma
Os braços são dois longos afluentes
correndo subterrâneos para o abraço da vida
Nas veias serpeia a líquida seiva
que se derrama em um lago de transcendências
Transformar pântanos em regatos cristalinos
sob o olhar aceso do firmamento — as estrelas —
eis a essência do trabalho da vida!
Muitos querem ser exaltados
Aceito com paciência a humilhação
Muitos são seduzidos pela glória e o poder
Sou anônimo como o vento e a serenidade
e inútil como o amor e a poesia
Muitos desejam a imortalidade

Quedo-me à transformação da matéria
e ao esquecimento

Enquanto alguns têm os olhos secos
carrego no olhar a chuva de muitas estações
Como a semente lançada que enquanto dorme
floresce sem cessar
em mim a natureza segue seu curso
no dilúvio do tempo e da eternidade
Sou eterno como a gota d'água
Na fraqueza reside a minha fortaleza
No meu líquido inconsciente
liberto a angústia dos poetas
dos bêbados e desesperados
Eu compreendo os incompreendidos
consolo os que têm sede de justiça
e aceito (de joelhos) fazer o serviço sujo
de lavar os pés da humanidade

SÍNDROME DE REENCARNAÇÃO

pós-moderno aspira
ao
pó(s)-eterno
o poeta

ÚLTIMA SUGESTÃO DE BORDO AO LEITOR

retorne à conexão com a sua respiração. sinta a inspiração e expiração profunda e alongada. feche os olhos e observe pelo olho interior durante 20 vezes consecutivas os ciclos de respiração. enquanto respira, sinta que o cordão umbilical de sua vida é a respiração e esta é conectada ao sol. tome consciência disso. sinta que você e o sol respiram juntos unidos por um cordão umbilical de luz e a cada expiração todo o seu corpo se ilumina e fica incandescente. deixe os olhos fechados por mais alguns instantes e abra-os em calma e silêncio.

O RETORNO DA AURA

1

Onde estão os teus poetas

América

que não cantam a verdadeira luz do dia
os aéreos campos de toda a memória
os jardins suspensos da beleza e da verdade
a primavera de todas as estações?

Perderam-se na fascinação noturna
na contemplação da constelação do próprio umbigo
na babel ultrapanorâmica do *shopping* das vaidades
na música ensurdecidora das máquinas de calcular
na miragem sonâmbula dos efeitos coloridos do néon
na viagem *easy rider* dos sonhos pasteurizados
como se a verdade fosse um chiclete de menta
salivada no último poste do *drugstore* da alma
Ah! é necessário desligar todas as máquinas
para que a consciência reaprenda a falar
e o ouvido se eduque à voz do coração!

De que tipo de matéria é feita a ilusão?
 De que tipo de essência é a sua substância
 para eclipsar a inteligência de tão muitos
 e ofertar como luz o que na realidade é escuridão?

Quantos véus será necessário desvelar
 pra que o olho interior possa avistar
 o espírito movendo-se na face das águas?
 Percebes (apenas) a brisa do ar-condicionado
 mas não sabes de onde sopra o espírito
 nem pra onde vai

Ginsberg percebe a verdade
 escreve a “Ode Plutônica”
 e se converte ao Zen

Isso é solar

Mas Haroldo de Campos (e sua entelégua)
 traduz “O Eclesiastes” e “A Cena da Origem”
 e não percebe o principal: a luz espiritual

Isso é lunar

(Vide Cabala Judaica à disposição
 em todas as bibliotecas
 e livrarias especializadas)

Porque perdeste a inspiração
 e trans-piras por todos os poros
 choras como bezerro desmamado
 e o poema chega como overdose de nada

Vê:

Todas as grandes obras
 são fruto da inspiração:
 Gênesis Tao Vedas Fausto
 Dela sabiam Rumi Attar e Kabir
 no Oriente

Shakespeare Dante e Goethe
no Ocidente

Eles sabiam beber na fonte
e sua poesia nunca seca

Se lhes é cara a verdade
meu sofrimento tornou-a gratuita
Mirai-vos em Baudelaire:
“— É preciso embriagar-se de vinho
de poesia e de virtudes”

E em Rimbaud:
“— A modernidade é o transitório
o fugaz o contingente
a metade da arte cuja metade
é o eterno e imutável”

Era líquido e certo:
(ah o inefável poder da água)
eles sabiam que havia algo mais
Mas infelizmente não chegaram à fonte
Confundiram o vinho místico de Khayam
com o vinho fermentado das adegas de Montmartre
E toda a eternidade
sempre foi modernidade

Porque é necessário que um poeta humilde
— desses que cultivam a humildade
não com devoção
mas com drummondiano constrangimento —
nascido (não em St. Louis)
mas em São Luís do Maranhão
onde o vento faz a curva
e a ilha é parada final
de urubus e aviões
(daí perceber de onde sopra o vento
e pra onde vai)

vos dissesse essas verdades jupiterianas
como conversa de pé de ouvido
entre um corpo e outro corpo
entre um espírito e outro espírito

3

Cansei da tua noite América
Meus pesadelos agora são diurnos
Minha loucura é a paranoia dos ascetas
Minha megalomania é a dos idiotas do eterno
Todas as nuvens estão em meus cabelos
e a lua foi digerida pelo sol da garganta
Todas as viagens são para o centro
e já posso divisar as estrelas e os cometas
no movimento cósmico entre as veias e o sangue
Não te exijo temas caros a poucos:
o livre-arbítrio do homem
a origem da vida
a finalidade dos seres vivos
pois nossos fusíveis sensíveis
poderiam explodir ao contato de tanta luz

Troquei a altura do Empire State
pela minha consciência
e o ideal do super-homem
pela aspiração do justo
Não mais o eterno retorno de Nietzsche
o anel de núpcias com a eternidade
Quero apenas a minha quota de luz
e o descanso em algum lugar do azul!

4

Eu quero a minha aura
escurecida na perda do amor pelo prazer

vilipendiada pelo elogio do ressentimento
em lugar do perdão
obscurecida pela cobiça em vez do desapego

Eu quero a minha aura
com a liberdade do ser e não a prisão do ter
com a humildade dos simples e não o orgulho dos tolos
com a alegria do dar e não a melancolia do reter

Eu quero a minha aura
ensanguentada pelos crepúsculos
de Dachau e Bombaim
purificada pelo sabão da verdade e não
o detergente da mentira
fragmentada pelas ideologias de falsos
profetas e poetas

Eu quero a minha aura
prostituída nos bordéis do materialismo e da solidão
apagada no conflito nuclear entre o ser e o nada
trucidada na guerra santa da falsa sabedoria

Eu quero a minha aura
submetida a cárcere privado pelo álcool e nicotina
estilhaçada por megatons de ódio e temor
corrompida pelo amargo pão dos tratados de paz

Eu quero a minha aura
destruída pela quimioterapia da ingua ciência
anestesiada pelos paraísos artificiais
que me fizeram esquecer
que sou parte integrante da natureza e da criação

Eu quero a minha aura
viciada pelo ópio da tv e as falsas mensagens de fraternidade

endurecida pela arteriosclerose da egolatria
bombardeada pelas guerras civis militares e eclesiásticas
em nome de Deus mas financiadas pelo Diabo

Eu quero a minha aura
aniquilada pela angústia da perda da vontade
marcada a ferro e fogo pelo napalm da culpa e do erro
crucificada à direita entre as trevas e à esquerda a ilusão

Eu quero a aura
eu quero a aura
eu quero a aura
resgatada do lodo
de toda ignorância
renascida do pântano
de toda sedução
ressurgida pura e simples
como o incêndio da beleza
nos tempos em que o sol morava
no coração

5

Lua de Laforgue! Mallarmé Jorge Luís Borges!
Lilith Juno e Hécate! Lua de Gurdjieff!
Lua assassina de Maiakovski e Lorca!
18 Brumário da Racionalização!
Olho mau do céu! Lua dândi de Frost!
Caranguejo estelar! *Karma* dos poetas!
Lua de Marinetti Leopardi Walt Whitman!
Lua neurótica de Pound! Lua na sarjeta
dos boêmios de Montparnasse!
Sacerdotisa da matéria!
Breviário da inquisição da consciência!
Lua dadaísta-cubista-impressionista

de todos os poetas vampirizados:

essa é a tua última evocação!

A partir de hoje

fica estabelecido

na simbologia da criação

que o sol é que é dos poetas

e (agora) está completa

toda a operação do Sol!

LITURGIA DA PAIXÃO
(1997)

PEQUENA INTRODUÇÃO AOS MISTÉRIOS DA PAIXÃO E DA COMPAIXÃO

1

O amor é a maior experiência mística do ser humano. A lei do amor é a grande síntese do universo. A vida cumpre seus desígnios através do cumprimento da lei do amor. Doamo-nos para descobrirmos cheios. No vazio, encontramos a plenitude. É vida e morte, beleza e tortura, mel e fel, luz e sombra, fogo e água, céu e terra. Somos demônios e deuses na ascensão e queda no vazio de nossas perplexidades. De mãos vazias, penetramos no templo do desconhecido. Todo ele se dirige à transcendência, ao centro, ao nirvana, à cruz, à realização. É o dever-ser, no qual o ente que somos realiza o valor mais profundo da existência.

Cada vez que alguém ama, repete-se a história da criação do Mundo. Seja dirigido a uma mulher, a uma causa, a um ideal, ao próximo, à vida, a Deus, o amor é a execução da lei cósmica que nos remete ao infinito de nós mesmos, para que possamos concretizar a busca da totalidade. Onde eram dois, se tornam um, para vivenciar uma nova realidade na abrangência da plenitude humana. É a ponte que nos liga ao eterno, desertando as máscaras de nossa impermanência.

O amor é o chicote que nos expulsa do edifício da insinceridade. É a espada violenta que corta o cordão umbilical do nosso egoísmo, transmutado no violino introdutor da nota da esperança na sinfonia da vida. Nele, o destino pacifica-se com o livre-arbítrio, sob as bênçãos da providência, para forjar um novo horizonte repleto de significados a serem descobertos e realizados.

Todos os caminhos — ensina a tradição — levam ao amor. Pelo amor se chega à infinita sabedoria. Pela verdadeira sabedoria, desembarca-se no amor. Na árvore da vida, o amor é a verdadeira raiz, embora estejamos quase sempre absorvidos na paisagem. Sem ele, nada seríamos.

São Francisco amava os passarinhos. Kant amava a liberdade e a alma. Freud viu no amor a sublimação do desejo. Victor Frankl vislumbrou no amor a própria essência do ser. Goethe dizia que o homem que não realizou o amor não cumpriu o seu destino. Cristo dizia que devemos amar até os nossos inimigos.

Chega-se ao amor pela busca? Depara-se com o amor, pela não busca? Nasce em nós ou passa por nós? É uma ciência, uma in-ciência, a recompensa do justo salário da vida? É uma grande corrente explosiva que ao romper as comportas do nosso mundo interior, faz-nos rever todos os conceitos que achávamos ridículos? É uma explosão? Um transbordamento?

O amor é o céu? O inferno, portanto, seria a ausência do amor? De que é feito o amor? Quem são seu pai e sua mãe?

Quem é o amor?

2

Este livro é uma tentativa de falar do amor. Fala-se do amor, quando se quer vivenciá-lo plenamente ou quando se foi tragado por suas chamas. Só a cinza deve falar do fogo? Não pode a madeira falar da brasa que a quer consumir? Ainda assim, quem o vivenciou, como o explicaria, face a seu caráter de obra aberta, impregnado de multiplicidade? E, explicando-o, como cada um de nós, na pluralidade da apreensão dessa mensagem, o entenderia, sabendo-se de antemão que no significado está sempre embutido o código pessoal de quem o recebe?

Protossíntese do paradoxo, o amor, ao ser analisado, poematizado, verbalizado, raciocinado, tende a perder a sua essência. Pertence, por sua natureza, à coleção dos enigmas do silêncio. Mas calá-lo significaria, também, uma adesão à morte, à sonegação de si mesmo. Estes poemas, destarte, estão inscritos na categoria do silêncio e da voz e servem ao paradoxo das duas notas dissonantes, mas integrativas: a da sonegação e da oferta. Da preservação da sua essência e da profanação

da sua fragrância. Esta última, como declarado e sutil objeto de catarse, purificação, redenção.

Preferível é dizer que este livro fala da paixão. Da paixão e compaixão. Qual o primeiro nome da compaixão? Paixão. Qual o segundo nome da paixão? Compaixão. Fala dos pequenos mistérios da paixão e compaixão de um poeta dividido (e unido) entre o amor sensual e o amor espiritual, entre a lógica formal e a lógica moral, entre a causa do mundo e a causa de Deus. Dualidade-unidade, a que todos estamos submetidos por um imperativo da criação, que nos modelou Céu e Terra, fazendo os cabelos arranharem as nuvens e os pés presos no barro dos dias. Dirige-se ao amor-fricção que queima e ilumina, e ao amor-irradiação, consubstanciado nas palavras do Mestre:

Então os justos brilharão como o sol no reino de meu pai.

(Mateus, 13; 43)

No caminho da totalidade, o autor percorre estradas não ortodoxas. Não faz opção entre o amor humano e o amor divino. Deus e a mulher. Ele busca a essência de que está impregnado. A penetração nos mistérios para saber dos seus significados. A matéria e o espírito. A paixão e a sua outra face: a compaixão.

Como transcender a dualidade, senão aceitando as duas faces do rosto da vida? Ficar numa polaridade e renegar a outra face seria combater o próprio amor, princípio da totalidade. Seria render-se à unilateralidade e assumir-se apenas pela metade. Tenta nada julgar, absorvendo as experiências, para que naturalmente sejam feitas a mutação e a comunhão. De que maneira? Permanecendo natural, deixando a vida fluir espontaneamente, conduzindo-o naturalmente à realização. Sabe que é impossível dirigir a vida. Deixa que o amor a dirija. Pode uma gota de água governar o oceano? Uma gota de água é apenas uma minúscula gota do oceano da vida. Uma gota de água é apenas uma criança que quer ser conduzida ao paraíso.

Assim como o homem é dividido em corpo e alma, para melhor ser apreciado, o autor pensou em agrupar, inicialmente, por motivos didáticos, o conteúdo poemático do livro em dois blocos: *Sábado da Paixão* e *Domingo da Compaixão*, paráfrase ao trânsito roteiral da noite escura de São João da Cruz. Pelo sábado da paixão penetrar-se-ia no domingo da compaixão. Mas depois percebeu — paradoxo da unidade na diversidade e da diversidade na unidade — que muitos dos poemas incorporam características binárias dos dois polos. Na *via-crucis* humana, o mistério glorioso, às vezes, é preparação para o mistério gozoso. A Terra cobra o preço do condomínio de existir. Então, a linearidade foi trocada pela deambulação dirigida ao centro, à cruz, à realização. O amor, no meio, seria a síntese. Será por esta razão que, na arquitetura do corpo, o coração está no meio do tórax, não totalmente no centro, mas um pouco mais à esquerda, indício formal de que a compaixão é a inclinação natural para que a paixão seja transcendida?

O autor busca o seu caminho no amor. Não o caminho oficial das escrituras que opõem o amor humano ao divino. Seu caminho passa pela paixão e quer viver a sua experiência integral, rumo à plenitude desse significado. O caminho do homem comum impregnado do Céu e da Terra. O *Jnāna-Bhatkii* do seu céu-terra interior.

Na sua busca tudo se faz sagrado. O profano e o divino, a eternidade e a provisoriedade, o erotismo e o amor-ágape, o prazer e o significado da vida. Ora seus poemas dirigem-se à existência, a Deus, à mulher, à própria poesia, à matéria e à transcendência. Ora mergulham na transmutação dos valores do sentimento e do pensamento. Ora investem contra a própria escuridão íntima para devassá-la e extrair-lhe o puro ouro do cascalho. Tudo serve, no seu entender, à glória da vida.

Nessa viagem, faz parceria de ideal com a personagem Sidarta, de Hermann Hesse, que, convidado por Buda para segui-lo em seu caminho ascético, preferiu viver no mundo a sua solitária experiência interior, pequeno mestre de si mesmo, embora advertido dos perigos e das emboscadas do caminho.

Sabe que o caminho é cheio de pântanos e pedras. Sempre existirá uma pedra no meio do caminho. Mas sabe que a busca passa por trevas e pedras para desembocar na luz. Por via das dúvidas ou dúvidas da via, sabe que o caminho da totalidade é mais doloroso e solitário, mas talvez seja a única via — para que nada se perca e tudo seja salvo — do batismo de fogo da sua iluminação.

LUÍS AUGUSTO CASSAS

SUMMA DOMINICAL

Se eu fosse eterno
jamais buscaria o significado da vida
nem realizaria o milagre do amor
esse sol queimando os campos da alma
O prazer e a dor seriam eternos
e a vida a infinita repetição
de um tedioso existir banhado em eternidade

Se eu fosse eterno
jamais retornaria ao paraíso
Oh dias imperfeitos mas belos!
Qual o interesse de ver Deus face a face?
Perder-me-ia no redemoinho das noites
fechado no círculo da inócua vaidade
Para que compreender o mistério da existência?
Não haveria razão para sonhar

Mas como sou humano e o coração bate
curvo-me à foice dos dias
e o belo o bem a verdade e a justiça
são eternos em mim porque findo
O meu brilho é mais-que-perfeito
porque cessa em mim a claridade

E nisto consiste a minha alegria:
o sofrimento de sempre concluir-me
é que torna única a minha vida
ainda que de concluso o tempo que disponho
eu realize a minha obra mais sonhada:
o sentido insubstituível desta sinfonia
concluída mas inacabada

PARÁBOLA DO REINO

Amai-vos uns aos outros
Amai-vos uns sem os outros
Amai-vos todos e uns
Amai-vos alguns e nenhuns
Amai-vos a direito e a torto
Amai-vos a cegos e coxos
Amai-vos aos falsos amigos
Amai-vos aos bons inimigos
Amai-vos por tudo e nada
Amai-vos sem ter amada
Amai-vos acima e além
Amai-vos a vós também
Amai-vos com olhos de ver
Amai-vos sem entender
Amai-vos com o olhar e o sentido
Amai-vos com o espírito e o ouvido
Desarmai-vos e amai-vos
Desamai-vos e amai-vos
Amai-vos até não mais ter
Amai-vos até não mais ser

ODE (QUASE) LOUCA

1
Decididamente
deve existir por aí uma mulher
manequim 42 sandálias 38 náufraga de luz
vaga inclinação para *hot dogs* e filmes de Fellini

sem compromissos maiores que não seja o amor
Ela está estendida nua no tapete da sala de estar
e secretamente (sem que Dylan na vitrola perceba)
alisa lentamente as rosas do púbis
pensando na imagem de um poeta que a excita
Possivelmente um poeta que os críticos tacham de louco
desses que os pais de família chamam de irresponsável
e os executivos fazem aguardar nas antessalas
(como a flor de plástico
que desabrochará no jarro)
avesso a cortesias e gravatas italianas
mas cúmplice de todos os carinhos
capaz de exterminar o estoque de rosas vermelhas
dos restaurantes e floriculturas
e doar (por intrépida doçura)
as cerejas de todos os martinis doces
Ela está só e esqueceu a identidade burguesa
o vestido francês o concerto de Shankar
e passeia (na imaginação) por verdes pradarias
como uma égua servindo-se do seu cavalo
No cenário nu que a rodeia
o *ketchup* e o vidro de esmalte vermelho
derramam sangue sobre o tapete da sala de estar
É uma corça ferida de desejo
no entanto o seu desejo não está só

2

Decididamente
deve existir por aí uma mulher
estátua viva do mais puro mármore
musa de mil tentáculos especialista em naufrágios
vaga inclinação para as causas mais secretas
sem compromissos maiores que não seja o amor

Miss noite mademoiselle fúria
(está só nesse instante em que pisco os olhos)
na janela do apto. em frente
o bico do seio (como um diamante
ferindo a vidraça)
enquanto durmo e sonho acordado
(com a aurora do seu ventre em chamas)
desperta em seu quarto na América
e envia os sinais lânguidos de leoa acossada
para a selva do meu quarto de dormir
Decididamente
deve existir por aí uma mulher
que me ensine lições de abismo
(e me atualize o desejo tempestuoso do amor)
que me toque tão profundamente
(como a brasa acesa toca o cigarro)
que me dê colo e transcendência
(e me fale de Deus e sexo
Henry Miller e S. Francisco de Assis)
e responda a questões urgentes do meu ser
(não com mensagens de sua boca)
mas com palavras quentes de todo o seu corpo:
o amor é uma turbacão?
é uma perturbação?
uma revolução?
uma realização?
um desejo etéreo?
um mistério eterno?

Como compreender o instante e a eternidade
de amar a terra e o céu ao mesmo tempo
se tenho amado quem não quero
e não tenho amado quem quero?
Se meu corpo faz o que não pretendo
e a minha alma regozija com o que não posso?

Se o gozo das coisas do alto
eleva-me o desejo das coisas de baixo?

3

Esta noite Deus (em sua misericórdia)
perdoará o excesso de fragilidade humana
e descontará a minha fatia de céu
Mas ainda que me fira a carne com todos os espinhos
jejeue mortifique-me e veja os sinais de queda
tudo será em vão

Hoje meu céu está na terra
e o desejo é o meu único pastor
Quero escorregar como um sol de abismo
e no leito da noite num corpo de mulher
descobrir o paradoxo de todos os mistérios
desnudar a plenitude de todos os fracassos
e nas curvas sinuosas do seu corpo
acender as estrelas da Ursa Maior

EPIGRAMA PARA UMA MANHÃ DE VERÃO

Se por amor ou justiça um dia eu brilhar
na constelação a que me endereçaste
que eu não reluza como o sol do meio-dia
que embora forte ofusca e a muitos faz cegar
mas resplandeça qual a luz de um sol de aurora
fogo-fátuo que a tudo e a todos propicia
e de cuja luz tênue e clara dela ninguém foge
a não ser a inútil sombra da poeira das estrelas

MEDITAÇÃO DO CORPO

1

Corpo

encíclica de carne e osso
protótipo da anatomia cósmica
arco do triunfo do bem e do mal
aqui neste tribunal de deuses e homens
acossado por dardos de 20 séculos
advogo a tua libertação incondicional

Que mal fizeste ao mundo e aos homens
senão cumprir o destino dos deuses
desterrado com o suor do teu rosto
a vagar qual novo judeu errante
no universo da matéria?

Quer venhas quente ou frio
tatuado ou nu maquilado ou belo
preparado para as olimpíadas ou as exéquias
vomita-me a tua língua de reclamações:
quantas mutações te transformaram
em cruel depósito do mal
réplica de Sodoma e Gomorra
estátua viva de sal
se és apenas o solitário poço
em que o espírito mata a sede do desejo
e medita as questões teológicas?

2

Se te privas de alimento
é por amor à vaidade
ou afeição ao espírito?

Que crítico antifoucaultiano (então)
fez de ti errônea interpretação?
Todos os teus falsos leitores
são ladrões e assaltantes
da história oficial

3

Quando os homens querem ser deuses
lançam-te à face a imprecação:
és miséria matéria
São tuas obras: masturbação
fornicação corrupção

Porém quando os deuses são homens
desinterpretam a revelação:
tua biblioteca é completa e vária
Eis as tuas obras: beleza esperança
caridade amor emoção

4

Ah corpo
atribuir-te a origem do mal
seria rasgar o manto da verdade
e creditar à miopia da aparência
as questões dicotômicas da existência

Já dizia Homero (a centopeia)
dirigindo-se a Ulisses na Odisseia:
“todo excesso é vício”
Precavém-te desde o início

5

Corpo

símbolo alquímico do homem

peso atômico da alma

é ela quem desembarca no templo da carne

e sem alarde joga a pedra e esconde a mão

e te veste e despe a gosto e contragosto

para o jogo do prazer e do poder

para a eterna dança do ter e do ser

O mal — portanto — corpo

está em ti

e não está em ti

Está em si

como está a esmo

o próprio si mesmo

como não está no copo

a culpa de quem se embriaga

e não está no mar

a sorte de quem naufraga

6

Falso dogma material

a carne não é culpada

ó carne submissa lua

ovelha expiatória do mal

7

Corpo

anjo materializado

consumido nas duras chamas do pecado
não te tortures mais

Deixa a ciência e a transcendência
aos teólogos e profetas virginais

Apenas vive o dia de hoje com suor
que o amanhã virá sem nenhum temor

E lembra-te:
nunca deixeis o sol se pôr
sem te reconciliares com o amor

8

As coisas do céu
vela Deus
O que é do Homem
o bicho não come

RECORDAÇÕES DO PARAÍSO

1

Lembras Rosa
a perfeita claridade?

Pássaros com bicos de sol
desenovelando a manhã

Tempo de puro ouro!

A conta de luz
não havia chegado

2

Andávamos ingênuos e nus
em comerciais de Deus

Contos de fadas no céu:
harpas compondo o cenário

O amor florescendo na aorta
O amor florescendo na horta

Depois o desemprego eterno:
maçãs proibidas
colhidas na Árvore da Vida!

3

Agora nesse jardim suspenso
plantamos o que colhemos
com o suor de nossos rostos:

prazer e dor
amor e morte
flores e espinhos!

Pesado fardo de ser:
esta terra é o nosso céu

4

Na primavera Rosa
as flores crescerão felizes
rumo ao sol

5

Se tudo o que cai
tende um dia a subir
quem sabe um dia

subiremos pelas pétalas
e inauguraremos
nosso jardim no céu?

6

Até lá cultivaremos
o que nos resta
do jardim eterno

Flores do bem e do mal:
delírios e delícias

7

Enquanto o paraíso não vem
faz um sorriso de sol
e esquece a lei da gravidade

Te contarei uma história com final feliz
igual aos filmes românticos dos anos 50
e dançaremos uma valsa vienense

CASABLANCA

Humphrey Bogart tropical
defensor da nobre causa da paixão
rosa amarela na lapela
duas taças: uma na mão
outra no coração
abandono o truísmo de perder o amor
pelo altruísmo de vivê-lo

e à última hora do voo
altero o infeliz roteiro
derramo a taça da mão
na taça do coração
apago o cigarro nos dedos
acendo um beijo com o isqueiro
seus lábios tocam *A Marselhesa*
e despacho o marido solitário
são e calvo
no último avião

ROSÁRIO DO AZUL

Oh meus mistérios gozosos
oh meus mistérios dolorosos
sereis apenas mistérios misteriosos?

Oh meus mistérios do prazer
oh meus mistérios do poder
quando vireis a transcender?

Oh meus mistérios de vendas
oh meus mistérios de lendas
quando mostrareis a senda?

Oh meus mistérios devotos
oh meus mistérios intactos
por que não mostrar o rosto?

Oh meus mistérios de besteira
oh meus mistérios de terça-feira
acabará a brincadeira?

Oh meus mistérios de traça
oh meus mistérios sem graça
que falta para alcançar a graça?

Oh meus mistérios da paixão
oh meus mistérios do coração
por que não mostras compaixão?

Oh meus gozosos mistérios
oh meus dolorosos ministérios
sereis um dia gloriosos mistérios?

HAMLET NO DESERTO DA PATAGÔNIA

1

Um dia budicamente sentado
à sombra de um tamarineiro
cheguei à óbvia conclusão
de que a soma das dores
é maior do que a aritmética da alegria
e que o mundo inevitavelmente caminha
para velhice e morte

E que acumular riquezas empórios
minas de manganês e dólares
camisas de algodão e calças jeans desbotadas
era só cansaço

E que o único milagre da vida
era não ter existido

E essa era a melhor filosofia existente
maior que a metafísica de Sócrates e Platão
e de todos os cretenses e cretinos

2

E vi que todos os manequins e modelos
e todas as mulheres elegantes
que fazem a cabeça nos salões de beleza
e todos os executivos de flor na lapela
irrequietos como um dromedário numa confeitaria
e os que se acotovelam em *rolls-royces* e ônibus
estão apenas se maquilando
para a morte

E que todo o orgulho e egoísmo
é apenas pó de arroz de terceira classe
e todos os edifícios ultrapanorâmicos
são miniaturas da torre de babel
falando a linguagem dolloro\$a
dos jardins suspensos da Babilônia
(Por sinal plágio
dos jardins do Éden)

E vi que todo ato sagrado
é uma explosão de irreverência e humor
E que talvez fosse compaixão
ou discreto charme do Criador
tanto barro derramado

3

E comecei a rir muito alto e pra dentro
como fazia criança nas sessões da Atlântida
nas tragédias alegres de Oscarito e Grande Otelo

A ESTATÍSTICA DO AMOR (Balanço Patético-Sentimental dos 16 Anos)

Meu coração está fazendo o recenseamento
de todas as mulheres a quem amou

Já está experiente e adulto
e não pensa em recados e paixões suicidas

(Quando tinha 12 anos
viu a fotografia de Claudia Cardinale
e a desejou ardentemente)

Tampouco segue impulsos românticos
trens horários de beijos estudados
em mulheres de rostos maquilados
e olhares eletrônicos

No território de suas recordações
anda em latitudes altas e quentes
com um caderno amarelo de anotações
coleccionando cartas desejos telefonemas
noites de insônia bocas apaixonadas
de amadas que já não está amando
Algumas já se foram para outros estados
emigraram para novos sentimentos
e não deixaram cicatrizes

Outras (Rute era estrábica
e colecionava selos e chaveiros)
(a) guardam ainda sua taquicardia
dentro do vestido de seda ou brim
e disfarçam num sorriso de dentifício
a paixão policrômica
escondida no retrovisor da aparência
No espaço da memória e do esquecimento
boiam pedaços de pernas mãos cílios

olhares tranças espasmos
que o tempo ama e esquece
Ah! vontade de voltar a ser criança
descobrir o sexo sem a sua aparência:
tocar as coxas de Rosa levantar o seu desejo
masturbar sonhos e esperanças
e na inocência febril dos escolares
distribuir beijos como caramelos!
Mas já são os olhos de Lúcia que me perseguem
desaparafusando-me segredos esquecidos:
Lúcia a antiestética a anticonvencional
a mal-educada a mal-amada
que comia chocolates com pipocas
e escrevia pornografias na parede
quando era dia de arguição ou de prova
Lúcia a antitudo
(tão diferente de Rita)
(parecida com uma Lourdes)
(tão diferente da outra Lúcia)
mas tão terna tão bela e tão macia
que seu andar parecia com o de Ana Maria

Entanto o coração nada mais vê:
não quer não vence fechou-se em sua gula
Já não anda nas praias não conversa comigo
recusa festas e não frequenta biblioteca
Junto a ele estão todas as biografias
pesos medidas ilusões ressentimentos
particularidades de todas as amadas
(os sinais ocultos de Irene
o perfume de que Heloísa gosta)
e algumas dores que (sem querer) ressuscitou
Entanto parece faltar uma só

para que se feche o caderno (já amarelo)
do passado e sindicalize a sua taquicardia
E parece estar frente a frente comigo
com seus lábios meigos e sintéticos
seus olhos cadentes e carismáticos
E subitamente rasgo todos os papéis
os cálculos endereços e medidas
(até as paixões ultradimensionais)
ao descobrir que sempre amei
essa mulher junto de mim
eternamente junto de mim
e sentir que esse mecânico coração
ainda se interroga

POEMA MARIA MADALENA

Vida: longo rio do amor e do desejo
Olhos pintados de *spray* vermelho
Nas pernas abertas corre o doloroso cio
anjos da carne estrelas da compaixão

Mênage à trois:
terra tempo & eternidade

Ó sexo:
escada rolante de Jacó
temível virtude pedestre
apedrejado muro das lamentações!

O verdadeiro gozo
está em Deus

O POETA GENIAL
(Retrato do Artista Quando Jovem)

Cansei de ser genial:
neon nos letreiros da Broadway
verbete da Enciclopédia Britânica
autógrafos nas coxas de princesas

Uma equipe de televisão espoca o *flash*
para o que vem a ser mais um poema inédito
Sou mais popular que Shakespeare e Lennon
e meu rosto está na Praça da Paz Celestial

Poemas dito-os em sânscrito e grego
Miséria é tema de que se ocupam os medióceres
Rimbaud ruboriza em sua estátua
Ah! Baudelaire! Como são venusianas essas francesas!

Cansei de ser selo comemorativo:
entediam-me os títulos de *honoris causa!*
Irrita-me o assédio das estrelas de cinema!
Nobel é prêmio pra flagelados do ego e principiantes

Pra inspirar-me prefiro as paisagens italianas
a bordo de transatlânticos e mulheres puro-sangue
Como Dalí meu cocô é branco como a pulcritude
e os excrementos vendidos a peso de ouro na Sotheby's

Sou apenas o orgulho da raça
A quintessência da Poesia!
A última revelação da Beleza!
Olha aí Blake: o dedo de Deus

Quando encerrar meus 15 minutos de glória
regressarei a São Luís numa carruagem de água negra
Lá tenho as mulheres que quero
na praia que escolherei

O INCÊNDIO DO DOMINGO (Retrato do Artista Quando)

Quando era intelectual
e queria descobrir o mistério da poesia
queixava-me da falta de tempo para ver o sol
esquecia de levar os filhos para passear
(em nome do poema)
entupia-me da leitura de autores estrangeiros
para escrever poemas sólidos como a Torre Eiffel

Preocupava-me a questão metafísica
se os poetas floresciam como alfaces
e se as alfaces eram inimigas das saúvas e dos limões
e portanto

Deus (desaparecido do Paraíso
depois do atentado de Nietzsche)
tinha algo a ver com a questão

Depois que me tornei poeta
e o intelecto suicidou-se da Torre Eiffel
meu coração pousou no centro da folha branca
Desde então lavar pratos conversar com formigas
brincar com crianças dar bom dia à mangueira
elasteceu o tempo para a poesia
Mil ideias na cabeça

Soubesse que lavar a alface pra salada
tinha conexão com o ato de plantar poemas
fazer não-fazendo não-fazer fazendo
um poema uma salada
até que a horta florescesse pelo bolso da camisa
e todos os mistérios fossem concluídos
descobriria esse segredo mais que público

O segredo da poesia
é a ausência do mistério da alface:
apenas ser
nenhuma outra questão

CARTA DO FUMANTE ENQUANTO VIVO

1

Por absoluta falta de ar
para amar
declaro-me morto
nesta manhã azul de 27 de setembro de 1991
em que a floresta amazônica dos pulmões
atingiu o ponto máximo de devastação
e a língua queimada e seca
não sente o gosto do oxigênio
e o paladar da vida

Com discrição e fúria
(ah essa palavra caramelada e inútil
pra ser usada em um dia de domingo)
adio o enterro para um dia de chuva

para que possa sentir o cheiro
da terra molhada

O corpo que atravessa a vitrine
é apenas um leve traço que floresceu
nas lides do amor e combates das academias
Sinais permanentes de fumaça
expulsaram todos os deuses e suas tendas
Paraíso ecológico devastado
apenas dois canários cansados cantam
na gaiola do peito

2

Vejo as mulheres e temo
que a minha sombra não possa mais se projetar
sobre o sinuoso desenho dos seus flancos
Vejo a cara de Deus nas nuvens
e receio que o céu tenha aderido
à última campanha antitabagista
Os poemas que não escrevi e os inconclusos
dirigem-me sinais verdes de desespero
em um S.O.S telepático:
quando poderão vir à luz?

Prevenindo guerras intestinas
e preservando o espólio das disputas fidalgas
distribuo a biblioteca às amadas e amigos
com a sabedoria alquímica dos opostos:
aos cartesianos tratados de astrologia
tarôs importados literatura do coração
Aos holísticos obras sobre o materialismo
histórico Freud Marx e cia. Ltda.

Para perpetuar o exemplo a não ser seguido
pelas gerações mais puras

mandei erigir um mausoléu negro
aberto à visitação pública
com belo e gigantesco cinzeiro
emoldurado com autorretrato em relevo:

“aqui jaz
um poeta exemplar
trocou a poesia
pela falta de ar”

3

No ar na terra no bar no mar
mais um capítulo do comercial
Guerra nas Estrelas:

**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
O CIGARRO DÁ CÂNCER**

**O CIGARRO ADVERTE:
O MINISTÉRIO DA SAÚDE DÁ CÂNCER**

Ainda (assim)
com o riso amarelo-nicotínico nos dentes
e um discreto cinza metálico
ao redor dos olhos
saio (morto) para a rua
com uma flor vermelha na lapela
e um beijo radioativo nos lábios

4

Por absoluta necessidade de ar
para amar
declaro-me ressuscitado
nesta manhã azul
de 15 de janeiro de 1996
em que a floresta amazônica dos pulmões
atingiu o ponto máximo de recuperação
e a língua mordendo os lábios
sente o gosto do oxigênio
e o paladar quente
da Vida

CARTA DO INICIADO FENDIDO AO MEIO

1

Quando eu era materialista
amava a lua na escuridão do céu
Depois me tornei espiritualista
e quis ser o sol da meia-noite
Agora que não sou mais
espiritualista nem materialista
cigarra e formiga cantam juntas
no aurorescer e alvorecer
Não sei mais o que eu sou Eu sou

Todos estão rigorosamente certos
Todos estão exclusivamente errados
Não há nada a fazer
Não há partido a tomar

Se o visível procede do invisível
— seria correto dizer —
que o material leva ao espiritual?
Sol e lua brilham para todos:
muita treva conduz à claridade
e excesso de luz pode cegar
Portanto quem está aqui pode estar lá
Tudo que é sólido desmancha no ar
Não sei mais o que sou Eu sou

Na verdade — quem não busca o céu
por mala direta ou oblíquo véu?
As estrelas e as lojas de departamentos
os homens de negócio e o asceta tibetano
todos crescem e multiplicam-se como nuvens
apenas para cumprir a obra de Deus

Portanto quando perguntam:
materialista ou espiritualista?
Não sei o que eu sou Eu sou

2

Quem não vê
(conectando a luz da alma no fio da visão)
que o ébrio procura na embriaguez
dissolver a sua dor em Deus?

e o intelectual ensimesmado
busca a sabedoria de Deus?

e o neurótico desiludido
apenas o amor de Deus?

e o capitalista convicto
o poder de Deus?

e a prostituta
que se entrega por dinheiro aos homens
anseia (sem perceber)
como entregar a alma nua e pura ao Pai?

Quem julgará o certo e o errado
com sabedoria e toda a ciência
se o bem e o mal
são apenas estados de consciência?

3

Antigamente eu tinha muita culpa
por viver embriagado no mundo
Agora que me embriago de Deus
e recuso o cálice do mundo
vejo que permaneço ébrio
e o vinho exala forte em minha alma
Ontem estava certo
Hoje estou certo também
Não há nada a fazer
Não há nenhum céu a conquistar
Nenhuma cerejeira vai florescer
Nenhum salvador vai chegar
Só sei que a cada dia menos sei
Só sei que a cada dia menos sou
Não sei mais o que sou Eu sou

45° FARENHEIT

Teu beijo
é a fórmula secreta da iniciação mais alta da magia

Teu beijo
é o poder da energia pura de todas as cataratas
movendo as hidrelétricas do mundo

Teu beijo
é um pássaro branco carregado de dinamite

Teu beijo
é o manifesto do céu em minha língua

Teu beijo
é a demissão sumária de mil mulheres dependuradas
em minha boca

Teu beijo
é a sétima maravilha do caos

Teu beijo
é a overdose dos destronados que partiram sem asas
segurando uma rosa de cobalto entre os dedos

Teu beijo
é a carência coletiva dos mendigos pedindo compaixão
à porta dos supermercados

Teu beijo
é o sabor de eucalipto do *drops* da vida

Teu beijo
é um planeta tresloucado gritando pai! por ter saído
da órbita celeste

Teu beijo
é a extrema-unção dos ressuscitados

Teu beijo
é a rendição incondicional dos exércitos da minha tristeza

Teu beijo
é o cumprimento da secreta lei do abismo
tábua da desordem céu do excluído
que faz minha boca ofertar-se penitente
no altar do mais absurdo sacramento

DAS AFINIDADES ELETIVAS

1

Com o que sonha a matéria
debruçada em seu fastio?
milk-shake de nuvens? invest. celestes?
papos de anjo? transcendência? curso de alemão?
vaga no céu? aposentadoria? compaixão?

Com o que sonha o espírito
ancorado em seu vazio?
passeio a Wall Street? mocassins? bife com fritas?
vaga na garagem? Carlos Gardel? condecoração?
terno esporte? náutico bronze? um coração?

2

Meu pai sempre foi uma mãe:
alimentou-me com o leite da irreverência
Minha mãe sempre foi um pai:
mostrou-me o doce rio da inocência

Meus sonhos não tinham tranças
Quando disseram que Lorca morreu
ele já tinha morrido Desde essa hora vivo
Mas meu coração crescia além das aparências
e invadia a aurora como um sol lançado ao rosto

3

A minha primeira namorada
era apenas 2.000 anos mais velha do que eu
Quando a vi na igreja tomei um pânico
e o amor cobriu meu coração de espanto
Foi o meu primeiro amor platônico
Desde a infância gosto dos gregos
e adoto um perfil suave-irônico

4

O meu segundo amor finou
como o colesterol do Império Austríaco:
overdose de Strauss licores de rosas
e excesso de glacê no chocolate

A terceira me tocou o bigode e o olhar
A quarta me consumiu toda a razão
mas foi a quinta quem tocou meu coração!

5

Sou marxista-leninista no meu verso
anarcossocialista em meu amor
espírito-materialista ao reverso
democrata-anarquista em minha dor

6

Ó vida — vívida nau dos sensatos
longo rio das veias portos e canais
A infância não vivida
vivo-a na infância dos filhos
transvivo-a na infância dos filhos dos filhos
como uma bola de couro arremessada
contra o campo de futebol do horizonte!

DISCURSO DO INTELLECTUAL SOBRE O AMOR

a Roland Barthes

O amor é para ser lido
num dia de domingo
(ou então) segunda-feira
Rostos e cabelos
não são passagens mas hieróglifos
Tempos e circunstâncias
são indícios
Bocas e línguas
são solstícios

O amor é para ser vivido
na branca cama do linossigno
como uma página aberta
e/ou desejo repleto de possibilidades
Dicionário de probabilidades
no triângulo de bermudas
uma perna distante
é uma perna perdida

O amor é para ser consumido
como uma laranja grega
ou um sol tombado
cheio de gemas e pantáculos
onde se estuda o mel dos anacoretas
no mar azul das molhadas hélades
e o efeito estufa do canto das sereias
nos gatos aprisionados nos navios

(Quem não souber ler signos
e dissecá-los sem perplexidade
jamais compreenderá profundamente
o signifiante do significado do amor:
mensagem interceptada no dilúvio
colar de conchas roubado à praia
borboleta de ouro batendo asas
no sonho acordado de Salomão)

O amor é para ser amado
como lua de mel da especialidade
viagem de férias da realidade
carta de colagens dos sentidos essenciais
Fragmentos de um discurso amoroso
são litánias de deuses sem ascenso
ainda que aos cépticos a musa decante:
— “Ai amor eu não te amo mais!”

DE AMOR E DE SOMBRAS

O amor não morre Rosa

O amor não é ave em extinção
O amor não entra na lista dos desaparecidos
O amor não quer saber a quem se dar
O amor nunca deserta de sua função de ser

Às vezes o amor despede-se: tira férias
pois o coração que acendia a tocha se apagou

Então se recolhe e se transfere
viaja a um novo coração ferido

torna-se presa de suave melancolia
e retorna disfarçado em sofrimento e alegria

Mas súbito a palha vira fogo
A floresta invade o céu
e inesperadamente uma tarde
a rosa nasce entre as rochas

Onde era azul agora é verde
onde foi Joana agora é Célia
onde foi Tristana agora é Helena
onde foi Clara agora é Karina
e tudo renasce como a chuva
sobre as pedras ávidas de sede

O amor não morre Rosa

O tempo esculpe novos rostos
em antigos sentimentos

BALADA DO MOFADOR

Eu sou o mofador
o que mofa do céu e terra
e diz palavras de aluvião
disfarçadas como pedras de espanto

Mofa do bem e da verdade
mofa do belo e da justiça
sou o locutor da vida íntima
em edição extraordinária

A natureza fala e silencia
o mar enche e esvazia
mas em mim a língua reverbera
trovão permanente de escândalo

Em minha língua dormitam
um escorpião e uma serpente
que se revezam reptilmente
para apurar o seu veneno

Mofa por cortesia e por vingança
mofa por diletantismo e por vaidade
Em meu código de escárnio
segredo é o maior pecado

Em mim tudo é público
Em mim tudo é repúdio
Cantiga de maldizer é tempero
no paladar áspero da vida

Eu sou o mofador
que zomba de tudo e de todos
e à ausência de alguém pra mofar
mofo do amor e da própria dor

O DIA DA CRIAÇÃO

O que me dói
neste domingo
não são os homens caminhando na praia
manada de sonâmbulos rígidos ao sol
e não perceberem as palmeiras

gaivotas e nuvens
celebrarem a vida

O que me dói
neste domingo
não são algumas mulheres curvadas
por serem solitárias
como um poste sem luz

O que me dói
neste domingo
não é a mancha de óleo no mar azul
a recordação dolorosa do amigo distante
com os cabelos crescendo sob a terra
o tédio dos cocos secos
o afogado boiando no copo de bebida
o olhar do peixe morto
o coração vazio

O que me dói
neste domingo
não é ver tantas pessoas abafarem
com ruídos eletrônicos
a voz da consciência mais profunda
como se a vida precisasse de um grito
pra compreender o significado
do seu mistério mais simples

O que me dói
neste domingo
não é o tédio da vida
a luxúria de viver

O que me dói
neste domingo
é o desperdício do ser

NO DIVÁ DO UNIVERSO

1

De que matéria é feito Deus?
De que espírito elemento fissão ou fusão
a sua substância?
De quantos átomos se constitui o amor
de Deus?
A onipotência a clemência a onisciência?
Quais mitos povoam-lhe a imaginação?
Que substância fina interpenetra-lhe a alma?
Qual o tipo psicológico de Deus?
Que correspondência guarda a sua noite
com a escuridão do universo e do homem?

2

Se o universo é uma projeção de Deus
então o homem é somente um sonho?
Qual a relação da introversão de Deus
com a extroversão do homem?
Se tem o mistério da unidade
por que é dual ao inteirar-se na realidade?
Como resolve questões cruciais
como a angústia e a eternidade
vendo milênios de gerações de sua centelha
apagarem-se e retornarem ao pó da terra?
Como se sente em relação a si mesmo?
Há sentimento de culpa? desapontamento? dor?
Qual o pecado de Deus em relação ao homem?

3

Que resíduos captou do inconsciente coletivo
na agonia de sua caminhada divina?

Quais conflitos registra no inconsciente pessoal
exposto como chaga aos raios do sol?
Como engendra e resolve o feminino
conciliando pátrio poder e misericórdia?
Acaso miséria e dor são catarses do céu
refletidas nos oceanos da terra?
Se concedeu o livre-arbítrio ao homem
por que lhe permite seja superior o destino?
Se a ira é um atributo da totalidade
pode o homem a sua imagem e semelhança
defender a tese da ira justa
sem incorrer na separatividade?
Se Deus tornou-se homem
seria correto afirmar
que o homem pode tornar-se Deus?
Por que então a recompensa de toda consciência
não é a alegria mas a crucificação?

4

Que milagre do homem salvará Deus?
Que ciência de Deus salvará o homem?
E fará — Deus e homem homem e Deus —
como duas crianças luminosas
reconciliarem-se por toda a eternidade?

ODE À SOMBRA

1

Caixa-preta em que estão registrados
os símbolos da morte e renascimento
o caminho oculto da luz e da treva

a mitologia do caos
e a biografia secreta da vida
aqui estou cumprindo o dever
de aplacar a cólera dos deuses
deixo a minha oferenda a ti:

dou-te o meu ego
e a ilusão do mundo

Caldeirão que ferve
o alimento do grande mistério do existir
se tens que queimar queima-me agora
incendeia-me com o teu ferro em brasa
ferve a porção maligna do sangue
purifica-me a lepra da alma
mas em troca
concede-me a chave para penetrar
no enigmático reino da escuridão
e conhecer o demônio e o deus interior
que me conduzem os passos desde a eternidade

Oh árvore do bem e do mal
incrustada em mim até a medula do não sonhado
sou o fruto maduro que clama em tuas entranhas
e chora por luz no fim do túnel escuro:
liberta-me dos grilhões da dualidade
e revela-me o mistério da unidade!
Oh luz! dá-me um pouco da tua treva!
Oh sombra! dá-me um pouco da tua luz!
Para que eu conheça o segredo da treva
e entenda o mistério da claridade!

2

Como te chamas:
inconsciente *karma* destino?

Eis aqui
na alfombra do jardim interno
teu procurador e mensageiro:
a própria sombra

3

(retrato falado da sombra)

está em todo lugar
céu terra rio mar

em ohio e istambul
no *boulevard saint-germain*

no trem-bala pra tóquio
ou nas muralhas da china

centenas de passaportes
vários rostos / cem nomes

mefistófeles em fausto
jekyll em mr. hyde
super-homem em nietzsche
tentação do deserto em cristo

como descrever-lhe o poder
a potência e a inclemência
a injustiça e a força
a sabedoria e a paixão?

ora é policial judeu
ora terrorista palestino
mil disfarces compõem-lhe a face
ora velho ora menino

pele bronzeada de surfista
barba estilo profeta
faz gênero intelectual pálido
melancólico asceta

vista no *bloomingdale's*
reapareceu nas estepes da Rússia
mestre de mil disfarces
quem ousará olhá-la face a face?

qual a verdadeira natureza?
por que é tão procurada?
qual a causa que defende?
que crime cometeu contra a humanidade?

como desenhar-lhe a fisionomia
sem entrar em contradição
se está em tudo e em todo
no ar e nenhum lugar?

modelo exclusivo do ser
desenhada na alma humana
quem a procura fora de si
é que estará sempre em fuga!

4

Amiga ancestral desde Babilônia
sôbolos rios que vão
de Babilônia me achei

Negra não era a noite
Negra era a avidez de luz
e a falsa visão de claridade

Como poderia conviver
com o brilho permanente do sol
sem uma sombra fraternal
pra recostar a fronte?

Como poderia entender
o equilíbrio dos opostos
a ligação do masculino e feminino
se descartava a face feminina da vida?

O que é da carne
é do espírito
e o que é do espírito
é também da carne
(como a sombra na calçada
é a extensão do próprio osso)

5

Agora que me integras
já posso abandonar as muletas
e seguir o destino de pássaro
Só é belo o dia
por que existe a noite

Acima do bem e do mal
Deus é total
na noite povoada de estrelas

A MERCADORIA EXTRAVIADA

Vida se eu te peço amor
por que me serves dor?
Se desposo a mão da beleza
por que me envias o rosto da loucura?
Se adormeço na cama de estrelas
por que me atiras à cruz dos caminhos?
Se imploro por que não me ouves?
Se bato por que não abres?
Se a boca gosta de peixe
por qual razão ofertas porco?
Se visto a inocência das ovelhas
por que me atiras à sanha dos lobos?
Se busco o pão do espírito
por que me dás a flor da matéria?
Meu pedido foi paixão
mas me trouxeste compaixão!

O SEGREDO DE DEUS

Há anos guardo comigo
um segredo
Salvo-conduto do humano
passaporte para o eterno
só eu sei dele
e Deus

Desde a madrugada de outrora
quando o fogo misturou-se à água
e os sete planetas foram criados

trago-o guardado
a sete chaves

Dele não falo às árvores
ou dou notícias aos peixes do rio
Medo de trair o estranho pacto
que o universo revelou-me
num terrível jogo de dados
sobre o paradoxo da criação

Às vezes
o segredo pesa
como bomba de nitroglicerina
Às vezes
é leve
como a carícia do vento
(minha estratégia
é carregá-lo como pluma
embora tenha peso de pena:
as duras penas de existir!)

Crepuscularmente
quando as trevas e a luz se compreendem
no abraço oposto da lua e do sol
acende-me um riso cúmplice
de intimidade com os mistérios da vida
Sutil Deus fala por símbolos
e retribui com um piscar de estrelas
selando a nossa aliança de silêncio
sobre a grande ironia da criação

Ele é o autor do meu mistério
Eu sei parte do seu segredo
Cúmplices seremos
por toda a eternidade

NOVA POÉTICA

Um dia após meditar fidalgamente
sobre os moinhos de vento e os canais
afrouxei a pança abandonei a liça
aposentei do bom combate a lança:
agora não mais invisto contra moinhos
Como-os aos ventos E nada mais

RUMPELSTIKEN

1

Um dia ficarei absolutamente só
com as minhas lembranças
Solitárias elas virão Uma a uma
descerão a escadaria da memória moral
Pisarão com calma para não ranger
as velhas tábuas do passado
As boas as tristes as passageiras
nenhuma descartarei (Chopin ao fundo
entoará uma sonata distante)
Mensajeiras da minha secreta verdade
tingiram as cores do meu arco-íris pessoal
e coloriram o meu sonho de viver
Despedirei cedo os empregados
pra que venham sem cerimônia
Descerrarei os antigos castiçais
Polirei a prata
Baterão à porta? Velhas amigas
sentar-se-ão à rústica mesa de madeira
pra fumar o cachimbo das recordações

Pássaros esvoaçarão contra o relógio
Xícaras de porcelana comovidas as fitarão

2

Ouvirei (comovido) suas conversas de nuvens
relatos de viagens parábolas de sonhos
obituário do acontecido rastros noturnos
da lanterna mágica sussurro no vitral
(Ó trágica flor de ouro maldição de anjos decaídos:
o temível segredo que eu intuía elas sabiam!)
Acrescentarei (com gentileza saturniana)
um ponto de vista virgem pedido de desculpas
ficção de outros personagens leitura do cristal
O que não foi sonogado entenderei
O excesso perdoarei Palavra de lei
Algumas envelheceram juvenilmente
e aderiram ao amargo chá das lamentações
Outras despiram a velha roupa dos preconceitos
e falam o renunciado idioma da transfiguração
Onde havia ferimento agora há unguento
Onde havia amargura há cura
(Ó trágica flor de ouro maldição de anjos decaídos:
o temível segredo que eu intuía elas sabiam!)
Tudo que era grande tornou-se pequeno
Tudo que era pequeno tornou-se grande
e invadiu o pesado teto das reminiscências
— flor rebentando os telhados da casa —
pra colher a saliva dourada do sol

Escombros já não pesam nos lombos
Da desgraça sopra o vento da graça
O que eu sei e o que eu não sei
passam a ser lápides extintas
música distante convívio de flautas

frutas submersas no espelho do vivido
Um arquipélago de lágrimas
desata um cardume de sorrisos
Todas as culpas e remorsos lavados
na clara fonte da compreensão
secam no amplo varal da resignação
E me recolho pacificado aos aposentos
lavado na pura água do desfalecimento
Coração de água ferido de um rei

3

Ó destino és (como eu) um animal divino
farejando as pegadas do sentido da vida
De que adianta apagar o cigarro as luzes
as pálpebras e a consciência
se os deuses guardam ciúme dos homens
e se vingam tão eternamente?

A PESTE

Sou Roque — lambam
as minha feridas
Estão infectadas
da falta de amor:
a lepra da vida

Renove o tecido a flor
Lavem-me no pólen
de margaridas
Expulsem as enfurecidas moscas

Abane-me as migalhas da brisa
Refresque-me a argila molhada
do selvagem sol das urtigas
Deitem-me onde florescem as harpas
Trancem um cobertor de madressilvas

Mas não são contagiosas
estas rosas pútridas
se anjo de mãos piedosas
plasma unguento de orquídeas

Fraco o espírito
cajado sem lírios
pálido pálio
diminui o círio

Sou Roque — lambam
as minhas feridas
Os cães clamem por companhia
Sejam suas espadas molhadas
tisanas de última agonia

A PORTA ESTREITA

Saturno manda chumbo grosso
O meu tempo se esgotou
Sou uma alma que jamais
coube no próprio corpo
(e eu digo: não sou grego
nem conheço o seu panteão)

Não renovará licença de oxigênio
sistema imunológico coração
Acusa Netuno de drogar-me
sendas iniciáticas & ilusão
Júpiter de ativista de excesso
expansão sem contração
Vênus de submeter-me
à nutrição do prazer
(fujo pela esquina:
fecha-me na contramão)
Veio pra me ensinar a ser
mas desconsidero a lição
(só passando por seu cadáver
permanecerei no salão)
Já me mandou catástrofes turnês
hospitalares ameaça de castração
(e continuo a vestir
a armadura de negação)
Saturno olha-me nos olhos
amável pede reconsideração
(Estranho membro do clero
em sinistra devoção)
— “Como ser pobre de espírito
sem aceitar a transformação?”
Amorosamente vi o Mestre
envolto em negra compaixão
(Os olhos de lágrimas negras
pingando óleo pelo chão)
Súbito a ficha caiu
e rolou a conexão
— “Eis-me aqui: digo
ao meu fim e início
submeto-me ao sacrifício
e aceito a restrição”

CAIXA DE SEGREDOS

O amor é um ponto cego
(o olho de Deus o vê)
Só despedaçando o ego
Poderemos perceber

O amor é um buraco negro
sem domicílio e brevê
Só mergulhando sem medo
poderemos vir a ser

ALTA SOCIEDADE

A família penhorada agradece
os misericordiosos beijos de traição
os falsos apertos de mão
o caviar do desespero a torrada sem perdão
as lembranças rancorosas dos grandes amigos
os tamanduás-abraços de confraternização
o cuspe no cálice a prece da incompreensão

E retribui generosamente
à milagrosa compaixão
com votos de extrema-unção:
uma temporada no inferno
discreto chá de absinto
chocolates de cianureto
ou balas de canhão!

POEMA DO VIAJANTE

1

Ai Amor

eu sou apenas o viajante
que dormiu contigo numa hospedaria:
ceei do pão tomei o vinho
e de manhã cedo fui chamado pelo sol do destino

Te conheci profundamente de passagem:
poço do sublime saciei a sede
E nisso revelou-se-me a felicidade:
a certeza ambulante de ser um porto em portas

2

Ai Amor

eu sou apenas o vento que chegou:
aquele que colocou castiçais de prata na sala
incendiou o teto consumiu o coração
e depois seguiu adiante para semear brisa
em outra temporada de verão

Te conheci profundamente de passagem:
poço do sublime saciei a sede
E nisso revelou-se-me a felicidade:
a certeza ambulante de ser um porto em portas

3

Ai meu amor estrangeiro
nunca foi ceifeiro!

Se teus lábios rejeitam-me a permanência
e os teus cabelos azuis fogem-me aos dedos
só me resta beber a taça da perplexidade

e colocar a aliança
na esquerda mão da transitoriedade
de toda a transitoriedade

PERSONAL DHARMA

O mundo não é ilusão Buda
É antes sucessão de sombras
depois explosão de luz
No meio o homem cavalga o sol do destino
guiado pelo cintilar de sua estrela

O mundo não é sofrimento Buda
O sofrimento é apenas a isca
lançada ao oceano do ser e do não ser
assim como o bêbado vai ao fundo do copo
para libertar-se da embriaguez da vida

A existência não é repetição Buda
Toda história é uma nova história
Cada pássaro é um novo canto
Cada alegria é bênção eterna
a quem tem os olhos abertos à essência do milagre

A matéria não é ilusão Buda
A matéria é apenas a roupa do espírito
face lunar do sol cognitivo
sem o qual Deus não poderia falar aos homens
suas histórias de morte e renascimento

O DIA DA IRA

1

O amor chegará como um ladrão
roubando o nosso mais secreto egoísmo

A impureza será despachada de mãos vazias
e não haverá tempo para a ceia de despedida

Quando disserem: ai A vida responderá: já foi
Quando perguntarem: quem foi? Flores terão nascido

De Áries a Peixes de Alfa a Ômega
das boates de Jerusalém às montanhas da Índia

O amor chegará como um ladrão
roubando o nosso mais secreto egoísmo

2

O amor
chegará de mãos vazias e abanando
O amor
chegará delicado como um vulcão em chamas
O amor
chegará violento como um beijo de despedida

Virá sem flores e sem telegrama
Virá sem carruagem e sem cortejo
Virá manso como a tempestade
Virá sem dó nem piedade

3

Inesperadamente
violentamente
como a flor que abortou

às 5 da tarde
o amor chegará como um ladrão
roubando o nosso mais secreto egoísmo
Ele marcará a ferro e fogo o nosso espírito
com seu sinal de beleza e destruição
e libertará o peso de nossa alma
de tudo o que estávamos despossuídos

BALADA NEGRA

1

Anjo decaído meu
esplendoroso príncipe de alcatraz
melhor seria não te conhecer pessoalmente
e relegar-te à escuridão do jardim interno
Mas se me escondo e fecho a porta
fazes um louco pandemônio
retornas com o teu séquito de angústias
ateias fogo no tapete
afugentas os pássaros da garganta
e torno-me um polichinelo em tuas mãos

E te vejo em todos os lugares
no semáforo das esquinas
nos anúncios das vitrines
nos letreiros das boutiques
nas tábuas de frios dos restaurantes
Até nas tábuas da lei
te introduzes zombeteiro
nas páginas do missal romano

Anjo decaído meu
inevitável te conhecer:

portanto (o que fazer?)

muito prazer

Dentro de mim borbulhas no sangue
celebrando a minha parte corrompida
e subtrais dos rios do Éden
teus combustíveis de alumínio líquido

2

Quando eu captava o mundo
pela impressão colorida dos 5 sentidos
estavas comigo
Quando celebrava os signos da matéria
estavas comigo
Quando o intelecto se rebelava na consciência
estavas comigo
formando rica matéria-prima
para os confessionários das igrejas
e os consultórios dos psicanalistas

Cativas-me com teu cativo
tua energia de alta tensão
exaltas-me os sentidos
para a posse e a paixão

3

Na divina comédia da vida
és o ator mais procurado
mesmo quando escondes o rabo
e mostras sob as gambiarras acesas
a tua face de raro esplendor

Mestre do negro humor
saltimbanco de ópera bufa

Príncipe dos deserdados
tua maior glória é esta:
ensinar que na fraqueza do divino
está a ascensão do humano

Vê: todo o território
até onde o olhar alcança é teu:
a paisagem que não é de Deus
Não foi a ti que nos confiou
a piedade divina
Como então zelas e proteges
guardas e iluminas?

4

No reflexo do espelho
vejo que os desejos de apropriar possuir seduzir
são as chaves do teu reino
e nele gravito incandescente
(paraquedas chegando ao chão)
por mais que esfregue a pele da alma
e lave a consciência com sabão

Ah teu paraíso é feito
das delícias do humano
dos escombros do divino
do gozo do profano
de excremento dos anjos
das impurezas do branco

e nele ficarás até o final dos tempos
rondando os templos
como o cão de guarda
defende a casa

essa é a receita da serra:
a contrapartida da terra!

5

Anjo decaído meu
porta do inferno
sol da eletricidade
estrela do egoísmo
arco-íris fendido
arco da lamentação
luz dos orgulhosos
seta do desânimo

agora que te conheço
renuncio às tuas obras
agora que me conheço
renuncio às minhas cobras
indigesto foi comer o pudim de sobras
doloroso dizer: mas valeu

6

Do inferno e sua alfaiataria
não me visto mais
Agora visto a roupa do eterno
e a sua profunda paz

O DESEMPREGADO DA NOITE

&

o trabalho das nuvens
tornar-se alimento para a terra

o trabalho do sol
renascer das cinzas

o trabalho das ondas
explicar o ritmo da vida

o trabalho das pedras
ser base para a catedral dos homens

&
todo o trabalho do poeta
tornar-se coração

DANÚBIO CINZA

O amor e a morte sempre me deixaram sem palavras:
piano de cauda tocado frente ao oceano
Subterrâneos os risos e as lágrimas correm transbordantes
na introvertida face do olho e a boca que ninguém vê
Explosão de vida que é do céu da alegria e das ondas do amor
que se arremessam contra os arrecifes do destino
qual vidraça da alma estilhaçada por uma pedra
nas azuis espumas que o oceano destilou internamente?!
Oh gaivotas da agonia! Praias do coração despovoadas!
Que mal eu fiz para afogar-me na líquida seiva
do amor e da morte que me afogam o coração?
Oh amor de morte! Oh morte do amor! a quem o poeta
pensava não morrer *Se se morre de amor?* Sim sim se morre
Mas se renasce Assim como o oceano renasce a chamado do sol
para acordar a manhã da existência
A quem buscar nessa sinfonia de indizível silêncio
se ninguém ouve o lamento dessa nota dissonante?

A que distância de minha alma suspira a meia-metade
envolta na imensidão da vaga melodia?
Toca piano a ária desse amor desengonçado!
Toca piano a valsa cansada desse amor encarcerado!
Que o amor e a morte sempre me deixaram sem palavras
e o que resta — navio fantasma desse deserto marítimo —
é apenas ser ouvido pela face feminina de minha alma
enclausurada na noite mais profunda do meu ser!

O AMOR DO INIMIGO (CLASSIFICADOS)

1

oh meu orgulho infantil
como te amo *baby*
quando me lanças à perfeição
e o nariz fica mais empinado
que a torre eiffel
e depois de corda e asas
a boca cheia de fel
fazes-me cair
sacrossanto e inútil
como um saco de batatas
o nariz quebrado a alma nocauteada
vendo a relva vendo a relva
que me ensina humildemente
a lei do crescimento

2

lady insônia
trato-te com leite de cabra

preocupações de câmbio
sessões de terror
florais de beethoven
injeções de morfina
ratos do id
posters do ego
mas ainda assim me retribuis
no *day after*
com olhos lúcidos e penetrantes
desesperados de esperança

3
solidão
oficina do vazio
destilaria de sonhos acordados
és a multidão anônima
no leito das minhas preferências

4
etna taormina em chamas
já foste mais besta
que a besta do apocalipse

miss vaidade

hoje: vulcão dormindo
amanhã: concerto de flautas
(quicá: beneficente)

5
minha luxúria minha lascívia
minha favorita meu coquetel *molotov*
minha prisão de ventre

minha flora deserdada
minha hirosima encarnada
meu anjo de satanás meu ananás
minha missa de sétimo dia

6

egoísmo: azul urso de pelúcia
és peixe grande
no aquário das desgrandezas prediletas

ensina-me a amar o próximo e o distante
assim como te amas a ti mesmo

ai no amor nada se perde
tudo se torna

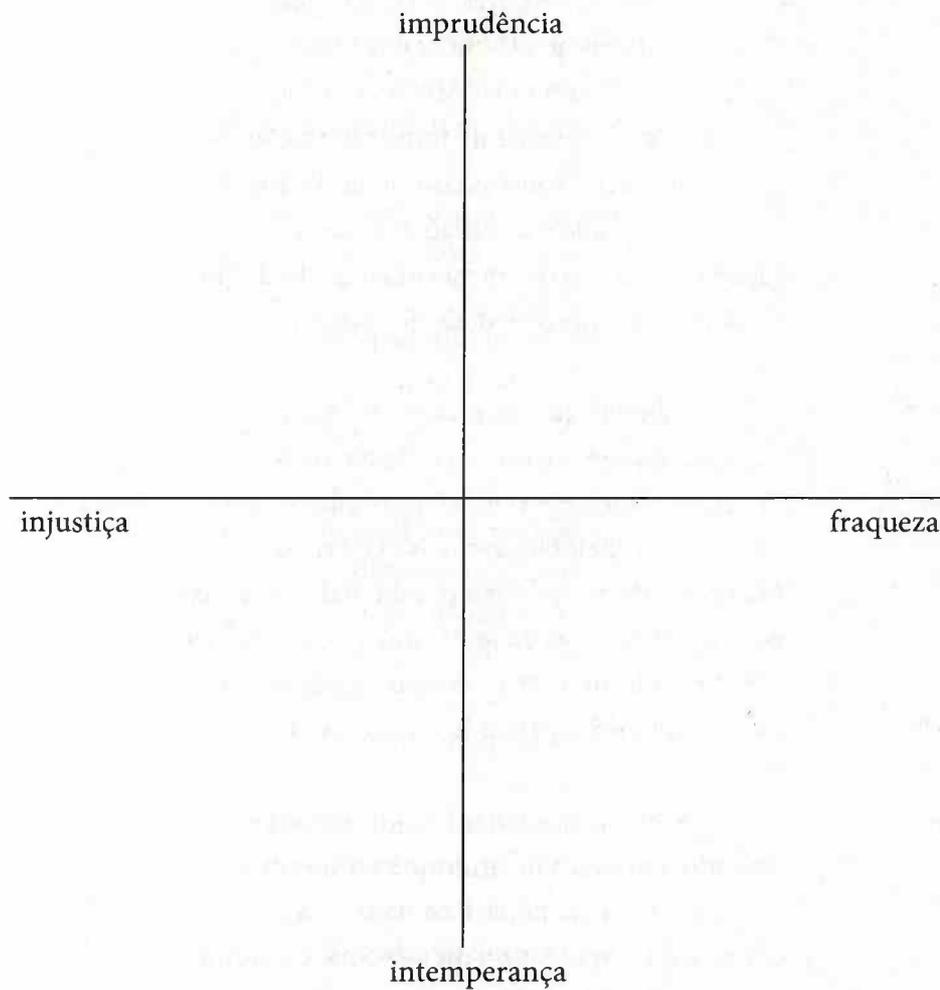
7

meu touro indomado
meu leão cansado
minha água em prantos
meu anjo decaído

eis os meus sinais:

ó cruz ansada cansada
de todos os títulos de nobreza:
minhas fraquezas
de que me glorificais?

Vida: em tuas mãos deponho
as quatro desvirtudes cardeais:



APOCALIPSE

“O nome da estrela é Absinto”

Ap.

1 / 2

Sabereis que corri atrás da estrela
quando para vencer o mundo
renunciar à sabedoria do mundo
e o céu for o guia da minha perdição
Louco serei (outros compreenderão):
mas o que é a verdadeira loucura
senão o batismo da transcendência do divino
sobre a precariedade do humano?

Sabereis que corri atrás da estrela
quando me libertar da sedução da torre
e fechar a bula de todos os seus aficcionados:
Gurdjieff Nietzsche Marx Freud
Mas entenderei melhor a parábola dos talentos:
pois se em toda verdade há uma parcela de erro
existe em todo o erro uma parcela de verdade
e o sol brilha para o justo e o orgulhoso

Sabereis que corri atrás da estrela
quando a procura do amor tornar-se em oferta
e a esperança pousar na palma da mão
como um facho de luz a mostrar-me o caminho
Nessa hora o intelecto não compreenderá
e quem responderá será a voz interior
Mas dize-me ó vida de que adianta vencer a noite
e não amanhecer na luz da própria alma?

Quando o desespero converter-se em serenidade
e os olhos aprenderem a ver sem o véu da culpa
quando tudo em mim que for mecânico e artificial
tornar-se transcendente e natural
sabereis que corri atrás da estrela
Regato correndo para o mar
o destino do homem é desaguar em Deus

Sabereis que corri atrás da estrela
quando o poder da coroa de ouro
for trocado pela coroa de espinhos
e cumprir o destino que me resta:
como uma nuvem cumpre a sua sombra
um pássaro cumpre o seu voo
e a árvore cumpre alegre
a sentença de ser abrigo aos homens

Sabereis que corri atrás da estrela
quando a aurora desembarcar seus pássaros
para cumprimentar-me na abertura das manhãs
Nada temerão em seu ofício lírico
pois estarei em absoluta paz
Mas não estarei isento de tensões
porque a ausência de movimento
é a absoluta ausência da vida
e morrer é transformar-se antes de findar-se

Quando o sofrimento não for mais punição
expição ou tragédia cósmica
mas missão que lapidará o homem
ao mandado da existência
sabereis que corri atrás da estrela
O sofrimento será o que sempre foi:
ponte aérea para o desembarque no eterno

3

Ah! Sol dos exilados
antes que viesses a mim
já te conhecia
Antes que me visses
já te divisava sob a árvore
Antes que trouxesses
a sede dos teus lábios
já provara o mel da tua boca
Antes que me escrevesses
já te havia lido
no livro azul da vida

Antes que me tocasses
já havia te acariciado
sob a alva água
Antes que me consumisses
já era tua a minha energia dos rins
Antes que me embriagasses
florescias em minha vinha
Muito antes de haveres nascido
minha alma te pertencia

4

Eu vi a estrela no céu aberto
rosa de fogo no jardim do firmamento
Ela brilhava radiosa e bela
como regesse as sete notas da escala musical
A seus pés uma mulher de cabelos azuis
vertia de joelhos sobre o caudaloso rio
duas ânforas contendo lágrimas e alegrias

com a mistura doce-amarga do sentido da existência

E elevando as mãos ofertou-me

um cálice do rio da vida:

“— A linguagem da Poesia

é a linguagem da via

Quem beber desta água

jamais sentirá sede

e não morrerá”

Sob o fogo no céu e a água na terra

descortinava-se a terra prometida

Com um brilho nos olhos a mulher de cabelos azuis

ofertou-me o segundo cálice do rio da vida

E fitando-me derramou-o sobre os meus cabelos:

“— Eu te batizo com a água e o fogo da criação

Eis o sinal da nova e eterna aliança:

o poeta e seu coração”

5

Descalcei-me das sandálias do intelecto
e penetrei no sonho dourado da consciência
onde todo o ideal transmuta-se em real

E clamei ao céu: “— Bendigo a dor
que me trouxe a compreensão do amor!”

Foi aí que vi a verdadeira face de Deus
refletida no rosto da vida

Descobri (então) que o mundo todo era meu
à exceção de tudo o que me pertenceu

APOCALIPSE (2)

1

Nos tempos em que eu transformava pães em pedras
o sol mergulhava na matéria
e produzia fermentos em meu coração
Vãos eram os pensamentos palavras e obras
e minha alma inconsolado deserto: covil de cactos
constelação de escorpiões

Época de as serpentes trocarem as peles
e a vaidade eclipsar as cores do camaleão
O amor se transformou em cólera
a paz em campos de concentração
A humildade vestiu o manto do orgulho
a aparência triunfou sobre a essência
a fé foi derrotada pela tentação

2

Quando aprendi a transformar pedras em pães
o sol ergueu-se da imersão na matéria
e proclamou a temporada da transfiguração
Nova fonte de luz jorrou em meu espírito
e veio ter comigo o anjo da alegria
Rosas brotaram das chagas do coração

Desde então tenho colhido safra de milagres
e os gafanhotos foram expulsos das plantações
A serpente foi vencida pela pomba
o egoísmo tornou-se confraternização
o prazer buscou o sentido da vida
a morte transformou-se em vida eterna
a glória da vida vencera a tentação

3

Bem sei
que pães alimentam
e pedras apedrejam

Mas sei também
que pedras podem alimentar
e pães apedrejar
(Ó granito da vida
quando te dissolverás?)

Humilde ao raiar do dia
quedo-me contrito ao divino alquimista
que transmuta a pedra dos meus sofrimentos
no pão de sua perfeição

Eu só vivo
porque Ele morre
Eu sou o forno
Ele é a quinta-essência
Ele é a luz eterna
Eu sou o trigo
Eu sou a gota de sangue
Ele é o coração

APOCALIPSE (3)

1

No início
era a cruz da infância sepultada a cruz na carta natal o dedo
em cruz com medo do inferno o alvo em cruz dos bombardeios
a cruz do vil metal a cruz nos campos de concentração

Depois
era a cruz submetendo o céu e a terra a cruz do método da
analogia o crucifixo da fé e da razão a cruz dos pontos
cardeais a cruz da vertical e da horizontal a cruz do coração

No fim
era a cruz do espírito renascendo a matéria a expiração
levando à inspiração a morte transformando-se em vida o
homem corpo-árvore aberto em cruz a cruz da ressurreição

No início
era a cruz do sofrimento
Depois
era a cruz do conhecimento
No fim
era a cruz do renascimento
E a Poesia se fez cruz
e habitou em nossa luz

2

Meninos eu vi
a poesia descer como uma pomba
sobre o Olimpo da cabeça do poeta
insuflar-lhe o dom das línguas
coroar-lhe de ouro as ideias
dourar-lhe os cabelos de imaginação

Ela era mansa e calma
como o amor em tempos de cólera
e era uma andorinha solitária
iniciando a temporada de verão

Atrás dela vinham os seus discípulos:
esperança amor expansão

coragem temperança transcendência
beleza perseverança transmutação

Meninos eu vi
a poesia descer como uma bomba
sobre o Olimpo da cabeça do poeta
destruir-lhe o falso dom das línguas
e submeter o intelecto ao repouso da imaginação

Seu nome: agonia e êxtase
A mensagem: revolução
Uma lança transpassou-lhe o peito esquerdo
Sangue e água jorraram
do seu coração

3

Cabeça de poeta
antenas parabólicas da raça
feixe de pilhas voltaicas
usina do pensamento
shopping da emoção

Do Olimpo dos teus cabelos
pendem os troféus da ideia
os louros cachos da imaginação

Cabeça de poeta
cuidado com o dom das línguas
se dizes palavras de fogo
e a pomba (bomba) que baixa em tua cabeça
não te desperta o coração

Cabeça de poeta
Cabeça de pedra
curto-circuito de ideias

sem o espírito santo da poesia
tua ciência é falsa
tua obra superstição

APOCALIPSE (4)

Quem são estes herdeiros dos dois caminhos
que trocaram o fulgor da coroa de louros
pela coroa de espinhos?

Quem são estes que lavaram
as mãos sujas do espanto
no lírio de todos os prantos?

Quem são estes filhos da noite
vestidos da branca roupa da aurora
e iluminados pelo calor do açoite?

Quem são estes negros de consciência
que se tornaram puros na essência
como velas derretendo-se penitentes?

Quem são estes exaltados
trancados na masmorra do além
que agora salmodiam o Rei de Jerusalém?

São os degredados filhos de Eva —

São os banqueiros das trevas —

São os herdeiros da legião —

São os despossuídos de coração —

São os escolhidos do pecado —

São os prisioneiros do passado —

que limpam a suja consciência

no sangue cristalino do cordeiro

e receberam a veste da inocência

brilhando pura como um luzeiro!

FINAL DE TEMPORADA

Ninguém poderia ter vivido exemplarmente
a minha vida melhor que eu!

Quem representaria com tanta perfeição
o imperfeito papel do fracasso e do êxito
do prazer e da dor do caos e do sublime
na profunda necessidade de ser eu mesmo?

Quem além de mim viveria plenamente
tantos personagens simultâneos e múltiplos

— Quixote Hamlet e Fausto —
com mil riquezas de significados

no espaço/tempo de um dia/noite de existência?

Quem representaria com tanta fidelidade
no palco aceso de suas paixões
a humana comédia da vida

sabendo que o existir é drama e tragédia
e a outros morte e ressurreição?

Bravo! Bis! Cansei de ser aplaudido!

Nenhum incentivo ou prêmio de consolação
pagaria os direitos autorais
dessa interpretação solitária e única!

Quem saberia ter convivido
com o excesso e a carência do real e do ideal
do amor e da morte da alegria e da dor
— dividido entre a realidade e o sonho —

e mesmo assim não se deixou substituir
e ainda assim não se deixou fracassar?

Só eu mesmo poderia ter representado
esse papel de ser eu e ter estado em mim
e não ter ficado absolutamente louco!

Sou um especialista em naufrágios:
conheço a superfície e o fundo de mim

portanto aceito alunos para falar de naufrágios
Mas não me vicio em drogas Só em liberdade
Meus psicotrópicos? as tensões da vida
Tenho muito tempo para dormir
quando chegar a eternidade

Sou um personagem que cansou de ser autor
e busca ator para nova mensagem
(Portanto aceito novos papéis
pela possibilidade de incorporar significados!)
No palco e na vida não enjojo mais:
o que sobra em mim é a carência de ter sido
e o que falta é o excesso do realizado
Tudo tornou-se lucro:
não mandem mais flores para o camarim
nesse final de temporada

O único papel foi ter sido sempre eu mesmo
e a única glória foi representar
— bem ou mal — a própria vida inacabada
Fi-lo porque tinha de ser feito enfim:
e o que foi feito só poderia sê-lo por mim
O que eu sou é apenas um amador:
um homem clamando em desespero por Deus
na luta incessante contra o anjo do destino

PRECE AZUL

Mater dolorosa
de cabelos azuis
Presença do eterno feminino
em nós
piedade
aos meus cabelos negros
tornados brancos
piedade
aos cabelos negros da minha mãe
tornados brancos

meu primeiro milagre
foi ver-te esmagar sob o calcanhar
a cabeça da serpente

um raio fulminou nossos cabelos
e consumiu-nos a energia dos rins

§
piedade
à inimizade dos filhos de mulher
piedade
a essas mãos descuidadas e impuras
que destruíram tua imagem de porcelana

rainha dos mil fragmentos
ressuscitada no mistério do araldite
teus cacos colaram o amor
da mãe e do filho da mãe

principalmente agora
orai Senhora

ALÉM DO SANGUE

Meu avô Felício e eu
sempre tivemos algo em comum:
cigarros na janela segredos inconfessáveis
a pulsação da vida o sentimento do mundo
o pensamento de tudo o destino cigano
Solitário jeito de ser
Solidário gosto de viver

Meu avô Felício e eu
sempre tivemos algo em incomum:
uma ternura infinita pelos pássaros
um exagerado amor pelas mulheres
um desmedido amor pelo próximo
embora a sagrada família desconfiasse
caber Deus em nossos corações

Na rua das Hortas passavam os verdureiros
expondo as mercadorias do dia:
couve maxixe jerimum agrião
Mas nossa insônia não se consolava
nem com a produção de capim-limão

Em nossos sonhos acordados florescia o amor
pencas de laranjas e centos de limão
E o desejo iluminava a casa inteira
igual a uma mangueira copada e plena
ofertando-se múltipla ao verão

Meu avô Felício e eu
sempre tivemos algo em descomum:
nossas diferenças eram desigualmente iguais
nossas semelhanças eram dessemelhantemente desiguais

Mas uma mulher submeteu-nos à idêntica paixão
E a dividimos no quente silêncio do quarto
quedando-nos contritos na mais pura devoção

A Virgem reinava e estimulava:
a cada um em seu coração
a cada um em sua oração

A MANCHA DE ÓLEO

1
Garça
Garça
Passeando altiva no cais do porto
Delicada e aérea pausa
entre
restos de peixe podre dejetos
latas de lixo tonéis de querosene

O que faz ali?
Desfila?
Posa
a fotógrafo de moda
para uma revista feminina

Elegante
como Grace Kelly
Sensual
como Nastassia Kinski

Cisca
arisca e longitudinal
fazendo charme transversal
no horizonte

Como chamá-la?

Garça

Graça

(Zás! Negro descuido:

Mancha de óleo

no vestido de noiva)

2

Anúncio do sublime

eleva-se etérea

como hóstia ao céu

(antes: mergulho no mar

pra dissipar a nódoa)

Voo de reconhecimento:

agora já não é plúmbea nuvem

mas puro traço no céu

branco no branco

3

Discreto recado

da natureza ao homem:

a mancha de óleo

poderá invadir o mar

e contaminar a alma do mundo

a duras penas

a vida (e os seus antídotos)

usando o mistério da garça

(graça)

a dissolverá

ELOGIO DO MEDO

1

Medo
temível arcano
da Vida
Deus negro
rezando o rosário de angústias
crucificando o destino
Antenas parabólicas do desconhecido
captando os sinais do passado
chocando os ovos na escuridão do ser

2

Igual Jó quanto mais te temo
mais me aconteces na noite da alma
e trazes para o rebanho do sangue
os tubarões gelados
as flores do mal

Que mal fiz para iniciar-me
em tuas sinfonias pánicas
a dolorosa música do naufrágio
a melodia incestuosa da decepção?

Conheço teu processo
o raio paralisante de anjo decaído
os dilúvios do ódio
esmagando-me os rins

Se mostras outra face do disfarce
não te reconheço
embora seja apresentado

várias vezes ao dia
mas desconfio da mão fria
sob o paletó de linho

Irrecusável convidado
disfarças-te nas vestes
do mais doce egoísmo
à mais feroz compaixão
e ofereces tuas dadivosas esmolas
de culpa e autopiedade

No palácio dos espelhos
tens sobrenomes títulos
mas teu nome é um só: Medo
embora escondas a marca do perfume
e o endereço da farmácia de manipulação

3

Põe lugar à mesa: senta-te à esquerda
engorda-me para o teu festim
Ofereces o ázimo pão da desconfiança
e o vinho doce do desconforto

Por fidelidade a ti
acumulei posses brasões de família
cachorros no quintal pássaros na gaiola
pra sentir-me tranquilo e seguro
e disfarçar a covarde tirania
(sempre maquiado no salão de beleza do pânico
que tinge de branco os cabelos
e pincela de *rouge* as faces pálidas de espanto)

Em tua honra e conforto
construí casa com mobília antiga

portões de ferro cadeados coloniais
móveis estilo rococó
ofertei tabaco inglês
e chamei o melhor adivinho da aldeia

Agora que te desvendas
o que pensar de ti mesmo?
Sapo ou príncipe encantado
de tua própria contradição?

Só foste pânico
porque retive a energia da vida
os cristais do amor

4

Mistério do meu mistério
degreço do meu segredo
agora que se partiram
as algemas do controle
e as armadilhas do hábito
libertei-me da prisão do passado
Não te temo mais

Foste transferência
de uma aparência?
Criação de minha ilusão?

5

Sem ironia ou rancor
talvez me mande um cartão
dizendo da alegria
dos dias que virão

CONSIDERAÇÕES AMARGAS SOBRE O HÁBITO DE FUMAR

Todo cigarro consumado nos lábios
é o recordar nostálgico de uma paixão
É a boca consumindo o coração
o desejo racionalizado de uma explosão
o remorso oral da imaginação
A lembrança que poderia ter sido e que não foi

Ó tabaco tuas tragadas elétricas
são beijos sonogados pedindo clemência
vã tentativa de reacender a chama
de um amor tornado cinzas
e a que a boca por absoluto rancor
não quer dizer: vai embora!

POEMAS AGOSTINIANOS

“Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu procurava do lado de fora! (...) Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Tu me chamaste e teu grito rompeu minha surdez. Espargiste tua fragrância e respirando-a suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste e agora estou ardendo no desejo de tua paz.”

Sto. Agostinho

1) ODE À HÓSTIA

Sol branco de trigo e paz
iluminando o universo interior
Floresces no céu da boca
com gosto de mistério e de milagre
Como Agostinho em Óstia
dividido entre o amor sensual e o espiritual
dissolves-me o parco entendimento
e sinto o amor com a essência do ente amado
Menino ávido de aurora e luz
elevado nessa pura lei da gravidade
oferto os lábios à seara diária E floresço:
trigal de Deus hóspede do divino
Cada ceia acorda a sagrada família interior
e renasço em mim multiplicado em pães e peixes
Brasas ardentes povoam-me o coração!
Que o sol que me desce às entranhas
sarça branca fogo imaculado
é o próprio cordeiro transplantado
síntese solar da mais pura alquimia
que converte em ouro tudo que era chumbo
e faz do humano a passagem para o sagrado

2) CANÇÃO DE AGOSTINHO A N. S. JESUS CRISTO

32 anos fui pastor do Amor
Apascentei-o com mãos trêmulas do mundo
Procurei-o nos campos cidades oceanos
aulas de retórica museus canais

nas mulheres das missas dominicais
Dele se fartaram os sentidos
Dele senti os espinhos na alma
Mas o coração permaneceu virgem
Só quando encontrei Deus em Cristo
a minha alma encontrou o vinho
a minha fome encontrou abrigo
A verdade saciou a minha alma
Hoje o Amor de Deus me basta
Hoje o Amor de Deus me basta

3) NÃO ME MANDEM POSTERS

&

Não me mandem *posters*
de fachadas de igrejas bizantinas
de altares de igrejas barrocas
de oratórios de igrejas beneditinas
revestidos de ouro puro ou madeira de lei
que os tempos são de absoluto espanto
e cortaram a língua de todos os santos

&&

Quem silenciou os sinos das igrejas?
Quem desempregou os sineiros das catedrais?
Quem calou o bronze dos campanários?
Quem? Em nome de que lei? Em nome de que rei?
Por quem os sinos dobram sem cessar?
Estão esgotados? Vencidos? Ultrapassados?
A que portas bater? A quem recorrer? A quem reclamar?
Se é da santa pobreza retiro a questão

&&&

Oh! meus amigos de fé e da razão mais ímpia:
todo sino tocado é a memória pura de Deus
acesa na escura lembrança dos homens
É a palavra simbólica do Pai
chamando para a comunhão do filho
Todo sino calado é um anjo decaído
anunciando a vitória da morte sobre a vida
Sepulta em silêncio no templo interior
a saudade e o esquecimento do amor

&&&&

Portanto não me mandem *posters*
de igrejas barrocas beneditinas franciscanas
contemporâneas bizantinas
que este é um tempo de ouvidos moucos
e não há ninguém a reclamar
E enquanto os sinos não tocarem
e enquanto os sinos não dobrarem
todas as igrejas estão desterradas
e Deus se retirou para outro lugar

4) O ESCÂNDALO

1

Quando me apaixonei por Catarina
vieram a reboque no embrulho do amor:
2 canários belgas 1 sogra míope
uma coleção de música flamenca
e os campos verdes da Espanha
Logo um imenso calor
abrasou-me o corpo

2

Quando me apaixonei por Cristina
1 par de olhos atlânticos como o Índico
1 gato cinzento viagens a Eros e Thanatos
e 1 sítio com palmeiras imperiais
aumentaram a coleção
das afinidades eletivas
(Além de mais territórios conquistados
nas tórridas regiões do coração)

3

Quando me apaixonei por Deus
o inesperado aconteceu

Harmonioso concerto da primavera
toda a beleza e amor do mundo
invadiram a paisagem de minha alma
Ferido — meu coração sangrou —
como o sol do Equador

Agora nada mais tenho de meu
Nem o amor que Ele me deu

5) DETALHES DA CAPELA SISTINA

1

nada
a te oferecer

Senhor
a não ser

(inútil
contraste!)

um coração
endurecido

o peito
em chamas

e o corpo
em brasa

2
mas te oferto
esse sol de desconforto

(precário alimento
da minha provisoriedade)

como lenha
pra tua fogueira

ou azeite
pra tua lâmpada

pra acender círios
aos que estão no escuro

e iluminar a glória
da tua eternidade

POEMA PARA ACORDAR FILÓSOFOS E POETAS

1

Pobre Nietzsche
príncipe elevado e decaído
embriagado do sol e do ser
Apaixonado pela vontade de poder
esqueceu-se de viver

Pobre Nietzsche
cavaleiro da triste figura
Temperatura seca: fogo e ar
Trancado no castelo da amargura
esqueceu-se de amar

O anel de nibelungo
era do mundo
e se quebrou
O amor que eu te tinha
era frágil
e acabou

2

Do edifício das verdades de concreto
masturbas o *pithekanthropos erectus*
e derramas o esperma de cianureto
sobre a nossa alma em combustão

Anjo de cobalto enfurecido
arrombas o céu e expulsas o criador
Ai tua meta-física nos engravidou
da falsa noção de valor!

Oh crítica da razão crítica!
Oh crítica da razão impura!
És a beleza apocalíptica!
A tristeza da loucura!

Na lira do eterno retorno
cantaste um mundo doente
A melodia venenosa
do fechado mundo da serpente!

Lamento das Ondinas:

Impregnaste de Wotan
nossa filosofia vã
Jogaste o óleo da noite
na luz da manhã!

3

Assim falavas alcandorado
a uma multidão de possuídos
imitando Heráclito de Éfeso
numa assembleia de narcisos:

“Ó por mais que teu esplendor
nunca se apague na chama do tempo
tudo gira ao redor
do umbigo da serpente
e nela se gesta e plasma
a perpétua eternidade
ainda que em sua transitoriedade
e na tua mais perfeita mente
a tudo rejeites
solenemente
Do círculo nunca sairás
impunemente!”

Imprecação das Nuvens:

Excelsa verdade
a lei da gravidade
Nenhuma babel
chega ao céu!

4

Pobre Nietzsche
Menino de ouro travesso de Wotan
Inventor alucinado
de uma aurora malsã
Fundador de um novo gênero
no drama da eterna dança:
a comédia do desespero
na tragédia da esperança

Na pressa de ser eterno
esqueceu o coração
e nem viu atormentado
Deus levar-lhe flores no jazigo
lamentando o pão suicídio
do seu mais doce-amargo amigo

O anel de nibelungo
era do mundo
e se quebrou
O amor que eu te tinha
era falso
e acabou

Coro das Casuarinas:

Pobre Friederich
oráculo da super-raça
que virou kitsch
e perdeu a graça!

PÉROLAS AOS PORCOS

Não quero ser o que soma
nem o que multiplica
mas o que subtrai

Meu ofício é diminuir o peso
dos animais celestes e deuses
que povoam minha alma:

o chicote plutoniano
a fúria marciana
a melancolia pisciana

Oh mudança quem é teu pai?
Oh transformação quem é tua mãe?
Qual o ponto de mutação do ego em compaixão?

Sou o que corta em dois o abismo e a esperança:
o que engole o chumbo do desespero
e distribui ouro pelos cotovelos

O ESTRANHO CAMINHO DA POESIA

Um lance de dados
não abolirá o acaso

Um lance do acaso
não abolirá Deus

Acaso: jogo infinito das causas
constelação dos efeitos

O poeta joga seus dados
no acaso das estrelas

AMOR: O CUMPRIMENTO DA LEI

De grandes e pequenos gestos
vive o amor:
sol no coração
água na emoção
até molhar as raízes
do mais alegre verão!

De grandes e pequenos gestos
morre o amor:
lua no coração
deserto na paixão
até secar o íntimo oásis
da fonte da emoção!

De pequenos e grandes gestos
renasce o amor:
fogo no coração
chuva na emoção
até ressurgir a luz
cristalina da paixão!

Ó natureza naturante
ferida mas não decaída!
De pequenos e grandes gestos
renasce sempre o amor
pra que se cumpra a natureza
na lei eterna da vida!

RECITAÇÃO DO IMPURO
(Lamentação Contra os Humildes)

aos lobistas de Deus

Malditos
os flagelados
porque serão
fuzilados

Benditos
os poderosos
porque serão
elevados

Malditos
os humildes
pois estão
condenados

Benditos
os corruptos
porque mais lhes será
acrescentado

Malditos
os santos e santas
porque serão chamados
de ateus

Benditos
os impiedosos
porque serão chamados
filhos de Deus

Malditos
os amorosos
pois até o coração
lhes será roubado

Benditos
os ricos da terra
porque herdarão
o reino dos céus

Malditos
todos os puros
porque nunca verão
a Deus

BALADA TATUADA

Nos tempos em que Jesus pregava aos seus discípulos
John Wayne pedalava um dinossauro azul para um
comercial da McDonald's
e mamãe estocava algodão Johnson's para a árvore de Natal
eu tinha um ideal puro e verdadeiro
desses que vivem nas fábulas de antigamente
E tinha a ilusão de mudar o mundo
pela flor pelo amor pelo poema

Era Hollywood e era Jericó
muralhas e muralhas de *marshmellow*
Dalí embrulhava os bigodes como girassóis de outono
e o beijo da Mulher Aranha inundava o pranto das camélias
Eu era estranho como uma mancha de breu no mar
e enquanto Marilyn Monroe aparecia terrível

como um Moisés de saias
eu tinha a ilusão de mudar o mundo
pela flor pelo amor pelo poema

Nos tempos em que John Wayne falava aos seus discípulos
Jesus assaltava o Banco de Londres na sexta-feira da Paixão
e Janis Joplin curava maçãs na feira com um arco-íris gigante
eu permanecia triste como chá de borboletas
e o ideal se consumiu como folha de sabão
Hoje tudo mudou e o Jordão virou sertão
mas assim como sei que Johan Sebastian Bach vai virar ar
o mundo só vai mudar pelo amor pela flor pelo poema

SALMO 17

*(a Ferreira Gullar que deu o mote
e estendeu a mão)*

Reintroduzo na poesia
o princípio da esperança:
não pela palavra bela
mas pelo que ela semeia

A esperança é uma semente
plantada na alma do mundo
Germina no coração da vida
como uma bela palmeira

A esperança é a luz revelada
com mil ideias na cabeça
Na noite escura da alma
o poema faz-se lâmpada acesa

O princípio da esperança
é contrário à lei de babel
pois o poeta que a desafia
atira pedras contra o céu

E verá ruir sob os ossos
de sua precária humanidade
o poema em destroços
numa confusão de línguas

Se o intelecto se dissocia
do princípio da esperança
logo converte-se em serpente
mas ao retornar se faz pomba

Abolida a lei de talião
da vingança contra a sina
a beleza desnudará o coração
e se revelará humana e divina

Pois poesia germinada em ódio
e regada com éter e cocaína
é igual bomba de Hiroshima
lançada contra a alma coletiva

Mas advirta-se aos imaturos:
não planteis com olhos na colheita
De ti — depende a semente
Da vida — o êxito da safra

Qual o sentido da poesia?
De que se nutre o poema?
Quando o poeta der a outra face
descobrirá a existência

Então pássaros e nuvens
descansarão na sua mão
e escreverá na areia do tempo
a linguagem da criação

2

Mas se duvidais
do que prescrevo
atirai a primeira pedra
contra a esperança:
o teu poema secará
como a figueira
e será arrancado
do livro da vida!

ELOGIO DA LÁGRIMA

1

Joia secreta de alguma dinastia celestial
Relâmpago molhado de água-marinha
Chuva de prata do céu interior
Meteorito desconhecido
que o Super-homem não perceberá
Precioso pingente
que os joalheiros não adjudicarão
Só os puros e impuros te conhecerão
quando chegares translúcida e terrível
como uma tempestade de cristais

2

Síntese do fogo e da água
Consoladora dos contrários

Secreta fonte da dor e da alegria
Oásis? Nascimento? Morte?
Puro milagre do espírito
ao romperes (nas faces) os diques
da mais fria emoção
semeias os devastados campos da alma
refloresces das cinzas o coração
e fazes renascer no brilho dos olhos
o súbito clarão

MUSEU DE NADA

O inesperado
me deixou com os olhos vermelhos de cortar cebolas
O inesperado
entregou no endereço errado as rosas vermelhas do amor
O inesperado
extraviou as malas de viagem e me deixou sem norte rumo
ao sul do meu destino
O inesperado
apagou todas as fotografias do álbum e derrubou
as paredes dos falsos conceitos
O inesperado
ofertou-me a cruz dos seus mistérios um par de asas
e uma pistola 45
O inesperado
me deixou sem carinho sem teto e com muito frio
O inesperado
me trouxe de longe uma valsa vienense uma loucura secreta
e o incêndio das paixões
O inesperado
deixou-me nu a ver navios na naufraga praia de mim mesmo

O inesperado
presenteou-me com a sua bíblia do desapego
e a sua psicologia da distância
O inesperado
subverteu o roteiro de todas as estações e ceifou o caule
de todas as esperanças
O inesperado
queimou meu sangue com a sua tinta de renúncia
O inesperado
me deixou irresponsável como um cheirador de cocaína
na igreja
O inesperado
me trouxe o Amor e me deixou solitário como um dia
de domingo

Como não odiar o inesperado?
Como não amar o inesperado?
Como odiando-o não o amar?
Como amando-o não o odiar?

O inesperado
é um hipócrita divino
O inesperado
é um deus cavalgando um relâmpago de ira
O inesperado
é um penetra romântico que chega na vida sem ser convidado
O inesperado
é uma festa de *rock* no meio de um concerto sinfônico
Maldito o inesperado
que me desertou os sonhos na videira!
Bendito o inesperado
que me trouxe a tormenta e a transfiguração!

Com sua cara de esfinge
e suas lições de impermanência
secretamente avisa

que até o efêmero pode ser eternidade
como as mariposas voando ao redor da lâmpada
até cegarem no esplendor da claridade
E que a vida vale a pena ser vivida
como um milagre
ainda que de pouca duração

POEMA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

1

O amor de Deus nos torna ridículos
Enriquece-nos com tesouros do céu
mas desliga-nos das coisas da terra
A barba cresce o orgulho desaparece
os amigos entristecem as mulheres fenecem
Pródigos do céu e perdulários do mundo
somos atraídos pelo ouro do alto que ninguém vê
Tudo doamos: até o amor
que não sabíamos armazenado
Em vez de prazer ofertamos compaixão
Em lugar do ódio oferecemos comunhão
Somos frágeis palmeiras inclinadas
ao sopro da sua sabedoria
Mas a arquitetura e engenharia do Senhor:
as obras as obras quem as compreende?

2

Não e não Não queríamos Deus
em nossos corações Antes uma vida tranquila
um pôr do sol no campo um amor à beira-mar

que cultivar esses imensos campos verdes
com tantas ovelhas desgarradas a pastar!
Mas o Senhor nos destruiu com seu raio divino:
invadiu-nos a alma afugentou-nos o temor
e nos fez andar descalços
sobre as pedras e espinhos do passado
Meus pés ardem em chagas
Meu espírito está em brasa
mas meu coração transborda em seu cálice!

Maldito quem nos tornou ridículos
em nome do Amor!
Bendito seja
o nome do Senhor!

DIA DE FINADOS

Quando a trombeta dos tempos soar
e o anjo da consciência
chamar-me à cena de origem
retirarei a pedra do sepulcro interior
e gritarei em voz alta:
“— Sofrimento vem para fora!”

Será a hora em que os túmulos se abrirão
e o menino renascido de sol nos lábios
voltará a comungar da ceia dos homens
como se estivesse inaugurando o oxigênio da vida
e celebrasse a luz de todas as manhãs do mundo

Em nome da vida
ó morte
estarás vencida!

A LINHA DO HORIZONTE

Poetas nunca alcançam o céu
São constelação de pássaros pétalas de nuvens
gravitando entre o imprevisto e o insondável
São lua cheia recebendo a luz do sol
O acaso e o inesperado são a sua sina
Quanto mais se elevam em direção ao céu
as asas batem de retorno ao ninho
Poetas nunca estão na terra
Sobra-lhes o céu às cabeças
Falta-lhes o chão aos pés
Os pensamentos são raízes de nuvens
Seu caminho é o vento Seu endereço é o coração
Beleza e tragédia eis seus companheiros de viagem
Amados ou esquecidos sublimes ou desterrados
poetas vivem apenas o seu destino

O BOM LADRÃO

Quando o desconhecido chegou
montado em seu corcel de pele negra
enviado pelos deuses da morte e transformação
negra noite desceu sobre o céu da alma
e escureceu até o disco solar dos olhos
Não reagíssemos e lhe entregássemos
os bens mais preciosos:
o prazer o poder o sentido da vida
Até a mais íntima essência
guardada no jardim interno
(O sangue fervendo nas veias
trazia à superfície as flores do mal)

Quando abrimos os olhos novamente
um sol de verão iluminava a noite da alma
A morte derreteria as máscaras de cera
e a transformação entoava seu cântico de despojos
Na maçã dos rostos e no clarão dos olhos
o sofrimento exhibia a sua discreta recompensa
Estávamos mais velhos ou mais jovens?
Havíamos morrido ou ressuscitado?
A vida (agora) pesava como nunca
mas leve era o fardo a carregar
Secretamente em nós uma cruz solar
encimava a lua negra do destino

**POEMA DA VANGLÓRIA
ou DA GLÓRIA VÃ**

a Teilhard de Chardin

Sou impuro Senhor
Nem omo total
lavará a minha alma

A sujeira perene
é minha virtude teologal
É de breu minha paz

Por mais que me esforce
não vislumbro pureza
nas flores do campo

Por mais que tente
só consigo concentrar-me
no umbigo das coisas vãs

Não é difícil te amar
Mas o outro meu Deus o outro
ai é difícil suportar

Bem que o outro podia ser céu
ponte aérea do bem asa de anjo
néctar do azul sorriso de estrela

Mas quando penetro em seu território
o humor sangra seus alicates
o inferno arma o lança-chamas

Minha coroa de espinhos
é amar o próximo
ainda que distante

Crucifica o próximo Senhor
Crucifica-me junto com o outro
pra ver se o suporte no paraíso

A COROA DE ESPINHOS

a duras penas
solidário e sozinho:

sangue
suor &
lágrimas

eis o poema:
minha coroa de espinhos!

ÓPERA BARROCA
(1998)

ÓPERA BARROCA
(**GUIA ERÓTICO-POÉTICO**
&
SERPENTÁRIO LÍRICO
DA CIDADE
DE SÃO LUÍS
DO MARANHÃO)

por Luís Augusto Cassas

membro perpétuo
da
Academia Maranhense do Nada
& sócio honorário
do
Instituto Histórico e Geográfico
de Coisa Alguma

SAUDAÇÃO AO LEITOR

namastê
que bom te ver
o poeta que mora em mim
saúda o poeta que mora em você

A GUESA ERRADA

1

São Luís: pedra
lascada ou polida?

O tempo ensaboa
a pele ardida

2

ciclo do algodão
ciclo do barão

ciclo da jaca
ciclo da mulata

ciclo dos coronéis
ciclo dos cartéis

ciclo do boi
ciclo do já foi

3

(princesa ludovica
rainha do equador

debaixo do calor
derretes até o amor)

4

de lombo
em lombo
ganhaste calombo

de tombo
em tombo
ganhaste ombro

(igual veneza
de gôndola
em gôndola

desembarcando
colombos
nas gônadas)

5

maga de oz
tranças de lioz

vésper atrabiliária
vênus comerciária

boca de mastruz
cheiro de cuscuz

calcinha barroca
festa na oca

furinho na bochecha:
beleza não fecha!

menina-kodak
serei teu prozac

6

minha terra tem lasanhas
que encantam *pomarollas*
as aves que aqui gorjeiam
só cantam em carambolas

7

leoa de metro
pólio na pólis
cataclismo clínico

urbe carente
infecção poética
contaminou o poente

o lixo ideológico
do inconsciente histórico
esquentou o vento

a estética
em estado interessante
abortou a ética

coitada da história
em síndrome diurética
está diabética

carne de pescoço
quem comer a carne
roerá os ossos

8

enfim te revejo
coberta de azulejos e beijos
e posso ao povo dizer-te
que não cessei de querer-te
 pesar de quanto itaqui

muito penei e implorei
dos teus becos afastado
houveram-me acabrunhado
a não provar teu siri

9

ó
athenas
brasileira

ó
apenas
brasileira

ó
a penas
brasileira

10

minha cidade amada
cabeça de bacuri
amai de verdade
o vosso bem-te-vi

11

detrás dos óculos lunares
dos guerrilheiros dos bares

quatrocentas radiolas
te contemplam

O LEITOR LUDOVICENSE

Há quem leia
com lupas e luvas
sob a lua cheia

Há quem releia
da direita pra esquerda
como um manual de sereia

Há quem tresleia
em decúbito ventral
e vire chave de cadeia

Há quem desleia e ceda:
mas livro e mulher
só se decifram na rede

BRASÃO FAMILIAR

jack kerouac dos assalariados
james joyce dos gripados
goethe dos vencidos
chego a
luís augusto cassas de aráujo
cassado por caças nos idos de março
ave agosto
quem é do mar é marujo
quem é do ar é arau-
jó

BRECHÓ DO PÓ

existem duas cidades
(ou nenhuma)
unidas por razão alguma
em uma

uma sente saudade
a outra piedade
uma olha pra longe
a outra se esconde
uma se espelha
a outra se destelha

duas costelas
do mesmo barro
duas mulheres
do mesmo sarro

duas plantas
do mesmo jarro

uma é suja
a outra mal lavada
uma tem o céu no muro
a outra o incerto futuro
uma é *made in portugal*
a outra *from pasárgada*

o cordão umbilical
que as liga é o mar
cadeia parental
que costura uma a outra
igual duas ostras
temperadas de sal

irmãs siamesas
de igual natureza
uma vive de rendas
outra de prendas
uma está tombada
a outra desmoronada

uma quer exílio
a outra auxílio
mas na embaixada do meu peito
meu coração em beleza
põe mesa
e lhes dá asilo

2
vista pelo alto
não se veem as crenças

brechada por baixo
não se sabem as rendas
e mesmo o povo
que dorme nos mirantes
acordando de repente
confundirá os poentes

uma é oficiosa
a outra é oficial
uma tem a rua da Manga
outra a rua Dr. Fulano de Tal
uma vai a Mântua
a outra é menstruada
uma olha Alcântara
a outra é alcantarada

a ruína-barbárie
de uma acareação em série
redundará às duas
uma procissão de cáries
uma está entrevada
até os ossos
a outra tem penhorada
as veias do pescoço

uma quer exílio
a outra quer auxílio
mas na embaixada do meu peito
sem ferir-lhes os vincos
meu coração abre os trincos
e oferece asilo

3

agora as empoladas vovós
para completar as obras

convocaram as sogras
para um simpósio do oh
nessa concorrência rococó
abriram um pós-moderno brechó
juntaram todas as sobras
e vendem orgulho em pó

PARALELEPÍPEDO

os paralelepípedos
das ruas de São Luís
parecem e são
bordados de croché
feitos à mão

navalhas do belo
pedras da criação
os paralelepípedos
das ruas de São Luís
poetram do chão

ovos barrocos
testemunhas dos destroços
ó paralelepípedos
das ruas de São Luís
granito dos meus ossos

joalheria a céu aberto
diamantes de multidão
os paralelepípedos
das ruas de São Luís
fragmentos de coração

nas ruas de São Luís
os paralelepípedos
têm cara de munição
pesados pombos sem asa
arrebentam a solidão

MAR DEPRIMIDO

mar de São Luís constrangido
que banhas as costas do Atlântico
e as costas e seios das pacíficas
quem te roubou o azul do paraíso:
os vendedores de cloro das piscinas
ou o céu desbotado do olhar das meninas?

mar de São Luís humilhado
saqueado por metralhas e conquistadores
em navios que vazam óleo desde o início
quem roubou o azul do teu sorriso:
os poetas que te deixaram abandonado
ou os petroleiros que te sujaram o vestido?

mar de São Luís sucateado
sobra de outros mares poluído
o cinzento de tuas águas
é tua bandeira de mágoas?
o cinzento de tuas mágoas
é o teu vestido e anágua?

choras por Antônio: o de Cleópatra?
choras por outro: o de Ana Amélia?

mar de São Luís enrubescido
derramas lágrimas de crocodilo
deságuas sujas águas em praias e portos
enches os tonéis os lenços os esgotos

mar de São Luís emaranhado
em maranhas de mar amargurado
quem sequestrou o teu azul-coral
deixou-te em troca o excesso de sal
entanto o verde que antevejo nessa manhã
só o vislumbro detrás de óculos *ray-ban*

a não ser que eu ponha cloro
nas lágrimas que em ti choro

SÃO LUÍS AUGUSTO FLECHADO

no percurso divino
do sagrado ao profano
vivi todas as polaridades
tombem-me todos os flancos
patrimônio da humanidade

NOITES BOVINAS:

Flor do Lácio
(Auto do Boi
sem Língua

ou

Auto à Míngua
do Boi)

*à comunidade da Madre de Deus
aos brincantes de boi de todos
os sotaques currais e terreiros
a Cyro Falcão &
Zé Pereira Godão Bulcão
Roberto Brandão e Herbert de Jesus Santos
essa barricolagem*

1

viva Madre Deus
shopping a céu aberto
com ventilador de teto
quadro-negro descoberto
pra escrever o alfabeto
das canções juninas
nas noites bovinas

nas noites de São João
uma estrela madrinha
acende o fogo da tainha
a lua tira a calcinha
a fada pega a varinha
pra espantar o calor
logo um boi de matraca
urrando como vaca
e a sua camerata
vai requebrando o saco
atrás do tambor

urrou urrou
urrou urrou

2

Viva Madre Deus
shopping a céu aberto
com ventilador de teto
quadro-negro descoberto
pra escrever o alfabeto
das canções juninas
nas noites bovinas

Nas noites de São Pedro
um boi de orquestra
fugiu do laço da festa
apareceu na rua de cuecas
e chifrou os cornos da lua
Virgem se esse boi urrando
não é o touro Ferdinando?
Speak boi *speak* boi
diga mesmo em inglês-javanês
se esse boi não é o Horácio
é o próprio Flor do Lácio

urrou urrou
urrou urrou

3

(de sandálias havaianas
Freud analisa na cama
o desejo de Catirina

rei ápis
na via ápia
rei ópio
rainha lábia

viva Madre Deus
viva o vovô de Deus
viva o sobrinho de Deus
viva o boi de Deus
viva São Pedro e São João
viva todo o mundo
inclusive São Raimundo

hip hip hip hurra
esse boi agora hurra

hurrou hurrou
hurrou hurrou)

4

Viva Madre Deus
shopping a céu aberto
com ventilador de teto
quadro-negro descoberto
pra escrever o alfabeto
das canções juninas
nas noites bovinas

do boi
que foi

à mímica
do aço
a língua
do lácio

hurrou
hurrou

eh boi

eh boi

verse-

jador

novilho

de brilho

que a faca cega

amolou

O CORAÇÃO DE PEDRA

Amigos

escutai o meu coração:

é de pedra

cristalizou

todo

o meu ser

Ele é o único

sobrevivente

de mim

Um rio de amor

dorme submerso

nas lamentações do pó

Páginas da vida

pulsam escondidas

mas é impossível ler

Ele é o anúncio
duro
de um tempo de dor

É a promessa
fria
de uma época de paz

Quebrai-o
contra as pedras
dos muros

Arremessai-o
contra as verdades
da vida

Amigos
ajudai este monstrengo
a sobreviver

SINFONIA DAS PEDRAS

Admiro poetas
que lavram
palavras

Batem-nas às pedras
igual soco-inglês
espancando mágoas

Depois secam
as anáguas ao sol:
vacas ordenhadas

Quanto a mim
quem me lavra
são as palavras

Solto-as na grama
sem sungas
descabeladas

Elas despudoram
exorcizam
e se a(va)lisam

Palavra de poeta:
sou um escaravelho
escalavrado

Meu gostoso ofício
não é garimpá-las
mas ser garimpado

Na verdade
palavras são quem
me lavam

De tanto esfregarem
tudo nelas
me contêm

Do que gozam em mim
muito se fartam:
palavram

MERENGUE PRO DENGO DA DENGUE

A

ave aedes aegypty
monarca do egito
faraó-eskibon
grife-tutankamon
és o filho pródigo
de hamurábi-código?
decifrará sísifo
o teu hieróglifo?
dengosa mensagem
trazes na bagagem
coceira diarreia
dispneia cefaleia
e aos colunáveis
dietas infalíveis
mas e o povo pobre
que come a banda podre
escapará ao suplício
do jejum-silício?
que forte antibiótico
sangrará o fenótipo
para esganar o brucutu
dessa era spartacus?

B

ó aedes aegypty
invencível maciste
padroeiro das pragas
curai-nos das larvas
dá-nos teu poder

de sobreviver
à camada de ozônio
e à falta de sonho
ao plutão das balas
e à sanha das bulas
ao *apocalypse-down*
de um mundo-parabellum
(rosas de capacete
babies ao vinagrete)
de natureza agônica
vomitando gin tônica
salvai-nos ó ente
do meio ambiente
e sobre o pó da dengue
dançaremos um merengue
ave aedes aegypti
os que vão morrer: *flict*

A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE
(cova larga com molho Tarantino)

impossível fazer um longa-metragem
no cenário de São Luís Rei de França

só existem disponíveis artistas
e os bandidos fugiram da dança

os lunáticos os loucos as crianças
os puros os delicados os pervertidos

já figuram como personagens coadjuvantes
mas falta o ator principal: o bandido

(onde se lia antigamente: bandidos
leia-se agora: estão todos convertidos)

o leão da metro (em depoimento ao flash)
já avisou: paga 1 milhão de dólares *cash*

a quem trazer vivo ou torto
um autêntico facínora

estilo jack palance jeito de mau
pinta de escroto cara de víbora

na ausência de um vilão
vai importar canastrão

até dos guetos de piripiri
pra que o oscar fique aqui

mas a película azarou: a destempo
os artistas mudaram-se pra outro elenco

como já dizia rita cadillac
cantando no camarim de billy the kid:

quem nasceu pra pavarotti
nunca vai morrer rita lee

BARROCA (A Cidade Aberta)

1

a cidade acorda cedo
despida de segredos

solta os leques das palmeiras
melhor dizer: cabelos

desabrocha os cocos d'água
os ventos dizem: seios

onda na duna:
a bunda afunda

língua azul nos lábios:
risco de naufrágio

2

a cidade acorda na rede
morrendo de sede

pela fechadura
vejo-a: tanajura

tomar água de bilha
com preguiça

desfolha os seios
como maçãs ao meio

um sabiá perplexo
canta em seu sexo

3

sensual
no carnaval

molhadinha de emoção
no São João

4

a cidade
e os seus *traillers*

a cidade
e os seus *containers*

a cidade
e os seus *personal training*

a cidade
e os seus 365 deuses

a cidade
e as suas 365 vezes

5

ó tesão benigna:
és minha *terçã* maligna!

MAISON BARROCA

polaco alemão ou afegão
americano indiano haitiano
todos os tipos e arquétipos
todos os cartões de crédito
comedor de truta ou tainha
use camisinha

ANEDOTA DAS 1.001 NOITES MARANHENSES

Num tapete voador encomendado especialmente
para a ocasião o Xá da Pérsia veio conhecer
em viagem oficial os delírios e delícias
da culinária maranhense

Deslumbrado com a paisagem excitou-se com a
extensão dos troncos de nossas palmeiras
arriou as calças e deu

Nascia aqui o cuxá

BAR ATHENAS

antepenúltimo espartano de athenas
penúltimo spartacus de antenas
último aspartame de apenas

SÃO LUÍS

200 anos de ladeira
300 anos de vieira
400 anos de vinagreira

OS ARAUTOS DO DIA:

Edital de tombamento
escrito em papel-embrulho

Ficam declarados tombados
pra todos os efeitos e reabilitados
os heróis anônimos martirizados:

os paralelepípedos sob o asfalto
& a cobertura de cobalto

o sorvete de ameixa do hotel central
& as sessões coloridas no cine rival

os sabiás de cócoras
& os bem-te-vis de galochas

a coroa de rei dos homens
& a galinhagem de ana jansen

a caldeirada do germano
& os endereços dos pés de pano

os vendedores de pirulito
& os jogadores de palito

os quebra-queixos à míngua
& o teu beijo de língua

o doce de bacuri com cravinho
& o pôr do sol do portinho

as meninas da rua 28
e as virgens mortas sem coito

(a essas 20 tiros de canhão
e 30 missas em intenção)

e mais ainda: a saudade etérea
do amor de g. dias & ana Amélia

O pintor de cartazes do cine éden
faça pintar imprimir e correr
a nova aurora que vai nascer

O SOBREVIVENTE

O último trovador não morreu em 1914
No ano da graça de 1998 cultiva bigodes alexandrinos
à moda Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac
e o seu livro de cabeceira é o tratado de metrificação
de Guimarães Passos e cia. ltda.

Não fuma Mas tem o hábito de empurrar nuvens
com um sopro

Sem cocceiras Mas acompanha com os dedos a
cadência da frase silábica do poema o que sugere
aos desavisados recebimento de carta

Ante Drummond

anteanti

é o último sobrevivente do pedaço
No seu endereço poético num edifício na rua das
Seriemas no bairro da Ponta do Farol solta os seus
gorjeios e trinados

Mas não se considera (por absoluta humildade)
pássaro de primeira classe mas condor
de categoria econômica

Elegante como uma garça
estende seus poemas nos varais do terraço
para orvalhar as flores dos jardins de baixo
(o que muitos consideram um naufrágio)

Pássaro de voz canora
e bela plumagem
quem é nosso pintassilgo
de ultrapassagem?
Uma juriti um bem-te-vi
um avião um gavião?
Quem bicho-de-pena é
o nosso último sabiá de Athenas:
o derradeiro rouxinol de Apenas?
A tudo resiste (como resistiu no Colégio Pedro II
em 1940

no Rio de Janeiro à investida do professor o poeta
Manuel Bandeira que com lábia modernete quis per-
suadi-lo — pasmem — a adotar a poesia moderna)

Deus salve a avezinha!
O moderno passou
O neomoderno passou
O pós-moderno passou
O pós-eterno passou
Mas o poeta continua fiel
ao corte do mesmo terno
O trovador Eugênio de Freitas
— brinde às musas e medusas —
é o nosso Herói da Resistência!
As conchas da praia de São Marcos
elegeram-no “Príncipe dos Poetas”

Os pássaros com diarreia em artilharia
livram-lhe o terno branco por cortesia

É verdade que a solidão
entre os homens e poetas
é o seu maior impasse:
ficou novo demais
para o passado
e velho demais
para o futuro
Mas Deus também não escreve torto
por linhas certas?
Às vezes peida
mas é só um descuido da métrica
E as palmeiras dos coqueiros
embalam o pum com a brisa
pro fedor cantar em outra freguesia
e salvá-lo da malquerença
de algum pseudomoderno

Não há estatística
no reino do pensamento:
mas houvesse jarras de flores
(aos milhares) seriam contadas
na cabeça do poeta

ÉDIPO
EM
ATHENAS
(diálogo temperado de ódio
que o tempo consumiu no sódio
e o amor engoliu no pódio)

personagens:
o filho: Édipo
a cidade: a mãe Jocasta

O Filho Édipo:

1

Bela Jocasta

Mater-madrasta

Rainha escrachada

Musa do Nada!

Por que criaste os teus filhos
para depois sucumbi-los?
Por que amamentaste os filhos
expondo-lhes as cabeças aos trilhos?

Para que amá-los:

para exterminá-los?

Por que cegas os teus filhos
e os expões nus nas feiras
jerimuns de olhos acesos
chorando no dia das bruxas?
Por que negas as tuas falhas
e rasgas as tuas mortalhas
qual Jeremias escalando muros
e caindo espetado em monturos?

Dos seios ásperos

nutriste-me a cântaros:

o leite das pedras

o pão das trevas!

2

De quem são esses olhos
para os meus dedos vazar?
— são teus minha mãe!

De quem são esses espinhos
para o amor espetar?
— são teus minha mãe!

De quem são esses abrolhos
para o mar arrebentar?
— são teus minha mãe!

De quem são estes restolhos
pra me fazer chorar?
— são teus minha mãe!

De quem é e quem não é
o balbuciar do coração?
— é o teu minha mãe!

3

Ó minha cidade matricida
que matas os teus poetas
estupras os teus estetas
e derrama as suas vísceras
nos logradouros da chacota
igual hemorroísson ambulante
expondo excrementos de ricota

Ó galinha dos ovos de agouro
que chocas a nossa grã-miséria:
titã da realidade funérea
do escalpo escapo e escapulo
amaldiçoado via aérea
com o espírito impregnado
do chão de doenças venéreas

Antífona das Ladeiras:

reino da ameba:
assim é Tebas
nossa taba!

4

Ó minha cidade minha mãe nobre:
porque teus caminhos são retos
e eu só sei andar em círculo
chamas-me ridículo

Ó minha cidade minha mãe pobre:
porque teus desejos são secretos
e rejeitas o teu predileto
arquivo o antigo discípulo

Ó minha cidade minha mãe podre:
porque a vergonha é a minha bengala
e a peçonha é a tua fala
a dor é lançada em fascículos

5

Toda a compulsão
de hidrato de carbono
e a falta de sono
vêm de ti

E também a dor crônica
de decifrar o enigma
sem resolver a intriga
vem de ti

E mais ainda: o frio amplexo
que vira matriz de complexo
e é chave fatal do desfecho
vem de ti

Ó Mãe! Ó Mãe! Ó Mãe!
o mistério é o teu elixir:
o mistério é o teu existir!

Teu leito é de formigas
em teus lábios moram víboras!
A dureza é a tua dama de confiança:
como subir por tuas tranças?

A Cidade
(A Mãe Jocasta)

6

— Vê o menino
alegre e gaio
empinador
de papagaio?
Cerol e linha
na faina diária
da mão aérea
À tarde recolhe-o
ponte-desembolso
o sol da linha
à aurora-bolso

— Mas o adulto
que dá corda à linha
das transferências
e não recolhe
as projeções
que desalinha
a existência
é estulto vulto
que se enreda
no próprio arbusto
da aparência

— Por que essa mágoa
que nenhuma vaga
nem caixa-d'água
recolherá a água?
Passado e futuro
novelo de lã
eu sou hoje
quem és amanhã
Só existe o sonho
porque quis sonhar
Nasceram-te asas
pois te fiz voar

— Teia que entreteces
na trama teces
e contra-aconteces
fermento do ódio
no bolo de aveia
sujo de areia
Destilas veneno
hybris-caroteno
mas quando mordes
a fatia em acordes
percebes no asco
ser do mesmo saco

— Recolhe-te de braços
ao próprio soluço
de tudo dei-te um pouco:
amor barroco
doce de coco
desespero louco
Do pouco dei-te muito:
ceias e seios
bocas e becos
lutas e lutos

— No amor falhei?
O que soneguei?
chave de casa
voo de águia
leite de lei
alegres cenas
doces Helenas
a mão do rei?
Se mais não te dei
nos seios retive
porque não mamei

— Ordenha da vida
seios da Hidra
abri-te as janelas
ao passeio da brisa
limpei-te as remelas
da cega coriza
toquei-te os olhares
a todos os mares
cerrei-te os ares
a todos os azares
mas saiba no fundo
do destino do mundo
até a besta-fera
em bela regenera
Na casa do encontro
ninguém nasce pronto
Minha alma medra
num corpo de pedra
mas oculto na selva
meu coração é seda
Descende o raivoso
de humilde viés
enterra o orgulhoso

no filho que és
perdão amoroso
seja o teu revés

misericórdia!
seja esse o dia
redima o menino
o eterno feminino

(O Filho: Édipo)

7

Bela Jocasta
mater-madrasta
história verídica:
da Fada-Carrasca
surge a Musa-Encantada

Não posso matar-te
em ti
com um punhal:
mas ousa
matar-te em mim
como a um mal

Portanto sobre
as pedras
que te contemplam
perdo a dor
dos dias
que passaram

Agora posso revelar-te
o meu segredo preferido:

só estou
morto em ti
porque estou
vivo

E posso confidenciar-te
(de resto)
o meu grande arcano:
eu só presto
porque
te amo

8
Mar de piranha
mar de beco
mar de asfalto:
na bolha d'água
mergulho
o orgulho

Pelo de cabra
sovaco de cobra
oráculo de sobra

Desde menino
decifro o destino
com a visão dos sentidos

Tudo o que eu sofro
tudo o que eu meço
tudo o que eu teço
incluindo as flechas
que me trespassam
não se enternecem:
eu as mereço

Ainda que cego na ladeira
o tilintar de uma moeda
caia-me na algibeira

(“Nós os ossos
que aqui estamos
pelos vossos
esperamos

Nós fomos
o que tu és
tu serás
o que nós somos”)

MISSISSIPI-ANIL

o rio que passa em minha aldeia
não é o rio mais belo do mundo
mesmo que seja o rio que passa
em minha aldeia

o rio que passa em minha aldeia
não é o rio mais sujo do mundo
mesmo que seja o rio que passa
em minha aldeia

certamente o rio da minha aldeia
não é nem mais belo nem mais sujo
apenas por ser o rio que passa
em minha aldeia

pois o rio que passa em minha aldeia
é o rio que passa em minha aldeia
e por ser o rio da minha aldeia
é o mais belo rio do mundo

A RAINHA MARGOT (O Circo dos Horrores)

minha aranha caranguejeira
super-rainha negra
supermegeira dos poderes do mal

a lembrança é que me transporta a ti
ou és tu quem me transporta à lembrança
na teia do quarto escuro da infância?

heroína da noite subjuga o inimigo
a pálida criança de braço paralisado
e fazes depor a coragem e a espada de plástico

professora do nojo tuas lanças traiçoeiras
eram a coreografia do medo no armário de brinquedos
celebrando a missa de sétimo dia de minha pureza

hoje não podes mais ferir
recordar a tua presença é o antídoto
que acende na lembrança a própria cura

és apenas um incêndio na memória do menino
que a saga de um tempo inflamado de mágoas
consumiu em chamas como um objeto sem desejo

O ABOMINÁVEL HOMEM DA ILHA

Quem é esse mulato
de olho verde-claro

benfeitor das muçuãs
menestrel das jaçanãs?

Qual número é o sapato
e a grossura do braço

desse davi do mundo
versus o golias imundo?

Tem cara de pato
andar de sapo

olhar de macaco
jeito de centauro?

Herói de feijoada
mártir de panelada

segundo os anarquistas
feroz comunista

(*vendetta* na rinha:
come criança c/farinha)

Quem é o ardente defensor
da fauna e da flora

e também da Teresa
e da Bárbara Heliodora

e da Joana e Gertrudes
e de Maria Firmina?

Usa polpa de bacuri
como vaso dilatador

e piqui e açai
como desodorante e ventilador

Como está de dieta
só come melancia

e arrota um urubu
contra a hipocrisia

Incrível Quixote
contra os pixotes grã-finos

os de ouro e prata
e também os de alumínio

Com voz de microfone
trombone de vara

vai troando troando
por Troia e Esparta

João Paulo e Alemanha
Japão e Jamaica

Justiça em sua língua
incrível: não mingua

Quem é esse tenor ecológico
que irritou o zoológico

e palita o poente
com um solitário dente?

Vocação inaudita
de amor e liberdade

ei-lo: o asceta
insigne poeta

(licença dos mortais
e dos imortais)

e o perdão dos imorais
Zé Nascimento Moraes!

BALADA DA ZBM*
(Sotaque Vítor Gonçalves Neto)

Foi na rua 28
que eu deixei a minha infância
ia beirando os doze ou dezoito
(ou eram os 8ito ou 8itenta?)

a fome até então
era de biscoito maizena
aí apareceu a melena
uma gaja desengajada
com peitos duros e macios
cara de puta na venta

Ela me comeu todinho
sem caviar e torradas
com cerveja farinha d'água

* Zona do Baixo Meretrício.

rapadura cuscuz pimenta
Mergulhou nos países altos
saiu nos países baixos
a língua mandava dizer
que inda comia mais quatro
Visitou até o Arco do Triunfo
comendo um belo presunto

Depois tascou um beijo vermelho
na bochecha do menino
e devolveu-o pra vida
envolto em sua farda/fralda
a vista perlimpimpindo
as pernas estropiadas
o coração em frangalhos
a fome apetecida
e a vara-de-condão saudosa
do Vênus da safada fada

RIMBAUD TROPICAL

meus pecados capitais
minhas reservas morais

tatuagem na alma
o *karma* é o meu *dharma*

sucuris-sucuris
cantem colibris

ó paranoia:
minha metanoia!

CASAMENTO NA PRAÇA JOÃO LISBOA

pombos em arrulho:
arroz nos noivos
quebra o orgulho

ECOS DA CIDADE-FANTASMA

Noturno na rua Grande
em vão espero o bonde
bonde bonde bonde bonde
Sei que um dia vai chegar
feérico sob o luar
luar luar luar luar
Ei-lo: brilho no trilho ao sol
reflexo do vidro pra cerol
cerol cerol cerol cerol
Bicho de ferro ou surreal
és meu passageiro virtual
virtual virtual virtual virtual
Estou em ti e tu estás em mim
como moram juntos o início e o fim
o início e o fim o início e o fim
o fim o fim o fim o fim o fim o fim

GUIA DA GULA

(Carta dos Restaurantes)

depois da Base do Germano
& a sua caldeirada

depois da Base do Rabelo
& a sua galinha assada
depois da Base da Zona
& a sua carne estabulada
depois da Lenoca e do Edilson
& as suas caranguejadas
chegou em São Luís
via aérea-marítima-decolada
a Base de Alcântara
& os seus foguetes assados na brasa

pássaros sem asas
os foguetes de Alcântara
são manjar dos deuses
e sua especialidade
é ser comido à mão
com pimenta e pirão

mas há de se fazer reserva
pra esse fino repasto
já que a pomba do divino
é o seu *maitre* e magarefe
e só serve 20 pratos por mês
com licença do IBDF

o grande problema do cardápio
é questão crucial:
saber se a ave é de primeira
saber se o serviço é de segunda
pra batizar a cozinha
regional e internacional

o outro entrave: o mais grave
(e de difícil digestão)
resolve-se com lacto-purga
lavagem ou água de sal
e pronto: se lançam os foguetes
pro cabo canaveral

mas a grande solução
pra esse intrépido panelaço
é ser condecorado
com uns dentes de aço
ou usar em primeira mão
estômago de aço

PROFECIA DE FEIRA

tens essência e proeminência
pra seres capital da Grécia
uma acrópole em cascalhos
uma coliseu em frangalhos
uns péricles convergentes
uns sócrates detergentes
grandes quebradores de pratos
uma esfinge com esparadrapo
guerra entre caixas de som
olimpíadas no pantheon
umas cabeças coroadas
umas verdades acaloradas

reza e confia: um dia menina
serás uma grande Teresina

CANÇÃO DA GAIOLA

os sabiás
e os bem-te-vis

cantam em dupla
no exílio aqui

bem-sabia
sabiá-te-vi

na palmeira
ou na chaleira
no açai
ou buriti

bem-sabia
sabiá-te-vi

desde que te vi
sabia que via em ti
a dupla ponto e vírgula
bashô baixou aqui

bem-sabia
sabiá-te-vi

bem-te-vi sabiá
e sabia do bem-de-ti
minha terra é um exílio
mas é melhor que as gaiolas daí

bem-sabia
bem-te-vi

OS ALQUIMISTAS

os carvoeiros
são nossos melhores
alquimistas

ano inteiro
metem o pênis na terra
como fizessem farinha

depois fazem churrasco
até o sol esturricar os tições
em carvão de varinha

anjinhos castrados
apresentam-se tostados
eunucos à sua rainha

mas é o sol do prepúcio
que queimado revigora
os bicos dos seios da aurora

KAFKA-DOSTOIEVSKI

ontem acordei
como uma barata
e seus exórdios
(não como um rato
e o seu nó górdio
não como um dinossauro
e os seus piolhos)
a cidade uma praga
voava: enxame de tijolos
porcos de dostoievski
devoravam as minhas asas

CONFRARIA DOS GOURMETS

os cupins de São Luís
dizem: têm o rei na barriga
de tanto degustarem
al dente
anos a anos
a cidade colonial
ripa por ripa
especializaram o paladar
e a carregaram além-mar
(nas costas não — perdão:
levaram-na nas bostas
“seu” costa)
tornando-se barões em Portugal
sócios em binacional

em chegando lá
província ultramarina
os cupins desovaram-na
(perdão cagaram-na)
todinha sem perder
sequer uma tripinha
(quer pasta “seu” costa?)
e a cidade tornou-se
tejana rainha
versátil dobradinha
alegre confraria
depois que uns papos de anjos
e umas lascas de sobrado
lá fizeram a delícia dos alfredos

lá os caras de pau
abandonaram os fura-bolos
adotaram talheres
e comem um delituoso bacalhau
à moda carnaval
(não tosta,
“seu” costa)
que com licença do Tejo
da honra dos badejos
e das águas do Mondego
pois pois
e depois do *ketchup* e maionese
é um nojo de *finesse*
cê gosta,
“seu” costa?

TOUR BUBÔNICA

os ratos da Praia Grande
têm seguro de vida:
deitam barriga pro ar
evitam suar a camisa
são ratos bem tratados
a mel e leite de cabra
as mulheres são elefantas
criadas com leite de jumenta
sejam ratos de meia-morada
esgoto alfaiataria palácio
os ratos da praia grande
à noite todos são pardos
(tanto que os gato-tardos

não os consideram deserdados)
mesmo quando chega a peste
num gato de budapeste
e os ratos da praia grande
trocam gato por lebre
a picanha servida no prato
ainda é de gato com febre
os ratos da Praia Grande
são animais de estimação:
arrastam cadeira aos homens
portam-se com afetação
figuras steinbeckianas
fugidas do “o coronel e o lobisomem”
quem sobreviverá ao itinerário
da guerra do fim do mundo:
os homens e ratos
ou os ratos e homens?

FEIRA DA PRAIA GRANDE

Balança Filizola
pesas
o tempo e o espaço
em teus dois pratos:
a temperança
é o valor da vida

Mas o moderno venceu o antigo
com seus pesos e medidas
Ontem
monumento comercial
Hoje
estátua de sal

**BARROCO-SUTRA
OU
O SUTRA DA CAMA BARROCA**

1

Minha cidade rexona
cabe sempre um em tua cama

Igual macaca
procurando banana

cabe mais um mais algum
menos nenhum

Cabe mais um em tua cama
Cabe mais um em tua cona

Quantos não baixaram
a boca em tua grama?

Quantos não te usaram
e outros levaram a fama?

Cabem sabiás
e orixás

Cabem bem-te-vis
e sapotis

Cabem forasteiros
e seresteiros

Cabem cretinos
e grã-finos

2

Minha cidade-sacana
igual chiquita bacana

nessa batalha de esfrega
o teu corpo não nega

Menina de Martinica
de João e Maria e *marijuana*

campeã de salto com vara
na olimpíada da cama

Trepas com o Manuel Bandeira
e com os outros dois: o Tribuzi e o Lopes

trepas com o Gullar
e a corriola da beira-mar

trepas com o José Chagas
e a turma lá de casa

trepas com a Turma do Quinto
e até os travestis da rua do Egito

trepas apenas com dois clientes:
o resto do mundo e toda a gente

Bendito o 19 km por litro
que te economiza o periquito!

3

Minha cidade-ninfeta
exibindo as suas tetas

em sua cama coletiva
cabe a brisa e o pessoal da missa

Minha cidade tebana
sucupirana macondiana

pérola do atlântico
puta do pacífico

reggai com os portugueses
reggai com os franceses

transai com os amaldiçoados
transai com os encantados

de que adianta viver
se me olhas e não me vês?

Liberta-te antes que seja tarde
liberta-te de mim também

antes que o amanhã seja alarde
e os teus olhos amem e amém

HORS CONCOURS

velha São Luís
novo passatempo:
engarrafamento
de jumento

BARROCA (2)

Saint-Louis ma Paris
je t'aime moi non plus
sê minha Ceci
serei teu Peri

Saint-Louis mon amour
meu xuxu *toujours*
sacré-coeur de bacuri
let it be let it be

Saint-Louis Paris aussi
catirina deneuve do açai
tuas francesas *d'ici*
são belas quanto as *chéries*

CANÇÃO DO EXÍLIO

não chores mais por mim
avezinha

choradeira
em ladeira
só dá olheira

na gillete veneno da gaiola
o grito aflito da navalha
liberdade antídoto implora

2

em pleno verão
converso com o coração:
sou eu o vilão

a culpa foi minha
avezinha
absolutamente sozinha

meu voo corsário
o bico sanguinário
a alma daninha

3

não chores mais por mim
avezinha
permita que eu chore
no colo da zinha
minha belezinha:

ave sozinha
minha rainha
eternamente inha!

FEIRA DO JOÃO PAULO

Grécia jamaicana:
tua bandeira republicana
é um cacho de banana

BARROCA (3)

canhão disparando contra o céu
incríveis tiros de misericórdia

eu sou o que ficou insone
pra acender as luzes do aeroporto

(mas não teve tempo nem distância
pra sentir saudades dos becos)

tornei-me a cidade & vice-versa
a cidade tornou-se o meu verso

APONTAMENTOS PARA UMA TESE DE DOUTORADO SOBRE O JOGO DO BICHO

nesse zoológico de almas
confusão maior se viu:
666 é o número da besta
qual o número do imbecil?

NOSSAS MENINAS

&

as prostitutas de São Luís do Maranhão
são assistentes sociais de plantão

quando abrem as pernas
dizem verdades eternas

&

dão ombros pro paciente chorar
seios pra descansar
boca para beijar
olhos para admirar
sexo pra relaxar

almas generosas
deviam ser condecoradas
por suas obras caridosas

&

as prostitutas de São Luís do Maranhão
são psicanalistas de salão

quando abrem a boca
a alma fica louca

&&

descarregam a tensão existencial
prestam assessoria emocional
conversam sobre taras de estimação
ressuscitam mortos sem tesão
há quem diga: psicanalisam e alisam

almas gostosas
deviam ser cantadas em verso e prosa
por serem tão dadivosas

&&&

depois devolvem os pacientes-clientes
amaciados e quentes
para a fauna faina da vida

mais uma família salva:
uma palma de salvas!

CASA DE CÔMODOS (A Alça do Vestido)

São Luís
antiga queixa:
ame-a ou deixe-a

São Luís
bela madeixa:
bolo de coco com ameixa

São Luís
velha gueixa:
ame-a e deixe-a

São Luís
ame-a e deixe-a
gueixa

PASTELARIA DE AQUÉM-MAR

pastéis de camarão
abertos ao meio:
onde o recheio?

pastéis de ricota
expostos a chacota:
excursão de moscas?

pastéis de Santa Clara
coqueteria de joia rara:
os olhos da cara

pastéis do japonês
servidos com molho inglês
na camisa do freguês

pastéis de vento
expostos ao tempo:
triste acontecimento

pastéis de carne
devorados à tarde:
urubus com alarme?

mas um dia (na mina) o pastel
encontrou a pepita no veio:
que belo recheio!

estava encerrada ao meio
a temporada premiada:
chaves de um gálexie passeio

súbita revolução
empastelava o salão
e de supetão

fazia do camarão
o símbolo sexual
de São Luís do Maranhão

O VENDEDOR DE BANANAS
(O Besteiro do Arrebol)

banana-prata
pra quem tem medo de vaca

banana-maçã
pra quem chega de manhã

banana casca-roxa
pros viciados em xoxota

banana-guernica
pra quem gosta de pica

banana-da-terra
pras mulheres da serra

banana-comprida
que dá longa vida

banana-quente
pra prisão de ventre

banana com *chantily*
pra quem gosta de açáí

banana-caninana
pros *gays* da rua de Santana

banana-bacana
pra homem e mulher banana

banana do raul
pra quem tem tesão no sul

BARROCA (4)

Vieira dizia que no Maranhão
até o sol mente

O sol esconde-se em meu coração
pra revelar o que sente

CANÇÃO ACORRENTADA

tanto eros
tantos erros

neste desterro
posto a ferros

ROMEU E JULIETA (Versão Maranhense)

roqueforts e camemberts
são príncipes da concórdia
ou degustadores da discórdia?

passageiros do céu da boca
evocam-me paisagens de São Bento
padroeiro do queijo santo
que umas vaquinhas honestas
em cooperativas de leite e solidão

exportam a síntese do milagre
dos campos do Maranhão
pavloviano-shakesperiano
entre discordar ou crescer
a barriga do ser
introduzo a solução
no prato da devoção:
queijo de São Bento
(virgem!) e goiabada cascão

QUITANDA DO AMARAL

FIADO

MORREU

VEADO

DEU NO *NEW YORK TIMES*

dizem à boca pequena
que em New York a máfia coreana
comanda o mercado de banana

inversão: no Maranhão
as prostitutas pagam proteção
às frutas de estação

DIET-LIGHT

os sorveteiros de coco
só dão a receita *diet*
aos seus amigos *light*

segundo as más línguas
é a água dos esgotos
que dá o toque maroto

LINHA DE MONTAGEM (aos poetas que ressuscitaram de suas ruínas)

1

Poetas são animais
em extinção?

Número em série
de fabricação?

Frutas fora
de estação?

Arco-íris
de plantão?

Desempregados
da República de Platão?

Hóspedes cósmicos
da solidão?

Cigarras
de um sonho de verão?

Borboletas
viciadas em revolução?

Últimos guerreiros
do coração?

Poetas são guarás
fugindo da extradição?

O que os poetas
são?

2

Poetas não são
profetas da desgraça?

Empalhadores
de traças?

Ascetas
de tranças?

Sonhos de
fumaça?

Revolucionários
das crianças?

D. Quixotes
sem esperança?

Heróis *made in*
troça?

Sócios beneméritos
das fuzarcas?

Vanguardistas
de carroças?

Pregoeiros
sem graça?

Solitários
sem gravata?

O que os poetas
não são:

vergonhas
da raça?

3

Lucidez — confira agora
as notas fiscais da poesia:

mercadoria entregue
em sessenta dias

por falta de estoque
no depósito

apela-se às nuvens
ou à cotovia

que a traga no bico
e devolva a 1ª via

Poesia poesia
proesia poazia

panela no fogo
barriga vazia

cavalo alado
ou excremento dos anjos

meu necrológio
tua elegia

Sou pássaro louco
cantando no telhado:

tua alegria
minha agonia!

CANÇÃO DE BANHEIRO

vou-me embora pra Sucupira
pra Sucupira do Norte
aqui o sol é mentira
a vida está de deboche

vou-me embora pra Praga
pras olimpíadas de Kafka
ser burocrata de gravata
no processo da barata

vou-me embora pra Paris
aqui eu sou meretriz

lá serei transado Dante
ou gostosa Beatriz

vou-me embora pra Itapecuru
ou quem sabe pra Caxias
e cantarei babalu
em coro com as jias

vou-me embora pra Teresina
ser gigolô de estrada
e fundarei uma usina
de ovo frito em calçada

vou-me agora pra Rede Globo
ser espião no Fantástico
e importarei de Macondo
o jumento do Dr. Fausto

vou-me embora pra Brasília
assumir o lado pai
e venderei a família
na feira do Paraguai

adeus que eu vou-me embora de mim
e vou pra além do gibi
serei o rei do curumim
no Itaim-Bibi

antes peço abrigo em Sucupira
senão minha cabeça pira
rápido senão eu morro
e viro pira de cachorro

LAMENTAÇÃO DE GORDO NA BALANÇA DE SUPERMERCADO

Dizem que no delta do Mekong
não há tortura maior:
bambu entre as unhas
pra palitar os dentes
após o inexistente almoço
Mas alta tecnologia de suplício
são mudos virarem oráculos astecas:
plumas sorridentes nos pés
perdem a dieta verbal
fazem até previsão do tempo
Retiro tudo o que disse
contra magros elegantes ossuários
campos de concentração chiques spas
alfaiatarias e esqueléticos de além-ar
Devolvo todos os títulos conquistados
com lábia e paladar afiados
incluindo (por benemerência dos engraxates)
o de *Imperador do Largo do Carmo*
Não sou nada Meu orgulho é só osso
Sou apenas um gordo ansioso
na quilometragem dessa máquina faminta
confundindo ego e guloseimas

O GOZO

o gozo das cidades barrocas
é um troço de louco

é um terremoto medonho
do cabelo ao dedo mindinho

o tremor percorre o pescoço
faz das pedras cacos

despedaça as portas
arrebenta as rótulas

cega os vitrais
soterra os quintais

implode a cumeeira
apaga a lamparina

estilhaços do passado
chovem por todos os lados

foguetes com ogivas
na vagina dos ossos

vestígios de esporro barroco
achados a 1 quilômetro

parte sobre os telhados
parte sobre o armazém do porto

O SORRISO DA ÉGUA

a João Cabral de Melo Neto

1

os burros de carroça
são os bodes expiatórios da cidade

culpas e frustrações do povo
carregam em sua bagagem

não falo de outros burros
de raça linha e linhagem

falo desses burros-personagens
de pesagem e tonelagem

2

os burros de carroça
são o saco de pancadas da cidade

todo o seu fado
é aguentar o fardo

se o chicote estala
igual escravo em senzala

fecham a buzina da crina
e não reclamam da sina

3

a linguagem dos burros
é um código de iniciados

só um Roman Jacobson
pode decifrar sua mensagem

mas quando dizem um zurro
a vingança parece pedir trégua

e os torturadores com um coice nos escrotos
exibem um sorriso de égua

RECITAL LÍRICO

Barqueiros são poetas líricos
membros natos de Academia

“Fé em Deus” “Águia Dourada”
“Rosa dos Ventos” “Flor do Mar”

é assim que batizam
as suas filhas de Maria

Depois a ladainha das ondas
faz a crisma da alegria

NOVENA DE HEMORROÍSSO

Santo Antônio meu santinho:
não lhe peço beleza prosperidade
carro do ano mulher rica e bonita
tudo o que a misericórdia dispõe
e o livre-arbítrio provê
O que eu lhe imploro
nesses píncaros de merda
nessa temperatura de droga
é altamente espiritual:
um cocô macio
pastoso toda manhã
(tipo doce de leite de fazenda
quando não havia tanto egoísmo
essa rolha de poço
patrono de guerras intestinas)

Mas livrai-me do fogo do inferno
e concedei-me sempre boa brisa
aqui em baixo e lá em riba

Axé

GODIVA

branca mais branca
que a anca
da égua
de Napoleão

branca potranca
arrebentando as trancas
mil léguas
meu coração

BORRACHARIA DO AROUCHE

(40 graus)

Sol de látex
Calor importado pela Pirelli ou Goodyear
de alguma floresta amazônica ou africana
(temperatura ideal
pra ler Dante no original)
Os pneus feridos renascem com suor
na incubadora da máquina de recauchutar
Até o vil metal
derrama uma lágrima tropical

Menos Rita apenas Rita
pose felina na folhinha de calendário
permanece bela e refrescante
igual a um *boeing* sacudindo as estrelas
Marylin Monroe mulata tão gata
que a fotografia descolorida
traz de longe o cheiro do seu sexo
e a multidão é mosca procurando açúcar
excitada na febre humana de viver

VENDE-SE

vende-se uma cidade colonial
frente para o mar
um sol de vieira
que já deu o que falar
uns bagos de jaca umas tradições
uns pés de açaí
uma dúzia e meia de palmeiras imperiais
um povo faceiro
que gosta de brisa
e um generoso chão
onde dorme a língua de Silvério dos Reis
na igreja de São João

CANÇÃO DO FRÁGIL

a Antônio Gonçalves Dias

chora meu filho
chora que a vida

é luta renhida
viver é chorar

a vida é combate
que os fortes abate
e os fracos e os frágeis
só pode exaltar

GINCANA

Eu já quis morrer famoso
tuberculoso e fogo
aos 24 anos de idade:
igualzinho a Castro Alves

Depois quis morrer airoso
— afogadinho ai de mim —
Gonçalves Dias pescado
no Baixio dos Atins

A sedução de cortar os pulsos
— réplica de Iessenin —
partiu-se-me o coração
mas enfim não tava a fim

Acenou-me então Quintana
com um fardão de Academia
Eureka! Foram-se os dedos
ficaram os anéis na pia

Agora aguardo na cama
o beijo da liberdade
Enquanto a morte não vem
transo com a eternidade

CANTO SÃO

O louco da Ponta d'Areia
tem um olhar cravejado de oceano
As pupilas parecem águas-marinhas

Que olhar bonito ele tem!

Tudo na vida vê Mas olha através e além
Mesmo quando fita o mundo
olha alguma coisa nobre que o mundo não tem

Que olhar puro ele tem!

O louco da Ponta d'Areia
tem um estranho olhar de alegria
igual ao olhar que a Mona Lisa não tem

Que olhar lúcido ele tem!

Só de inveja os enfermeiros da clínica
injetam-lhe éter na veia vestem-no camisa de força
pra tirar o brilho puro que seus olhos contêm

Que olhar triste ele tem!

LADIES



GENTLEMEN

1

Esse Aeroporto Internacional
do Tirirical
lavrado a ferro e fogo

pedra e cal
às vésperas do pipocar da nova era
já tem cara de sala de espera

Esse bicho de concreto e aço
deve pesar toneladas de argamassa
— com seus hangares terminais de bagagem aviões —
mas devem pesar mais na massa:
o tarifaço da saudade corações a perder de vista
acenos de mão e choro de artistas

2

Seguramente agora
as tortas de camarão
escoltadas com farinha d'água
não ficarão estragadas
mesmo indo pro Japão

Excesso de peso
em mulheres de contrapeso
pode apostar na fuselagem:
há dispensa de bagagem
e beijo na decolagem

Cachorro pato galinha
muriçoca jurará jumento
farão turismo especial:
e até uma linha de crédito
financiará o carnaval

Quando desembarcarão
os vigaristas de praxe
com sua lábia e sintaxe:
um projeto de açúcar
pra dessalgar nosso mar?

Um industrial de cipó
pra nos dar mais um nó?
uma atriz decadente
Maria Callas sem dente
com a caixa-preta carente?

Também exportaremos
nossas vinganças prediletas
óleo de rícino pra cínico/poetas
e tecnologia de destruição:
boi tapioca e sobradão

3

(Descontada alguma encarnação
em séculos passados
um dia na escadaria do avião
pensei ter aqui estado
em outra ocasião

Na minha infância pra inglês ver
a expressão *no smoking* a bordo
era sugestão pra traje esporte
e o esperto Washington Olivetto
ainda não tinha captado o texto

Titânica bravata:
nascia ali
a aversão de gravata
e por *karma* do desatino
o *king size* do destino)

4

A preocupação da aeronáutica
é com os urubus de carreira
e sequestros de *boeing* pro Piauí

exigindo de resgate
um bode e um jabuti

Mas o que desafia a (pa)ciência
é que com tanto bicho de pena
avião em uma seriema paetê pluma
e tanto ar na sacola
a cidade não decola

5

(Viajando na infância
num *Constellation*
da Panair do Brasil
tive a primeira decepção:
vi as casas velhas
jogadas às telhas
da cidade de São Sebastião
do Rio de Janeiro
Apaixonado por cartões-postais
que me transportavam ao paraíso
as paisagens cegaram-me
com os seus punhais

Descobri que o azar e a sorte
não são rivais
e o velho e o novo
morrem iguais

Então um menino chorão
emergiu do meu coração)

6

Esse Aeroporto Internacional
do Tirirical

já antevejo nesse final de milênio
aumentando a sua cota de estrogênio
E posso ouvir os sinos da marcha nupcial:
o *reggae* etceteraetal do homem de neanderthal

BANANEIRAS AO SOL

sex shop tropical
pênis *underground*
vulva de quintal

AIR BUS

1

Simpáticos e aristocráticos
populares e sorumbáticos
os urubus
são os apresentadores oficiais
de uma festa beneficente
para um público seletto:
restos
sobras
dejetos

Chegam seus comensais
(sem sais)
elegantes e viscerais
para o lauto almoço:
estalam os beijos
roem os ossos

hoje tem feijoada?
tem sim senhor
hoje tem marmelada?
tem sim senhor
hoje tem caviar com porrada?
tem sim senhor

(o mar cáspio
remeteu as caspas:
o caviar Beluga
está com rugas
verruga
no cardápio)

2

De fraque e cartola
sem pisar na bola
os urubus
vão desfiando o menu:
restos mortais de peru
fígado acebolado de anum
galinha de despacho
(vide a adúltera adulterada:
o carimbo da fiscalização
com data ultrapassada)

os urubus crocitam
os convidados bisam
a lata de lixo
é um luxo só

ó

desgosto:

ratos de esgoto
valseiam
sem colarem os rostos

3

Esposa a fotografia:
a festa transborda
de azia

os urubus
ponciopilatizam:
lavam as mãos na pia

no bico:
um olho de sogra
cheira a nostalgia

4

Êxito conquistado:
bela arrecadação de fundos
pro nosso lado mais imundo

DENTES AO SOL

não confie em poetas
paridos na ilha de saint louis
onde em cada sobrado
ronca um iluminado bardo
platão não os queria em sua república
trotski os desalojaria das sinucas
as musas os expulsariam das garupas
a glória do poeta

é a vergonha do homem
poetas são para emprestar o nome
a ruas praças e avenidas
e num dia cinzento
morrer de fome

JANELAS

há um homem coçando os colhões
mulher lavando o mar
roupas íntimas balançando ao luar
telefone tocando sem cessar
família drogada ao redor da tv
suicida pensando em voar
romance proibido no segundo andar
canário enlouquecido a cantar

FAST FOOD CHINÊS

castrar o poente
em seu próprio ninho
ferver o cliente
em óleo quentinho
comer com dois pauzinhos
apenas os colhõezinhos
jogar fora a tripa
a gatos e vizinhos
palitar os dentes
com pena de passarinho
e agradecer ao universo
meditando de pau durinho

A ATRIZ CONVIDADA

eternidade
tu me lerás
aos pósteros

como quem distribui
arco-íris
aos lepidópteros

BLACKPEACE

os urubus
são nossos condores
de estimação

de luto permanente
em protesto
contra a discriminação

LENDO BALZAC DE CABEÇA PRA BAIXO

os sobrados da rua da Palma
são corpos de mulheres bem apanhadas

algumas têm belas sacadas
outras as bundas arrebitadas

umas transam com ou sem seios
outras põem na conta: desconfiadas

mas são as mais assanhadas
que estão mais conservadas

NEVER-FOREVER
(pra Garota da rua da Estrela)

não me ame muito
não me ame muito mais
não me ame demais

ame-me um pouco
ame-me como um louco
mas ame-me muito pouco

o grande amor é pequeno
o grande amor é de menos
o grande amor é mais que menos

o desejo seja tiquinho
o beijo seja miudinho
e o carinho? mindinho

observe *love-love*:
dinossauros *never more*
gafanhotos *forever*

CORSO DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS

os fofões pulando
e os foliões pulsando
os foliões pulando
e a vida passando

Silvinho Rafaela
José Vasquez vovô Felício
os fofões pulando
e a vida passando

os foliões absortos
na lembrança dos jornais
e o cordão dos mortos
cada vez aumenta mais

A EDUCAÇÃO DA FARINHA D'ÁGUA

Lancei a tarrafa das transferências
sobre o plúmbeo mar das aparências
e fisquei o peixe seco da ilusão
nadando na onda cinza em contramão

Eis que recolho os arpões das projeções
e entrego-os sem iscas aos tubarões
E agora igual a Jonas — aqui estou
no ventre da vida fígado vou

Rezado o pai-nosso e a salve-rainha
descontada a pimenta e a tainha

a vida espetou-me a sua espinha:
mas a dor como-a mesmo é com farinha

PARÁBOLA DOS TALENTOS

Vida perdoa-me a falta de retórica
e o recado que não foi dado
Só fui profeta em minha terra
e ainda assim fui crucificado

TESTAMENTO COM FIRMA RECONHECIDA

eu luís augusto cassas
poeta plebeu e fidalgo
cabra pai-d'égua &
barão da baixa da égua
deixo aos meus pósteros
& aos membros desse dissídio
minha herança de leucócitos
(incluindo os triglicerídeos
& os lipídios)
a caneta seca
o pó dos sapatos &
a coleção pessoal
de ossos

**O *SHOPPING* DE DEUS
& A ALMA DO NEGÓCIO
POEMOSSAURUS REX
(1998)**

“A conjugação de Deus e o Mundo, esses dois astros,
acaba de realizar-se no céu de minha alma.”

TEILHARD DE CHARDIN

“Se meus demônios me deixassem, temo que meus
anjos também fugissem.”

Rainer Maria Rilke

“Investigai, reuni o que é disperso
e solveis o enigma do Universo.”

Goethe

“Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do Mundo,
tende piedade de nós.”

Ladainha do Sagrado Coração de Jesus

“O espírito é a matéria,
a matéria é o espírito.”

Sutra Budista

“Deus amou tanto o Mundo que mandou seu Filho
para salvá-lo.”

Evangelho de São João

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Vim do ventre do nada
pra dar voz ao todo:
encher o vazio
esvaziar o cheio
ligar o céu à terra
e unir a sabedoria de Deus
à sabedoria do Mundo

Meu nome não é Raimundo

ANÔNIMO HOMÔNIMO

Sou a legião de heterônimos
de um ilustre nome anônimo
Usei tantas máscaras
que não sei mais o rosto
Meu pseudônimo é agosto

MATRIMÔNIO DOS OPOSTOS

sou um caso multifário
em edição extraordinária
solitário na multidão
multidão no solitário
unomultidão
multissolitário
my name
is vários

NO AVIÃO PRA DAMASCO

Meu rosário é de pedras
o epistolário é vário
Minha alma é um lago
os milagres são dardos
Curo as chagas do mundo
com o unguento dos salmos
Meu apostolado é fogo
mas não me chamem Saulo

POETA EM ROTAÇÃO

escrevo & desespero
com a mente & o coração:
meu nome (não) é legião

LEI DE NÊUTRON

eu já fui o primogênito
de Próton e Elétron:
não me chamem Newton

eu sou o unigênito
número tatuado no pulso:
chamem-me avulso

ENTRE DOIS AMORES (1)

A fé e a razão
Deus e o Mundo
são os animais sagrados
do meu antigo escudo

Já não me incomoda
a estranha algazarra:
se um mostra as garras
o outro não se assanha

Meu lado ortodoxo
é tão heterodoxo
como é paradoxal
meu bem e meu mal

Mas não lancem dúvidas
sobre a divisão
Só um senhor dirige-me:
o meu coração

ENTRE DOIS AMORES (2)

1

Tenho dois amores:
Deus e o Mundo

Um é amor cigano
Outro é amor profano

Um me toca a fundo
Outro me toca o pano

2

Deus e o Mundo
não é nenhum carnaval

Deus e o Mundo
é o batismo do bem sobre o mal

Deus e o Mundo
é a fusão do ideal e do real

3

Deus e o Mundo
não é nenhuma ilusão

Deus e o Mundo
é a união da fé e da razão

Deus e o Mundo
é amar o céu de pé no chão

4

Deus e o Mundo
é a ponte sobre o abismo

Deus e o Mundo
é o verdadeiro paraíso

Deus e o Mundo
é o nosso maior surrealismo

CREDO

Creio na fé e na razão
acima de todas as coisas
mas não sou super-homem

Creio no mundo
e na riqueza dos elementos
mas não sou nenhum físico
Creio na verdade e na justiça
mas não me tornei sábio

Creio nos pontos cardeais
mas não crucifiquei
o meu destino

Creio nas mulheres
e na unção da natureza
mas não sou hedonista

Creio no recolhimento
e na solidão
mas não sou asceta

Creio na beleza
e em sua incandescência
mas isso não me faz poeta

LITANIA DOS OPOSTOS

1

cuidado com o cão

cristo é a salvação

2
a.C.
antes

o
Cão

d.C.
depois
o
Cristão

3
Ofertório
da
Reconciliação:
um dia
o Cão
será Cristão

O GUESA ERRADO

Sou um poeta em extinção
desses que leem Rimbaud
de *smoking* & cuecas
& desce aos infernos
com olhos violeta
pra jogar um xadrez com os mortos

Náusea de poetas pasteurizados:
minha geração degenerou-se
mascando chicletes de alumínio

& tocando sax pra Mona Lisa
enquanto o gozo de gasolina
escorria do sexo das estrelas

Mas Deus revelou-me a Poesia
A Louca com vela nos cabelos
pra compensar o confisco
da loucura expurgada
e pagar o sal da herança
em homeo-doses de azul

Comemoro bodas de angústia
Aniversario apagando
luas no telhado
Pai eu venci o Mundo!
As balas dos canhões
não matam nem as minhas dores

Ó futuro: cinema surreal
tridimensional e real
Renuncio a ser maldito
Solidão e plenilúneo
eis as marcas do esquite
cicatriz que vai ocorrer

ODE À SÍNTESE

Meu nome é síntese
Vim pra que nada se perca
e tudo seja salvo:
a direita e a esquerda
o rigor e a misericórdia

Não sou contra ninguém
mas a favor de todos:
Deus e o Mundo
Vim pra salvar os injustos
perdoar aos inimigos
e juntar os opostos:
o feijão e o sonho
O paradoxo é a essência
da minha vidência
Escrevo torto
por linhas certas
mas salvo a todos
inclusive os mortos
Se alguém disser
que é a favor do espírito
mas é contra a matéria
não me compreendeu:
quem não está comigo
não está nem consigo

Pra equilibrar polaridades
aos sem-terra dou o céu
aos sem-céu dou a terra:
mas isso é só o começo
depois haverá o desfecho
Meu nome é síntese
Em meus lábios digo sim!
à tese e à antítese
(Vossa doença curou-vos:
ide em paz;
não pequeis mais
contra a unidade)
Chamam-me de união amor paz
Outros: caminho verdade vida

Não sou contra ninguém
mas a favor de tudo:
Deus e o Mundo
Vim pra redimir os injustos
perdoar aos inimigos
e realizar os opostos:
o feijão e o sonho

CONFISSÕES

Minha luxúria
é minha castidade
meu orgulho
é minha humildade
Enquanto Agostinho
fazia filhos na neve
eu Augustinho
faço filhos na nuvem

POÉTICA

Minha mão direita
escreve poemas:
minha mão esquerda
só faz observar
Às vezes a esquerda
recolhe vestígios
arco-íris de ideias
restos de nuvens

e traz pra direita
Afora isso é apenas
a minha mão esquerda

A minha mão direita
é terrível e implacável:

sempre oferece

o outro lado

A mão direita

é a do coração

a mão esquerda

é a da razão

Uma é a mão armada

Outra a mão

amada

A esquerda não sabe

o que faz a direita

e nisso consiste

minha vida e poesia

TORRE DE BABEL

1

A dança dos opostos

é o *rock* dos deserdados

A valsa das polaridades

é o *reggae* dos fracassados

Se o fogo

fosse o caminho certo

o sol já teria

incendiado o mundo

Se a água
fosse a via correta
uma inundação teria
naufragado o planeta

A paixão é água?
O amor é fogo?
A loucura é fogo?
A serenidade é água?
O coração é fogo?
A mente é água?
O *yuppie* é fogo?
O *hippie* é água?
O espírito é fogo?
A matéria é água?
A misericórdia é fogo?
O rigor é água?
A esquerda é fogo?
A direita é água?

2

Fogo
somente
só
é Água

Água
somente
só
é Fogo

(Assim
como
o *Yin*

só
é *In*
&
o *Yang*
só
é *out*)

Todo caminho
é fogo
todo caminho
é água
mas o verdadeiro caminho
é fogo
e água

A verdadeira dança
dois pra lá
dois pra cá

portanto
Tales de Mileto
&
Heráclito de Éfeso
estão
parcialmente certos
e relativamente errados

3
Fogo e água
separados
são
nada

Fogo e água
irmanados
são tudo

Tudo = Mundo
Eis a moeda
de duas faces
que a vida
tem nas mãos

Amigo
na juventude
segue a via do fogo
na maturidade
segue a via da água
(*depurata consolata*)

Viverás
dias de perdiz:
continuarás
aprendiz

a verdadeira via
não é nicarágua
não é aconcágua
é fogágua

4

À imagem do fogo
&
à semelhança
da água

cruza duas vezes
o fio da navalha

&
segue tranquilo
o curso do rio
(ouro
&
prata
te serão
acrescentados)

ó raio
da imanência
ó piscina
da transcendência

ó equilíbrio dos opostos:
mistérios gloriosos!

5
Em nome
do fogo
em nome
da água
em nome
de fogágua

mundo:
a teus pés
deposito
o *script*
&
o *post-*
scriptum!

EXAME DE FUNDO DE OLHO

No fundo Mundo
não estás mal de todo
Alguma escuridão
por contaminação
Faz grande bem
a ti também:
dá umas férias
à tua miséria
(bactérias & bactérias
antigas histórias)
Quando o olho
está todo bom
a saúde do todo
é um vero dom
Mas o que mais preciso
é que estejas vivo

RÉGUA DE DESENHO

Visto do chão
o Edifício Richard Wagner
é um grande pênis de concreto
de 200 metros de comprimento
querendo transar com o céu

Visto do avião
o Edifício Richard Wagner
é uma pequena tripa azul-iluminada
sofrendo complexo de infantilismo
fazendo cócegas na imensidão do céu

Proporcional é a vida
em escala infinitesimal
(disso sabem os aviões de carreira
derrubados por urubus)
quando respiram fundo: vupt
não estão mais no mundo

ESTRELA DE SALOMÃO

Triângulo de fogo
triângulo de água:
que novo conúbio
reúnes em tua casa?

Triângulo do espírito
triângulo da matéria:
cristalizas o sutil
tornas a terra etérea?

Triângulo do Pai
triângulo da Mãe:
Pai-Filho-Espírito Santo
Mãe-Alma-Filha também!

Passageiro da providência
hóspede do arbítrio-menino
celebro a paz entre os sócios
e liberto em mim o destino!

CONJUGAÇÃO DO MÚLTIPLO

Somos feitos de nós

Nós na garganta

Nós no peito

Nós nas tripas

Múltiplos nós

Todos os nós

Todos nós

Nós todos

LITANIAS DE JESUS, O CRISTO, FILHO DE DEUS E DO MUNDO

Eu sou a cópia

tu és o original

Eu sou o teu filho

e também o teu pai

Tu me carregas nove meses no ventre

eu sou a tua ama de leite

Eu sou o teu ômega

e desde o início tu és o meu fim

Eu sou a cólera do leão dourado

tu és o meu menino de praga

Tu és a minha estrela da manhã

eu sou o teu oráculo predileto

O Espírito do Mundo baixa sobre ti

O Espírito de Deus repousa sobre mim

Eu sou a bomba de hidrogênio

tu és o cavaleiro do apocalipse

Eu sou do tronco de Jessé
tu és a flor de Nazaré
Eu estou em constante mutação
e tu evoluis em mim até a eternidade
Tu estás em onisciente revelação
e eu sou o braço a exercitar tua vontade
Eu sou a palavra perdida
tu és o selo dos poetas
Tu és o primogênito de Miriam
eu sou o varão de Maria
Tu clamas por mim no deserto
te chamo nas noites frias
Eu sou o enxofre que mata
tu és o mercúrio que salva
Quem sou? A ressurreição e a vida
Quem és? Sou eu não temais
Se queres alcançar a vida eterna
toma tua cruz e anuncia a minha fé:
Nosso reino Pai é nesse mundo!

ONTOLOGIA POÉTICA

1

O mítico é contraparente do místico
nos mistérios da razão
No chá ou no café
aparentemente quente
o filósofo é um místico sem fé
de plantão

Separar Sofia de Maria
(épcas évoras)

convenhamos
foi essencial à ontologia

Superar essas idiosincrasias
(agora na ágora)
eis os arcanos
da nova alquimia

Eis a operação
em execução:
a poesia em sintonia
unindo a postos os opostos
revela a pós-utopia:
Maria Sofia

Então
verdadeira-mente
o ser-doente
será o ser-do-ente
e o ente-do-ser
onto-poematicamente
tornará
a ente-ser

2

Do crístico ao anticrístico
retiro o apócrifo maldito:
essência precede existência?
existência desrevela ausência?
nunca o místico e o mítico
foram tão mistos

Pneuma é mulher de pneu?
Ateu é aderente de céu?

Na afinidade do ponto Zeus
tudo é *blue* e breu — teu e créu —
meu e de Deus

Toda antologia
pressupõe uma
ontologia
litânica sinfonia
direito de ir e vir
(devir)

duplas flores
de transferência:
essência
& aparência
na veia
da via

Vide
Vida

EVANGELHO ONTOLÓGICO

equação
mais antiga
que os pirineus:

como conciliar
o deus do mundo
e o mundo de deus?

só dissolvendo
o eu do mundo
no mundo do céu

A MARCA DO HUMANO

*josé,
onde estão tuas mãos
que eu enchi de estrelas?
— estão aqui, nesse balde
de juçara e sofrimentos*

José Sarney

No dia do Juízo Final as 144 mil almas do Apocalipse de
São João serão recebidas em audiência especial por
Deus que depois receberá os excluídos
— Pronto Senhor!
— Por que essa alma tão suja de vicissitudes depois
de tanto sofrimento para salvá-la?
— Verdade Senhor Tive o influxo de vossa graça:
muito sofrimento para resgatá-la
mas infelizmente não deu
— Por que então o excesso de nódoa e precariedade?
— Misericórdia Fiz o melhor que pude
o sofrimento foi bem-vindo
mas muita sujeira restou
— Que sinal é esse à altura do coração?
— É uma cicatriz antiga nem sei a origem
Chamam-na a marca do humano

MISTÉRIOS GLOSOSOS

ressuscito há milênios
o mistério da trindade
morro faz séculos

a angústia da dualidade
respiro por um segundo
a poeira da unidade

ó multissabedoria
7 cores do arco-íris
da analogia:
clark kent *in concert*
prepara o tênis quântico
para o retorno kântico

ó teologia
academia do bendito
ó filosofia
harmonia do conflito
ó poesia
desastre do granito

SECOS E MOLHADOS

A Teologia mata o Amor
Cria categorias mistérios dominações
O amor foge e não se resolve:
amor divino amor filial
amor ágape amor carnaval
O primeiro ato do amor
é esquecer o ato de amar
e desterrar os gurus os santos
enterrar os compêndios de compaixão
e os cursos de correspondência da paixão
E amar amar amar amar amar
até jamais enjoar

Amar não pra ser amado pelo amor
amar não em nome do amor
amar não com as regras do amor
mas unicamente por amor
Só existe amor
quando existe compromisso
de não amar
Só existe o amar
quando se carrega dentro
o mar

EPÍSTOLA AOS TOLOS

Não quero mais o amor cartesiano
que divide o ser em corpo e alma:
que elogia as pernas e a *finesse*
mas critica o recato e o idealismo
Quero o amor universal
que seja sexo e transcendência
prazer e Deus morte e renascimento
e nenhum tratado ou encíclica
reclame o território conquistado
Não quero mais o amor
que mata a cobra
mas esconde o pau
Quero o amor que seja
cara e coração
Mostrem-me com urgência
onde começa o corpo e termina a alma
Procurem pacientemente
em que bolso escondem-se o amor e a fúria

Não quero mais o amor cartesiano
descartiano descartável
até porque Descartes — pois pois —
nunca foi dois mas somente um

Quero o amor que seja apenas amor
e não simulacro de amor
e que seja absolutamente puro pleno e ridículo
como o céu invadido por casal de passarinhos

ANIMA MUNDI

Sinos não signos
campanha acordando deuses
para a procissão dos homens

Signos não sinos
alfinetes espetando consciências
no espetáculo da redenção do mundo

EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (1)

São Paulo Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino
fizeram-me muito mal a vida inteira
com promessa de uma vida melhor no céu
Vendi meu ouro
e não achei o tesouro
Doei o coração
e perdi a razão

Assumi a fé
e fiquei a pé
São Paulo Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino
eu perdoe vocês de todo o mal que me fizeram:
a mim e a toda a humanidade!

EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (2)

A perfeição é a sexta chaga de Cristo
Aquele que escondeu aos homens e às criancinhas
pra que eles não a achando se encontrassem

EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (3)

1

O homem é o ego de Deus
Deus é a consciência do homem

2

Dizer que Deus é onipotente é levantar falso testemunho
contra o Pai Deus precisa do amor dos seus filhos
pra sentir-se total em sua plenitude divinal

3

Só o amor de seus filhos é que lhe concede onipotência
Deus não se basta a si mesmo Ele basta-se em nós mesmos
assim como nós n'Ele nos bastamos para melhor sermos

4

A sua grandeza é dada ao homem para que nele se complete

5

O resto é imitação de místico
que não estava lá

6

Louvado o Palmeiras
o Flamengo e o São Paulo
Mysterium profundum:
sem a bola
nada seríamos

EPÍSTOLA AO CORINTHIANS (4)

A misericórdia
é o preservativo
de Deus

Guarda-chuva gigante
usa-o nas relações com os homens
para protegê-los da fúria excessiva
do seu amor

EPISTOLA AO CORINTHIANS (5)

Anjos de guarda da terra escutai
Do céu ouvi anjos leões-de-chácara:
O verdadeiro sentido da graça
nunca foi bem interpretado

Deus não me escolheu
mas eu me escolhi para ele
A vida não me elegeu
mas eu me elegi para ela

Os últimos serão os primeiros?
Não temo de cair em desgraça
E lutarei contra ele pra ser amado
vencendo-o numa queda de braço

CALDO BEM TEMPERADO

eis a ceia do mundo:
uma parte de deus
outra parte do quiabo
duas porções do maxixe
três pedaços do rabo
1 pé de espinafre
1 pitada de enxofre
suave mistura
diet e impostura
cuspe na massa
eis a argamassa
cru ou no caldeirão
com azeite ou limão
(ou então se aferventa
com muita pimenta)
como temperá-lo?
ternura e alho
como redimi-lo?
amor e tomilho
o tímido alface
apresenta a outra face

guerrilheiro-gourmet
de um picante *bouquet*
eis uma grátis amostra
de lagartos e cobras:

boca à obra!

ODE À ESTEIRA ELÉTRICA

máquina em que piloto
sonhos da juventude
massa muscular de Apolo
pra manutenção do poema
no painel multicolorido
voo por calor & calorias:
visões esbeltas de Édipo
coração desmanchando na camisa
Narciso de vidas passadas
retorno ao selo de Ícaro
a mente eletrônica
viajando como *shopping*
o chuveiro no corpo
a pressão sanguínea
o rubor do prazer
a fúria da adrenalina
anti-Esopo século
de fábulas de isopor
aeroporto delectado
condor em eterna viagem
(depositem-lhe flores
aos pés do aço)
a esteira elétrica
é o monumento da (f)era

DAS INDAGAÇÕES DO SER (O Pseudo-Luís)

o nome que nomeia o Eu
não é o nome
do verdadeiro Eu
não é o sobrenome
do autêntico Eu
não é o pronome
do Eu

é o nome
do Pseudo-Eu
é o heterônimo
do anônimo Eu
é o paradoxo
do Eu
mas nunca
o verdadeiro Eu

pois se o Eu
é nomeado
o próprio Eu
está encerrado
o mundo
está acabado
e tudo
está desvelado

pois se o Eu
nomeia o todo
coabita-lhe
uma face-nada
então
há um cheio

feito de luto
e um vazio
absoluto

ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO

A endorfina é a graça de Deus
circulando no corpo do atleta:
via-sacra da pura energia
o milagre fez nascer asa
onde posava músculo
Quem sou de onde vim pra onde vou?
são temas nietzschianos
leitura do intervalo
Os ferros cantam
a pré-história da ferrugem
que os corpos oxidarão
em outubros póstumos
Bem-aventurados os fracos
e todos os tatuados!
Super-homem de férias
respira por aí
Artilharia da respiração
ó atleta teu jejum é tédio
tua fome é adrenalina
Não mais escravos
remoendo mágoas
em galés romanas
mas heróis da proteína
e carboidrato a postos
remando em ferro
contra as marés do ódio

Odisseia de fauno
— a massa muscular
sob os halteres —
suportaria o peso
da dor da humanidade?
Os ferros cantam
a pré-história da ferrugem
que os corpos oxidarão
em outubros póstumos
Flores de carne
eis as belas e as feras
estátuas moldadas nuas
na perfeição do cimento humano
Museu do Suor
vitrine dos eleitos!
Cansado — o crucificado
pinga suor e esperança

Melancólico o ferro
chora o *stress* do crepúsculo
Os alquimistas lunares
não temem a matéria
Com o martelo de pedra
antes a desafiam: “*Parla!*”
Não os critiqueis
Eles sabem o que fazem

A ALMA DO NEGÓCIO

o dinheiro é um deus terrível
que gosta de ser adorado face a face
e paga à vista o seu milagre

condecorando os vivo\$ com moeda\$ na língua
pra ab\$olvê-lo\$ da ferrugem do \$ol do\$ mi\$erávei\$

quem penetra na arca de\$\$e deu\$
meditando \$obre \$ua\$ efígie\$ e cifrões\$
de\$cobre que a vida é moeda barata
e oferta o \$acrifício da alma fal\$ificada
pra rena\$çê-la banhada no ouro do\$ bandido\$

lutar contra esse deu\$ é ab\$urdo
renegá-lo ou dar-lhe a\$ co\$ta\$: anátema
ma\$ interná-lo num a\$ilo de louco\$
é re\$\$u\$citar do lucro a marca da criança
que ofertará flore\$ ao\$ fanta\$ma\$ da inocência

ele é a ovelha que foi perdida e reencontrada
good i\$ money god i\$ money
a ovelha que extraviou a todo\$ e foi extraviada
a ovelha que por todo\$ foi penitenciada
e agora clama e chama por todo\$ na e\$trada

CONFISSÃO DE DÍVIDA (A Semana do Mundo)

Sou um homem cheio
de quartas intenções

bicicleta pra mim
é consultório de borboletas

lagarta de fogo:
um trem descarrilhado

em segundas-feiras
me descubro sábado

às altas noites
cumpro as obrigações do dia

minha moeda nº 1:
o bolso vazio

ó minhas escrituras:
meus escritores!

única hipoteca
essa cueca!

estou absolutamente fracassado
com o êxito conquistado

durmo com Deus
e acordo fiado

sou uma manhã de domingo
com cara de terça-feira

devo e não ego
mas só pagarei quando não puder

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Eu me declaro culpado
por ter usurpado
o segredo dos anjos

e ter comido a fruta
que os olhos pediram
e os lábios desejaram

Eu me declaro culpado
por ter roubado a bula
da árvore do conhecimento
mas assumo as perdas e danos
por ter violado
o aéreo espaço da verdade

Não fabriquem testemunhas
Não culpem terceiros
Não intercedam
Era uma questão
de honra
Era uma questão
de ser
Era uma questão
de conhecer
Tava tudo
muito *blue*
Tava tudo
muito comportado
Tava tudo
muito sagrado

Eu me declaro culpado
de ser o coautor
dessa façanha
que se chama Mundo

Mas aviso aos interessados:
a vida não é cheque em branco
não é promissória vencida
nem pagamento combinado

A vida é valor a ser resgatado
Mas saibam que ninguém escapa
ao troco da culpa e do pecado
Anjinhos muito obrigado

ATEMPORAL

Minha cara
somos instantâneos
e tridimensionais
não se iluda
Vivemos simultâneos
no passado-presente-futuro
em momentos iguais
e Deus nos acuda

A BONECA DAS ESTRELAS

Barbie vai às compras
Vitrine ambulante
a céu aberto
O olhar azul
na face de porcelana
Nenhuma boneca
da Estrela
é tão bela

Barbie vai às compras
O azul do olhar
tem garantia do céu

As estrelas
são batedoras
abrindo paisagens
Nenhuma boneca
é tão bela

Barbie vai às compras
mas depara-se com um dilema:
o olhar azul
de uma boneca
Qual das duas?
uma é a mais bela

Barbie vai às compras
O olhar azul
da boneca da Estrela
Vitrine ambulante
na face de porcelana
De todas as estrelas
é a mais bela

CORAÇÃO *IN CONCERT*

Coração
quantas vezes bateste hoje?
quantos milhões de vezes
baterás amanhã?

Bate nas cataratas e assembleias
Bate no *cooper* e nos hospitais
Bate como um grande tambor
dando a cadência do ser

Bate como uma grande bomba-distribuidora
irrigando os seus afluentes

Teu lugar não é recolhido à solidão:
relógio jarro peça de museu
Teu lugar é no mundo:
O ruído atômico-romântico da vida
explodindo como máquina coletiva

Tua iniciação
é a multidão
Tua oração
a cooperação
Tua meditação
é no peito da vida

Teu segredo é estar ligado a tudo
Teu poder é purificar o fundo
Bate cor
ação!

**A ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA
NA
INFLUÊNCIA DA ANGÚSTIA**

a Harold Bloom

1
meus precursores
são agora meus sucessores

salomão goethe blake
comeram do meu banquete
e adoraram o peixe

no meu estabelecimento poético
atuam na carteira de crédito:

vestidos de quepe
limpam o tapete
(molhados e secos
recados e bilhetes)

no olhar noético o brilho fixo
da poética do holístico

(ainda há outros estafetas-poetas
que comem do meu pirão
e apanham do meu cinturão
mas estes insatisfeitos-feitos
despetalados parvos-padroeiros
já receberam a lição em cheio)

2

meus precursores
são agora meus colaboradores
salomão goethe blake
associaram-se ao meu sorvete
e bisaram o chiclete

tradição: por que dizer não
se a repetição da estilística
é a estilística da repetição?

gaia ciência:
a influência da angústia
é a angústia da influência

no olhar chagal
a herança da casa comercial:

ideias — selos &
palavras — atropelos
(palíndromos
&
palimpsestos)

atiradores de elite
imitam o poema ao pombo
com o olho atrás do ombro

(ainda há outros mais
autores menos citados
de outros poemas natais

mas a estes pássaros sem aliche
que a lembrança-tema atesta
deixai-os dormir a sesta)

3

quem diria:
poesia!

meus precursores
salomão goethe blake

são agora oficiais patrocinadores
do meu falsete
(e portanto estão
no bolso do colete)

herdeiros de textos panfletos pã-textos
imitam em coro/só/ou ladainha
a voz iconoclasta na cozinha:

“*ave* agosto
a angústia ficou pra tia
a influência virou vovozinha!”

O DIA DO PREJUÍZO FINAL

estação do pós-moderno:
o inferno iniciou
sua temporada de inverno

já o céu (verão)
ensimesmado dragão
está em liquidação

só o purgatório
ladrão do crediário
vende a alma em cartório

O TURISMO DE DEUS

minha amiga de figa
maria celina moreira lima
leitora trânsfuga do eça
carrega na mala a sorte
só paga promessa
usando passaporte

assim foi a pádua
curar as espáduas

a n. sra. de fátima
implorar trégua à mágoa
em lourdes na frança
bronzou a esperança

peregrina em compostella
benzeu a sua estola
às portas de jerusalém
rezou pelo tucupi de belém
(alguns dizem que está no peru
pagando promessa por tatus)

minha amiga de figa
maria celina moreira lima
leitora trânsfuga do eça
carrega na mala a sorte
só paga promessa
usando passaporte

na frasqueira-algarves
acondiciona os milagres
em vidros de vinagre
sensalabin
nunca nem deus enfim
viu tanta fé assim

A PERFEITA IMPERFEIÇÃO

Por via das dúvidas
ou dúvidas da via
abandonei a senda
caí na rodovia

Tomar uma atitude
exige não atitude
Assim como a única regra
é não haver regras

Se eu tento à esquerda
resvalo pro outro lado:
portanto ao dirigir-me ao centro
corro acima nunca dentro

Um pouco de sereno na moleira
desnuda-me todos os véus
Renuncio a Deus e ao Mundo
e ganho lugar na terra e no céu

LADAINHA DO CIFRÃO

\$
ó cifrão
serpente arcaica
elevada na cruz
mitraica

\$
nos tabernáculos da moeda
o logotipo é o antídoto:
time is money
god is money

\$
ó cifra
decifra-me

\$
cobra
na
cria:
vejam
como

a
\$
\$
o
b
i
a

\$
\$
\$

MULTIMÍDIA

Via gestalt
tao
ou internet

A vida aceito-a
tal
como ela *etti*

O DOGMA DO AZUL E BRANCO

Os especialistas
nunca entenderão
o multimistério
da Imaculada Conceição

Deter-se-ão na investigação microscópica
da membrana filosófica
Despacharão expedições a Nazaré
pra colher amostras de sangue
Estudarão o limão dos seios
e a meia-laranja dos quadris
Dissecarão (como flor de plástico)
o Amor e seus derivados

Depois escreverão
milhares de teses
(mais que as estrelas do céu)
demonstrando
ci-en-ti-fi-ca-men-te
que a fé veste
mas a ciência despe
e (portanto) a carne é fraca
e ovelha não jura pra capim

Um dedo apontará a lua
e mostrará a verdade nua:
alguns verão o dedo
outros a lua!

Enquanto isso toda frajola
vestida de azul e branco
arco-íris nos cabelos

sol e a lua sob os pés descalços
a Virgem leva seu menino ao parque
pra passear com os rinocerontes

PROCLAMAÇÃO DO FEMININO

antes do verbo
eu verba sou

MISTO-QUENTE

céu e inferno
juntos derretidos
verão inverno

A TERAPIA DAS BORBOLETAS

Se um dia perderes
o significado de tudo
— triste e confuso
nos mistérios de Deus e o Mundo —
observa as borboletas
no mistério de voar
Igual ao espírito que sopra
e ninguém sabe de onde vem
e pra onde vão borboletas

são arcos-íris ambulantes
breves traços no espaço:
o ninho é apenas breve pouso
em qualquer lugar
Borboletas não pensam
no espaço não sabem do tempo
Nem se preocupam em ser
só em estar
Borboletas são ondas
que nascem e renascem
desapegadas salgadas
em qualquer sol
em algum mar

Borboletas são sonhos
de fadas acordadas
Borboletas são?
Embaixatrizes da leveza
felizes sem nenhum motivo
em qualquer lugar

O ONTOPOEMA

o poema
é o ser
o poeta
a língua do ser
o mundo
as páginas do ser

jamais terás
outros temas
diante do ser-em-mim
pena a pena
transcorre o poema
no ser-sem-fim

ANTÍTESE INDIANA

O mundo não é Maya
O mundo não é Lilith
O mundo é Marta e Maria das Dores

ATOS DE PILATOS (1)

ó aramaico
meu inglês arcaico
meu sânscrito hebraico
meu ad-verbo barroco
cidadão de zeus e mundo
vem logo me libertar:
maranatha
maranatha
catamarã

maranatah!

ATOS DE PILATOS (2)

pôncio pilatos:
mãos de cócoras
no lava-pratos

pilatos pôncio:
cabeça sem fé
no lava-pés

ATOS DE PILATOS (3)

lavar as mãos é fácil
difícil é não lavar a alma
e tirar a mancha da esperança

ATOS DE PILATOS (4)

alquimia flamejante:
nero incendiando roma
pilatos lavando a lama

ATOS DE PILATOS (5)

se for para o bem da lux
e felicidade da gessy lever
diga ao povo que phebo

mas se a honra for do sol
e o patrocínio levar gelol
diga que uso eucalol

ATOS DE PILATOS (6)

efetivamente matar o judeu
foi prêmio de qualidade
com o troféu de seu sangue
penetro no reino da quantidade

ATOS DE PILATOS (7)

se ele é uma flor
que vai murchar
por que então os espinhos
não lhe vêm desabrochar?

ATOS DE PILATOS (8)

lançarei aos pósteros
a biografia não autorizada
de um rei sem reino
que herdou o nada

ATOS DE PILATOS (9)

pensando bem e a torto
até que tinha pinta de rei
rei morto rei posto
e agora cumpriu-se a lei

ATOS DE PILATOS (10)

agora que retorna à essência
cabelo cortado máquina zero
podia delgar a aparência
e ressuscitar mais moderno

ATOS DE PILATOS (Epílogo sobre o Mundo)

pôncio pilatos
rei dos incréus
bendita toalha
o corpo de deus

PÓS-BÍBLIA

nihilista cristão
cristão nihilista

new catechism
nihil christianism

DEGUSTAÇÃO DO OUTRO

o poeta mastiga o mundo
o mundo mastiga o poeta
Deus toma seu chá de camomila

FAST FOOD

A mesa era dura
com uma toalha macia
A mesa era cheia
de vida vazia
Não deshavia amor Mas a cor
multifrenética das iguarias
disfarçava o amargo da boca
igual a um *self-service* de ternura
Éramos infelizes e alegres
mas só pratos e talheres sabiam
Ó bois novos engordando
para o matadouro da fantasia!
Angústia e batatas fritas
Possessivos e passivos
seguíamos altivos e vergados
para o sacrifício da alegria

IL CAPO

o ódio foi meu anjo de guarda
nos atentados à fala:
silêncio à prova de bala

meu lado caim
não é tão ruim:
o papel é que é assim

utopia do amor profundo:
o verbo de Deus
na língua do mundo

CÓDIGO DO CONSUMIDOR

a.C.

d.C.

W.C.

MAÇÃ

musa silvestre
pequeno sol de supermercado
star em avant-première colhida

quem desejou teu globo terrestre
foi quem despiu o vestido vermelho
mordendo a polpa da vida

**PARÁBOLA DE PECADOR NA
MANICURE
EM SUA 99ª HORA**

Pecado pecado pecado
bíblia do mundo díximo do caos
ateias-me fogo à alma
tatuas-me o peito com o dragão
manchas de café o terno branco
enches de *chantilly* os horizontes
refinas-me o gosto pela vida
— mas és tu quem me tornas humano —
ó eterno defeito de fabricação!

Pecado pecado pecado
rosa do abismo bronzeador da noite
brasão de carne vitamina de multidão
qual o preço que pagas no pedágio
da mão dupla da culpa e redenção?
Ó risco na pele curto-circuito da alma
dupla-mãe do santo e escrachado
quem és que és senão chaga do humano
exposto no supermercado do sagrado?

Quando eu morrer doce companheiro
serás meu testamenteiro-escudeiro:
assina a libertação da tímida pureza
publica em costelas os cantos de amor

pixa nos becos os escárnios da dor
Debaixo da terra unhas gratas crescerão
como sequoias violetas piolhos de Jó
e empregarão as manicures deserddadas
pelo menos até a próxima eternidade!

CÂNON

Ó vós que estais
em vossos palacetes
banqueteados de poder
empáfia e arrogância
continuai a sorver
vossos licores!

Ó vós que conspirais
em vossos gabinetes
inchados de gordura
e colesterol dos justos
não vos impacientes:
aumentai as ofertas!

Ó vós que vos adornais
nos frigoríficos da beleza
para a liturgia do efêmero
e o compromisso inadiável
do fútil e do inútil
relaxai as faces!

Ó vós que orais
pela tragédia da vida
por mais prazer

pompa e circunstância:
continuai o rosário
nada há a temer!

Ó vós que escalais
a torre de babel
e preparais os tijolos
com o sangue do povo
vinde! há andares
a empreender!

Ó vós que praticais
indefinidamente
a gulosa ascese
do lobo e do escorpião:
velai a matéria!
bendizei a matéria!

Não vos atormenteis!
não vos desesperéis!
não antecipeis a dor!
na hora do chumbo
o Senhor virá
com sua cruz de pus

depositar-vos nos lábios
o beijo frio da morte
que vos livrará
das chagas do mundo
e limpará a sujeira
com lenços de espinhos!

Compreendereis então
que é necessário
que diminuais em paixão

para que possais caber
com o espírito do mundo
dentro do caixão!

O PÁSSARO MAQUILADO

a fisiculturista
é uma pássara mística
ávida de céu
sem peso nos tornozelos
a lei da gravidade
a atrai pra Deus

POEMÁRIO

Cadê os poetas surrealistas
que mijavam no céu de cócoras
e faziam sexo com a lua?

Cadê os políticos cubodadaístas
que tiravam serpentes das cartolas
e enganavam o povo com prestidigitação?

Cadê a mulher de sol
escondida no fim do arco-íris
que amanheceu caída na Marquês de Sapucaí?

Cadê os padres de fé racionalizada
que se armam da cruz como espada
pra ferir de morte os pecadores?

Cadê o homem de bigode de arame farpado
que enrolava cigarro de palha com os cílios
e soltava nuvens pelo nariz?

Cadê o farmacêutico hipocondríaco
que se drogava o ano inteiro
pra interpretar a bula da vida?

Cadê o executivo de riso de acrílico
que distribuía dinheiro como carinho roubado
pra depois chorar no quarto a sua culpa?

Cadê os espiritualistas do Himalaia
puros como a neve das montanhas azuis
e que temem o mundo como borboletas desterradas?

Cadê o passarinho que cantava óperas
a menina que engolia mágoas
o louco que era o único são da rua?

Onde está o lobo mau aposentado
a pureza verde das orquídeas azuis
os ratos que roíam o queijo da infância?

Ó tempos ó *mores*
ó queda da Bastilha
ó *hybris*
ó lepra da esperança
O rato roeu a roupa do rei de Roma
O rato roeu a vida
A vida roeu o rato

O gato comeu

INVOCAÇÃO DE JACK DANIEL'S NO REINO DO *FRANCHISING*

Pizza Hut
engordai o Senhor
Vinícola Aurora
embriagai o Senhor
Água de Cheiro
perfumai o Senhor
Mr. Cat
calçai o Senhor
Holliday In
hospedai o Senhor
Sorvetes Babuska
delíciai o Senhor
Móveis Hobjeto
descansai o Senhor
Dr. Sholl
desencravai o Senhor
Transbrasil
viajai no Senhor
Giorgio Armani
vesti o Senhor
NET e INTERNET
celebrai o Senhor

porque toma emulsão *scott*
o Senhor é forte
porque usa salsaparrilha
o Senhor produz maravilhas
porque usa produtos kibon
o Senhor é bom
porque toma todo dia toddy
com Ele ninguém pode

QUILÔMETRO ZERO

Estou absolutamente sereno
Já nem sei se adquiri a transcendência do sofrimento
ou o vício da dor

CONTROLE DE QUALIDADE

ar puro
só na McDonald's
e nos campos do Senhor

BRINDE NO BANQUETE DO MUNDO

Eis-me aqui Mundo
Sorvi a tua taça
até o fundo

Convoquei o Deus
e os deuses todos
ao néctar do todo

Louco serafim
derramei em mim
teu perfume chinfrim

Impregnei a ti
do meu amor barroco
sem estafilococos

Dá-me a obra final:
a transcendência
do açúcar e do sal

**TITANIC — BOULOGNE:
A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO
(1998)**

*a Martha
que me pediu uma história de amor*

*não creio na morte dos que amam
nem na vida dos que não amam*

Macedonio Fernández

TITANIC

Megatransatlântico de origem inglesa, de 260 metros de comprimento e 46.000 toneladas, que naufragou em 1912, com 2.228 passageiros, dos quais 1.500 morreram. Viajava com destino a New York.

BOULOGNE (VILLE DE BOULOGNE)

Pequeno veleiro comercial egresso do Havre, que naufragou no Baixo dos Atins, no Litoral Maranhense, em 1864, morrendo o poeta Antônio Gonçalves Dias. Viajava doente, de carona, retornando à terra natal. Todos os outros 12 tripulantes se salvaram.

TITANIC-BOULOGNE

Alegoria pós-moderna da tragédia romântica do naufrágio do amor do poeta Antônio Gonçalves Dias com Ana Amélia Vale, da pequena aristocracia maranhense. O poema emerge do inconsciente coletivo as controversas questões do destino e livre arbítrio no amor.

**CARTÃO
DE
EMBARQUE**

estamos em pleno mar:
loucas as ondas em revolta
vomitam o azul sem comportas
e no céu vão respingar

estamos em pleno mar:
netuno e vênus em veneno
roubam betacaroteno
e bombardeiam o Rh

estamos em pleno mar:
lento o Titanic-Boulogne
navega em suave *champagne*
como se ouvisse Mozart

estamos em pleno mar:
o poeta Gonçalves Dias
promete a Ana e às tias
amá-las acima do azar

estamos em pleno mar:
o dedo acessa os canais
choraste em frente ao amar?
cobarde: amor nunca mais!

estamos em pleno leitor:
o olhar procura o marco
mas o passageiro é o barco
do atlântico-motor

estamos em pleno livro:
brancas páginas verdes mares!
fantasia! içai os teares!
anunciai o *delivery!*

ladies and gentlemen insones
a viagem vai se iniciar:
se o amor vos consome
cuidado ao navegar!

mas não esqueçam a água
do inconsciente coletivo:
viver não é morrer de mágoa
favor: não afoguem o livro

AINDA UMA VEZ (Ó DEUS): ADEUS

1

antônio
gonçalves dias:
poeta da saudade

ana
amélia vale:
mulher de verdade

2

antônio & ana
ana & antônio
antoniamavam-se?

sra. de santana
& santo antônio
digladiavam-se?

3

antônio
gonçalves dias:
vida e poesia

ana
amélia vale dias:
nome de fantasia

4

tanta exigência:
d. lourença cortou na prensa
o destino com violência

namorada na morada
bem debaixo da sacada:
amor descascou a fachada

5

“— onde já se viu mulato
esposar a mão de branca
e deitar no mesmo quarto?

— inda por baixo é poeta:
quem vai garantir a sesta?
valei-me pôncio pilatos!”

6

ó sra. d. lourença
valia a pena ser sogra
do filho da negra vicência

aprenderia cuxá
& olho de sogra:
aulas de indulgência!

7

ana amélia vale:
valeu esposar outro comensal
cheio de açúcar & sal?

antônio gonçalves dias
eu te batizo sob o açoite:
antônio gonçalves noite!

8

vingança do episódio:
o azul fugiu do sódio
e partiu pra novo *imbroglio*

e o *reggae* crismou o altivo
mesclando ao branco-nativo
o seu açúcar mascavo

9

resta a um poeta em paupéria
ressuscitar essa novela
versão *new age* da estória

e no largo dos amores
procurar outra amélia
ou então maria da glória

AUTOPSIKOBIOGRAFIA

antônio gonçalves dias
poeta a 200 km por minuto
profeta da revolução ecológica
14 desastres existenciais
2 contas de mentiroso
faz aço virar plástico
ferro virar bagaço
alma vendida como sucata
pra pagar estragos
à indústria de navios
um amor colidiu com ele à tarde
coitado: virou ferragem

CARTÕES-POSTAIS (1)

pra Ana Amélia

§ Meu coração em larvas
foi museu

§ Hoje — lavrado —
é teu

CARTÕES-POSTAIS (2)

§ Teu corpo já foi templo
de algum anjo do Zohar

§ Hoje é o centro
do meu sistema solar

SPRAY VERMELHO EM MURO BRANCO

Eu sou o Logos
você o até logo
Eu sou o *dream*
você o *ice cream*
Eu sou Roma
você aroma
Eu sou o amor
você amora

CANÇÃO DOS LÁBIOS DE ANA AMÉLIA

Meu pai e minha mãe
são velocidade e música nas estradas
Meus irmãos e irmãs
os cobertores nas noites de frio
Sou uma morte ambulante:
guardai o selo do corpo

e protegi o laço dos lábios
senão vosso batom
mancha se tornará

A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO

vida seja feliz
seja feliz vida
mesmo que te arranquem
o cascão de ferida

seja feliz
alegre aprendiz
feliz seja
filial e matriz

é o que te cabe
na palma da vida
é o que te sabe
os dedos da lida

seja feliz
na comédia
seja feliz
na tragédia

vida seja feliz
mesmo infeliz na ida
saco de pancadas
na costa doída

feliz seja
por razão alguma
seja feliz
razão nenhuma

mesmo que te arranquem
o cascão de ferida
ainda que roubem
a felicidade perdida

vida seja feliz
feliz seja minha amiga
ainda que no peito
infeliz seja ainda

A CANÇÃO DE ANA AMÉLIA

toda vez que penso
eu te amo
é engano
mas quando não penso
do amor reclamo

cada vez que penso
eu sou
é quando não sou
mas quando não sou
é que me torno

porque quem diz
te amarei a vida inteira
é o vento afoito

o que é a eternidade?
cinco minutos

LEILÃO DE POETA

Quem dá um dólar furado
por um poeta bastardo
sem quatro costados?

Quem ou ninguém se habilita
a adotar um salafário
do amor estelionatário?

Quem doa perdoa e arremata
esse fino exemplar da raça
aristocrata vira-lata?

Qual tempo e avaliação
desse bardo a bordo:
vagabundo a estibordo?

Quantos reais ou ideais
valem as prendas estéticas
das veleidades domésticas?

Quem comprará a camisa
suja de batom e de brisa
desse príncipe de uma figa?

Vale o que diz cheira e pesa?
Vale o poema que reprisa?
Qual o preço sem barriga?

Quem dará o preço mínimo
pela carcaça do farsante
que de lábia é o mais fino?

Quem fincará uma estaca
no coração desse poeta
que de fúrias o amor exalta

e mesmo em extrema-unção
torpedeia a imaginação
de uma distante mulata?

Quem doa amor de ouro ou prata
àquele que à dor o coração ata
e de amor morre mas não mata?

FECHADO PRA BALANÇO
(Exame Cardiorromântico
do Coração do Poeta
aos 30 Anos)

— ora direis contar amores
certo perdeste o censo estelar
— e eu vos direi: o amor é mar
é tudo que não sei contar

**O POETA, O CHOPE &
O OLHAR DE NETUNO**

Que espera o homem
sentado no bar?

Bebendo tempera
as horas a desfiar
O lobisomem espera?
Fere-o o azul-pantera
Tulipas amarelas
florescem em suas heras
Cardumes de sede
rasgam-lhe a rede
Que encontro o peixe vivo
elegeu como motivo?
Sentado no bar
o homem espera o mar

PRIMEIROS CANTOS DE ANA AMÉLIA

ó belo antônio
que o pudor me racha
o teu puro amor
me agacha

ó belo antônio
pop-poesia
sou a tua índia
na aldeia vazia

ó belo antônio
poeta-palustre
a teus pés deponho
a alça ilustre

SEGUNDOS CANTOS DE ANA AMÉLIA

vamos passear de mãos dadas
pelo mundo meu amor
se com boca vai-se a roma
imagine com amor

atravessaremos a áustria
a bordo de nosso amor
dormiremos sob as estrelas
na linha do equador

europa França e bahia
cortaremos de vapor
e brindaremos à alegria
sob o sol forte do timor

sem lenço e sem documento
moinharemos na holanda
e almoçaremos o vento
na pizzaria em granada

quando chegarmos à inglaterra
no palácio da rainha
ofertaremos da terra
peixe pedra e farinha

e quando a aurora se for
do calor de nosso amor
iremos contritos ao papa
tomar a santa sopa

ÚLTIMOS CANTOS DE ANA AMÉLIA

enfim te revejo
antônio gonçalves dias
e morde-me o percevejo
da melancolia

o amor atômico
que em mim explodiu
foi tormento único
sabe-o Deus

indago agora atônita
por que o amor se apartou:
foi o ideal romântico
que te consumou?

sugiro-te desolada
tomar aulas com rimbaud
revolucionar a arcádia
nas artes do amor

então trocarias a compaixão
pela felicidade
e esgrimarias a paixão
contra a dor da saudade

O POÇO

Ai morro de sede
entre quatro paredes

Tua boca de balde
lança-me o balde

Tolo algodão doce
os lábios selou-te

De tristura afundo
estéril profundo

Concede-me amorzinho
goles de carinho

gotas de teu vinho
beijos de sapinho

Serei água-viva
tua doce saliva

FUNK DE D. LOURENÇA

gosto de samba
de partido alto
o amor é bamba
sobre o sapato

juca pirama
é juca-mulato
fã de *reggae* & rumba
partido baixo

CANTIGA DE RODA E DOR

na rua de santana
orava ana
morava ana amélia
camélia do amor

na rua de santana
namorava ana
amava ana amélia
rapariga em flor

na rua de santana
santa ana vela
ana amélia vale
a santa quebrou

na rua de santana
ana não vale amélia
santa ana leviana
o vento levou

BILHETE DESESPERADO ÀS MUSAS

vem poesia
estropia-me
penetra-me
tua adaga fria
vai até o fundo
da tua via
penetra-me o mundo
da nostalgia

vem poesia
aniquila-me
rasga-me a vida vazia
arranca a cria
dessa agonia
que dorme no peito
da melancolia

vem poesia
pó & azia
pó e alegria
pró-fantasia
arrebenta-me
de pancadaria
antes que nasça morto
o aborto da alegria

eu não sou
marco antônio
antes antônio
gonçalves dias
o que o amor rompeu
a camada de ozônio
e morreu de sonho
na praia da guia

NEURÔNIOS DA LEMBRANÇA (O Quebra-Cabeça da Memória)

estou tentando compor
o olhar de célia
a perna de valéria

o nariz de ofélia
o perfume de bromélia

(em cismar sozinho à noite
mais prazer encontro nela
a lembrança é um chicote
que traz do céu a estrela)

estou tentando recompor
o açúcar de ana amélia
o sal de ana amélia
o gel de ana amélia
o sol de ana amélia

(o nosso amor tem primores
que só o cinema revela
na cozinha dos sabores:
ana cravo e canela)

agora como recompor
o não beijo de ana amélia?
as não cartas de ana amélia?
as não flores de ana amélia?
o não sexo de ana amélia?

(não permita Deus que eu morra
sem que lhe adentre a janela
e colha do vestido seu
a flor que reside nela)

enquanto triste componho
cenas do filme bisonho
o fantasma do meu sonho
desenha o seu coração
na palma da minha mão

UM TRISTE TIGRE

Amor — vera fera
bela primavera
Não me foi concedido o mortal tiro
que convertesse a pele em tapete
Mas fui recompensado duplamente:
paixões e arranhões no peito
e milagrosas vagas pra veículos
nos estacionamentos das calçadas
Felino insaciável morde os lábios quentes
com a buzina *in concert* saúdo a vida
e abafo o rugido do coração

BIBLIOTECA DE LISBOA

viajei todas as histórias
percorri todos os mares
devastei os horizontes

bárbaro em alexandria
salvei do fogo a sabedoria
na memória de velhos cupins

expulso em ítaca retornei
com meu exemplar de “ulisses”
devidamente autografado

trópico de capricórnio:
zeus plexus e sexus
foram meus companheiros de viagem

meu crime e castigo
é ser eterno quixote
num mundo sem afinidades eletivas

mil e uma noites de experiência:
dante refiz-me em selvas de milton
pra reencontrar o paraíso perdido

museu de vícios: incluídos
os mimeografados as páginas amarelas
as edições piratas e bulas de remédios

exemplar de colecionadores:
incansável salteador das estrelas
mas com alergia a poeira

autobiografia reinventada
no roubo de milhão de personagens:
guloso mas com jejum à psicanálise

devorador de roteiros de amor:
othelo romeu orfeu pierrô
só o meu pobre enredo não me conquistou

CONVERSA DE FEIRA
ENTRE O DESTINO E O LIVRE-ARBÍTRIO
SOBRE A SINA DO POETA

ou

UM LANCE DE DEDOS
NUM JOGO DE DARDOS

livre-arbítrio

— Poetas roubam aos deuses
o fogo da criação:
como os livrar dos reveses
que o céu impõe a sanção?

destino

— Quem palavras articula
no mar de santa besteira
invoca padroeira — a esdrúxula —
afunda a verdade inteira

livre-arbítrio

— Campeão do jogo da vida
és recordista-ladino
Mercúrio rege a partida
Exibo escore franzino

destino

— Põe logo as cartas na mesa
Oráculo — ouve o tarô —
A Torre precedeu ao Sol
Poderia vencer o amor?

livre-arbítrio

— Farsante! Quem arma o jogo
e assina a luz e o roteiro?
A teus pés prostro-me e rogo:
dá outro fim ao guerreiro!

destino

— Inda tua súplica ouvisse
seria idêntico o veredicto
Inútil consultar os deuses
Saturno é da dor adicto

livre-arbítrio

— Não poderias reencarná-lo
em romântica travessia?
Farias o amor reencontrá-lo
ao amor que dele fluía!

destino

— Derrotou-se o teu aedo!
Cartas à mãe de Ana leste-as?
Triste Netuno escreveu-as!
Expôs o insucesso: não o êxito!

livre-arbítrio

— Sorte pobre e sina adversa
extraviaram-lhe a estima
Medo de ser posto à prova
só não consumiu-lhe a rima

destino

— Fosse ao psicanalista
fotografar-lhe as dores

Procurasse especialista
lhe saneasse os rancores

livre-arbítrio

— Se a vida é intenso combate
que aos fortes faz exaltar
elegeu seu próprio mote
pra dura vida cantar!

destino

— Romântico és livre-arbítrio
Da história esqueces Romeu
Ana Amélia — doce espírito —
a seu par sobreviveu

livre-arbítrio

— Mal de amor maior não há
que sobreviver ao amado
inda que frágil suor
a outro tenha entregado

destino

— No tribunal da consciência
reinou duplex a anarquia:
Optasse: lar ou ciência!
Ana Amélia ou a poesia!

livre-arbítrio

— Rei dos fatos e artefatos
ressuscitas Azaveros
Tudo invertes: vive Tânatos
em tua insânia morre Eros

destino

— Campeão da demagogia
canta dor de galinheiro
Quem é o dragão da maldade?
Acaso és santo guerreiro?

livre-arbítrio

— Piedoso e ilustre Senhor
relaxa a guarda e a discórdia
Da proposta nasce a flor
Não rigor: misericórdia!

destino

— Não compreendes o papel
que a vida te reservou?
Só quem sobrevive ao céu
o livre-arbítrio encarnou!

livre-arbítrio

— Quem rege a vontade e a sorte:
o destino ou o eu-arbítrio?
Doses de emulsão *scott*
engordar-me-ão o currículo

destino

— Em verdade nada fiz
fraco arbítrio o condenou
Atraiu-o à dura cerviz
a tragédia que coroou

livre-arbítrio

— Não te condóis do infeliz?
comida aos peixes virou

Restituo-te a matriz:
imprime a versão sem dor!

destino

— Ator em própria memória
optou por dupla vitória:
Foi sua companheira a glória
Teve por sogra a história

livre-arbítrio

— Permite (então) ó destino
que se transfira a pendência
Nomeemos outro arcano:
eis que chega a providência!

a providência

— Não existe fracasso ou êxito
na via do peregrino
Escusar-se ao seu destino
é que avilta o contrato

— Vê: toda a estrada é bela
quer seja chão mar ou estrela
Percorrê-la: eis a jornada
Segui-la: a senda da vida

— O amor consiste em buscá-lo
Vivê-lo é a mor-travessia
Que importa à flor se o talo
desfez-se-lhe a companhia?

— Cumpriu com honra o seu fado
Antônio Gonçalves Dias

Desincumbiu-se do encargo:
deuses e homens o copiam!

— O que está feito está feito
Cumpriu com mestria o *dharma*
O amor que sofreu no peito
lavou dos poetas o *karma!*

OFICINA “LARGO DOS AMORES”

conserta-se
coração
de poetas
que morram
de paixão

PONTE AÉREA AO REDOR DO SUOR

São Luís — Lisboa
Lisboa — São Luís
São Luís — Lisboa
SL is boa

Tragédia e beleza
ruína em carne viva
Por delicadeza
perdi minha vida*

* Rimbaud: canção da mais alta torre.

**CARTA DO POETA A
D. LOURENÇA VALE**

se se morre de amor
sim sim se morre
morre-se de amor y ocorre
que o amor não socorre

sim se morre de não amor
morre-se y não se morre
mas se de amor se morre
o que depois nos transcorre?

morre-se y não se morre de amor
se no amor que morre não se corre
y do amor a morte se demore

mas se se morre de amor
e se o amor não nos socorre
então é de amor que o amor morre

LOVE STORY

Antônio amava Ana
que amava Antônio
que amava a Poesia
que o amava também

Ana juntou-se ao Porto
Antônio casou com a Olímpia
A Poesia noivou com a Glória
E o Amor ficou pra tia Amém

ANÔNIMO CAXIENSE

1

Humilde na rua da Inveja
sigo triste ao Beco Feliz
Remodelada ou velha seja
onde andará a rua do Giz?
Rua da Paz — guerra me faz!
Rua Grande — explode-me o sangue!
Rua da Alegria! Dicotomia:
conserva teu nome de fantasia!
Rumo agora ao Moto Bar:
pastéis virtuais de ar
Rua do Sol onde o arrebol?
Leão de jade Sousandrade
faz *cooper* pela cidade
Céus trazei-me Confúcio
pra desvendar o crepúsculo!
Por quem choram as carrancas
o dilúvio das lágrimas mancas?

2

Ouvi-me palácios de porcelana:
em que janela escondes Ana?
Valei-me I-Ching:
sabiá é dinastia Ming?
Que belo fim deu-lhe Deus
ao bom bedel do Liceu?
Rua da Estrela sempre tão bela!
Praça dos Remédios rosa amarela!
Como estará a vida à toa
da Praça João Lisboa?
Ma petite Paris — ó São Luís!
Beco sem saída — ó minha vida!

Entre morrer e não amar
prefiro morrer no mar
Adeus Cais da Sagração
partes-me o coração!

AO RÉS DO CONVÉS

Poetas sabem o destino igual
aos pescadores de camarão:
arrastam quilômetros de mar
por alguns centímetros de brisa

Poetas sabem o destino rival
dos catadores de caranguejo:
vivem na tormenta da calma
e morrem de oceano no seco

LIRA EM DELÍRIO

(O Poeta Comemora 40 Anos
& troca In-Confidências
com a Sombra no Espelho)

meu caro bibliófilo:
estranho hieróglifo
traduz meu jardim

meus lábios estanques
colhem rosas de sangue
e anunciam o fim

comédia do destino
os pulmões em desatino
sopram oxigênio ruim

crepúsculo-catarro
forja negro pigarro
à odisseia-chinfrim

frágil garganta canta
pássaro sem esperança
melodia-caim

faltam-me estima e rima
pra lutar contra a sina
e dizer à vida: sim!

náufrago do amor
resta-me o ágio da dor
que sustenta-me o rim

nem o melhor biotônico
salvará o lado ôntico:
bastardo-serafim

sou um fantasma romântico
em pesadelo crônico
cozinhando o seu cauim

(ó verdade eterna:
o amor é romântico
mas a dor é moderna!)

deus permita que o lírio
que destila do delírio
acenda tristes cílios

no jardim que me empesta
solto as últimas pétalas
do sangue que me resta

cumpri o destino de bardo:
amei a dor e a saudade
em vossa piedade ardo

quando chegar ao paraíso
direi: fui feliz
com dor e nenhum motivo

RÉQUIEM DO AMÉM

O Mar já me revelou publicamente
numa sessão spielberg/swedenborg
que me concederá morte bela e violenta
em sofisticado nível de produção

Primeiro a amnésia da maré me cobrirá
com o seu cobertor de esquecimento
Esquecerei orgulho mágoas sabiás
Leipzig praias do Maranhão

Depois despirá (com violência)
as minhas vicissitudes
para que me contorça de dor e prazer
igual madeira em fogueira de São João

Perfeccionista declarado
só rezarei o salmo da morte
depois que tomar o café da manhã
na missa da ressurreição

Celebrarei o último instante de glória
quando for pulverizado como Mozart:
um índio em seu amor
Mas sem pingar ódio pelo chão

SEM TÍTULO

não tenho mãos
tenho palavras

não tenho biblioteca
tenho palavras

não tenho 30 moedas
tenho palavras

não tenho santos & demônios
tenho palavras

não tenho tênis Nike nem fumo Lucky Strike
tenho palavras

não sou o rei da floresta
tenho palavras

se mudar pra Índia
tenho palavras

se casar-me com uma índia
tenho palavras

se morrer à míngua em Coimbra
tenho palavras

eu te amo
sem palavras

SABIÁS AMARELOS

grande negra noite
desce sobre
mim

grande noite negra
desce sobre
o fim

miss açoite
eis o *black-out*
e o seu *look*

negra tão negra
na página do sol
abro o meu *book*

TITANIC-BOULOGNE

no meio do barco tinha um buraco
tinha um buraco no meio do barco
no meio do barco tinha um buraco

nunca me esquecerei desse tormento
nos mares da minha vida
tão fatigada

tinha um buraco no meio do barco
no meio do barco tinha um buraco
tinha um buraco no meio da vida

**O LAMENTO
DO TITANIC-BOULOGNE**
(A Canção da Harpa e do Arpão)

há o amor vivido
e há o amor sonhado
o primeiro é lívido
o outro: envergonhado

no amor vivido
a carne se gasta
no amor sonhado
a alma se pasta

o amor vivido
põe cartas à mesa
o amor sonhado
sonha a sobremesa

o amor vivido
fere-o o arpão
o amor sonhado
harpa no salão

no amor vivido
a paixão consome
no amor sonhado
se nutre a fome

sonhar o amor vivido
viver o amor sonhado
eis o acontecido
nas praias do imaginado

CARTA AO IMPERADOR PEDRO II

nobre imperador:
a dor que impera
impele-me ao sr.

tanto inferna a dor
& a sua nostalgia
que coroei-me: creia-me

grão-imperador
da grande dor
rei-melancolia

peço-vos desculpas
à plebeia culpa
de assim sagrar-me

meu posto é desdouro
banhado em agouro
que vem sangrar-me

do amor meu
sabe-o Deus
tornei-me ateu

maldito amor
que fez o autor
perder o eu

e agora incréu
aos olhos dos seus
descrê nos céus

nobre imperador
que lhe impere o amor
onde me inferna a ferida

por quem tudo fez
retribuí com nada:
ingrata é a vida

seja a cicatriz
a única imperatriz
dessa despedida

**ANA AMÉLIA &
COLEÇÃO DE LENÇOS
DE INVERNO**

não tive o amor que queria
mas engravidaste-me de poesia
pra iluminar minha vida vazia

não conheci o sorriso da alegria
mas concedeste-me chá de simpatia:
sinfonia da mais bela orgia

só tive a morte da sorte que rugia
mas disfarço a azia da nostalgia
a alma cheia de amor mas vazia

O CANTO
DA
PIABA

tupi mameluco
mulato urucum
índio quer apito
branco cd-rum

krig-ah bandolo
pardo-tapuia
cor de tijolo
cara de cuia

branco cacique
velho morubixaba
o amor foi a pique
estrela da taba

lagarta pintada
quem te pintou:
foi a velha cachimbeira
que por aqui passou?

bronzeado de morte
exibe o cocar
nas praias do norte
espumas do mar

EXAME MINERALÓGICO DO FIO DE CABELO DA HISTÓRIA

foi o excesso de alumínio
que corrompeu-te a saúde
e escravizou-te ao domínio
do caixão que agora ruge

foi a carência de lítio
o ouro que instila a calma
que te lançou *ab initio*
no oceano sem alma

foram ana mercúrio e chumbo
os transatlânticos da doença
que te mergulharam à ciência
de um destino com fungo

conspiraram-te os metais
de Paracelso a mistura
o ferro casou-se aos sais
uniu-te a glória à usura

O POLIGLOTA FERIDO & O POETA REDIVIVO

que adianta falar alemão
se perdi o coração?

inútil *parlar* em francês:
morta agora está Inês!

pra que tupi *or not* tupi
se o grande amor perdi?

recuso *hablar español*:
escureceu o meu sol!

ó rua dos afogados:
em teus desenganos caibo

nobre língua de Camões:
eia! surgem os tubarões!

aspira o ar — Boqueirão
empresta-me o teu pulmão

mar: única sepultura
de um poeta em amargura

mas eu não sou jansen pater
pra mergulhar sem suéter

ó grande e escura piscina:
fecho os olhos e as narinas

(sem antídoto pra mosquito
serei devorado a grito

resta o protetor solar
pra morte bronzear)

ó agapito goiaba:
minha vida agora acaba!

octávio paz:
a falta que ela me faz!

sua alteza imperial
please: é o ato final

conheço bem esse filme:
só o amor nos redime!

NECROLÓGIO DE BARDO (Pranto do Baixio dos Atins)

aqui jaz
antônio gonçalves dias

amante de jazz
sax da melancolia

aqui jaz
um poeta pai-d'égua

estremeceu a aldeia
o filho de uma égua

aqui jaz
o romântico sem tias

poeta transatlântico
europa França & Caxias

aqui jaz
o campeão da emoção

no *couvert* artístico
fez das tripas coração

aqui jaz
a mais bela palmeira

e a cidade chora
por suas ladeiras

BREVE ANTOLOGIA DAS CARTAS DO POETA

“Para lhe falar sem rodeios, a que estou pouco acostumado — eis o de que se trata: peço-lhe D. Ana Amélia em casamento. Fazendo-lhe semelhante pedido, quero e é do meu dever ser franco. Não tenho nem a ambição de figurar na política do meu país, nem o amor de fazer fortuna e quando se desse o contrário faltar-me-ia ainda a habilidade, o jeito para alcançar ambas, ou qualquer destas coisas. Assim parece-me que nem chegarei a ter mais do que hoje tenho, sendo difícil que venha a ter menos, nem valerei mais do que hoje valho, que é bem pouco. (...)”

Sendo afirmativa a sua resposta, voltarei do Rio, tendo assegurado de alguma forma o meu futuro, e o mais breve que puder para aceitar o seu favor, e beijar-lhe as mãos por ele. No caso contrário, posso asseverar-lhe de que acostumado há muito a sofrer reveses na vida, não será este dos menores. Procurarei persuadir-me que algum motivo mais forte que a sua natural bondade terá obstado ao seu consentimento, e consolar-me-ei com a lembrança de que me esforcei por alcançar a mão de sua filha, se não fui digno de a merecer.”

(a D. Lourença Vale, mãe de Ana Amélia)

“Sou fatalista no que diz respeito à minha vida, e resolve-se-me sempre a fatalidade em fazer por mim o que não quisera: por isto te escrevo: mas pedindo-te ao mesmo tempo que não tomes neste negócio

senão a parte que tomarias, sem que antecedesse algum pedido meu, ou sendo-te inteiramente indiferente.” (...)

Assim, pois, o que eu te proponho, será, se o quiseres, não um casamento mas um sacrifício. A que se ligar com a minha sorte terá de se contentar com o que eu sou, que é bem pouco, com o que valho, que é pouco menos, com o que possa vir a ser ou valer, que ainda menos pode ser que isso, e pode ser mais do que me é dado imaginar.”

(ao amigo, o futuro Visconde do Desterro, irmão de Ana Amélia)

“Felizmente não soube nem nunca saberá D. Ana Amélia com quanto extremo era amada: os acentos de paixão que ela me inspirou, mas que não ouviu nunca, ficaram em minha alma e eu não os terei de repetir a nenhuma mulher. Mas se desisto das minhas pretensões é com uma condição — única mas imprescritível. — Que D. Ana Amélia não sofra por meu respeito, que não sofra de sua família, que não sofra na sua saúde: estou resignado; o contrário me levaria a algum ato que não seria fácil de atalhar-se por bem e menos por mal.”(...).

“Escrevo a Ana Amélia que se resigne, que me esqueça, no entanto, não sabe ela das minhas intenções e reputando-me o orgulho (como, não sei por que motivo me reputa), acreditará que a resposta que tive deixou-me mais irritado do que sentido, e que não a amo, ao menos a ponto de romper por ela. Ficará mal comigo, ter-me-á em péssimo conceito; e se assim for, tranquilo de que a minha memória não perturbará mais a tranquilidade de sua vida, tirarei algum contentamento do único sacrifício que nisto faço, e quase superior às minhas forças, deixá-la persuadida que a requestei por passatempo, e não dizer-lhe jamais como a amo agora e amarei sempre.”

(ao amigo Alexandre Teófilo)

**BHAGAVAD-BRITA:
A CANÇÃO DO BECO
(1999)**

“O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas: ao vencedor, darei o maná escondido; dar-lhe-ei também uma pedrinha branca e, gravado sobre ela, um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquele que o recebe.”

Apocalipse, 2, 17

O BECO
(Apresentação & Teofania)

um beco
não é só um bicho
e suas tordesilhas

um beco
não é só um bugre
e sua geografia

um beco
não é só uma boca
e as suas algaravias

um beco
não é só o beijo
e a sua pólvora macia

um beco
não é só a besta
e as suas engrezilhas

um beco
também pode ser um basta
à nossa vã filosofia

§
esse beco do couto
é o capitão-mor
de várias ilhas?

esse beco do couto
é o meu mar
de várias antilhas?

esse beco do couto
é o antigo mastro
de muitas vilas?

esse beco do couto
é o deus mitra
de várias tias?

esse beco do couto
é a boca do coito
de várias crias?

esse beco do couto
mede alguns mil metros
de várias quilhas?

esse beco do couto
é o meu mestre
de várias vidas?

§

depois de muito filosofar
& algumas teologias
depois de ontologizar
o ente em várias pias
depois de raspar a cabeça
& as suas cercanias
depois de batizar o peito
de fanopeicas litánias
depois de rezar & meditar
nos terços de várias vias

escolhi o beco
para padrinho
desta travessia

A FALA DO BECO

nos signos em rotação
fui de áries a peixes
nuvem e gavião

livrei-me das neuroses
com a overdose
das metempsicoses

tomei sol com Menipo
soldado em Alexandria
vaso e arquétipo

depois fui crepúsculo
na bela anatomia
de sólido músculo

estranha coorte:
só eu sei o que vem
depois da morte

verdade nua:
fui antes rua
na Catalunha

realidade-triste:
em bico de pássaro
cumpri-me alpiste

quando fui água
segui o roteiro
de todas as mágoas

quando fui fogo
descobri o ideal
do bem e do mal

quando fui ar
descortinei a alcova
onde o vento faz a curva

mudo no mundo
girando na roda-gigante
da alma do todo

reencarnando
ora encarnado
ora verde-musgo

eis-me agora no chão:
pra entender a matéria
e o seu coração

§
tua alma tantra
tem superlativo nó
dar-te-ei um mantra
as cinzas do pó

mas logo te advirto
nada posso aprender
a não ser as lições
do teu próprio avatar

ouve: o abc do viver
compreende dois capítulos
a ciência do mestre
a arte do discípulo

como podes entender
o corpo de ressurreição
se combates a matéria
e o corpo do teu irmão?

como ousas apreciar
o belo torso de Apolo
se aos olhos da realidade
és criança de colo?

às vezes não sendo se é
pra ser-se o conteúdo
mas o que se ser pretende
é ser não sendo contudo

mas há um mini-instante
na hora do ave-maria
que a ciência do ser
é a arte do não seria

tu o dizes: sou o beco!
meu caminho é estreito
pela estreita porta
não passa a moura torta

aquele que joga pedras
no telhado do vizinho
sequer perceberá
as pétalas do caminho

quem atira pedras
e esconde a mão
jamais conhecerá
minha salvação

mas quem reza minha cartilha
pega no pote
e segura na rodilha
esse é da família

O DISCÍPULO QUESTIONA O MESTRE SOBRE AS PEDRAS DO CAMINHO

— tenho que ser terra
pra galgar a vida eterna?
— tenho que volver ao pó
pra renascer-me o suor?
— o plúmbeo peso da terra
do céu não nos desterra?

— por que essas mãos tão frias:
pra melhor acariciar?
— por que a rua tão vazia:
pra melhor caminhar?
— & essa estranha litania:
pra melhor me guiar?

nas pedras inicia-me
a tua secreta via
teu caminho é incomum
mas pode levar-me ao um
mas temo o intelecto
em seu caminho seco

SERMÃO DO BECO (1)

descei às raízes da terra
mergulhai no céu do mármore:
nada existe só

a tudo compreendei:
Deus e a matéria
são uma coisa só

tudo é paradoxal
a treva do bem
a luz do mal

e o todo se interliga
como a clara ao ovo
e o velho ao novo

as lições da cripta
têm sabor de água
plasmadas em brita

nos becos da vida
revela-te sábio:
cigarra e formiga

temes ao céu?
ajuda-o ajudando-te
a descobrir o teu eu

ao espírito não dês férias
nem privilegies a matéria:
— tolo serias

mas sê sempre total:
não faças opção
aos lados da questão

em tudo sê prudente:
toda dual ciência
resolve-se na experiência

entre a solidez materialista
e a fluidez espiritualista
faz a opção: mater-espiritualista

o espírito é a capa
de milenar cepa
que veste a copa

a matéria é água viva?
sê eternamente responsável
por aquilo que cativas

A Câmara de Ecos:

descei às raízes da terra
mergulhai no céu do mármore
nada existe só

a tudo compreendei:
Deus e a matéria
são uma coisa só

O TERÇO DAS PEDRAS

ó beco
orai por nós

ó beco
orai pelos sós
ó beco
orai por vós
tende piedade
do pó da cidade

OS FANTASMAS DO LADO ESQUERDO

becos não nascem
becos não morrem
becos distraem-se

A LUA NOS TELHADOS

ave beco
os que seguem a trilha do ser
e a senda do não ser
te saúdam

BECHIANAS Nº 10

minha casa
tem muitas meias-moradas
entrai: abri as tramelas

quem penetrar
as escadas & sacadas
salvará as portas e janelas

SERMÃO DO BECO (2)

o respeito à matéria
é extensão do amor ao corpo?
o despreço à matéria
transfere o ódio a outro?

o amor ao próximo
é a extensão do instante
“como a si próprio
amar o distante”?

o respeito à matéria
e o ódio aos outros
são as duas contrafaces
do espírito no corpo?

o desamor à matéria
e o cumprir do destino
resolvem-se na equação
masculino e feminino?

que contradição da matéria
mudou a concepção do outro?
psicanalisai a terra
exposta a tudo e contra todos

matéria: mater gloriosa
estrela bela secreta via

chaga do feminino rosa de pedra
mulher do espírito Virgem maria

BECANAL

(Carnaval dos Demônios do Beco)

eu quero é viver! marcar boqueira!
na garrafa central das gafeiras
exibir o ar de camarão seco!
evoé Beco!

não quero mais saber! ouvir asneira!
apodrecer o ideal de lavadeira
apostando no desgosto a *palo seco!*
evoé Beco!

doravante quero ser! mas não autista!
musical vibra em minha alma artista
a última canção do ossobuco!
evoé Cuco!

nunca mais quero morrer! boca a boca
aspirar o hausto do temível eco
que o pássaro desabrochou no bico!
evoé Augusto!

O DISCURSO DOS OUTROS MESTRES-BECOS

my name is beco feliz
percorri sorte adversa

meu nome hoje é travessa
esquecido deus me quis

eu sou o beco da bosta
no *ashram* ninguém encosta
mas quem melhor compreende
as dores internas do ente?

beco de catarina mina:
ecumênico na sina
fui escravo sou grã-fina
prego o *dharma*-catirina

beco escuro! tão escuro
que ninguém olha as estrelas
mas banho de ouro os muros
e o caminho de *compostella*

beco da pacotilha: filha!
o primogênito da ilha
buscador que segue a trilha
o espírito rebrilha

discípulos: o melhor tai chi
é observar o bem-te-vi
beco da sé eu sou
o céu é o meu guru

não me pranteiem o canto
nem me batizem otário
tenho licença do santo:
— beco do seminário

vinde ao beco do quebra-bunda
onde a alma barafunda
cobro a mais baixa penitência
elevar-se: a grã-ciência

acelerai vossa esteira
no sobe-e-desce-ladeira
do mar tenho padroeiro:
— beco dos barqueiros

ó beco do gavião
que causas assombração!
nas luzes do cemitério
eis as cruzes do mistério

chamam-me beco do precipício
ensino o difícil ofício
de desfazer o vício
do fim para o início

(mas saibam que há outros becos
maiúsculos e minúsculos
extraviados do caminho seco
que atrofiaram os músculos

embriagados de éter
e phds em poder
viraram bois de piranha
de uma doutrina tacanha

becos desmemoriados
da verdade em quarentena
rezam os salmos do pecado
com incenso de *marijuana*)

senhores comi vosso biscoito
que surge o beco do coito
(perdão! do couto) e vem afoito
para a lição das dezoito

SERMÃO DO BECO (3)

eu sou o verdadeiro Vieira
e vós os meus pregadores

toda pedra que não produz obras
eu a dinamito
e toda pedra que produz obras
eu a torno em pedaços
para que nasçam mais obras

ouve a hera:
no meio da pedra
há sempre um caminho

a última lição
gravai-a no coração:
amar não é carregar pedras

pedras angulares dareis testemunho
de que escrevo sem rascunho

já não te chamo Pedro
mas te nomeio Pedra

ide e no id de vossos egos
pregai também aos não pétreos

CONVERSA COM FORMIGAS

madeira nos ombros
desprezo dos semelhantes

quedas na eternidade
todos carregam sua cruz

**AGRADECIMENTO FINAL DO DISCÍPULO
DEPOIS DA ILUMINAÇÃO
COM PEDRADA NO COCURUTO**

perfeita síntese
tua verdade encerra:
fogo água ar terra

na bíblia dos elementos
leccionas não o trigo: o joio
o que cresce e dá apoio

no fio extenso da navalha
costuras a via da ilha
não tesoura: agulha

de tua kântica física
acudiu-me a sabedoria
da realidade metafísica

um céu pleno e eterno
coagula e solve
o chão que nos protege

fragmentos da pedrada
incorporou-me o cimento
que a mente não soldava

sinto a doutrina da terra
e não temo mais o nó
da lição que ela encerra

ao contrário: a perfeição
de buscar o pó do espírito
tornava-me granito

agora assumo à toda
a plenitude do todo:
a serpente e a pomba

e reverencio na terra
a grã-mestre do espírito
as flores que nele medram

só esvaziando-se o cheio
e enchendo-se o vazio
atinge-se o ouro no veio

dissolvendo ação e não ação
está o contemplador prático
e o fazedor teórico

ambos devem dar-se os ombros
pra que o céu e terra
sarem os escombros

na verdade não há caminho
no caminho se é sozinho
e caminhar é o caminho

no caminho caminhado
a pedra mostrará o caminho
sol e lua desvendados

toda essa operação
é transmutar a serpente-mente
que cria a separação

dissipar legião alguma
tornar a fé e razão una
ao calor da emoção

(assim como o pai-nosso
nos dá o pão-osso
pro nosso almoço)

bebo em tua fonte
o paradoxo distante
da luz no horizonte

e perto vejo a claridade
acesa na totalidade
do homem e sua verdade

salvou-me a tua sábia lição:
toda a missão do beco
é tornar-nos coração

Os Iniciados do Beco:

toda a missão do beco
é tornar-nos coração

toda a missão do beco
é tornar-nos coração

toda a missão do beco
é tornar-nos Coração

FORTUNA CRÍTICA

REPÚBLICA DOS BECOS (1981)

UM POETA NOVO E SEUS POEMAS

É preciso guardar o nome deste poeta: Luís Augusto Cassas. E igualmente os poemas de seu livro de estreia: **República dos Becos**.

Porque não se trata, no caso presente, de um simples poeta, já aplaudido no Largo do Carmo, em São Luís do Maranhão. Nem de um livro a mais, como tantos outros que tenho tido a oportunidade de ler, com a presença lírica das imagens e dos motivos de minha terra natal.

Não é apenas isso. Luís Augusto Cassas é um excelente poeta. E mais: com uma personalidade nítida, bem marcada desde o momento em que se iniciou nas letras. Por outro lado, este seu livro já reflete com nitidez o poeta que encontrou o seu caminho.

(...) O verso é consubstancial à sua pessoa. Não como um excesso de vida, que buscasse a sua eliminação pela palavra poética. Mas como uma expressão natural e compulsiva de seu ser.

É ele poeta por imposição da natureza. E com uma dupla vertente: a que decorre de seus sentimentos líricos, como transformação da vida em sua sensibilidade, e a que dimana de sua reação lúcida diante das injustiças sociais, a que não pode ser indiferente, nesta hora agônica do mundo contemporâneo.

André Gide era de parecer que o poeta autêntico tem como dever precípua acreditar no próprio gênio; depois, como artista, terá de duvidar desse gênio. É essa dúvida que tira da poesia o caráter ocasional de uma explosão da sensibilidade, para ser também uma obra de arte que se constrói com palavras.

Luís Augusto Cassas, conforme se verá pela leitura de seu livro inaugural, começou bem: acreditando no seu valor. Ele sabe que é poeta. E ninguém precisa dizer-lhe que o é. A experiência do verso deu-lhe essa convicção. Porque todas as vezes que o homem se debruça sobre a folha de papel em branco, trazido pela palavra que deseja vir a lume

do papel, e consegue realizar-se nas palavras que lhe afluem à ponta da pena, esse homem tem no verbo o seu aliado e o seu confidente. E já começou a percorrer o caminho da poesia. Da poesia como revelação e expansão do ser sensível.

Este poeta maranhense canta o mundo circundante. Seus motivos estão no ambiente e na atmosfera da província: um sobrado, uma rua, uma grade de ferro, o braço de um lampião. E também a vida escondida que foi amassada com as pedras e o barro das velhas paredes maranhenses.

Está claro que só o poeta sabe ver o que nós outros, seres comuns, apenas olhamos de relance, sem descer ao mistério das coisas. Os sabiás cantavam no Maranhão muito antes do poeta Gonçalves Dias ter despertado para a vida. Mas o grande mestre lírico se apoderou deles e de seu canto, apenas com o relance do olhar nas palmeiras da terra natal. (...)

Luís Augusto Cassas vem depois da geração de Nauro Machado, que é também a geração de Bandeira Tribuzi, de José Chagas, de José Sarney. E descobre para nós as coisas que aparentemente estavam à nossa vista, a nos entrar pelos olhos:

*“Os aleijados da igreja do Carmo
estão pedindo audiência a Deus”*

Somente ele, com seus altos poderes conferidos pela poesia eterna, poderia deixar à namorada este legado:

“Deixaria para ti os crepúsculos de São Luís”

E é ainda com os mesmos poderes que o poeta decide:

*“Por decreto de utilidade pública
desaproprio
a conversa dos corredores
a lábia dos gigolôs
o papo pífilo dos jogadores de pif
(as suas línguas
se converterão
em matéria-prima
para os meus sapatos)”*

Luís Augusto Cassas nos faz sentir, no confronto com o verso de seus predecessores imediatos, que é outra a forma e a substância de seus poemas. Por isso mesmo não se confunde com esses predecessores, mesmo quando parece ser idêntica a motivação da poesia. (...)

O que Luís Augusto Cassas encontrou em São Luís, quando iniciou o seu tirocínio de poeta, parece ter sido o sentido austero da vida, transposto para a expressão do verso rigorosamente elaborado. Sobre tudo em mestres, como Nauro Machado e Bandeira Tribuzi. Mesmo em José Chagas, o verso sofrido, ao resvalar para a veemência combativa, misturou o tom grave ao tom jovial, na sátira de inspiração política. Somente noutra grande poeta, também maranhense, mas exilado de São Luís, o verso combativo é essencialmente sofrido, com o tom do protesto doloroso. Refiro-me, está claro, ao verso de Ferreira Gullar.

Em Luís Augusto Cassas a poesia combativa está mais perto da poesia de José Chagas, embora com um tom próprio, que não se confunde com o de seu confrade mais velho. Gostei que fosse assim. Os poetas de minha terra, numa fase em que esta procura seus novos caminhos, não podem ser apenas líricos e sentimentais. É certo que não lhes compete consertar o mundo. Mas também não podem limitar-se a distrair-se com os seus desconsertos.

Sinto que este novo poeta maranhense tem a sua forma e a sua inspiração, e ambas lhe asseguram uma presença inconfundível, que eu tenho, aqui, o privilégio de saudar, na hora em que Luís Augusto Cassas começa a dizer-nos ao que veio — com os admiráveis poemas deste livro.

JOSUÉ MONTELLO

REPÚBLICA DOS BECOS

Da geração de poetas maranhenses que encontrou em Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzi e Nauro Machado as suas figuras mais representativas, talvez o nome mais destinado a obter ressonância nacional seja o de Luís Augusto Cassas. O fazer lírico do grupo que o antecedeu trilhou dois caminhos, não antagônicos, mas complementares: o da poesia social (Gullar, Tribuzi) e o da poesia existencial (Nauro Machado). Situado nessa encruzilhada, Luís Augusto Cassas celebra o seu canto abrindo a via de um compromisso entre aquelas duas grandes vertentes poéticas. Desta posição de equilíbrio, Cassas extrai a força de sua poesia, que é a arte da palavra *em el tiempo*, como queria o grande Antonio Machado. O tempo — o seu tempo vivido e celebrado — reflete-se na sua linguagem perpassada pelos objetos do quotidiano — os objetos, as sensações, as impressões. É essa linguagem, enquanto metáfora do tempo, que imprime timbre social à sua poesia. Ela socializa a sua poemática. Mas o *substratum* lírico da poeticidade de Cassas, esse está preso à subjetividade do poeta, e com tal intensidade a ela se vincula que, por vezes, leva a temática social a desembocar no estuário do mais fremente lirismo de índole privatista. A sua seria, portanto, uma poética condenada a desnortear o leitor, se a vigilante autenticidade de sua emoção pudesse ser colocada em dúvida. Tal não acontece: Luís Augusto Cassas sabe que o poeta jamais conseguiria dar voz ao mundo, sobretudo ao mundo social, se fosse incapaz de conferir liricidade às angústias humanas. No seu canto o desespero social e o desespero individual estão correlacionados. Defrontam-se, confrontam-se e se resolvem numa grande integração artística.

República dos Becos é um ardente testemunho dessa ambiguidade básica da poesia. Ela celebra, na sua magia vocabular — a palavra é canto, mesmo quando é a rude palavra arrancada ao quotidiano: a esperança de um tempo que aos homens só oferece a perspectiva das vias sem saída. Cassas busca a sua e a nossa saída. Eis por que todos reclamamos a companhia do seu poema.

FRANKLIN DE OLIVEIRA

República dos Becos ilustra o estar no mundo com a consciência iluminada.

[...] Simples, sem ser simplório, denso sem se mostrar prolixo, aberto à experiência verbal sem se enredar no experimentalismo oco, Luís Augusto Cassas amplia o espaço da poesia maranhense, ora social ora intimista, fazendo do lirismo uma necessidade vital de tal forma premente, que nele se imiscui o protesto à ordem das coisas que vem negando o homem brasileiro.

FÁBIO LUCAS

República dos Becos é um livro onde poesia e vida se confundem, onde não há nada verbalmente gratuito, porque uma densidade lírica e uniforme mantém os poemas num perfeito equilíbrio entre si, o que denuncia a consciente sustentação que o poeta procurou dar ao plano de sua obra. Uma obra voltada, por assim dizer, para a cidade de São Luís, vista aí nas suas grandezas e nas suas misérias, e a que o poeta lança um sopro de vida tão transfigurador, que até os velhos sobradões se humanizam e chegam mesmo a ser tratados como gente, o que é o caso do poema *Assassinato na Rua 28 de Julho*.

JOSÉ CHAGAS

Luís Augusto Cassas articula duplamente os signos da tradição literária do Maranhão e, por isso mesmo, da melhor tradição da poesia brasileira. Se, por um lado, sabe muito bem situar a sua cidade entre o passado e o presente, entre o passado idealizado e o presente pleno de realidades conflituais, sabe também, por outro lado, que a linguagem da sua poesia tem que conter os sinais visíveis de sua própria metamorfose, isto é, tem que cavar o seu espaço de modernidade sem romper os limites da continuidade cultural. Daí por que sua **República dos Becos** constitui um livro importante na jovem poesia brasileira. Nele se leem os signos dessa dupla condição que faz a excelência de alguns poetas verdadeiramente privilegiados.

GILBERTO MENDONÇA TELES

Eis aqui obra mais que de talento e alta literariedade. Trata-se de todo um sério fazer literário onde o lirismo resgata o cotidiano e a reflexão se doa ao social.

[...] Diremos que o fôlego de Luís Augusto Cassas impressiona. Com **República dos Becos**, o autor se inscreve, sem dúvida, entre os melhores poetas de dimensão nacional dos últimos anos. Poesia de pé no chão e olhos nos homens.

STELLA LEONARDOS

Forte e bela poesia, atenta à vida humana e às questões de nosso tempo.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Chegou do Maranhão e é disparado o melhor livro da safra: **República dos Becos**, de Luís Augusto Cassas, um poeta que não se deixa iludir pelo mundo que o cerca, e conseqüentemente não tenta iludir o leitor com rimas ocas, mas bonitinhas. Sem gracinhas demagógicas, a sua poesia denúncia tem garra, força e muita beleza. Além de um senso de humor sutil e meio amargo.

CORA RÓNAI

Luís Augusto Cassas surgindo como a mais poeticamente máscula voz da nossa jovem poesia.

NAURO MACHADO

A PAIXÃO SEGUNDO ALCÂNTARA E NOVOS POEMAS (1985-1ª Ed.; 2006-2ª Ed.)

A PAIXÃO SEGUNDO ALCÂNTARA

Desde suas reportagens, desde o seu primeiro livro de poesia — o excelente **República dos Becos** (que teve merecida consagração crítica) — Luís Augusto Cassas é uma voz clamante, mas esperemos que não no deserto. Seu clamor, agora, é por Alcântara; e o é tão fundo, que o é dessa cidade mesma: **A Paixão segundo Alcântara**.

Há cidades vivas, há “cidades mortas” — como Bruges, que se consola no seu esplendor medieval tão zelosamente preservado, à espera da ressurreição — e há “cidades moribundas” que não deveriam morrer, mas que a insânia dos homens deixa que assim seja. Assim não seja, exclama Luís Augusto Cassas — e que sua voz seja ouvida. Essa voz, para isso, se veste de todo o fascínio da beleza verbal: faz-se poesia vital, com contrastâncias reveladoras do podre e do bom, do belo e do abjeto, da miséria e da riqueza, do pranto e do riso, do zelo e da mazela, da paz e da guerra, dos senhores e dos pacificadores com a fórmula *si vis pacem, para bellum* — que em mais de dois mil anos não deixou aos homens um dia só que não fosse de guerra.

E selaram o triste (por ora!) destino de Alcântara, que, de “ponte” para a vida que é a sua vocação onomástica, passa a nova barreira do e para o inferno.

O livro de Cassas parece provir de unidades heteróclitas, que tratam de matérias divinas e humanas, como se nada tivessem com a paixão. Esse despistamento poético de alto saber é um valor a mais na estruturação do(s) poema(s) em prol de Alcântara, em que um depoimento há, entre muitos, que é de beleza perdurante: o do peixe, graças ao padre Vieira — “*Amém/também*”.

Não tenho dúvidas de que Luís Augusto Cassas é já agora uma das mais belas realizações poéticas engajadas na carne e no sangue e na substância da vida, tirando desta as palavras mais belas e mais tristes e mais vindicativas com que cantar a vida mesma — que a morte, não!

Se Alcântara perecer, não terá sido por culpa do poeta. Mas sua alma, dela, Alcântara, sobreviverá nos seus versos.

ANTONIO HOUAISS

ALCÂNTARA E O SEU POETA

Alcântara, envolta de silêncio, defronte de São Luís, no Maranhão, tem agora o seu poeta. Luís Augusto Cassas.

Luís Augusto Cassas conciliou ternura romântica e protesto moderno, no tom elegíaco de seu livro: **A Paixão segundo Alcântara**.

O poeta maranhense, já veterano do verso, encontrou o tom adequado para celebrar liricamente a velha cidade. Em vez de chorar sobre suas ruínas e seu silêncio, cantou-a em tom de elegia moderna, com o lamento associado à denúncia.

Por outro lado, Alcântara, para Luís Augusto Cassas, não existe apenas como pretexto ao verso — a prosa poética é também um de seus elementos de expressão, para cantar a atmosfera de abandono em que a cidade permanece, à espera de que lhe sintamos a beleza e lhe restauremos o passado esplendor.

Alcântara estava à espera de quem a cantasse no tom do poeta moço. Outros poetas a cantaram, quase a carpir-lhe a morte. Luís Augusto Cassas passeou por suas ruínas a emoção viva de quem canta com um tom de esperança. Certa nota irônica, em meio à elegia, já é essa esperança. O que eu não disse em prosa, na minha Noite sobre Alcântara, disse-o agora Luís Augusto Cassas.

JOSUÉ MONTELLO

ALCÂNTARA: LÁGRIMAS DE FOGO E NOITE ESCURA DAS PEDRAS

A alma de pedra chora. Suas lágrimas misturam-se ao oceano de pranto de um povo oprimido, e das dimensões elevadas dos arcanos da poesia ouve-se o clamor gutural: *“Oh Verônica/rasga o alvo sudário/que nem as lágrimas copiosas/ou as águas do Atlântico/conseguirão enxaguar/ o sangue/a dor estampada/o semblante ferido/o calvário/desta cidade”*.

Alcântara vive sua experiência mística mais profunda. Em plena noite escura da alma a cidade aguarda sua ressurreição. Clama aos céus em seu deserto de concreto: *“dai coração novo/a todas as criaturas/ livrai-as do fogo/noite mais escura”*.

Para adentrar no recinto sagrado da verdadeira poesia é preciso entoar, com os lábios do espírito, este cântico da alma, esta experiência do abandono e da solidão que desperta as camadas mais profundas do ser. Essa liberdade do Espírito e o gólgota da cidade e do seu povo são, pois, a chave dos versos alquímicos, gnósticos e mágicos que conferem à obra de Luís Augusto Cassas uma dimensão profética elevada, onde a opressão cultural e a tecnologia sem Deus são denunciadas com lirismo de fogo: *“São os bárbaros que vêm/ iluminar nossas auras/Faremos corte à coortes?/(...) Somos de pasto ou corte? Seus troféus: nossa estima”*.

O coração em chamas e as lágrimas incandescentes da poesia do autor de **A Paixão segundo Alcântara** penetram numa dimensão reservada aos hermetistas cristãos, guardiães da alma comum da religião, das ciências e da arte. Por isso coloca-se com mestria entre o sol e a eternidade, descortinando o véu de plutão e venerando as relíquias santas das asas derretidas.

As entranhas de pedra da cidade arruinada dão à luz os versos fortes e proféticos de uma poesia social e mística, que decanta a cidade em sua condição perene: a fênix em sacrifício perpétuo, nem morta nem renascida, contemplando a cruz em meio às espadas da transmutação.

De fato, quem conhece de perto o drama de Alcântara e do seu povo tem consciência do choque cultural, geográfico e econômico que a ciência do círculo fechado e a tecnologia sem transcendência provocaram na cidade e nos seus habitantes. Por ocasião da instalação da base de lançamentos, cerca de 312 famílias de 32 povoados foram deslocadas

de suas comunidades para agrovilas, por determinação do Ministério da Aeronáutica. Longe das suas terras férteis e sem acesso aos recursos naturais, foram obrigadas, a partir de então, a usar identificação liberada pelo Centro de Lançamento de Alcântara para ter acesso à pesca e, portanto, à própria sobrevivência.

Na verdade, de centro histórico e cultural, Alcântara passou a ponto nuclear de especulações científicas e financeiras, escapando ao imperialismo norte-americano, mas resvalando na salvaguarda ucraniana em razão dos ventos ideológicos que mudam nos corredores do poder. No céu da cidade, as hóstias da evolução foram suprimidas e as moedas de ouro do egoísmo e da traição bailam resplandecentes no ar, expulsando das areias cósmicas as estrelas da esperança.

Como tudo que começa mal termina mal, nenhum programa social válido foi desenvolvido pelo governo federal para a instalação da base de lançamentos em Alcântara. A cidade, fundada no século XVII e tombada como patrimônio histórico, teve sua estrutura social violentada, com graves consequências familiares e sociais que podem ser potencializadas em razão do acordo de salvaguardas tecnológicas (AST) firmado com a Ucrânia, um país de tradição comuno-fascista e com mestrado em Tchernobyl.

O espectro sombrio da opressão surge com outra indumentária e mesma essência. Por trás do milionário mercado de satélites e veículos espaciais reina o materialismo puro: filosófico, financeiro e político. É o paradoxo das trevas. Alcântara é descaso nacional e atração internacional; ponto de evolução externa e vítima de involução interna; meio de vida e de morte. E dos escombros do sacrifício não surgem novas consciências, mas os pilares letais da ilusória torre de babel.

Resta ainda a grande ameaça. O beijo espectral pousa sobre a face da terra. Existe a possibilidade da utilização da base de Alcântara para fins militares, veladamente ou não, por um país estrangeiro. Ninguém se engane quanto a este aspecto. A base de Alcântara é ponto privilegiado de lançamentos, pois está localizada na linha do Equador, entre o continente e o mar. Na hipótese de uma guerra, será um dos pontos mais visados do planeta. A absoluta falta de controle do governo brasileiro sobre os lançamentos de veículos espaciais por outros países em

Alcântara autoriza essa suspeita, provocando uma insegurança mundial de consequências irreparáveis.

É impressionante como Luís Augusto Cassas profetizou, há 21 anos, a desolação atômica que se estenderia sobre Alcântara, em seu poema *Um peixe fala aos homens*: “*Conversando com os pássaros que voam adejadamente pelos ares e às vezes pousam as suas asas a pretexto de descanso num pequeno tronco nas proximidades das marés reclamaram-nos eles os plumosos vertebrados do perigo iminente do desaparecimento de sua espécie face à implantação de uma Base Aeroespacial em Alcântara. À reclamação dos pássaros se ajuntaram os lamentos das estrelas e a estas do Sol e Lua e ainda os bois as árvores os lagartos e a estes os insetos menores formigas e gafanhotos. Finalmente ao coro dos condenados reuniu-se também a voz dos homens gente humilde que lavra a terra e também outras pessoas gente de grande sabedoria*”.

Sinceramente, temo que os versos proféticos do autor de **A Paixão segundo Alcântara** ainda tenham ressonância no tempo e no espaço. A invasão dos novos bárbaros é uma realidade. As lágrimas de Alcântara parecem eternizar-se tal como o oceano que a circunda. Isso o poeta percebeu bem ao olhar nos olhos da cidade e vislumbrar: “*Chorou copiosamente quando confirmaram a notícia de que a sua cidade abrigaria uma base de mísseis/E as estrelas que brilhavam nos céus resplandeceriam nos ombros/E os sabiás românticos seriam substituídos por foguetes atômicos*”.

Envolta em faixas qual Lázaro das ruínas, a cidade aguarda a voz da ressurreição: “Alcântara, vem para fora e anda!”. Afinal, toda profecia aponta também para os dias da glória futura. Nem tudo foi destruído. Entre os tesouros do seu martírio Alcântara detém o Espírito, *as asas do eterno* que a levará aos céus da liberdade. E nesse dia, tomando o sol das águas subirá gloriosa ao paraíso, enquanto sem barreira nos infernos se ouvirão choro e ranger de dentes do conhecimento sem Deus, e os mártires da ciência exultarão enfim na justiça sem falhas do Criador.

E bem ao fundo, penetrando toda a essência, sutil como o alvorecer, os coros dos anjos se ouvirão, e todo o orbe explodirá no êxtase da alma livre da cidade.

JOSÉ AMÉRICO COSTA

Poeta nasce poeta. Poeta nasceu Luís Augusto Cassas. Basta ler qualquer dos poemas deste livro inspirado nas pedras de memória (materiais e espirituais) de Alcântara e outras pedras que ele inventou. A liberdade com que Cassas lida com as palavras e as ideias nos desconcerta e encanta.

FERREIRA GULLAR

ROSEBUD

(1990)

ROSEBUD

Prosseguindo nos caminhos abertos pelo vigoroso imagismo de **A República dos Becos** (que me alegro de haver publicado ao lado de dezenas e dezenas de outros bons poetas deste país, quando fui coordenador também das edições de poesia na Editora Civilização Brasileira) e de **A Paixão segundo Alcântara**, este **Rosebud**, somando-se aos dois livros que o antecederam, coloca o maranhense Luís Augusto Casas entre as autenticidades criadoras da atual poesia brasileira e o torna de menção obrigatória em qualquer antologia que se queira honesta e verdadeira.

Irônicos, bem pensados, sofridos, gozadores, às vezes amargos, todos eixados em torno de uma visão de mundo revoltadamente estruturada e religando os atos e as coisas mais simples do cotidiano com importantes nomes e fatos da história e da cultura mundiais, os seus versos são como finas pontas de facas atiradas contra e estourando os enorme balões coloridos — inflados de mentiras e hipocrisias e desumanizações — com que as nossas elites econômicas alardeiam as suas riquezas sobre a pobreza moral e física de mais de cem milhões de brasileiros.

Isento do panfletarismo superficial e boboca (e, portanto, politicamente deformante e errado) dos que se querem “poetas engajados” sem as filosóficas busca e conquista de uma técnica de pensar essencialmente antissectária porque dialeticamente libertária, Casas é, neste sentido, um autor de poemas realmente significantes porque alinhados ao lado de afirmações como as do filósofo Arthur Giannotti de que “houve uma espécie de transposição da loja de departamento para a cultura como tal. A cultura está sendo apresentada como um supermercado” e de que “ser de esquerda hoje é, por exemplo, realizar a crítica aos defeitos alienantes da técnica no capitalismo”; ou como as desse

percuciente jornalista que é o Zuenir Ventura quando acentua que “no Brasil, onde não há resistência crítica a essa ditadura do marketing, há de fato o perigo de se cair no reino da mediocridade bem-sucedida, se é que já não caímos”.

Cassas sabe e sente isso. E por isso deve ser lido em seus três livros raivosamente xilografados no tempo porque conscientes de serem o avesso do amor humano que se sabe engaiolado nas alienações de uma história sem Liberdade porque de poucos opressores e de multidões de oprimidos.

MOACYR FÉLIX

ROSEBUD: UM PURO MALDITO

A poesia como um desesperado recurso de sobrevivência. Resistir, ironizar, tanger o lugar comum e transformá-lo num código. Assim canta o poeta Luís Augusto Cassas. Este seu **Rosebud** é uma sucessão de surpresas, deboches e distanciamentos de um puro maldito. Mas com a poesia sempre presente. No discurso mais trivial está a poesia, porque as linhas e entrelinhas estão curtidas de transcendência. Ele parece ter pudor destes voos, mas não escapa. Desenha com incisão dolorosa o retrato do poeta, e nele assomam ressonâncias dos antecedentes — Pessoa, Castro Alves, Drummond, não devolvidos antropofagicamente, mas gozosamente embutidos, em levíssima citação, no transcorrer da música do verso.

A música. Poesia é antes, de tudo música, e que bom instrumento nos dá Luís Augusto Cassas. Lemos derramados e escorregando como de um tobogã alucinante. É viagem e denúncia, sem interrupção. “Escrevo com a tinta do ódio”, diz ele. E nisto não convence. Porque sem amor não galgaria tantas montanhas, não se perderia em tantos córregos, não tocaria o pó, o sujo, o sublime, o cotidiano com todas as suas celebrações e seus desgostos.

As dores do mundo estão de repente presentes, como em *Um Poster contra a Posteridade*; os desgastes domésticos, como em *Super-*

mercado; a dor, o troco da dor como um sobranço que não se esgota. Há uma litania perversa em *A Mulher dos Lábios de Atração Turística*, onde o trágico vai se metamorfoseando em quase compaixão. Há *jeux de mots*, como em *A Indesejada*, onde se visualiza um teatro do absurdo, concreto e escarrado. A arte poética, em *Dialética do Olho Roxo*, é das mais originais. Quem atravessar a fronteira desta agressão amorosa não se perderá jamais da poesia.

Esta sucessão anarquista de provas de amor à poesia, por sinal, faz deste livro uma Arte Poética inconsútil. A sinistra elegia ao peru é uma obra prima, uma abrangência do histórico que se faz cotidiano e imediato, um crime que se mistura à compaixão e à fatalidade do destino. Mesmo em perigosas situações poéticas como em *O Rebanho de Deus*, sai-se digno, limpo e nítido na sua crítica. Há o terrível poema *Tratamento de Choque*, um dos modelos perfeitos de sua inversão de valores, aparentemente delirantes, mas cheios de trágica verdade. E a risada intercalada do *Obituário dos Poetas*, a *Missa Negra* onde a poesia pousa na lápide, a *Cronologia do Poema*.

Página a página encontro o verdor da poesia, e me gratifico.

WALMIR AYALA

ROSEBUD: Utopia em carne viva

Desde que li **Rosebud**, de Luís Augusto Cassas, fiquei imaginando escrever alguma coisa que, de uma forma ou de outra, pudesse alcançar o poeta em pleno voo.

Pensei num tipo de abordagem a partir do cinema e logo percebi que o poeta reencarnara o *Cidadão Kane* que, por sua vez, ocupara o inconsciente de Orson Welles, assim como a dor alheia apropriou-se de Cassas.

Kane perambulava, gastando muitos dólares, em busca de uma fantasia. Cassas movimenta-se nos trópicos, atolado na miséria capi-

talista, bolsos vazios, mas sem perder o riso cínico que lembra Sade ou Lautréamont.

Sua determinação em seguir o roteiro dos aflitos talvez parta do conceito de que “só há pensamento sólido no registro do implacável e do desespero”, como diz Clément Rosset. “Uma teoria deve ser implacável e voltar-se contra seu criador se este não trata a si mesmo com crueldade”, responde Ernesto Sábato.

Rosebud é o polo de convergência de ambas as reflexões. Perversidade e sarcasmo. Riso e lágrima. É, provavelmente, o primeiro trabalho poético nacional em que o autor, armado de lança e dramaturgia, investe contra os moinhos de vento, num transe de volúpia e ódio.

Quem com ferro fere, com ouro será exaltado. Cassas sabe de todos esses segredos milenares. Esse entendimento está nas entrelinhas dos seus poemas.

Para mim, embora fragmentado, **Rosebud** é um poema único. Um *de profundis* tropical, abanado nas asas do rouxinol, antes do sacrifício da rosa. Espinho e flor, como diria Oscar Wilde.

Quando o poeta nos revela *O Rebanho de Deus*, cai em profunda melancolia, pois “os negros de alma branca / e os brancos de alma negra / comungam domingo no trigo de Deus / Vestidos em ternos de linho branco / — santificados e angelicais — / parecem ovelhas pastando na paz do Senhor”.

Mas, “na liturgia dos dias úteis/pregam o sermão da discórdia/furtam o pão ao próximo/marcam com o seu ferro a carne dos humildes/misturam sangue ao vinho/celebram o culto do ódio”.

Pensamentos semelhantes povoam alguns dos cantos do *Guesa Errante*, metafísico-existencial para os irmãos Campos, torturante e enlouquecedor para Sousândrade, o filho das trevas, o poeta esfinge, autófago contumaz por não conseguir decifrar-se.

Rosebud é um livro com muitas léguas de costa, aberto aos oceanos. Que bom que tenha acontecido em São Luís. Que mal! Mas a maldade sempre funcionou como força motriz da história, em que pese a hipocrisia geral e irrestrita do ser humano.

Cassas distanciou-se no espaço e no tempo com **Rosebud**. Deu cambalhotas. Cuspiu pra cima. Pintou e bordou. Comparações? Tenho horror a elas. O importante é que o grande poema tremula longe, na linha do horizonte, e o poeta, unguido com o sal da terra, rói as unhas e pula fogueira.

No ritual do cotidiano, sem cantos gregorianos, a história se repete: os intermediários de Deus querendo empurrar os pecadores para o céu, os agentes de Satã puxando-os para o inferno.

Na calada da noite, sem que os cães de guarda possam suspeitar, a sombra do poeta Cassas engrossa a *gang* dos fantasmas que traficam com flores do mal para Baudelaire. Com as mãos queimadas por sua própria poesia Cassas lança seu grito de guerra:

“Luto à treva”.

Sarcasmo, disfarce, sadismo. Da sacada do sobradão na rua Grande o poeta espia a procissão dos sem-terra. Vê dentro de cada um dos camponeses. Lê nos olhos deles os pensamentos que não de torturá-los até o final dos tempos.

Rosebud é, como poucas, no país e arredores, a obra do invisível revelado. Ferida exposta. Espelho do que será.

E o poeta?

Cassas se esconde na esquina da lua cheia, na rua dos Afogados e, também, indaga, como se repetisse um monólogo:

“O poeta é um atleta?

O poeta é um asceta?

O poeta é um esteta?

Respondam pássaros e palmeiras”

JOSÉ LOUZEIRO

Essa *Imitação de Cristo*, pela carga de intenções e pela ambiguidade poderia enriquecer qualquer antologia de poetas malditos: “*Eu também tenho 33 anos completos/barba por fazer/paixão por prostitutas ódio da humanidade/e me crucifico diariamente nos bares da cidade velha*”. Sua poesia é coquetel molotov para “queimar as mãos”. É uma poesia direta de grande força e marcante individualidade e cujo centro de gravidade reside na irreverência. Decididamente, você rompe com o lirismo de postura acadêmica ou de posturas equívocas e com todos os demais compromissos de uma poesia que já não diz nada a ninguém.

FRANCISCO CARVALHO

O RETORNO DA AURA (1994)

O LÍDER DO HOSPÍCIO

O mais recente livro de Luís Augusto Cassas — **O Retorno da Aura** — representa uma viravolta na obra deste importante poeta e, curiosamente, aproxima-o da conceituação filosófica de Gaston Bachelard e da sua crítica do imaginário ou mitocrítica.

É necessário recordar: Bachelard introduziu a imaginação da matéria como objeto de estudo. Seu método consiste em determinar a força psíquica da linguagem e não apenas seu significado/significante, como querem os cultores da semiótica.

A palavra — dizia ele — está centrada sobre “o instante agressivo, a frase deve tornar-se um esquema de forças motrizes coléricas” e, por isso, o papel do verbo é permanecer no presente, em vez “de se impregnar com a história da língua e de repetições, como Leconte de Lisle, um eco quase sempre impotente, sempre inverossímil das vozes heroicas do passado”.

O que consegue Augusto Cassas em **O Retorno da Aura** é uma combinação do que recomenda Bachelard, com o que vivenciou Fernando Pessoa em seu longo transitar pelo esoterismo: “Eu e o mistério face-a-face”.

A virada do poeta maranhense, a *busca do essencial*, dá para perceber com nitidez que, como tantos outros intelectuais de talento, concluiu: “há algo de podre no reino do poema”. E como se processa a decomposição? Pelo modismo, a mesmice, o verso anti-imaginário.

Quando os poetas tentaram viradas em décadas anteriores, defrontavam-se com os caminhos meramente ideológicos. Maiakovski teria optado pelo suicídio, a fim de não submeter-se à dialética partidária, embora tenha sido, na primeira hora, dos mais entusiasmados defensores da Revolução de 1917.

Osvald de Andrade enfrentou dificuldade semelhante. Imaginou que a doutrina comunista seria a rampa de lançamento do novo ideário poético e não era nada disso.

Cassas talvez tenha encontrado o caminho, seguindo os silenciosos passos de Fernando Pessoa que, fugindo ao brilho da forma, mergulhou profundo na seiva do imaginário, na “mente das coisas”, para defrontar-se com “a grande verdade”.

Em **Rosebud**, livro importante, diz o poeta: “*Não existe o sol. O que existe são girassóis decapitados, chorando no túmulo da orelha cortada de Van Gogh.*”

Agora, “aos pés do cosmos”, de posse do seu *manual do buscador*, sem fronteiras ou limitações ideológicas, eis-nos diante de um outro Cassas. Com a lucidez do mago, revela: “*o sol aceso no peito aquece-o nas noites de inverno e incompreensão*”.

Em **O Retorno da Aura** o que vemos é o poeta tomado pela liberdade de expressão, distanciando-se do inconsciente, para que aflorem as imagens adormecidas nas palavras. “E o autor projetando-se nas coisas e, com ele, o leitor”, como lembra Jean-Yves Tadié.

Após saltar os muros das limitações ideológicas e teológicas, Casas passou a ver com outros olhos o velho mundo novo e foi tão grande o choque que aí nasceram estes versos: “*A vida não é ouro prata esmeralda rubi. É também ferro e cobre chumbo e lágrimas*”.

A segunda parte de **O Retorno da Aura** — Breviário do Azul — compõe-se de trabalhos, como *Golden Meditation*, *A Obra em Cinza* e *A Língua de Einstein*. Para alçar-se a voo tão desafiador, o poeta precisava de um arsenal de palavras, de todas se possível — elos de ligação dele com o outro, com o ausente, com o centro. Quanto mais intensa for a lide do “buscador” mais ele se avizinhará da metalinguística pluridimensional; já não será nem o poema, nem a prosa, nos termos em que a recebemos — histórica e pacífica herança.

O Retorno da Aura é, portanto, na obra de Casas, um divisor de águas, o batismo esotérico que, por certo, o levará a remoto passado, quando os poetas (filidhs) e os sacerdotes (druis) célticos escreviam as páginas das antigas sagas, isso bem antes do século V a.C. E se o passado é tão recuado, lá no limiar da História, termina tendo conotação de futuro, pois os extremos se tocam.

Enquanto isso, e com a circunspeção de um dedicado discípulo de Lao-Tsé, diz Cassas: *“Quedar-me-ei com a pureza fria dos resignados/ e pedirei humildemente que me intua/a verdadeira ciência/de estar neste mundo sem ser necessariamente dele”*.

O tom é bem diferente do Cassas de **Rosebud**, na *Imitação de Cristo*: *“Eu também tenho 33 anos completos/barba por fazer/paixão por prostitutas/ódio da humanidade...”*

O fenômeno Cassas vem se juntar ao místico-maldito Nauro Machado e a José Chagas com seu secreto fascínio pelo ser humano. A obra deles recocla São Luís na vanguarda poética do país e talvez do hemisfério. A poesia que praticam, longe de ser um exercício burocrático, é pura danação astral, a impeli-los para a mesma sina do “buscador”. E o que buscam?

Fernando Pessoa procurava a unidade que seria, também, a identidade. *“Pertencço a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio (...) Um outro flui, entre o que sou e o que quero.”*

Cassas passa por perto. *“Eu quero a minha aura escurecida/na perda do amor pelo prazer/vilipendiada (...) Eu quero a minha aura/ com a liberdade do ser e não a prisão do ter (...) Eu quero a minha aura/ ensanguentada pelos crepúsculos de Dachau e Bombaim”...*

Cassas remete-nos à seguinte lenda: o grego Ostanés era um mestre da alquimia, isso lá pelo amanhecer dos tempos. Conhecia Demócrito, um dos primeiros escritores esotéricos. Ostanés teria dito ao escritor: *“Nas correntezas do Nilo encontrarás uma pedra que tem espírito. Toma-a, quebra-a e enfia tua mão dentro dela para extrair-lhe o coração, pois sua alma reside em seu coração.”*

Em **O Retorno da Aura**, o poeta Cassas abre as portas para a alma da pedra de Ostanés, com seus mistérios insondáveis e verdades multifacetadas. Isso o credencia a nos dizer, com a espontaneidade de quem sabe:

“... se encontrar a verdade/detrás dos seus sete véus vislumbrarei a felicidade (...) Estar no centro — da consciência e do coração —/é a única maneira de ser junto com o universo/e pulsar no ritmo cósmico da luz/e da sabedoria da vida.”

JOSÉ LOUZEIRO

Todos os livros anteriores parecem ser uma preparação para este, onde o poeta encontra um caminho, pervagando as múltiplas experiências místicas para alcançar o que Octávio Paz chamou de “a outridade” do ser humano. Quatro livros até agora, uma obra poética já plenamente integrada no quadro geral da poesia brasileira.

ASSIS BRASIL

Você fez a fenda que eu sempre senti necessária na poesia maranhense. São bonitos os nossos telhados, beirais e sacadas. Mas nada tão forte, tão magnético quanto a alma maranhense que você vasculha em seu fascinante livro. Viva a aura! Analisada por Jung, Capra e tantos outros e que você desnuda com emoção orgástica, com beleza de forma digna dos nossos melhores momentos poéticos. Fiquei feliz em saborear o seu livro e conhecer um pouco a sua alma.

JOÃO MOHANA

Ele é poeta total, dos calcanhares aos sótãos do espírito. Tão imensa é sua voz, que ressoa nos matagais da metáfora, arrancando com ela temáticas que vão desde a usura dos cotidianos, em nós, até os mais vastos vales do empíreo, onde os deuses maquinam o engenho dos seus versos. Casas, o executivo da alma, é o poeta do dilúvio e é de fato irmão gêmeo da luz porque, onde quer que haja luz, a poesia é a sua mais estúpida e bela consorte.

GABRIEL NASCENTE

LITURGIA DA PAIXÃO (1997)

LUÍS AUGUSTO CASSAS,
UM ALQUIMISTA DA LINGUAGEM
NO DESPENHADEIRO DA ASCENSÃO

O poeta Luís Augusto Cassas, nesta **Liturgia da Paixão** revela-se em transcendência alquímica, através da construção de imagens contundentes e belamente trágicas, cujo recorte aliterativo-alegórico-metafórico influi e atíça, no poeta, a obsessão pela antífrase, quando este consegue transformar pedras em pães e demonstrar ser possível transformar o Cabo das Tormentas em Cabo da Boa Esperança, porque:

*“se o bem e o mal
são apenas estados de consciência”*

É a partir daí que vincula e veicula a própria desintegração, desarticulação e destruição das antíteses, saindo do campo dialético-cartesiano para a ascese espiritualista. Nessa via, através das estações da provação, purgação e purificação, implode-se para renascer com um pé em cada mundo dos opostos, provocando o início de uma nova unidade, na qual a cruz é o estuário e emblema da morte e ressurreição.

Após esta viagem, o paradoxo só serve como referência, pois também se anula, como uma sombra sob o sol, pois fará parte de uma das mais belas viagens pós-modernas e barroquisantes, em que o negativo, o escuro, torna-se por força da transmutação interior, claro e positivo. Já não pode ser mais referencial, mas apenas parte integrante e integralizada, agora essencial para que fosse feita a efetivação da mudança, através da qual o poeta possa retornar ao seu estado parúsico ou volta gloriosa ao estado de graça pós-périplo catarticizante. Eis a verdadeira e legítima conversão da água em vinho, de inferno em céu.

Daí nasce, dessa luta titânica para viver e ser e significar-se como tal, a voragem e a viagem humana de Cassas pelo despenhadeiro da

ascensão, dado que a dor não é algo meramente metafísico ou metafórico, mas consequência das circunstâncias de quem opta pela busca de uma nova ordem que não se fundamente no mascaramento e na hipocrisia.

A leitura de **Liturgia da Paixão** nos revela que ser e estar no mundo não é apenas um ato de expiação de um final sem fim, sucessivo e infinito, mas um salutar estado de graça de convivência e remissão dos opostos:

*“Agora que me embriago de Deus
e recuso o cálice do mundo
vejo que permaneço ébrio
e o vinho exala forte em minha alma”*

Bendito vinho — poesia — do qual também nos falou e contou o poeta Omar Khayyan, em outra dicção/contradicção/contradição.

Neste livro definitivo em que demonstra que excesso de trevas é concentração e condensação de luz, o poeta Luís Augusto Cassas sela o seu destino de inovador, demolidor, rupturador, mas também de mediador e conciliador das causas conflitantes que impuseram à sua poesia, sem nenhuma concessão, uma dicção que pode causar estranheza, a marca do inusitado. Mas é esse inusitado, o seu paradoxo maior, já que a sua poesia nos exaure e esgota até a exaustão, para, depois, haurir-nos e levar-nos a um estágio de reenergização vital, já que nos esvazia do que nos tornou cheios (os falsos conceitos) e nos torna plenos de esperanças sobre a vida, aqui e agora, aqui e lá fora, agora e outrora, transformando-nos em seres renovados. Uma como que peregrinação pelo Caminho de Santiago. Uma revelação e revolução interior. A eterna danação de um poeta em sua eterna redenção.

ALBERICO CARNEIRO

Liturgia da Paixão traz uma nova linguagem, enaltecadora da criatura humana, porque próxima de Deus.

WILSON ALVARENGA BORGES

Em versos por vezes longos como um versículo bíblico, Cassas vagueia lúcido e espiritual pelo livro, todo escrito na primeira pessoa, numa trajetória poética muito afim dos poetas Murilo Mendes e Jorge de Lima, que pretenderam instaurar a poesia em Cristo. Mas a espiritualidade de Cassas não se restringe a uma dada religião; é geral e dispersa, bem pessoal e intimista.

FERNANDO PY

LUÍS AUGUSTO CASSAS: PAIXÃO E COMPAIXÃO NA POESIA

O Maranhão é terra de poetas, desde o período inicial da nossa literatura até os dias de hoje. Inúmeros são os exemplos da excelência da poesia maranhense. Não citarei nomes para não cometer injustiças. Mas um nome se destaca, não só de lá, como da poesia contemporânea brasileira: Luís Augusto Cassas. Desde o primeiro livro desse autor, **República dos Becos**, editado pela Civilização Brasileira em 1981, seguido dos outros (enviados por ele: **A Paixão segundo Alcântara**, pela RK, 1985; **Rosebud**, Massao Ohno, 1990; **Retorno da Aura**, Nórdica, 1994; até **Liturgia da Paixão**, Nórdica, 1997), que é um êxtase só, uma expectativa recompensada, um susto gozoso. Porque urge que a poesia seja isso que a dele salmodia.

Cassas endereça aos alertas leitores de poesia um texto brilhante, intelectual e emocionado, inteligente e desesperado, como raros são os que transcendem o mero malabarismo poético na contemporaneidade. Ele, não. Cassas, profundamente apaixonado pela palavra, pela *ars poetica*, embrenha-se na sensualidade de uma poética de abismo, de naufrágio, mas que sabe igualmente alçar-se aos cumes mais altos de um sol a pino, seta para o infinito da mente que produz o milagre de verter pedra em pão. Ou melhor: amalgamar pedra e pão.

Enérgica e inquieta, rítmica e impulsiva, vital e magnética, rebelde e compassiva, impregnada de céu e terra, a poesia extasiada e extasiante

de Luís Augusto Cassas está votada à solidão do mais profundo *self*, do si-mesmo do poeta, da mesma maneira que ao apelo do mundo. Entre recolhimento ascético e frenética multidão, esta poesia se compartilha com a mais nobre fraternidade. Entre paz e humor sangrando alicates, a coroa de espinhos do poeta é amar o próximo ainda que distante, invocando: “*Senhor/crucifica-me junto com o outro/pra ver se o suporte no paraíso.*” E é assim que, para este poeta, a duras penas, solidário e sozinho, sangue, suor e lágrimas, eis o poema: a sua coroa de espinhos. Mas também a sagração da alegria, da alegria da vida.

OLGA SAVARY

ÓPERA BARROCA (1998)

UMA ÓPERA DE ESCÁRNIO E MALDIZER

Assim como Eliot celebrou Londres em *The Waste Land*, ou Baudelaire fez o mesmo com relação a Paris nos “Tableaux Parisiens”, de *Les Fleurs du Mal*, ou Joyce também o fez no que toca a Dublin no *Ulysses*, ou outros mais assim o fizeram com outras tantas cidades em que nasceram ou viveram, ou simplesmente amaram — e não se esqueça aqui daquele Rio de Janeiro de Machado de Assis ou Lima Barreto — assim também o faz o poeta Luís Augusto Cassas no que concerne a São Luís do Maranhão, dita outrora a Atenas brasileira ou, como ele próprio diz agora em sua *Ópera Barroca*: “*Ó minha cidade / minha mãe podre / porque a vergonha é a minha bengala / e a peçonha é a tua fala / a dor é lançada em fascículos*”. A um tempo amoroso e sarcástico, Cassas deambula entre as antigas glórias arquetípico-literárias e as misérrimas hodiernas da cidade, essa cidade que já nos legou, além de outras iguarias, os poemas de Gonçalves Dias e Ferreira Gullar, o ensaísmo de Franklin de Oliveira e a cornucópica contribuição ficcional de Josué Montello, para ficarmos apenas com esses poucos nomes. Mas o tom geral da **Ópera Barroca** transita, a rigor, entre o lamento e o escárnio, pois há pouco (ou quase nada) o que louvar com relação a um patrimônio histórico, artístico e cultural que o país, com diligente e criminoso descaso, insiste em ignorar ou devastar sem se dar conta de que apaga para sempre a sua fisionomia, a sua própria identidade. Como disse Franklin de Oliveira naquelas inesquecíveis páginas da *Morte da Memória Nacional*, não somos uma *paideia*, como o foi a da antiga civilização grega de que todos descendemos, mas apenas uma “cubata” que a cada dia mais se avilta e que aos poucos se torna inabitável.

Tem assim a **Ópera Barroca**, além da virulência imagística e do *pathos* escarninho de seus versos, esse poder de denúncia contra um processo predatório que se desenrola com a impunidade dos crimes a que, por assim dizer, já se afeiçoaram as autoridades nacionais. Daí o

timbre de sarcasmo que ecoa em cada verso, em cada palavra, em cada poema deste livro amargo e indignado. Dai, também, a ira do autor quando deplora: “Ó galinha dos ovos de agouro/que chocas a nossa grã-miséria:/titã da realidade funérea/do escalpo escapo e escapulo/amaldiçoado via aérea/com o espírito impregnado/do chão de doenças venéreas”. As rimas surpreendem e, mais do que isto, laceram e constroem. A linguagem poética de Cassas evoluiu muito desde **Rosebud** (1990) até um recente volume, o esplêndido **Bhagavad-Brita: A Canção do Beco** . (...). Seu instrumental muitíssimo se aguçou, e seu ludismo verbal, antes algo gratuito, ao invés de se esgotar no *divertissement* consigo mesmo, serve agora aos propósitos de uma expressão poética que se evadiu do gozo de si própria não para tornar-se socialmente engajada, mas para denunciar, à sua maneira escarninha, uma realidade que nenhum poeta brasileiro digno desse nome pode ignorar.

Nesse sentido — e em muitos outros, estes já de índole estética — a **Ópera Barroca** é livro que não pode passar despercebido, já que reflete não só a maturidade poética de um autor, mas também — o que aqui, aliás, mais nos importa — uma radical e funda transformação na maneira como o poeta passou a encarar-se a si próprio e a realidade que o circunda, uma realidade que bem poderia ser degustada num poema como “Pastelaria de Aquém-mar” ou na magistral síntese de um dos símbolos mais caros à nacionalidade, como se vê na “Feira do João Paulo”, onde lê-se apenas: “Grécia jamaicana: / tua bandeira republicana / é um cacho de banana”. E se ao fim e ao cabo entender o leitor o que acabo de lhe tentar dizer acerca de um país que ainda não presta e ignora ainda o que seja dignidade humana, entenda também que a linguagem debochada, escarninha e sardônica que instrumenta essa **Ópera Barroca** é a única que talvez se preste para deplorar tudo aquilo que, em termos de nação — ou de uma cidade que já mereceu o epíteto de “Atenas brasileira” — poderia ter sido, e no entanto ainda não foi. E não o foi por inépcia, por usura, por corrupção e, mais do que tudo, por desamor. Lembrai-vos, leitor, do que nos disse São Lucas em seu Evangelho (X,15): “Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até o céu? Descerás até o inferno”.

IVAN JUNQUEIRA

A ÓPERA SANTA & SACANA DE SÃO LUÍS AUGUSTO CASSAS

1

Está a todo pano e a todo vapor, plena e corrente, a poesia de Luís Augusto Cassas, e como a poesia é fêmea e sutil, em havendo te(n)são vital, como nesta **Ópera Barroca: Guia Erótico-Poético e Serpentário Lírico da Cidade de São Luís do Maranhão**, a previsão mais legítima é a de que, entre telhados e musgos, mirantes e nuvens, a donzela do mundo, cheirando a cuxás, tiquiras e juçaras, fique grávida de novas e esplêndidas safras. Assim seja! Pois o poeta, alfa e ômega a perpassar o tudo, o nada e o infinito, é o senhor constante da invenção, na placenta das coisas, do universo mítico cujos mistérios, se não revelados tornam-se menos estrangeiros, em virtude de sua capacidade de tocar com a mão humana o insondável.

Depois do rural Hesíodo, no mundo grego, com *Os Trabalhos e os Dias*, a poesia não deixou de estar associada à urbanização da existência, que, ora avançando, ora retrocedendo, significou um dos mais provocantes experimentos construtivos do homem, a buscar ser o artífice desta segunda natureza, teatro da convivência a salvo das intempéries. Toda uma história das civilizações poderia ser escrita, a partir dos testemunhos ecléticos representativos, através dos quais o Canto vestiu (ou desnudou) a Pólis. Ou, pelo menos, uma história das cidades brasileiras, com a fábula (re)criando a verdade, desde Gregório de Matos e Vinícius de Moraes, passando por Tomás Antônio Gonzaga e chegando a João Cabral de Melo Neto, com os devidos destaques para Manuel Bandeira e Ferreira Gullar. Salvador, Rio de Janeiro, Ouro Preto, Recife e São Luís, vocalizadas pelos poetas, estão redivivas, afinal, em meio a silêncios amplos, gerais e irrestritos.

São Luís, em particular, é o eixo temático de Cassas, que carrega a urbe no nome, na veia e na voz. E nisto reside a sua primeira vitória: cantada em prosa e verso de há muito, por mui grandes tenores, e vozes recalitrantes, a província de Cassas, de matrona useira e vezeira, renasce virgem nunca jamais, e, sem pudicícias outras, cai na

vida, sobe em pau, desce ladeira, dorme na zona, acorda de lombra, entorna verdes mares, tropeça em crepúculos e mexericos, — que em São Luís ninguém escorrega em casca de banana: só de bacuri — e segue em frente, sem dar ouvidos, sonhando com uma aurora em cada crepúsculo.

É que o segundo sucesso de Cassas consiste na capacidade de descer do mirante e chegar às ruas, praças e feiras, cantos, largos, becos e portos, captando, para transfigurá-la, a energia psicossocial das vozes de uma cidade que, para ele, e ao contrário de Itabira de Carlos Drummond de Andrade, jamais será um retrato na parede. A relação do poeta com o burgo de São Luís, neste sentido, é de posse plena, na conjunção do verbo e da carne, isto é, de alguém que só voa de asa delta por ter os pés sujos de barro. E não de um barro qualquer: da terra em que até o Padre Antônio Vieira — Deus seja louvado! — mentia.

E aqui, avançando no território adversário, coloco a terceira carta à mesa, onde há farinha d'água e camarão seco: Cassas constrói a sua verdade. Não conheço província velha *mais lavou está nova* do que São Luís. Como é possível a um burgo só, depois das líricas de Bandeira Tribuzi e de Ferreira Gullar, José Chagas e Nauro Machado, José Sarney, Manoel Lopes e José Maria Nascimento, permanecer inspirando tantas descobertas com tamanhas diferenciações?! Quanta beleza no veneno da serpente lírica, que a ópera de Cassas, santa e sacana, revela, nas reentrâncias barrocas de um guia erótico. Comove-me saber que, do Maranhão, reescrito intertextualizado, Gonçalves Dias é o caminho para o alcance da dor universal, como na “Canção do Frágil”, transfiguradora de Sartre, da existência e do fracasso:

*“chora meu filho
chora que a vida
é luta renhida
viver é chorar

a vida é combate
que os fortes abate
mas os fracos e os frágeis
só pode exaltar”*

Lírica divina e ofídica, dengosa às vezes, escrachada quase sempre e repleta de gravidades nada convencionais. O sagrado convive com o profano, desde que, soltos no espaço, o horizontal e o vertical digladiam-se como numa lanceada de papagaios. O poeta sacode a bandeira do Divino, em meio ao zum-zum-zum cotidiano, para mergulhar nos dramas humanos que a cidade, (in)confidente, evidencia, como fiel testemunha de si mesma. Sabendo-se *“luís augusto cassas de araujo/casado por caças nos idos de março/ave, augusto/que do mar é marujo/quem é do ar é arau- / jó”*, chora. São cântaros verdes de protesto e de sarcasmo, contra a desesperança dos que naufragaram a ilha afortunada em óleo e fezes: *“entanto/o verde que antevejo nessa manhã/só o vislumbro detrás de óculos rayban/a não ser que eu ponha cloro/nas lágrimas que em ti choro.”*

Logo o enredo rabellaisiano socorre alegria e, de animo revigorado, entre a língua e a minguá, o auto do boi acende os tambores, chega a hora de guarnicê e crioulas voluteiam com o sangue quente, de encontro a musas, damas, misses, virgens e modelos. Açoitadas por uma freira, as mulheres — elas são a cidade — suadas, aflitas e convocadas para uma cruzada em busca da pureza de Dom Sebastião, o Encoberto, clamam aos tempos e aos costumes por um lençol, manto protetor dos pecados e dos calores do mundo.

É quando aparece Cassas, compondo a sua sinfonia macunaímica, transpirando poesia com *“uma tesão pai d’égua igual aos dezesseis anos”*. O poeta, detentor do destino da cidade, abre os braços e apenas exclama: *“ó tesão benigna / és minha terçã maligna!”*. A salvação encontrada está onde sempre esteve: na vida nova no Amor, cantada por Dante Alighieri. Cercado por mulheres, Cassas escolhe a liberdade natural:

*“Solto-as na grama
sem sungas
descabeladas”*

Reinventar-se a província para o Amor difícil, de mãe, filha e mulher, misturando a santidade das avós e a sacanagem das madras-

tas, sempre dispostas a trocarem de papéis, na brincadeira dialética dos quatro cantos. Do labirinto do grito de independência aos furores da balaiada lírica, santa e sacana, desenvolve-se a ópera culta de Cassas, que de Freud e de Voltaire nem todo mundo tem sequer um pouco. Ácido e doce, irônico e meigo, trágico e humano, enfim, o poeta vai compondo, na pele e no toque, a soberana geografia da existência, esta corda de equilibrista entre a montanha e o abismo, até atingir o ponto G do verbo, da urbe e da carne: “*campeã de salto à vara/na olimpíada da cama*”. Ele celebra, em versos memoráveis, os poetas Eugênio de Freitas, o último trovador de Athenas, e Nascimento de Moraes Filho, o que “arrota um urubu contra a hipocrisia”. E descobre na alegria as raízes da tristeza:

*“os fofões pulando
e os foliões pulsando
os foliões pulando
e a vida passando*

*Silvinho rafaela
José Vasquez Vovô Felício
os fofões pulando
e a vida passando*

*os foliões absortos
na lembrança dos jornais
e o cordão dos mortos
cada vez aumenta mais”*

Nasce daí uma consciência mais profunda do existir. Despojando-se de acidentes, o poeta, que ambiciona a síntese do numinoso com o profano, parte em busca da cidade essencial e redimida, a única que permite (des)ordenar a convivência segundo a lei da beleza. São Luís brilha ao sol dos trópicos; as chuvas são para lavar a alma; o clima volta à amenidade dos ventos gerais; as palavras dizem sim à brisa marinha; Ana Amélia recomeça o namoro com Gonçalves Dias, confiante em que, desta vez, será feliz o final do folhetim: “*a vara de condão saudosa/do vênus da safada fada*”. É quando Cassas, divino-mundano, pisca o olho e põe um ponto continuando na ópera barroca:

*“Barqueiros são poetas líricos
membros natos da Academia
“Fé em Deus” “Águia Dourada”
“Rosa dos Ventos” “Flor do Mar”
é assim que batizam
as suas filhas de Maria
Depois a ladainha das ondas
faz a crisma da alegria”*

Pois sim! Vamos todos ulissear rumo a essa Ítaca de gergelim e sonhos e digerir esse caldeirão de ritmos e de vozes. Asas ao vento, **Ópera Barroca: Guia Erótico-Poético de São Luís do Maranhão**. O cantor, a cidade e a mulher. Eis o prazer do texto poético. Evoé, Cassas!

ROSSINI CORRÊA

A PAIXÃO DE CASSAS SEGUNDO A ZBM

Filho pródigo reincidente, o poeta Luís Augusto Cassas retorna não à casa do pai (seria elementar, caro Watson), mas à casa da mãezona, como quem sente saudades da primeira puta. Esse resgate edipiano, sem prejuízo da aura reconquistada, reúne o poeta maduro ao adolescente lírico que, após anos de masturbação entre ruínas despidas de azulejos, decidiu novamente deitar-se com a sua Jocasta numa noite de lua.

Do amor incestuoso pela sua indigente cidade renasce a notável poesia desse menestrel que conheci no final da década de 1960, quando já proclamava a República de São Luís entre cachos de cajazinho e copos de cachaça (o nosso caviar e champanhe dos becos e feiras), depois das fugas do Liceu Maranhense em direção ao front do Bar do Joaquim, na rua do Passeio, quando não explodindo as tendas da Ponta d’Areia com garrafas incendiárias.

Para ciúme das meretrizes palacianas e felicidade geral de boêmios, ex-lutadores de boxe, *crooners* de cabaré e cafetinas falidas da

Zona do Baixo Meretrício, Luís Augusto Cassas nos dá para ler talvez o seu livro mais irreverente — e, portanto, louvável —, com o não menos sugestivo título de **Ópera Barroca: Guia Erótico-poético & Serpentário Lírico da Cidade de São Luís do Maranhão**.

O autor de **Rosebud** e **O Retorno da Aura** surpreende-nos mais uma vez com a sua nova cria, de quem há anos vinha encomendando o parto, após insuspeitas traições à família. É que para Cassas a poesia é uma amante contumaz, que hoje, por força de seu compromisso com as leis, o obriga a pagar com prestações de dor o amor que lhe dedica anos a fio. Deve-se dizer que agora está quites, com ou sem desquites.

A mãe, essa puta cidade, certamente está lhe dando alguns puxões de orelha: “não precisava tanto revelar intimidades”. Mas o sorriso de Mona Lisa no canto da boca denuncia que a cidade está satisfeita com o seu filho pródigo. Até porque para ser pródigo tem que fugir sempre de casa, como fazia o adolescente poeta Arthur Rimbaud antes de tornar-se contrabandista de armas na África.

Desarmado de navalhas conceituais nesse seu retorno, em vez do Livro de Thot, Cassas traz debaixo do braço esta nova versão do Kama-Sutra, e, por um momento (que serve para a eternidade), abre mão dos arcanos do Tarô para tirar da manga um sujo coringa do seu baralho poético, o mesmo com que arriscou libidinosas partidas de buraco na ZBM durante décadas.

Este livro revela a beleza podre do que há de melhor na poesia maranhense dos últimos tempos. Trata-se de um inventário profano e lírico de tudo o que uma cidade, mesmo depois de estuprada em séculos de pirataria, pôde dar a um poeta apaixonado e sedento como um beduíno, inclusive a luxúria dos ratos e baratas do subterrâneo que liga o Palácio dos Leões ao Xirizal do Oscar Frota.

Na **Ópera Barroca** Luís Augusto Cassas continua o mesmo, com uma vantagem: não precisou dar explicações a Marx, nem a Lao-Tsé, muito menos a Bota pra Moer. Padrinho de casamento do Louco com a Temperança, não deve mais quitanda e o seu fígado está de bem com o mundo e com a poesia da cidade-puta idolatrada. Lendo a obra vê-se logo que a filha é sua: tem a sua cara.

E, considerando-se que o poeta Cassas só não é abstêmio da poesia que procria, quem duvidar, freuda-se.

CÉSAR TEIXEIRA

No empenho da integração de forças maranhenses no âmbito universal da poesia, invocando e associando-se a expressões diversas da cultura, sejam mitopoéticas ou filosóficas, tecnicistas ou herméticas, observa-se na lúcida manifestação do pensamento de Luís Augusto Cassas, radicado em São Luís, o objetivo de atingir uma síntese que incorpora inclusive o niilismo, o nirvana, o satori, como fundamentos oníricos de uma dramática visão do mundo, cuja sinatura possui nuances realistas, expressionistas, dadaístas, surrealistas, atento o poeta ao intrincado instrumental de uma linguagem que se insere de modo definitivo na poesia brasileira.

Em **Ópera Barroca**, as “collages” entremeando os poemas, na metade do livro, com retrato do autor, em número de vinte, onze com um cromatismo discreto contrastando com a iluminura noturna da cidade e “o sonho com o futuro de glória”, conferem a esta obra singular uma historicidade evocadora das ruínas do palácio de Príamo e as estátuas de reis mortos que o poeta quer resgatar.

O livro é concebido como anagrama do Corpo e da Palavra, segundo a antiga Cabala e a Torah.

FOED CASTRO CHAMA

Depois de **Ópera Barroca**, posso dizer que conheço a cidade de São Luís, a antiga “Atenas Brasileira”, suas ruas e personagens, o que resta do casario, a leitura a riso solto com os apetites da melena e a ambição da cidade de ser uma grande Teresina. E acho até que a conheço melhor do que muita gente que andou por lá, o que só é possível através desses livros em que o autor, fazendo da sua cidade personagem, desvela-a inteira, por dentro e por fora — a alma, a carne, os ossos. Como Joyce fez com Dublin ou Lawrence Durrell com Alexandria.

CARLOS NEWTON JÚNIOR

No Maranhão, a cidade de nascimento tem sido e vem sendo um desafio permanente, porém, quase sempre, um caso de amor não resolvido ou fracassado desde Gonçalves Dias, para quem São Luís (ou o Maranhão) aparece como a bem-amada no exílio: “*não permita Deus que eu morra/sem que volte pra lá*”. Bandeira Tribuzi tem em São Luís o deslumbramento tanto em *Louvação a São Luís*, quanto em *Memorial do Longo Tempo*. Em José Chagas tem-se um perfil arquitetônico-psicológico de São Luís, belíssima poesia que transita por *Os Telhados*, *Os Canhões do Silêncio* e *Maré Memória*, mas nele o caso de amor se dissoluciona, porque, apesar da briga, falta cantar a dissolução do casamento, o divórcio, as intrigas, a traição, os tapas-e-beijos em busca da reconciliação. Josué Montello, mesmo em *Os Tambores de São Luís*, está distante de tirar o véu da Verônica. Somente em Ferreira Gullar, em *Poema Sujo*, rasga-se o véu e tira-se a máscara de São Luís, numa linguagem que possibilita a provação, purgação e purificação da Cidade-Sociedade-Ilha. Mas, ainda é um canto no exílio, “a cidade está em mim...”. A Poesia de Nauro Machado fala-nos de um caso de amor mal-amado, não resolvido. Assim apesar de um belo perfil poético textualizado por quase todos que escrevem sobre São Luís e que, via de regra, cantam sua estória e eternizam, não meteram a mão tão profundamente nesta ferida em que Luís Augusto Cassas foi fundo, como fez Tomé em relação à chaga de Cristo, metendo nela a mão, para poder acreditar.

Ópera Barroca é isto e o voo para a transcendência via reconciliação.

ALBERICO CARNEIRO

Belíssimo hino de amor a São Luís do Maranhão, que encontrou um intérprete mais equipado do que Oswald de Andrade e tão ou mais importante do que Gregório de Matos.

SÉRGIO CASTRO PINTO

O SHOPPING DE DEUS & A ALMA DO NEGÓCIO POEMOSSAURUS REX (1998)

DEUS E O DIABO NA TERRA DO *SHOPPING*

Dizem que os espíritos gostam de aparecer na encruzilhada dos caminhos. Depois de uma fase marcadamente religiosa (**O Retorno da Aura**, 1994, e **Liturgia da Paixão**, 1997, ed. Nórdica), o poeta Luís Augusto Cassas apresenta neste **O Shopping de Deus & A Alma do Negócio** um livro que pode ser lido como um único, vasto e assombrado poema.

Aqui se cruzam uma aguda inquietação espiritual e uma aceitação irônica, mas também fervorosa, da materialidade do mundo. Esforço de busca e de conciliação, portanto, numa época em que o apelo do consumo, o brilho da mercadoria, o fascínio dos *shopping centers* parecem monopolizar todas as aspirações humanas e cercar-se de uma aura quase mística. Cada objeto à venda, com efeito, tem em si algo de inatingível nas vitrines — mas simultaneamente se mostra ao alcance da mão; é uma promessa longínqua, mas acena com um instantâneo paraíso.

O que há de insatisfatório nesse consumismo talvez seja responsável pela voga espiritual e esotérica que toma conta do ambiente contemporâneo. Espiritualidade e esoterismo curiosos, entretanto: mais do que uma superação do tão lamentado “materialismo” da sociedade, assumem deste tudo que há de pragmático, de interesseiro e hedonista, e de supersticioso. A autoajuda, a cura da Aids, o enriquecimento fácil e o sucesso profissional são os objetivos dessa manipulação supersticiosa dos numes, das energias, dos espíritos, das substâncias alquímicas, das runas e das ervas.

A vida do espírito se degrada, assim, em pseudociência, enquanto a mercadoria se eleva a esferas místicas, fosforescentes, indefiníveis.

É talvez diante da falsidade deste duplo encontro que se inquieta Luís Augusto Cassas, buscando a seu modo uma outra, e mais autêntica, “conjugação de Deus e o Mundo, esses dois astros”, para citar a epígrafe do teólogo Teilhard de Chardin.

Mas qual o sujeito dessa busca? Quem é que fala no poema? Nas primeiras peças do livro, o poeta se recusa a dizer seu nome: “*Meu nome não é Raimundo*” (p. 17); “*Meu pseudônimo é agosto*” (p. 19); “*my name/ is vário*” (p. 21); “*chamem-me avulso*” (p. 27). Cassas alia o tema pesoano do heterônimo a uma dupla alusão teológica — ao demônio, cujo nome “é legião” e a via negativa do conhecimento místico. Poeta em extinção (p. 37), o autor, ele próprio dividido, terá de constituir-se à medida que procura superar a divisão entre Deus e Mundo, matéria e espírito. *Meu nome é síntese*, conclui (p. 39).

Conclusão provisória, contudo. Como efetuar poeticamente a síntese pretendida? O autor se vê numa nova encruzilhada. De um lado, haveria a tentação do discursivo, do poema *filosófico*; de outro, o recurso ao epigramático, à imagem concentrada, ao texto visto como “objeto poético”, mais do que como enunciado sintaticamente organizado.

A saída proposta por Luís Augusto Cassas é, frequentemente, a de misturar o registro elevado com o tom humorístico; o trocadilho com a meditação. Assim, em “*Epístola ao Corinthians*” — basta o título, aliás —, encontramos “*Deus não se basta a si mesmo/ Ele gostasse em nós mesmos/ assim como nós n’Ele nos bastamos para melhor sermos*” e, alguns versos depois, “*Louvado o Palmeiras/O Flamengo e o São Paulo.*”

O efeito irônico prevalece, sem dúvida, sobre o intento de reconciliação. Mas não há como não notar a angústia atrás da desenvoltura cômica. Se na *Epístola ao Corinthians* é o poeta quem conscientemente oscila entre o vulgar e o elevado, em *Invocação de Jack Daniel’s* (p. 179) não é sua própria voz, mas a de uma paródia publicitária, quem se encarrega de fundir o jingle com a oração: “*porque usa produtos kibon/ o Senhor é bom/ porque todo dia toma toddy/ com Ele ninguém pode*”.

Mais denúncia que celebração, portanto, este livro expressa uma luta, uma aspiração ainda insatisfeita de síntese. Como aceitar “o Mundo” sem aceitar “este mundo”, que não é obra de Deus, mas dos

homens? Estaria aqui a raiz da angústia que o poeta vem compartilhar conosco? “Se meus demônios me deixassem, temo que meus anjos também fugissem”, diz Rilke, em outra epígrafe. O poeta está na encruzilhada. Levanta, com paus, pedras e barro, com o que tiver à mão, um edifício instável, elevado, ao mesmo tempo amplo e esquivo. Faça, leitor, sua visita.

MARCELO COELHO

A ETERNA BUSCA DA POESIA EM CASSAS: UM OLHAR METALINGUÍSTICO SOBRE O SHOPPING DE DEUS & A ALMA DO NEGÓCIO

Jorge Luís Borges, o excepcional escritor argentino, no conto “A escrita de Deus”, através do angustiado narrador-personagem, assim revela o especialíssimo encontro com a Divindade: “O êxtase não repete seus símbolos; há quem tenha visto Deus num resplendor, há quem o tenha percebido numa espada ou nos círculos duma rosa. Eu vi uma Roda altíssima, que não estava diante de meus olhos, nem atrás, nem nos lados, mas em todas as partes, a um só tempo. Essa Roda estava feita de água, mas também de fogo, e era (embora se visse a borda) infinita. (...) Oh, felicidade de entender, maior que a de imaginar ou que a de sentir! Vi o universo e vi os íntimos desígnios do universo. Vi as origens narradas pelo Livro do Comum. Vi as montanhas que surgiram da água, vi os primeiros homens com seu bordão, vi os cães que lhes desfizeram os rostos. Vi o deus sem face que há por trás dos deuses. Vi infinitos processos que formavam uma só felicidade e, entendendo tudo, consegui também entender a escrita do tigre.” Deus e seus mistérios... O mundo dos homens e a eterna busca do outro...

Essa ancestral ânsia metafísica do ser que parece ter lugar cativo na literatura mundial encontra, hoje, em Luís Augusto Cassas um dos seus pontos de apoio para o próximo milênio, ainda não descortinado e envolto nas brumas do Apocalipse. Maranhense de coração e de nas-

cimento, da ilha poética que forma escritores para o continente, Cassas tem se aventurado, como bem atesta sua larga produção literária, pelos árduos (e prazerosos, diga-se de passagem) caminhos da poesia, publicando com proficuidade, e com muita coragem, versos nesse nosso país de não leitores e dos desprovidos de afeto.

No Caderno Alternativo, do jornal *O Estado do Maranhão*, de 2 de maio de 1999, o poeta Foed Castro Chamma, numa retrospectiva da vasta produção de Cassas, procurou destacar a dramática visão de mundo do poeta, onde há espaço para o niilismo, o nirvana e o satori, fundamentos oníricos com laivos dadaístas, surrealistas, expressionistas. Em dado momento de seu panorama globalizante, Chamma abordou, sinteticamente, o livro **O Shopping de Deus & A Alma do Negócio**, publicado em 1998 (e não em 1988, como registra o texto), com especial relevância para a contraposição entre transcendência e imanência, entre o que Cassas intenta fundir: Deus-Homem-Mundo. Para além do jogo maniqueísta evidente na obra, detenho meu olhar sobre seu âmago e nele descubro coisas que incitam novas leituras e novas perspectivas de análise. Sobre essas outras “coisas” pouso minha pena de intérprete e convido os leitores a degustarem desse banquete cultural.

Composto de 74 “exercícios metapoéticos” (como assim os denomina o autor), **O Shopping de Deus & A Alma do Negócio**, paralelamente ao desenvolvimento do *leitmotiv* Deus e o mundo, ou melhor, Deus no mundo ou o mundo em Deus, realiza de fato exercícios metalinguísticos, em que figuram ora a Poesia (“*A Louca com vela nos cabelos*”, do poema *O Guesa Errado*) de um poeta em extinção, ora a mão esquerda (metonímia da razão) que (“*recolhe vestígios/arco-íris de ideias/restos de nuvens*”) para a mão direita que ignora o que seja a vida para além do devaneio poético (do poema *Poética*). A primeira estrofe do poema *O Ontopoema* sintetiza exemplarmente o jogo complexo de que se reveste esse labutar com a palavra outra que caracteriza a poesia, na medida em que define o poema, o poeta e o mundo a partir da existência do ser. Sem o poema não há espaço para a voz do poeta e para as marcas do mundo (“*o poema é o ser/o poeta a língua do ser/o mundo as páginas do ser*”).

A imbricada relação poeta/mundo atinge, em *Degustação do Outro*, seu ponto máximo, cabendo a Deus promover a conciliação do sentimento com a inteligência através do pacto da harmonia: (“o poeta mastiga o mundo/o mundo mastiga o poeta/Deus toma seu chá de camomila”). Em *Matrimônio dos Opostos*, a união do poeta-solidão com a multidão-massa se conforma sobretudo pela aglutinação do radical “multi” com termos semanticamente derivados de “uno”, num claro exercício em que se enovelam o burilamento linguístico e o esforço de conciliação do ser com os outros.

Esse impressionante trabalho com a palavra, afora o discurso meta-poético, também incide sobre o plano da ambiguidade, transformando a plurissignificação em oportuno momento para a confluência dos opostos. Assim é que em *Conjugação do Múltiplo*, o substantivo “nós”, recorrente nos seis primeiros versos, transmuta-se no pronome “nós”, de modo a congregar todos na dor que sufoca o peito e cala a voz dos aflitos: “Somos feitos de nós/Nós na garganta/Nós no peito/Nós nas tripas/Múltiplos nós/Todos os nós/Todos nós/Nós todos.” O mesmo jogo linguístico se verifica em *A Boneca das Estrelas*, ainda que a ambiguidade resida não sobre os possíveis sentidos atribuídos à palavra “estrela”, mas sobre a sua significação comercial enquanto empresa fabricante de brinquedos. A última estrofe, de forma lúdica, brinca com a *Barbie* e com os leitores-consumidores: “*Barbie vai às compras/Vitrine ambulante/a céu aberto/O olhar azul/na face de porcelana/Nenhuma boneca/da Estrela/é tão bela*”.

Cabe ainda ressaltar, dentro desse riquíssimo palco em que a atriz principal é a palavra poética, o resgate de *Cassas da nossa velha* (nova?) conhecida poesia concreta, já cantada singularmente pelo poeta em *Rosebud* (1990). Vide os poemas *A Alma do Negócio*, *Ladainha do Cifão*, *Misto Quente*, em que o signo descortina o véu do significante e o transforma em símbolo visual, imagético, carregando, assim, o peso do significado para além da mera interpretação contextual. Em *Misto Quente*, por exemplo, o céu e o inferno aparecem derretidos no mesmo pão da intimidade conjugada, de modo a romper com o célebre antagonismo Bem x Mal: “*céu e inferno/juntos derretidos/verãoinverno*”.

Múltiplas, portanto, são as possibilidades de leitura dos poemas de Cassas, em especial os que compõem **O Shopping de Deus & A Alma do Negócio**, o que evidencia a múltipla visão de mundo de um poeta-oceano, imerso nas máscaras de uma legião de iniciados, para quem a poesia é seu único rosto. Sim, Cassas, “a poesia deve queimar as mãos” e inebriar a alma do leitor.

MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA

O Shopping de Deus & A Alma do Negócio é, ao que parece, o seu livro por excelência, aquele que reúne todas as suas qualidades, seja porque nele alcança a suprema ironia, tão própria de seu espírito, seja pela cristalização de seu lirismo. É uma liturgia pop – que, de certa maneira, resgata o Cassas de **Rosebud** (Massao Ohno, 1990), livro que não devemos perder de vista em sua produção — mas desta vez com o tempero do visioriarismo lírico que nasceu com **O Retorno da Aura** (Nórdica, 1994).

ANDRÉ SEFFRIN

TITANIC-BOULOGNE: A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO (1998)

TITANIC

A lírica contemporânea, na sua formulação estética, não dispensa, muitas vezes, os conceitos de “apropriação” e de “paródia” enquanto recursos ou estratégias discursivas, no sentido de reforçar a dimensão dialógica conatural à linguagem poética.

O lastro intertextual, portanto, se torna característico do texto moderno e contemporâneo ao mesmo tempo em que parece inevitável às suas múltiplas possibilidades de estruturação. Enfim, o texto poético se quer autônomo, mas não abdica, contudo, de se transmutar em eco estilhaçado de textos alheios. Uma voz que se é enquanto voz única e inconfundível, mas uma voz que traz consigo, em ambivalências significativas, as identidades fragmentadas do outro.

Ora, é o que faz o poeta maranhense Luís Augusto Cassas na composição do poema **Titanic-Boulogne: A Canção de Ana e Antônio**, juntamente com mais dois outros títulos de sua lavra, **Ópera Barroca** e **O Shopping de Deus & A Alma do Negócio**, ambos de 1998.

Titanic-Boulogne convoca, para a cena poética, a história e o tema dos amantes que se separam e do amor que não se consuma, a partir do drama especial vivido pelo poeta Gonçalves Dias e Ana Amélia Vale. Ambientado na cidade de São Luís na segunda metade do século XIX, o poema alegoriza, no seu intercurso de vozes poéticas reaproveitadas, os contornos daquela tragédia amorosa.

Como se sabe, ao poeta romântico foi negada a mão de Ana Amélia em função do preconceito de cor. Desiludido, o poeta viaja para o Rio de Janeiro e se casa com Olímpia Costa. Ana Amélia, por sua vez, desposa Domingos Porto. Tempos mais tarde, em Portugal, Antônio

reencontra Ana e o amor reprimido volta a transbordar. É a época em que vem a lume o extraordinário poema *Ainda uma vez — Adeus*. Finalmente, em 1864, o veleiro Ville de Boulogne, em que Gonçalves Dias voltava para São Luís, naufraga e o poeta morre aos 41 anos de idade.

A tragédia, vivida no plano afetivo, adquire, assim, uma imponderável dimensão real. A particularidade do drama romântico se universaliza pela via transfigurativa da visão poética. A história de amor e morte sai, portanto, do seu restrito território episódico para notabilizar-se enquanto metáfora das grandes histórias de amor. O poema de Cassas é também poema de Tristão, de Romeu, de Francesco, de Abelardo e de todo aquele que mergulha no mar da paixão amorosa.

Por isto mesmo, o eu poético, para além de constatar a experiência vivida (*“estamos em pleno mar: o poeta Gonçalves Dias/promete à Ana e às tias/amá-la acima do azar”*), reflete sobre sua natureza e singularidade, como se pode observar na palavra da Providência, do sugestivo poema da página 63:

*“Não existe fracasso ou êxito
na via do peregrino
Escusar-se ao seu destino
é que avilta o contrato
O amor consiste-se em buscá-lo
Vivê-lo é mor-travessia
Que importa à flor se o talo
desfez-se-lhe a companhia?”*

Ao autor não escapa mesmo a sutil correspondência dos naufrágios, que envolvem os amantes na impossibilidade de plenamente viverem a realização do amor. Daí, a correlação entre o Boulogne e o Titanic, filtrado do filme de James Cameron. De outra parte, a fusão ambígua de passado e presente, de romantismo e pós-modernidade, materializada no espaço intertextual da dicção lírica.

Repassando Gonçalves Dias, Castro Alves, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros que robustecem a nossa tradição poética, Luís Augusto Cassas, com **Tita-**

nic-Boulogne ensaia, e com êxito, a sintaxe do poema monotemático, polifônico, paródico, a reescrever os sortilégios da experiência amorosa.

Sem escamotear sua inevitável componente trágica, o poeta como que sinaliza, para o leitor deste fim de milênio, que o Amor está aí. Está aí como a vida. Como o melhor da vida, pesar da agonia dos naufrágios.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO

A CANÇÃO DE ANA E ANTÔNIO

O livro de Luís Augusto Cassas **Titanic-Boulogne: A Canção de Ana e Antônio** apresenta um instigante tom de desencanto, prefigurado pelo humor que o poeta desenvolve ao lado de interessantes e importantes jogos de linguagem, imprimindo a estrutura dinâmica de uma poesia inserida num tempo identificado como pós-moderno.

Diga-se de passagem que à pós-modernidade, enquanto conjunto de ideias, valores, comportamentos, etc., de sociedades pós-industriais mais desenvolvidas, são atribuídos elementos estranguladores de uma moral e de um saber, a tal ponto que, invadindo o nosso cotidiano, não se sabe ainda se ela é decadência ou renascimento cultural. E, para não ser confundida, apresso-me em dizer que estou aqui me reportando à referência, não à inferência: isto é, à pós-modernidade e não ao poema de Luís Augusto Cassas, produzido decerto no dissentimento.

Assim, **Titanic-Boulogne: A Canção de Ana e Antônio** é, de fato, como está na orelha do livro, essa “aventura paródica da pós-modernidade” que traz à tona o amor submerso de Ana Amélia e Gonçalves Dias, naufrago insuspeito de um barco chamado *Boulogne*. Amor que Cassas coloca ao lado daquele outro, também à deriva, na titânica fantasia de James Cameron: espetacular exemplo desse contexto pós-moderno.

O poema inicial já é um aviso aos leitores-navegantes: “... *estamos em pleno mar:/lento o Titanic-Boulogne/navega em suave champagne/*

*como se ouvisse Mozart/ (...) / ladies and gentlemen insones / a viagem vai iniciar: / se o amor vos consome / cuidado ao navegar!” Cito também o poema *Sem Título*, onde o poeta intenta com felicidade uma “*construção do ser pela palavra*”: “*não tenho mãos / tenho palavras...*”.*

Com este inteligente jogo, Luís Augusto Cassas, autor de uma considerável obra poética, reafirma ser uma das nossas vozes mais importantes a divulgar o Maranhão no cenário nacional.

ARLETE NOGUEIRA DA CRUZ MACHADO

BHAGAVAD-BRITA: A CANÇÃO DO BECO (1999)

BHAGAVAD-BRITA

O texto como instrumento operacional de magia, como poesia e objeto da língua, inclui artificios muitas vezes que o camuflam ao historicizar o poeta o discurso, projetando-se deste modo um significado que não anula todavia o significante, a cujo núcleo converge portanto o discurso.

Nessa orla estrutural da linguagem se sustenta o mistério da Palavra. No estágio inicial da língua, de *contato e compreensão*, a imagem é objeto de um Saber que o Sentido captura, antecipando-se o discurso ao recolhimento à realidade da representação, a qual, em sua imediatividade é despojada do conteúdo sagrado, subjacente da linguagem, como estranhamento do signo que a poesia introduz, desde os primórdios enquanto Arte mágica.

Ao longo da negação, a representação do ser é um voltar-se para a afirmação do que constitui em si a negação. O fundamento longínquo, esotérico da *ciência*, permeia tal relação quer sob a forma arcaica de magia, i.e. de um *saber a priori*, praticado como vontade de potência, quer sob a forma ulterior de Arte e Religião, que a linguagem poética desenvolveu como contraponto de um discurso que traz em seu bojo imagem, signo e ícone, quer dizer, a raiz inesgotável do símbolo, o qual retém em sua díade a tríade, i.e. o ponto de partida da negação, lá onde no núcleo mesmo da imagem o poeta produz a sua urdidura elementar, o sonho, servindo-se da realidade como objeto da imaginação.

Desde os primórdios se consuma a consciência de uma relação hieroglífica que subverte o *logos*, cuja unidade sofre a pulsão do Sentido no sentido explícito de negação da Coisa em si, que Kant na *Crítica da Razão Pura* atribui ao uso estético da razão.

Como *tekhné* a magia é utilizada no sentido de produção da imagem, que a ciência desenvolve, superando o estágio triunfal da *esquizofrenia* sob a forma de Arte mágica. Ao estender-se a linguagem poética da imaginação à compreensão do receptor, estabelece-se uma relação de poder desenvolvida pela ciência, alcançando o sujeito com o *registro* o diálogo virtual entre a realidade e o Acontecimento.

Tal é a dialética emergente da linguagem poética utilizada em **Bhagavad-Brita** por Luís Augusto Cassas, utilizando o poeta maranhense como subtítulo desta pequena obra-prima *A Canção do Beco*, de Manuel Bandeira, homenagem que remete o texto poético de Cassas a uma leitura contemporizadora do esoterismo implícito *da ciência* sob disfarces e alusões que não esvaziam o conteúdo teofânico, mitopoético da filosofia.

Como collage, encontramos nos poemas de Luís Augusto Cassas equivalentes em Byron em relação a Lucano, cf. *Childe Harold's Pilgrimage, Canto I, Lxxxii: Some bitter o' ver the fowers its bubbling venom flings/ Mento de fonte leporum*; ou ainda Byron e Rimbaud estância Lxxiv, do mesmo Childe, onde se lê:

And as in Beauty's bower he pensive sate.

Tal releitura visando descobrir “um novo centro para a questão material e espiritual da humanidade”, tendo como referencial, de um lado, a dicção de João Cabral e, de outro lado, a temática calcada na famosa *Canção do Beco*, reata na verdade os polos imemoriais do saber/fazer, que os físicos sempre acompanharam à procura de novas fontes como o heliocentrismo de Copérnico e a retomada do pensamento de Platão com a física einsteiniana e o tempo circular, de maneira a despertar os poemas de Luís Augusto Cassas, como o título sugere, a necessária consciência de um discurso que tem como fundamento a renovada concepção da *section rock-drill de los cantares*, de Ezra Pound, e a teoria do *make it new*.

FOED CASTRO CHAMMA

**O BECO DESCOBERTO POR
LUÍS AUGUSTO CASSAS:
A METÁFORA DA MATURIDADE**

Manuel Bandeira, num poema — “um dístico cheio de elipses mentais” —, cantou, de modo imortal, o Beco:

“Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?
— O que eu vejo é o beco.”

Quantas vezes, parei nesse Beco das Carmelitas, pensando no poeta, mestre e amigo?

Cassas, depois das mutações exuberantes, também chegou ao Beco — o lugar da humanidade e da humildade. Quem as conquistou, na verdade, atingiu a maturidade. As curiosidades do intelecto findam diante da aceitação do real — pleno, transcendente.

Leio, no poema recente de Cassas:

*“um beco
também pode ser um basta
à nossa vã filosofia”*

Superadas as múltiplas aspirações, o poeta estaca diante do beco e aceita a sua relação profunda com o terreno e o humano:

*“reencarnando
ora encarnado
ora verde-musgo*

*eis-me agora no chão
pra entender a matéria
e o seu coração”*

O poeta sabe que, às vezes, é preciso se renunciar a ser para se obter o ser:

“às vezes não sendo se é”

As contradições do universo e do homem assim são expressas:

*“tudo é paradoxal
a treva do bem
a luz do mal*

*E o todo se interliga
como a clara ao ovo
e o velho ao novo”*

O absolutismo da consciência é assim criticado:

*“nos becos da vida
revela-te sábio
cigarra e formiga”*

A unidade do espiritual e do material, com simplicidade, assim se exprime:

*“Deus e a matéria
são uma coisa só”*

No entanto, não se julgue que o pensamento sobreleva o poeta. A expressão poética, a forma poética, é que garante o êxito do poema recente de Cassas.

A confiança do homem se transmite através do idioma poético, esse esperanto do Ser:

*“e vejo a claridade
acesa na totalidade
do homem e sua verdade”*

Através das vivências válidas é que atingimos a sabedoria humana:

*“salvou-me a tua sábia lição:
toda a missão do beco
é tornar-nos coração”*

Essa situação excepcional garante a conquista do idioma poético que prefere a maturidade à volubilidade.

CASSIANO NUNES

Este é o melhor livro que você já escreveu. (...) Sua linguagem se apurou e depurou de forma extraordinária, reduzindo-se ao osso da expressão verbal.

O livro é bom do princípio ao fim. Seus versos adquiriram uma concisão digna de um *palo seco*.

E não apenas concisão, mas aquela música que Elliot chamou de *music of poetry*, pois tudo aqui é música da linguagem, da palavra descarnada, essencial, quase óssea, em sua grave solidez vocabular.

IVAN JUNQUEIRA

É de cem saídas o *beco* de Luís Augusto Cassas, abrindo-se a um fecundo diálogo com a tradição e a experimentação poéticas. Livro de autor que cresce de obra a obra, este **Bhagavad-Brita** representa, até o momento, o patamar mais elevado da produção poética de Cassas, ao reelaborar antigas dicotomias que fundam nossa civilização e ao propor novos espaços onde essas mesmas dicotomias se interpenetram e se dissolvem, através da síntese fundadora da palavra poética.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

Ecoando Manuel Bandeira, as canções de Luís Augusto Cassas se localizam no beco, visto como habitat de gente humilde e mística que professa nas pedras do calçamento a sua peregrinação espiritual. *O Beco* de **Bhagavad-Brita** fica em São Luís do Maranhão e traz a espontaneidade de uma literatura que não descuida dos ritos populares. Trata-se de um longo canto, dividido em várias estações, enaltecendo este lugar sagrado que é, a um só tempo, espaço de comunicação com o povo simples da cidade e com a poesia, vivida misticamente.

Da religião, o poeta incorpora a entrega aos sentimentos, sendo todo o livro uma maneira de levar o leitor ao encontro da palavra que o fecha: coração. Sim. Cassas é um poeta da emoção, embora use várias conquistas estéticas, que se entrega com fervor a este objeto de adoração. Sentimos em todos os versos o pulsar acelerado do poeta, num permanente transe.

MIGUEL SANCHES NETO

Nono livro de poemas de Luís Augusto Cassas, **Bhagavad-Brita: A Canção do Beco**, é um verdadeiro jogo de símbolos dialéticos. Casas está arrebatado por uma dialética profano/religiosa, por outra entre a pedra, símbolo da realidade, e o sono, estado em que o sonho é possível.

Há em *Agradecimento Final do Discípulo depois da Iluminação com Pedrada no Cocuruto*, uma conclusão que está longe de ser aquela que manda oferecer a outra face. Há “a doutrina da terra” porque o que se passou foi: “*fragmentos da pedrada/incorporou-me o cimento/que a mente não soldava*”. Esta talvez seja a parte do poema que encerra, de maneira mais contundente, a filosofia desta poética, antes de mais nada, de uma maturidade ímpar.

Assim é que “*toda a missão do beco/é tornar-nos coração*”. A lírica, neste casamento com a arte, fez-se poesia pura. Lapidar, cuidada, cultivada, a poesia de Cassas vem adquirindo uma força e um estofo só encontrado nos grandes poemas.

GERANA DAMULAKIS

Há duas vertentes em **Bhagavad-Brita: A Canção do Beco**, de Luís Augusto Cassas. De um lado, o misticismo religioso, que vai fundo na espiritualidade hindu, transcendendo ao que venha a ser concreto no real afetivo ou aparente no sentido que Schlegel designa como “toda obra de arte é uma alusão ao infinito”.

A outra vertente, que subjaz a todas as peças da coletânea, nos oferece uma teoria e prática de sua cidade natal, São Luís do Maranhão, por meio de uma construção verbal, que, ao traduzir a cidade enquanto fato urbano, o faz como escritura, espelho do universo e intuição intelectual por entre a filosofia (o sagrado da religiosidade) e o profano da magia.

ACYR CASTRO

É importante frisar, dando razão à acuidade crítica de Davi Arrigucci Jr., que João Cabral é um grande poeta que tem a peculiaridade de ter chegado à própria literatura “pelo viés da crítica”, a quem só interes-

sava, como a Paul Valéry, a poesia feita, “em total lucidez”, desprezando os componentes do desejo e do imaginário.

Já do autor de **Bhagavad-Brita** é possível afirmar que trata-se de um poeta que chegou à crítica pelo viés da poesia, privilegiando justamente as lições do desejo, do imaginário e da inspiração.

Ao escrever um poema materialista para os espiritualistas e espiritualista para os materialistas, Cassas celebra em outras bases o casamento blakeano entre o céu e o inferno e surge como inventor de sua própria tradição.

FERNANDO ABREU

Seus livros **Ópera Barroca** e **Bhagavad-Brita: A Canção do Beco** colocam-no entre os grandes poetas novos do Brasil contemporâneo. Gosto do teu jeito brasileiro e satírico de dizer e tão barroco, capaz de escandir o verbo e depois desintegrá-lo, como “um anúncio duro de um tempo de dor”. O poder de vivificar palavras pouco usuais e outras, de mais baixa galé, adornando-as de uma nova justeza e dignidade é uma das características agregadoras de tua poesia aguda e tropical.

CARLOS NEJAR

Luís Augusto Cassas, apoiado em sua erudita formação, escreve um poema filosófico, **Bhagavad-Brita**, em que o “*beco fala*”, profere sermões dignos do padre Vieira, “*o discípulo questiona o mestre sobre pedras do caminho*”, compõe música (bechianas), revolta-se em *Becanal* (*Carnaval dos Demônios do Beco*). A iluminação é uma pedrada no cocuruto do iniciado do beco, que conduz o poema ao sentimento, a palavra “coração”.

Cassas, entre a sabedoria oriental e o conhecimento ocidental, faz o seu caminho existencial pela histórica cidade de São Luís do Maranhão, cheia de mistérios e ladeiras, novo Sísifo da literatura brasileira, rolando as pedras dos becos por uma escarpa, atingindo o cume e recomeçando o eterno trabalho da construção poética.

RAQUEL NAVEIRA

Há poetas para quem a força da ideia pesa tanto quanto o brilho da imagem e a dança melódica do ritmo. Em sua composição textual como que se erige, em rara harmonia, o equilíbrio entre estes três fatores essenciais ao discurso poético. É o que ocorre com a dicção do maranhense Luís Augusto Cassas. É o que ocorre, em especial, com o livro-poema, **Bhagavad-Brita: A Canção do Beco**.

Para além, portanto, do questionamento filosófico, fertilizado em referências hindus e em elementos bíblicos associados à travessia profana do cotidiano do homem e da cidade modernos, o poeta também ensaia uma outra travessia de probabilidades internas ao próprio texto. Pensamos aqui na superposição de estratégias que passam pela brevidade das simples alusões, citações, recriações, apropriações, estilizações e pelo nível mais complexo da paródia, a fazerem, da poesia de Luís Augusto Cassas, um poliedro textual, dialógico e polifônico da mais alta modernidade.

HILDEBERTO BARBOSA FILHO

BIOGRAFIA DO AUTOR

Luís Augusto Cassas (2 de Março de 1953, em São Luís do Maranhão) nasceu longe, como as utopias, desenvolvendo a vocação para o horizonte.

Trilha o caminho do meio, mas há risco de abocanhar o inteiro. Após ciclo de mortes e transformações, novo nascimento entre duas palavras.

Tendência à profundidade, por estar sempre em queda. Teórico do mais. Hoje, discípulo do menos.

Poeta do alto e do baixo, do externo e de dentro; às vezes é fogo; às vezes, vento.

De índole solitária, não é membro de nenhuma academia, sindicato ou entidade de classe. Mas aprecia longas caminhadas e bom papo.

Gosta de contemplar a unidade, dispersa na criação: “Embora o olho não perceba, sabe-o o coração”.

A serviço da luz, do belo e do verso. Para ele, o mundo é pura poesia. Não é à toa que o chamam universo.

contato com o autor:

luisaugustocassas@terra.com.br



Rua Santa Mariana, 21
Bonsucesso . 21061-150 . Rio de Janeiro . RJ
orcamento@zit.com.br
zit.com.br



